

BILLY HAYES

com WILLIAM HOFFER

EXPRESSO DA MEIA- NOITE

VESTÍGIO



LIVRO QUE DEU
ORIGEM AO FILME
VENCEDOR DE
2 OSCAR®



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

BILLY HAYES
com WILLIAM HOFFER

EXPRESSO DA MEIA- NOITE

Tradução de Érico Assis

VESTÍGIO

*Para meu pai, que tomou o último
trem mas está sempre comigo.*

1

Uns vinte quilômetros a oeste de Istambul, depois da periferia de terras totalmente planas próxima à costa, fica o Aeroporto Internacional Yesilkoy. O voo Pan American número 1, vindo de Teerã, chega diariamente ao meio-dia. Separam-se os passageiros que chegam e os que vão, e ele decola de novo às 13 horas, seguindo viagem a Frankfurt, Londres e Nova York. Em 6 de outubro de 1970, sentindo-me um personagem de Ian Fleming, com meus óculos de aviador e a gola do capote puxada até as orelhas, assisti ao voo número 1, um Boeing 707, tocar a pista. Baixei a aba do meu chapéu da sorte e me encostei na parede perto do balcão de check-in.

Um homem baixinho e atarracado, trinta e poucos anos, passou por mim e soltou a maleta na balança. A morena bonita detrás do balcão etiquetou a maleta, carimbou a passagem e fez sinal para que ele passasse pela segurança. De onde eu estava, conseguia enxergar a porção calva no topo de sua cabeça ficar vermelha por conta do esforço que fazia para percorrer o corredor comprido. Lá no fim, um agente turco enfadado e com um uniforme amarrotado olhou a bagagem de mão sem muita vontade e conferiu o passaporte do homem de relance. Fumando e tossindo, o guarda fez sinal para o passageiro seguir. Assisti ao baixote entrar e sumir na sala de espera da Pan Am.

– Isso, isso – eu me assegurei. – Assim que vai ser. Bem tranquilo...

Fui até o balcão e, com o dinheiro que me restava, comprei a passagem do dia seguinte para Nova York.

Eu tinha planos de assistir à decolagem. Mas o que mais precisava conferir? Tinha de ser tão minucioso? A segurança do lugar parecia uma piada, quase irrelevante. Se naquele momento eu entrasse num táxi, conseguiria voltar ao Pudding Shoppe a tempo de encontrar a inglesinha que eu tinha conhecido no café. Ela me disse que tinha vindo a Istambul para estudar dança do ventre. Eu não estava nem aí se era verdade ou não; só queria ter uma companhia antes da minha aventura. Aquela tarde, aquela noite, o dia seguinte: tudo parecia cenas de um filme. E eu – um pouco nervoso, mas fazendo o possível para ficar calmo – era o protagonista.

Apaguei a última meia hora dos meus planos meticulosos e saltei num táxi. O voo Pan Am número 1 que se virasse para ir embora.

O Pudding Shoppe tinha praticamente virado meu lar durante aqueles dez dias em Istambul. Tinha ouvido falar dele em toda a Europa: o cantinho doido da Turquia, onde se reuniam os viajantes hippies. Eu não me classificaria como hippie, e meu cabelo curto não seguia bem a moda de lá, mas o Pudding Shoppe parecia um bom lugar para eu me misturar

com outros estrangeiros.

Numa pequena mesa do lado de fora, eu bebericava chá turco e aguardava a menina. Via-se gente por todos os lados, conversando, rindo, gritando. Mascates, pedintes e outros ambulantes serpenteavam pelas turbas de roupas cheias de cores. As vendinhas de rua cozinhavam *shish kebab*. O aroma misturava-se ao esterco nas valetas. Um garotinho com olhos de cigano dobrou a esquina puxando a coleira de um imenso urso de focinheira. E eu estava lá, sentado. Ansioso mas animado, aguardando os perigos do dia seguinte.

A inglesinha dançarina do ventre não apareceu. Eu deveria ter interpretado como mau agouro.

Cheguei cedo. Fui ao banheiro do aeroporto e me tranquei numa baia. Levantei meu grosso suéter de gola rulê. Tudo no lugar. Coloquei o suéter para dentro das calças e cobri com minha jaqueta de veludo. Olhei o relógio. Quase na hora.

A hora tinha chegado. Ia ser fácil. Eu tinha conferido tudo no dia anterior.

Fechei os olhos e relaxei. Inspirei fundo. A fita justa no meu peito me fez estremecer. Tentando manter um semblante casual, saí do banheiro. Não havia volta.

No balcão de passagens, a mesma morena sorridente.

– Boa tarde, Sr. Hayes – ela falou em inglês com sotaque, enquanto conferia minha passagem. – Tenha uma boa viagem. Por aqui, por favor.

Ela apontou para o mesmo corredor que eu havia visto ontem. O guarda entediado, de pele bronzeada, aguardava na segurança. Tentei não olhar para a arma no coldre enquanto me aproximava.

– Passaporte – ele exigiu.

Tirei do bolso da jaqueta e entreguei. Ele ficou um instante olhando e colocou nas minhas mãos de novo.

– Bolsa – ele disse.

Abri minha bolsa de tiracolo para que ele visse. Ele empurrou os livros para lá e para cá e pegou um disco de plástico branco.

– *Nebu?* – disse ele, uma expressão em turco que eu já tinha ouvido e que quer dizer “o que é isso?”.

– É um frisbee.

– *Nebu?*

– Um frisbee. Frisbee. De jogar e pegar. É um jogo.

– Aaaah! – ele enfiou o frisbee na bolsa e pegou uma bolinha amarela.

– Malabarismo – expliquei.

Ele fez cara feia. Então deu uma tragada no cigarro, tossiu e estreitou o olhar apenas um instante. – Aaaaah! – Fez sinal para eu passar.

Segui o corredor até uma escada que levava à sala de espera do nível inferior. Eu já estava na sala de espera! Tinha passado da alfândega. Nenhum problema.

Uma recepcionista perguntou se eu gostaria de um drink e aceitei uma Coca. Escolhi um canto da sala onde ficaria de costas para a parede. Fiquei lá sentado uns vinte minutos, fingindo que lia o *International Herald-Tribune*. Meu plano aparentemente corria com

perfeição.

Os alto-falantes interromperam meus pensamentos. Uma voz feminina anunciou em turco e depois em inglês que o avião estava pronto para o embarque. Os passageiros levantaram-se para fazer fila. Fui em direção à luz forte do sol, fluindo com a multidão até um ônibus verde-oliva caindo aos pedaços, que esperava para nos levar para a pista. Peguei um assento de corredor, no meio do carro.

– Vim visitar meu filho – disse uma voz ao meu lado. Meneei a cabeça por educação e a senhora grisalha aceitou como cordialidade. Disse que era de Chicago. Seu filho era mecânico de aviões. Tinha se dado muito bem na Força Aérea, viajara o mundo inteiro. Acabara de ser promovido a técnico de sei-lá-o-quê. Dei um sorriso. Ela lembrava um pouco minha mãe. Fechei os olhos e me concentrei nas lembranças de uma menina chamada Sharon; tinha deixado-a em Amsterdam e planejava reencontrá-la nos EUA. Estava me sentindo bem.

O ônibus freou até estacionar e os passageiros foram pegando suas bagagens de mão. O motorista puxou uma alavanca que abriu a porta da frente e um policial turco subiu. Ele falou em inglês:

– Atenção, por favor. Mulheres e crianças devem permanecer no ônibus. Todos os homens terão que sair pela porta de trás.

Espiei pelas janelas sujas do ônibus. Oh, não! Ônibus e avião estavam cercados por barricadas de madeira unidas por uma corda.

Circundavam a área vinte ou trinta soldados turcos, os rifles de prontidão. E uma grande mesa de madeira travava o caminho até a rampa de acesso. Homens de terno aguardavam tranquilos ao lado da mesa.

Passei vários segundos olhando pela janela, achando aquilo tudo inacreditável. Eu me dizia para ficar calmo. Entrar em pânico não ajudaria. Eu precisava de um plano.

Ouviu-se um burburinho de preocupação e incômodo pelo ônibus. Os outros passageiros homens começaram devidamente a sair, em fila, pela porta de trás. Caí de joelhos no meu corredor e tentei engatinhar para baixo do meu assento. Pense! Pense!

– O que foi? – perguntou a senhorinha grisalha. – Está passando mal?

– Eu... eu não acho meu passaporte.

– Ora, está bem aí – ela falou, sorridente, apontando para o bolso de cima da minha jaqueta.

E lá de fato estava, aconchegado junto à encrua com que eu estava prestes a me deparar depois de anos vagando sem rumo. Eu não acreditava que meus planos tão meticulosos iriam por água abaixo. Achei que tinha pensado em todos os detalhes. Achei que era muito esperto para ser pego. Tinha passado pelas alfândegas em toda a Europa sem me deparar com nada desse tipo. Lutei desesperado para manter o que me restava de autocontrole.

Inspirei fundo, doído, várias vezes. Havia uma última chance. Torcendo que minha voz não saísse vacilante, agradei à senhora de Chicago e saí devagar do ônibus para a pista.

Eu estava na ponta do grupo de passageiros, que se afunilava em duas filas para passar pelos dois lados da mesa de inspeção. Olhei para a vastidão em torno do aeroporto. Não havia para onde ir, não havia onde eu me meter. Dependia da minha sorte.

Havia dois policiais em trajes civis, um de cada lado da mesa, alternando-se nas revistas. Os passageiros seguiam o passo, acotovelando-se. Tirei livros da minha bolsa e esperei até o primeiro policial da esquerda começar a apalpar um passageiro. Passei ao lado dele, por fora da fila. O outro policial estava ocupado com outro passageiro. Devolvi os livros à bolsa como se já houvesse sido revistado e estava a caminho de tomar o assento no avião. Passei rápido pelo segundo policial e estava perto da rampa de embarque. Tirei um pé do solo turco.

Uma mão leve me tocou no cotovelo. A mão me pegou pelo braço.

Virei-me e, assim esperava, tão casual quanto possível, apontei para o primeiro policial. Naquele mesmo instante o primeiro policial por acaso ergueu o olhar.

– *Nebu?* – disse o homem que me segurava.

O primeiro policial respondeu a ele em turco e de repente o aperto no meu braço ficou mais forte.

Ele me puxou até a mesa. Era jovem, noviço. Por um instante, hesitou. Então seus olhos castanho-escuros se estreitaram quando percebeu que eu havia mentido.

Ele grunhiu uma ordem e gesticulou para eu abrir os braços. Então começou a apalpar meu corpo com cuidado, passando primeiros pelas laterais dos braços. Quando as mãos passaram pelas minhas axilas, depararam-se com algo duro. Parece incrível, mas aparentemente ele não havia notado. Seguiu seu caminho pela minha cintura, depois as pernas.

Então fez uma pausa.

Eu me vi rezando. “Deus, por favor, que a revista acabe aqui. Não deixe ele voltar com as mãos até em cima.”

Aos poucos, suas mãos foram subindo, primeiro por dentro das minhas pernas e depois pela minha barriga. Os dedos tocaram a protuberância abaixo do meu umbigo. Quase tremi. Mas, mais uma vez, ele não notou. Inacreditável.

Os dedos vasculhantes seguiram subindo e não havia como detê-los. Fiquei parado, indefeso, enquanto suas mãos assentavam-se sobre os pacotes colados nos meus braços.

Por um instante, nossos olhos se encontraram.

De repente ele deu um salto para trás e puxou uma pistola do casaco. Apoiou um joelho no chão e apontou o cano da arma para minha barriga, com as mãos trêmulas. Ao meu redor eu ouvia gritos e os sons de passageiros correndo para se proteger. Meus braços subiram e meus olhos se apertaram. Tentei não respirar.

Uma quietude mortal se abateu sobre o Aeroporto Internacional de Yesilkoy. Passaram-se cinco segundos, talvez dez. Para mim foi uma eternidade.

Aí senti uma mão puxar a parte de baixo do meu blusão. O cano da arma ficou colado na minha barriga. Abri um olho e vi o cabelo negro e lustroso do jovem policial enquanto ele se inclinava para olhar embaixo do meu blusão. Ele se movia devagar, sem saber o que o esperar. Atrás dele eu via soldados na pista, todos apontando as espingardas para minha cabeça. A mão do policial tremia enquanto ele levantava o blusão, passando pela beirada de um dos pacotes. Ele fez uma pausa, depois puxou mais.

Sua feição se acalmou. Senti a tensão esvair-se dele. Não havia bomba, não havia granadas nem dinamite colado no meu corpo. Ele soltou o blusão e gritou alguma coisa em turco.

Entendi só uma palavra... “haxixe”.

O voo número 1 da Pan Am alçou-se aos límpidos céus azuis. Enquanto assistia a ele subir, de repente senti muita saudade de Nova York. Fiquei pensando quanto tempo levaria até eu ver aquela cidade de novo.

2

Os policiais da alfândega me levaram de volta ao terminal no mesmo ônibus verde-oliva. Jogaram-me numa salinha perto da sala de espera. Sentei calmamente numa cadeira enquanto vários policiais tomavam assentos numa fileira organizada em linha reta, próxima a uma mesa. Todos imediatamente acenderam cigarros e começaram a tagarelar. O chefe estava atrás de uma mesa e fez alguns telefonemas. Era estranho. Parecia que nem me notavam.

O que estava acontecendo? Meu plano não era nada disso. Era para eu estar num avião com destino a Nova York. Será que tinham me pegado mesmo? E eu teria que ir para a cadeia? Cadeia! Não, eu não.

Os turcos eram tão lentos e desorganizados que cheguei a ficar impaciente, desejando que alguma coisa acontecesse. Mesmo que, muito provavelmente, eu não fosse gostar dessa coisa. Finalmente o chefe saiu do telefone e fez sinal para eu ir até a mesa. Ele perscrutou meu rosto, abriu a boca para dizer alguma coisa e pareceu ter dificuldade em localizar a palavra correta.

– ...Nome?

– William Hayes.

– Vil... Viliam... Viliam...

– Hayes.

– Rai-és. – Ele escreveu em um formulário oficial. – Mericano?

Fiz que sim.

– Nova York.

Ele pareceu confuso.

– Nova York, Nova York – repeti.

Ele ficou um instante pensando. – Ahhh... Név York. – Anotou. Sorriu e me ofereceu um cigarro.

Eu não era fumante, mas queria cooperar em tudo. Aceitei. Era uma marca turca. Quando o chefe acendeu-o para mim, eu inalei fumaça forte, acre, muito pior que qualquer cigarro americano que eu já havia provado. Tossi. Aí me dobrei de dor com a pressão no peito. Teria que me esforçar muito para não tossir de novo.

O chefe fez um gesto para eu ficar de pé. Dois dos outros policiais vieram e tiraram minha jaqueta, meu blusão, minha camiseta e revelaram os pacotes bojudos presos com fita adesiva sob minhas axilas. Cortaram as fitas e arrancaram os pacotes da minha pele. Dei pulos de dor. O haxixe, prensado em placas finas e duras, fez um baque ao cair no chão.

O chefe ficou mais uma vez procurando a palavra certa.

– Mais?

Fiz que sim e abri a calça para mostrar mais placas coladas sob meu umbigo. Um dos policiais veio ávido ajudar, mas eu o detive e cortei a fita sozinho.

As quarenta placas ou mais compuseram uma pequena pilha no chão. Em termos de traficantes, eles perceberam que eu era peixe pequeno. O haxixe em Istambul era mais barato do que eu esperava. Os dois quilos haviam me custado só duzentos dólares. Se fosse vendê-lo nas ruas de Nova York, eu imaginava que fosse tirar mais ou menos cinco mil. Mas minha intenção não era vender nas ruas. Eu planejava fumar uma parte e vender o resto para meus amigos. A maioria fumava maconha e haxixe. Agora, meu empreendimento tão esperto havia se transformado em desastre. Amontoado no chão da segurança do aeroporto, o pequeno lote de haxixe parecia uma pilha de problemas.

A porta se abriu e outro policial entrou. Era rechonchudo e tinha um bigode fino, bem aparado. De repente o recinto ficou em silêncio. O homem que vinha me interrogando deu um salto da cadeira e fez uma pequena medida. O novo chefe cumprimentou-o de volta e tomou a cadeira vazia. O ex-chefe passou à segunda cadeira na fila, levando o ocupante desta para a de trás. Este, por sua vez, empurrou o outro na fila. O último da fileira ficou de pé, encostado na parede.

– Nome? – perguntou o novo chefe.

– William Hayes.

– Vil... Viliam...

– Hayes – repeti. Seguimos o mesmo roteiro de antes. Enquanto o novo policial inspecionava o haxixe, entrou ainda outro. Aparentemente também era uma autoridade superior. Mais uma vez, cada um pulou uma cadeira para trás até que outro no fundo foi obrigado a ficar de pé. O novo chefe me perguntou meu nome. Apontei para o papel que já estava na sua mesa, mas ele pareceu incomodado.

– William Hayes – falei. – Név York.

À hora em que chegaram o quarto e o quinto chefes comecei a entender a importância que a hierarquia tinha no sistema turco. Cada policial tinha que marcar sua patente. E era um dia agitado – haviam prendido um garoto imbecil de Nova York carregando dois quilos. O jogo burocrático me fez sorrir, apesar da situação.

A porta se abriu de novo e entraram mais dois homens, um deles com uma câmera enorme. Eles falaram animados com o último chefe que havia chegado. Ele trouxe seu primeiro assistente na fila das cadeiras e fez sinal para eu pegar o haxixe do chão. Juntei as placas e deixei-as, meio desajeitado, na frente do corpo. Os dois policiais sênior ficaram nos meus flancos e colocaram os braços sobre meus ombros, a postos para uma foto de caçador de elefante. A sala estava tomada de policiais turcos, de fumaça turca e de fotografos turcos, e lá estava eu, parado no meio de tudo, com meus braços cheios de drogas. Os dois policiais – que não haviam tido nada a ver com a prisão em si – estavam com os braços ao meu redor e sorriam para as câmeras. Talvez tenha sido uma reação nervosa, mas eu não conseguia acreditar na seriedade da situação. Dei um sorriso de canto.

O chefe à minha esquerda acertou minha virilha com as costas do punho. As placas caíram ao chão e eu caí de joelhos, sem fôlego.

– *Gel! Gel!* – grunhiu um dos policiais, segurando meu braço. Ele gesticulou para eu pegar o haxixe de novo. Com as mãos trêmulas, juntei tudo e ele me puxou para ficar de pé. Os dois colocaram os braços por cima dos meus ombros mais uma vez. Desta vez meu rosto apresentava uma expressão devidamente submissa e dolorida para os fotógrafos.

Os policiais me fizeram soltar o haxixe no chão de novo e me jogaram numa cadeira. Eu me sentia tonto, quase enjoado, dava arfadas procurando fôlego. Estava lá sentado, descansando, aguardando o próximo turno de trocas de assento, quando me ocorreu uma ideia incômoda. Eu tinha mais haxixe. Eu havia colocado duas placas em cada bota e esquecido completamente. Mais cedo ou mais tarde sabia que os turcos fariam uma revista completa e encontrariam, então me parecia melhor dar a informação voluntariamente.

Fiquei sentado até meu corpo parar de latejar. Então ergui a mão, pedindo permissão para falar. O chefe fez um meneio e todos se voltaram para mim. Com movimentos lentos, em parte por cautela e em parte por dor, puxei uma das botas e bati no calcanhar dela – duas placas caíram no chão. Seus queixos vieram abaixo. Ficaram assistindo a eu repetir o processo com a outra bota.

Houve um instante de silêncio e constrangimento. Eu estava preso havia horas e, supostamente, tinha sido totalmente revistado; havia passado por várias mudanças de chefia no assento à minha frente; os fotógrafos haviam sido chamados para registrar a situação. Por que eu ainda estava tirando haxixe das botas?

O oficial encarregado virou-se para o homem na segunda posição. A voz dele ficou tomada de raiva. Ele gritou, esbravejou. O segundo na hierarquia deu meia-volta e desafogou sua raiva no terceiro da fila. Ele passou adiante até chegar à última cadeira. O último oficial ficou em fúria. Berrou alguma coisa aos dois policiais que estavam em posição de sentido, rentes à parede. Vieram correndo até mim e me tiraram da cadeira, depois arrancaram todas as minhas roupas, ignorando minhas confirmações de que não havia mais nada. Os dois me revistaram enquanto outros reviravam minhas roupas. Quando terminaram, eu estava totalmente nu e nada à vontade. Desde que chegara na Turquia, eu passei a achar que muitos turcos tendiam à bissexualidade. Todo taxista, todo garçom, todo vendedor do *bazaar* parecia me olhar com concupiscência. Agora nu, diante dos policiais da alfândega, eu sentia os mesmos olhares vorazes. Eles não faziam esforço para dissimular o interesse. Peguei minhas roupas e rapidamente as vesti de novo.

Mais conversas, mais telefonemas, mais cigarro. Ar calorento, grudento, fedorento. Sabia que ia passar mal se não saísse logo daquela sala.

A porta se abriu de novo e entrou um homem alto, esguio, loiro, de terno. Americano, com certeza. Ele veio até mim sem dizer uma palavra aos turcos. Projetou seu queixão na minha direção e falou com sotaque texano perfeitamente arrastado:

– *Tarde.*

Eu disse “oi”.

– Como é que tá? Tudo bão?

Fiz que sim.

Ele foi até a mesa, falou em turco com o chefe encarregado e assinou papéis.

– Ok, vem comigo – ele disse. Saímos porta afora, seguidos por uma dupla de policiais turcos. O ar era suave, limpo, e reavivou meu espírito. Ele me colocou no banco da frente de seu carro e deu a volta até o banco do motorista. Passou alguns instantes fora do carro conversando com os turcos.

Fui salvo! O texano estava do meu lado. Talvez ele me levasse ao consulado dos EUA.

De repente percebi como estava próximo da liberdade. Ninguém havia se dado ao trabalho de me algemar. Eu estava sozinho no banco da frente e parecia muito fácil sair do carro logo depois que rodássemos um pouco, e então correr para um beco. Era só ficar de olhos bem abertos durante minha carona até... seja lá onde.

Tex entrou no carro e ligou o motor. Fiquei pensando no quanto ele ia me vigiar. Fui me virar para olhar para ele, mas minha cabeça foi detida pela pressão de algo metálico contra minha têmpora. Era a segunda vez na minha vida, a segunda vez naquele dia, que encostavam uma arma em mim.

– Eu sinto muito por você, William – ele disse naquele tom arrastado –, porque você parece um garoto decente. Mas se tentar fugir do meu carro, eu te estouro os miolos.

– Aonde vamos? – perguntei, enquanto o carro começava a andar.

– À delegacia de Sirkeci. Fica na zona portuária de Istambul.

– E lá vai acontecer o quê?

– Bom... vão te fichar... e fazer umas perguntas. Provavelmente você vai pra prisão amanhã.

– Você é da Interpol ou coisa do tipo?

– Coisa do tipo – Tex respondeu. Ele não me disse seu nome.

– Posso ligar pro consulado dos EUA? Posso fazer uma ligação? Eu consigo advogado?

– Isso tudo vem depois – disse Tex. – Vão deixar você fazer tudo isso, mas depois.

Fiquei olhando a faixa de estrada que levava de volta a Istambul. Todas as ideias de fuga haviam sido afugentadas pela arma de Tex. Eu ia para a cadeia, não tinha jeito. – E... depois? – perguntei, incerto.

Tex ficou pensando na pergunta antes de dar uma resposta, e falou bem devagar. – Difícil de dizer. Pode ser que você pegue uns dois anos. Pode ser que pegue vinte.

– Vinte anos!

– É um crime muito sério, William. Ainda mais na Turquia.

Vinte anos!! – Mas é só haxixe – eu falei. – Não é heroína, não é ópio. É só um fuminho... maconha... haxixe... tudo a mesma coisa.

– Bom, William, eu não entendo dessas coisas. Pra mim, droga é droga. O que eu sei é que você se encrencou.

Fechei os olhos para aguentar aquilo martelando na cabeça. Vinte anos! Não podia ser. Tentei dizer a ele que haxixe é o óleo da planta da maconha, que não vicia, que só tem perigo se, como qualquer coisa, você abusar. Mas ele não me ouviu.

Nós dois ficamos em silêncio. Pela primeira vez, tudo começou a parecer real. Eu estava encrencado. Ia ser uma experiência muito ruim, não só pra mim. Ia ser difícil pros meus pais. Quando eu tranquei a Marquette, no último ano, meu pai avisou que eu estava cometendo um

grande erro e que ia me arrepender. Ele havia trabalhado duro a vida toda, tinha construído uma carreira sólida, de respeito, como administrador de recursos humanos na Metropolitan Seguros de Vida. Nunca entrara na universidade. E uma de suas maiores esperanças era ver os três filhos se formarem. Eu seria o primeiro. Cheguei perto, mas não sei por quê, não me empolguei com a ideia do diploma. Não ia saber o que fazer com o papel. Eu queria viajar pelo mundo, passar por todo tipo de experiência.

Viajar tudo bem, disse meu pai. Experiências, tudo bem. Mas ele me alertou: Termine a faculdade primeiro. Não dei ouvidos.

Aquele era o primeiro strike. O segundo veio alguns meses depois, quando o Exército me convocou para um exame físico pré-vestibular. Meu pai me assistiu jejuar por dois dias antes do exame e sabia que eu ia me fazer de louco com os médicos. Eles me julgaram psicologicamente inapto. O pai ficou furioso. Como eu me podia recusar a servir ao meu país? Para ele, servir às Forças Armadas dos EUA era uma honra. Tivemos uma discussão violenta naquela noite. Minha mãe, com uma expressão de preocupada, correu à igreja para jogar bingo. O rosto do pai ficou vermelho sob os cabelos brancos de neve e seu temperamento irlandês trovejou. Trocamos invectivas. Era evidente que um não conseguia entender o ponto de vista do outro. Finalmente o pai me apontou o dedo.

– Ok – ele disse. – Você larga a faculdade. Você fica com um atestado de problema psiquiátrico. Vai vagabundear pelo mundo. Pode ir. Mas eu vou avisar agora: você vai se meter em encrenca.

Pai, você não poderia estar mais certo.

Será que esse era o terceiro strike? Meu pai lavaria as mãos? Eu não tinha como saber. Eu e ele nunca havíamos conversado sobre drogas. Tenho certeza que ele achava que haxixe e heroína eram a mesma coisa. Se me pegassem traficando heroína ele teria todo motivo para me deixar lá, apodrecendo... Mas será que ele sabia a diferença? E a mãe, o Rob, a Peggy... quanta mágoa eu ia causar? Será que eu ia vê-los de novo?

– Eu preciso falar com o cônsul! – disse de repente ao Tex.

– Depois você vai ter tempo pra isso. Depois você vai conversar com eles.

– Depois... do quê?

Tex ficou me olhando de canto de olho. De repente ele tinha um irmão mais novo, da minha idade. De repente era meu cabelo enrolado, meus olhos azuis de irlandês. Eu era um americano magrelo de rostinho liso, que tinha largado a faculdade. Não tinha cara de traficante, e a quantidade relativamente pequena de haxixe que eu carregava era prova de que eu não sentava na mesa dos adultos. Sei que ele achava que eu tinha feito uma coisa feia, mas comecei a achar que estava com pena de mim.

– Tem família lá em Nova York? – ele disse.

Fiz que sim. – Long Island.

– ...vai ser difícil pra eles.

– É. – Ah, Deus!

– Ok, cai fora – disse Tex. Tínhamos parado numa rua estreita, de paralelepípedos. Estávamos cercados de prédios velhos, esqueléticos. Ele me conduziu de modo cortês até um

deles. Era barulho e balbúrdia por toda parte. Assim que passei da porta havia uma fila desmazelada de camponesas de roupa preta, segurando crianças chorosas. Elas gemiam e sussurravam entre si, aguardando sabe-se lá o quê. Olhavam-me com olhos cautelosos, semicerrados.

A sala nojenta fedia a suor e tabaco. A polícia turca arrastava presos para lá e para cá. A maioria tinha correntes pendendo dos pulsos. Tex me levou até uma mesa e começou a falar em turco com uma dupla de policiais. Então se virou para mim.

– Ok. Eles vão te ajudar aqui.

Não queria que ele fosse embora. Nem sabia o nome dele. Não sabia se era do consulado, da Interpol, da CIA, ou o quê. Mas era americano. Falava inglês.

– Pode ligar pro consulado dos EUA por mim? – perguntei.

– Não preciso. Você vai falar com eles. Eles deixam você fazer uma ligação, eu acho.

– Você liga? Por favor.

Tex fez uma pausa.

– Ok. – Ele fez um aceno para o policial e foi embora.

Os dois turcos ficaram me encarando, depois me empurraram até uma escada. Hesitei. Eles grunhiram ordens e me empurraram adiante. No primeiro patamar, um preso com a boca ensanguentada estava num canto, implorando para seus opressores. Ele gritou quando se aproximaram para espancá-lo novamente.

Fui levado a uma pequena recepção anexa ao salão principal do andar superior. Ainda ouvia os gritos do que agora pareciam ser vários homens. Meus olhos passaram rapidamente pela sala, temendo que eu fosse me tornar o próximo preso a berrar.

Sentaram-me numa mesa em frente a um detetive turco que falava um inglês aceitável. A seu lado estava um homem grande e de pele escura vestido em um terno. Não tinha bigode, o que é incomum entre os turcos. Em comparação com os outros no prédio, tanto polícia quanto presos, ele era limpo. Deu um sorriso irônico, em silêncio.

– Onde conseguiu o haxixe? – perguntou o detetive, bem devagar.

Lembrei-me do taxista que havia me vendido o haxixe. De repente ele havia me dedurado para a polícia. Mas eu achava que não. Parecia amigável, genuíno, e até me apresentou a sua família. Eu não queria que ele fosse trazido aqui, possivelmente espancado, mas também não queria me meter em mais encrenca. De repente a inspiração bateu. Inventei uma história sobre dois hippies turcos, jovens, e de um amigo mais velho que eu havia conhecido no bazar. Passei as descrições ao detetive.

– Eles que me venderam a parada – eu disse.

– Você os identificaria?

– Eu... eu não tenho certeza. Acho que sim.

O homem grande sentado ao lado do detetive falava turco.

– Ele está perguntando se você tem medo – traduziu o policial.

– Não estou com medo – menti.

Eles se olharam e sorriram.

– Ok, um pouco, talvez – admiti.

– Ele disse “não fique” – falou o policial.

– Quem é ele?

O detetive apontou para latas grandes, redondas, cor de bronze, em cima de uma mesa. Uma delas estava com a tampa aberta. Ele enfiou a mão dentro e puxou um saquinho de haxixe em pó, que ainda não havia sido prensado em placas como o meu. Espiei dentro da lata. Estava entupida de droga. Devia ter cinco, seis quilos ali. O detetive apontou para oito ou dez latas parecidas em um canto da sala.

– São dele – ele disse, apontando para o turco sorridente.

– Ele vai preso também, mas com sessenta quilos. Que muito, não?

– Sim, muito – falei.

Aceitei um cigarro do detetive para ser simpático, mas traguei com cuidado. Então o detetive fez uma proposta. Se eu voltasse com a polícia a Sultan Ahmet, a região onde eu supostamente havia comprado as drogas, e indicasse quem as vendeu, amanhã estaria no avião para Nova York. Suspeitei que o homem estivesse mentindo, mas eu não tinha nada a perder. Pelo menos teria mais algumas horas ao ar livre. E talvez, quem sabe, até uma chance de fugir.

Então, naquela noite, eu me vi caminhando de volta ao Pudding Shoppe acossado por uma equipe de quatro detetives. Eles estavam fazendo um grande esforço para não dar na vista. Vi hippies se escafederem da calçada a cem metros de distância, conforme nossa pequena patrulha entrava na área. O Pudding Shoppe ficou sem freguês algum no momento em que entramos. Sentei numa mesa. Não comia nada desde a manhã e de repente senti muita, muita fome. Achei minha coragem e, para a ira dos policiais, pedi ovos mexidos e chá. Saboreei cada garfada, me demorando até os detetives ficarem impacientes e estragarem seu disfarce, puxando-me da mesa e me levando de volta à delegacia.

Descíamos as escadas escuras e pegajosas até o porão da delegacia. Agora era noite, as paredes e as trevas se fechavam sobre mim. Fim de jogo. Agora eu sentia medo, medo de verdade.

Numa minúscula antessala, os detetives me passaram a um carcereiro velho e ríspido. Ele estreitou os olhos diante da papelada oficial à luz débil da única lâmpada que pendia do teto alto, cheio de teias de aranha. Ouvi grunhidos, virei-me e vi uma imensa porta com barras. Da penumbra lá atrás, rostos barbados e enegrecidos me espiavam. O fedor de dejetos humanos era predominante. Eu fazia muito esforço para não vomitar na frente dos homens. Tinha que parecer forte. Estava mais ciente que nunca dos meus cabelos loiros e do meu corpo esguio. Esguio, mas rijo, lembrei. Eu era forte e estava em boas condições por conta da luta greco-romana e todos os verões trabalhando como salva-vidas em Long Island. Mas por que eu tinha largado as aulas de karatê?

O carcereiro pegou as chaves.

– *Git!* – ele berrou com os presos, que se afastaram da porta com as barras. Ele girou uma chave de ferro avantajada na fechadura, deu um puxão para abrir a porta pesada, empurrou-me para dentro e bateu as barras depois que passei. O *clang* ecoou dentro da minha cabeça latejante.

Fiquei de costas para a porta. Seis ou sete turcos curiosos se reuniram em torno de mim,

fazendo uma meia-lua. Estavam malvestidos, todos sujos. Um deles coçou o rosto barbado e mostrou um sorriso cheio de dentes. Outro arrotou. A sala era escura, quase negra. O fedor era enjoativo.

Eles iam fazer o quê? Ali tudo podia acontecer. A polícia estava toda no andar de cima, e não parecia nem aí. Havia um homem grande assomando-se à direita. Fiquei pensando se devia dar um soco na garganta dele, com toda minha força. De repente os outros entendiam a mensagem e me deixavam em paz. Se era para haver uma luta, eu queria pelo menos dar o primeiro soco.

O homem com o sorriso cheio de dentes chegou perto e tocou meu cabelo.

– *Nebu?* – ele disse, e todos deram risada. De repente, ouvi um “Rrragghh!” do fundo da sala.

Os homens se espalharam. Das trevas veio uma voz rude mas tranquilizante.

– Ei! Ei, Joe. *Gel. Gel.* – Olhei na direção da voz, mas não conseguia enxergar.

– *Gel. Gel.*

Passei por cima de alguns corpos roncando e andei na direção da voz. Parecia que ela surgia da parte mais fedorenta. Enquanto meus olhos se ajustavam à luz, fiquei piscando. Não podia acreditar no que via.

Ali, naquele chão podre, em meio à imundície, alguém havia estendido um cobertor limpo. No cobertor havia um banquete: frango assado, laranjas, uvas e pão. Sentado como um rei sobre o cobertor, cercado por meia dúzia de amigos sorridentes, estava o turcão que eu havia conhecido no andar de cima, na sala do detetive.

Ele sorriu e me estendeu uma coxa de frango.

– Sente – ele disse, gesticulando.

Tirei minhas botas e aos poucos me acomodei no cobertor. Antes mesmo de chegar ao chão, alguém me passou um grande cigarro aceso.

Senti o odor inconfundível de haxixe.

Fuma. Fuma – disse o turco.

Olhei para a porta com medo. Os homens sentados ao redor do cobertor riram. Fiquei um instante olhando para o cigarro, aturdido.

Eu começara o dia preso por causa de haxixe. Por conta disso, fora jogado num calabouço onde a primeira coisa que encontrei foi haxixe. Não fazia sentido nenhum.

Mas lá estava aquela coisa, nas minhas mãos, e não parecia uma boa hora para deixar meu anfitrião chateado. Por incentivo dos outros, traguei o cigarro e segurei a tosse. Eu estava acostumado a fumar pedacinhos de haxixe no cachimbo, mas os turcos misturavam a droga com tabaco cru e enrolavam num papel marrom grosso. Parecia um charuto de Havana. Dei várias tragadas com cautela. Então passei para o seguinte na roda.

Eles falavam alto enquanto comiam, muito animados. As mãos se mexiam com gesticular exuberante. Pareciam indiferentes ao lugar em que se encontravam. Um deles ladrou ordens para um preso esfarrapado que andava por perto. No mesmo instante o prisioneiro serviu uma xícara d'água a partir de um vasilhame de plástico. Parecia um criado alerta, ávido por satisfazer seu mestre.

Fiquei lá sentado tentando achar um sentido para aquilo tudo. Quem eram aqueles homens que faziam banquetes e fumavam haxixe presos numa cela da polícia? Fiquei pensando como conseguiam e por que os outros prisioneiros os respeitavam.

Olhos vorazes e afiados me espiavam do escuro ao redor. Mas os outros presos pareciam ter medo de chegar mais perto enquanto eu me servia da hospitalidade de meus anfitriões.

O turco bem-vestido apontou para mim e sorriu. Ergueu dois dedos.

– Dois quilos – ele disse aos amigos. Apontou para seu próprio peito, então ergueu as duas mãos, abrindo-as e fechando-as seis vezes. Tinha sessenta quilos. Todos os seus amigos se estouraram de rir.

Comeram, fumaram, conversaram e riram durante horas. Eu não estava com humor para festa, mas não ia deixar a segurança daquela roda. As risadas eram contagiantes. Apesar de tudo, entrei no espírito. A fumaça ardia nos meus olhos, mas pelo menos mascarava o odor de chiqueiro que vinha da outra ponta da sala.

Terminamos a refeição. Os homens se ergueram, arrotando e soltando flatos como se fosse o ápice das boas maneiras. Meu anfitrião grunhiu. O criado rapidamente limpou o lixo do cobertor. Imediatamente armou-se uma briga pelos ossos de galinha e pelas cascas de laranja. Nenhum dos homens no grupo de elite deu sinal de preocupação. Em vez disso, passaram a um canto da sala onde uma plataforma de madeira podre estava presa à parede de pedra, sustentada

por pilares de madeira grossos. Uma escada curta levava a uma prateleira. Homens vestindo trapos dormiam amontoados para se aquecer. Meus amigos escalaram e tranquilamente fizeram os adormecidos rolar das prateleiras até caírem na pedra dura.

– *Alá!* – os dormentes berravam ao cair no chão. Mas quando viam quem os havia desapossado saíam em debandada, bem mansinhos.

O criado trouxe o cobertor e estendeu-o sobre as tábuas. O turcão sentou-se. Os outros no grupo trouxeram jornais sabe-se lá de onde e abriram-nos no chão. Fizeram gestos para eu aceitar uma posição de honra entre os jornais. O turcão grunhiu e fez um sinal para eu acompanhá-lo no cobertor. Dei um sorriso grato, balancei a cabeça e apontei para um ponto à beira do território deles. Eu não queria dormir com os poderosos, só queria ficar perto deles.

Fiquei sentado na prateleira de madeira estreita, minha costas contra a parede de pedra fria. Meus amigos se alongaram, bocejaram, resmungaram e logo caíram no sono. Os roncoss contentes sugeriam que estavam acostumados.

Eu com certeza não estava. Minha cabeça dava rodopios. Em parte era o barato do haxixe, mas era mais o latejar da realidade. Pela primeira vez naquele dia eu estava a sós com meus pensamentos. Que não eram agradáveis. Tex falou que podiam me dar vinte anos. Não! Vinte dias já me deixariam louco.

– Ei. Ei, Joe – alguém sussurrou. Olhei para o lado e vi um turco jovem de cabelos oleosos, com um paletó transpassado grande demais para seu corpo. – Venha cá, homem – ele disse, com cara de entendido. – *Fik fik. Fik fik.* Venha. Venha pra cá.

Virei minha cabeça para o outro lado. Ele continuou sussurrando, mas eu o ignorei. Nem ele nem os outros turcos pareciam dispostos a chegar perto. Mesmo dormindo, meus protetores tinham forte influência.

Minha bexiga estava estourando. O cheiro do outro lado do recinto – longe demais – me informou onde ficava o banheiro. Só rangi os dentes. Teria que segurar até de manhã. Meu corpo ardia com o frio úmido e a madeira dura. Precisava dormir. Mas minha cabeça latejante não permitia.

Era difícil de acreditar. Eu conseguiria lidar? Não tinha opção. Eu que tinha me metido nessa confusão; agora teria que me livrar dela. Mas como? Eu teria condições de sobreviver a uma prisão turca? A escuridão densa, sufocante, se armou sobre mim. Queria gritar. Meu Deus, eu precisava sair dali!

Acabei caindo no sono. No profundo da noite, acordei assustado com o toque leve de dedos na minha coxa. Uma pequena figura escura saiu correndo. Ele pulou do banco para o chão em meio a gritos e gemidos enquanto tropeçava nos que dormiam. Um dos meus amigos acordou.

– *Noldu?* – perguntou ele, sonolento.

Forcei um sorriso e dei de ombros. Ele voltou a dormir imediatamente. Eu perdi o sono. À distância, um cachorro afligia-se no escuro.

Eu estava suando, apesar do frio. Um mosquito tocou delicadamente meu pescoço. Não me mexi. Eram tantos que era inútil afugentar. Meus olhos ficaram fechados. O tempo passou. Meus pensamentos vagaram até uma manhã, tempos antes.

Eu estava na nossa cozinha. A luz amarelada do sol entrava pelas janelas, e as cortinas de

renda branca brilhavam. Minha mãe cantarolava enquanto preparava o café da manhã, e sua alegria contagiava o recinto. Ela tinha um rosto tão jovem. Seus olhos brilharam quando ela se virou para me olhar.

– Billy, não sei o que eu faço. Você já terminou todo o leite. Não é à toa que esse cabelo é tão loiro. Vou ter que conseguir uma vaca só para abastecer você.

– A gente pode deixar ela no quintal, mãe?

– Claro. E você e Bobby podem subir nela.

– Que legal! Vamos trazer hoje!

Ela riu e me abraçou para me deixar mais perto do avental.

– Acho que antes vamos ter que conversar com seu pai.

– Naum. Vamos comprar e fazer uma surpresa pra ele.

– “Naum” – ela me imitou. – Vamos terminar esse café e sair para brincar. Seu pai não precisa de uma surpresa dessas.

– Ok – eu disse, correndo para encontrar meus amigos Lillian e Patrick na rua.

– Mas eu falo com você quando chegar em casa... – Quando eu chegar em casa...

Quando eu chegar em casa...

O mosquito terminou de se alimentar de mim. Voou do meu pescoço. Eu estava acordado de novo. Abri meus olhos e fiquei olhando para a parede.

Até então as coisas tinham sido fáceis para mim. Meu pai e minha mãe me deram uma vida tranquila. A casa em North Babylon, no estado de Nova York, era modesta mas calorosa. Desde meus primeiros dias o rumo da minha vida parecia definido. Eu frequentaria boas escolas católicas, tiraria boas notas, entraria numa faculdade boa, casaria-me com uma menina legal, encontraria um bom trabalho e teria uma vida boa.

Tudo seria bom. Isso eu não questionava.

No colégio, as irmãs elogiavam meu esforço. O esforço, se é que existia, era mínimo. Nos esportes, eu estava sempre entre os titulares, e sempre sem me extenuar.

Aí veio a faculdade. Meu pai queria que eu fizesse a Marquette, uma universidade jesuíta em Milwaukee. Não havia o que questionar; ele ia pagar a conta.

Meu ano de calouro, em 1964, foi a primeira experiência que tive morando longe de casa. De repente eu me vi em torno de gente que fazia perguntas. Comecei a questionar também. Minha vida tinha que seguir um trilho? A vida parecia ser cheia de possibilidades além do que minha família considerava normal.

Surfar, por exemplo. Depois do primeiro ano decidi tirar férias compridas para organizar meus pensamentos conturbados. Fui de carona até o México, na costa do Pacífico, onde consegui vários serviços para me manter. Passava as horas de descanso surfando na costa. Fiquei lá durante o que seria meu primeiro semestre do segundo ano. Pai e mãe ficaram chateados. Era a primeira vez que eu me rebelava abertamente contra a vontade deles.

Mas a guerra no Sudeste Asiático me avacalhou. Fui obrigado a voltar a Marquette, ou perderia minha postergação do alistamento como estudante. Quando voltei a Milwaukee meus colegas me apresentaram a uma coisa nova. Era o substituto da bebedeira no passatempo do campus. Fumei meu primeiro cigarro de maconha. Depois, haxixe.

Os anos seguintes foram mais inquietantes. Fiquei na faculdade para não entrar no exército. Mas meu coração estava longe. Minhas notas, que vinham sendo boas, viraram medianas. Eu passava muito tempo vagabundeando por Milwaukee quando devia estar em aula. Passei um tempo tentando escrever contos, bem compenetrado. A parede do meu quarto ficou cheia de cartas de recusa. Desisti.

Em casa, meus pais estavam perplexos com a queda contínua das minhas notas. Pareciam não ter entendido quando eu disse que não sabia o que fazer com uma formação universitária. Sendo assim, como é que eu ia dar duro para me formar? Meu pai e minha mãe cresceram numa época em que formação universitária era um privilégio. Mas para mim, nos anos sessenta, parecia lugar-comum. Ficamos cada vez mais distantes.

Por incentivo de amigos, entrei em marchas de protesto contra a guerra. Mas nunca pensei a fundo sobre o assunto. Eu gostava da atmosfera de festa dos protestos. A vida de que eu me lembrava tinha sido uma grande festa.

Meus olhos ainda estavam abertos quando os primeiros raios do sol matinal fatiaram-se nas pequenas janelas com barras, no alto daquela parede negra. Os raios amarelos vinham preguiçosos pelo ar fumacento, denso. Fiquei olhando para o sol. Estava feliz com o fim da noite. Mas tinha medo do que o dia ia me trazer.

O homem ao meu lado se esticou e bocejou, soltando um longo, esticado “*AAAaaaaláá!*” ao fim. Então arrotou, peidou e coçou a virilha. Deu uma tosse seca e cuspiu um sumo rançoso no chão. Aí acendeu um cigarro turco e soltou o que só podia ser um encadeamento de invectivas para saudar a manhã. O mesmo ritual se deu por todo o recinto. O nível de barulho se assemelhou a um trovão quando os cento e tantos homens na cela se uniram num coro de tosse.

O homem ao meu lado desceu do banco. Ele se arrastou até a outra ponta da cela. Vi que havia vários buracos abertos no chão. Meu vizinho parou em frente a um deles, baixou as calças e se acorrou. Alguns homens juntaram-se à sua volta para observar. Ele parecia não dar bola.

Ele resmungou uma resposta ao chamado da natureza. Errou o buraco.

– *Turist*. Viliam. Viliam. Viliam Rai-és.

Corri à porta. Um policial me levou a uma sala vazia no andar de cima. Não havia mobília alguma à exceção de uma mesa baixa e duas cadeiras. Fiquei um instante esperando sozinho. Entrou um turco magro, de terno e bem-apessoado.

– Meu nome é Erdogan – ele disse em inglês preciso, apertando minha mão. – Pode me chamar de Erdu. Trabalho no consulado dos EUA.

Que alívio! Finalmente um auxílio.

– Sinto muito por você, William. Vou tentar ajudá-lo como puder.

– O que vai acontecer comigo?

Erdu, nervoso, ficou remexendo uma resma de papéis.

– Não sabemos. Você vai precisar de um advogado. Na Turquia esse é um crime muito sério. – Ele puxou uma lista de nomes turcos. Eram advogados, em ordem alfabética, com uma lista de credenciais anexada.

– Qual deles? – perguntei.

Erdu deu de ombros.

– Não posso fazer recomendações. Você escolhe.

– Eles falam inglês?

– Sim. Muitos falam.

Fiquei olhando a lista até meus olhos se assentarem no nome Yesil. Ele se tinha se formado na Universidade de Maryland. Foi professor na Universidade de Michigan. – Fico com Yesil. Você o conhece?

Erdu fez que sim.

– Vou entrar em contato. Ele vem vê-lo daqui a alguns dias. Hoje à tarde os soldados vão levá-lo à prisão de Sagmalcilar. Fica do outro lado da cidade. Yesil vai recebê-lo lá. O cônsul também virá visitá-lo daqui a alguns dias.

Então, a pergunta que eu temia:

– Quer que eu entre em contato com seus pais?

– Não. Primeiro gostaria de escrever uma carta para eles.

Erdu me deu uma caneta e papel em branco. Deixou-me sozinho na sala.

8 de outubro de 1970

Pai e Mãe,

Esta carta será difícil de ler. É difícil para mim escrevê-la. Estou dolorido por dentro porque sei da dor que ela vai lhes causar.

Estou com alguns problemas. Talvez muitos. No momento, estou bem. Estou sentado numa pequena sala trancada numa cadeia em Istambul. É um lugar muito louco. Não vou tentar explicar tudo agora. Direi apenas que ontem fui preso no aeroporto, tentando embarcar em um avião com uma pequena quantidade de haxixe. Acabei de falar com um oficial do consulado dos EUA. Estão entrando em contato com um advogado. Há alguma chance de eu sair livre, mas talvez eu pegue alguns anos de prisão. Não sei dizer o que vai acontecer agora. Talvez eu tenha que ficar algum tempo aqui.

Queria não ter que escrever para contar isso. Sei da tristeza e da confusão que isso vai provocar. E da frustração. Sei que vocês me amam. Mas sei que não têm orgulho de mim.

Achei mesmo que soubesse o que estava fazendo da vida. Agora não tenho tanta certeza. Tinha esperança de conseguir sair daqui rápido, de maneira que vocês não ficassem sabendo. Não é mais possível.

Portanto, estou na cadeia, na Turquia, do outro lado do mundo. O outro lado de vários mundos. E o que posso lhes dizer? Será que desculpas farão diferença? Aliviarão a dor, a vergonha, que vocês devem estar sentindo? Eu me sinto um idiota de deixar a vida me escapar desse jeito. Choro ao pensar no quanto estou magoando vocês. Me perdoem.

Escrevo em breve.

Com amor, Billy

Os soldados chegaram no início da tarde e chamaram mais ou menos quinze presos. Organizaram filas em duplas e nos acorrentaram pelos pulsos. Saímos em marcha até a porta aberta nos fundos de um camburão vermelho. Entramos e sentamos em bancos de tábua. Eles nos conduziram pela cidade e nos soltaram nos fundos de um grande prédio de pedra. Fomos nos arrastando escada abaixo, até uma sala comprida e retangular. Era um lugar tão imundo quanto a cela de antes. As paredes caiadas e desbotadas tinham um brilho verde pálido à luz de uma lâmpada solitária. Quando se retiraram as correntes, os outros presos fizeram fila. Passei a um lugar na ponta.

Os outros presos ficavam com a cabeça levemente caída. Os braços pendendo dos flancos. O corpulento sargento encarregado ladrou uma pergunta para o primeiro da fila. O homem respondeu dócil, mas o sargento lhe deu um tapa na boca com as costas da mão. Mais uma pergunta. Mais uma resposta submissa. Mais um tapa, agora mais pesado. O sangue pingava da boca do homem. Ele gania. O sargento cuspiu mais palavras raivosas nele e passou ao segundo preso.

Mais perguntas. Mais tapas. O segundo homem tentou erguer a mão para impedir os golpes, o que só deixou o sargento mais enraivecido. Ele bateu mais forte.

Passou pela fileira berrando com cada um dos presos e os estapeando. Parecia mais irritado à medida que avançava. E eu estava na ponta. Tentei loucamente copiar a postura humilde dos turcos.

O sargento tinha chegado quase ao meio da fila quando um preso deu uma resposta aparentemente bastante desfavorável. Levou uma tunda no rosto e foi socado contra a parede. Ficou segurando o nariz ensanguentado. O general rugiu enquanto o homem se contorcia. Deu-lhe um soco na barriga. O preso se dobrou e caiu no chão. Então o sargento o pegou pelos cabelos e o arrastou até o meio da sala.

O pobre homem tentou sair rastejando, mas os outros soldados se juntaram para impedir. Ele gritou, implorou, suplicou misericórdia enquanto os soldados sistematicamente acertavam suas costelas, seus rins e pernas com cassetetes pretos de borracha. Ele ficou se sacudindo no chão, tentando se cobrir, em desespero. Um soldado acertava sua virilha com ganas sempre que podia. O homem uivava de dor e medo.

O restante de nós ficou em silêncio na fila, aguardando. O suor frio irrompeu pelo meu corpo todo. O que vai acontecer quando chegarem ao fim da fila e encontrarem um *tourist* imbecil?

Os soldados finalmente arrastaram o homem ensanguentado até um canto, onde ele desabou aos ganidos. Os soldados se espalharam pela fila, aos tapas e socos nos outros presos. Xingamentos e gritos ecoaram pela pequena sala. Logo seria a minha vez.

Um soldado grande, de complexão amarelada, chegou perto de mim. Ele se inclinou e olhou na minha bolsa.

– *Nebu?* – resmungou ele, segurando duas bolinhas amarelas. – *Nebu? Nebu?*

Fiz menção de pegar as bolas. Devagar, tentando não assustá-lo, coloquei a mão na bolsa para pegar a terceira.

– *Nebu? Nebu?* – o soldado demandava. Parem de tremer, mãos! Comecei a fazer

malabarismo.

– *Nebu? Nebu?* – disse outro soldado, correndo para ver. Parei.

– *Yap! Yap!* – Ele fez sinal para eu continuar.

Joguei as bolas de novo, girando-as na minha frente.

Outros soldados logo se juntaram, fascinados com o movimento e a destreza, como qualquer pessoa ficaria. O sargento se aproximou e gritou comigo. Deixei uma bola cair. Ele estendeu a mão e pegou-a assim que ela quicou no chão. Jogou-a em mim.

– *Yap!*

Continuei fazendo malabarismo. O que mais faria? Enquanto os soldados me observavam, eles não espancavam ninguém. Acima de tudo, não *me* espancavam. Então voltei ao meu número que tanto entretera amigos em Nova York e Milwaukee. Apenas três bolas. Duas em uma mão, uma na outra. Passe rápido pelo meio. Jogar uma, pegar duas, jogar duas, pegar uma. Alternando.

Então parei.

– *Yap! Yap!* – Vinha de toda a sala. Eu *yapei*.

Fiquei fazendo malabarismos quinze minutos ou mais. Meus braços se cansaram. Deixei uma bola cair de novo. O sargento a segurou, mas, ao invés de me devolver, estendeu a mão para pegar as outras.

Entreguei as outras duas. Ele jogou uma no ar, depois as outras duas. As três saíram pulando em meio ao grupo. O sargento resmungou uma ordem e imediatamente estava com elas nas mãos de novo. Ficou um instante segurando-as. Então, acanhado, gesticulou para eu lhe mostrar como se fazia. Fomos a um canto onde tentei lhe ensinar. Ele tinha boa coordenação, mas não havia como eu explicar o que exigia muito treino. Ele não conseguia acertar. Ficou nervoso. Eu também. Não queria que ele voltasse a fazer aquilo no que era bom.

Gesticulei educadamente, pedindo as bolas. Estendi a mão. Desconfiados, os soldados ficaram observando. Andando devagar, puxei uma cadeira sob a lâmpada da sala. Estendi as três bolas para perto da luz por um instante. Então segurei as bolas e fiz sinal para o sargento desligar a luz. Seus olhos se estreitaram. Mas então ele ladrou algo para os soldados. Dois deles se posicionaram em cada porta. Outro desligou o interruptor.

Fiquei fazendo mais malabares. As bolas amarelas adquiriram um brilho verde e azul, rodopiando no escuro e fazendo desenhos de neon. Subi várias vezes para recarregar as bolas junto à lâmpada. Todos na sala assistiam, enfeitiçados.

Por fim, ouvi um camburão chegar lá fora. O sargento berrou outra ordem. Os presos formaram uma fila, alguns ajudando outros a se levantar. Deixei as bolas de lado. Eu estava acorrentado a um velho grisalho que aparentemente também havia escapado dos espancamentos. Talvez por causa da idade. Fora nós dois, todos na sala estavam machucados e sangrando.

Uma sensação estranha, quase suave, abateu-se sobre mim enquanto nos dirigíamos à prisão. Eu tivera sorte. Torcia para que minha sorte durasse.

A primeira visão dos muros da grande penitenciária cinzenta me trouxe de volta à realidade. O camburão passou por um viaduto e freou até parar. Soldados vieram abrir as

portas do veículo e nos conduziram até uma sala de recepção. Tudo era cimento ou aço, tudo era coberto com cal, as paredes descascadas. Tiraram as correntes. Os soldados nos entregaram a guardas da prisão em uniformes azuis amarrotados. Todos de cigarro pendendo da boca. Um guardinha mal-humorado veio saracoteando até mim e perguntou alguma coisa em turco. Dei de ombros. Rapidamente seus olhos se apertaram e ele puxou um punho para trás...

De repente uma porta se abriu e dois homens entraram. Usavam os mesmos uniformes dos outros guardas, mas os deles eram limpos e alinhados. Quatro listras nas mangas pareciam indicar algum nível superior. Os outros presos rapidamente voltaram à posição de rendidos.

O maior e mais jovem dos dois guardas saiu andando pela fila de presos. Ele movimentou sua corpulência facilmente com um andar afetado, lento e insolente. Parou na frente de um preso que parecia reconhecer. Bem devagar, passou a mão grande e canastrona pelo corpo, como se estivesse puxando um revólver.

Plaft! Ele deu um tapa no rosto do preso, fazendo-o esparramar-se contra a parede. E passou lentamente fila abaixo.

O segundo guarda era mais velho, com cabelos curtos e grisalhos. Tinha um rosto fino, aquilino, e olhos castanhos escuros. Estava com as costas tesas como um pedaço de pau. Parecia o tipo de turco sobre o qual eu lia nos livros de história, um dos que haviam empurrado os gregos até o mar em Esmirna.

Ele parou na minha frente. Lançou um olhar gélido para meu cabelo. Então olhou nos meus olhos.

Nossos olhos se encontraram, então percebi que talvez não fosse assim que um preso devesse reagir. Meus olhos se voltaram para o lado. Depois retornaram. Um sorriso fino enrugou a pele envelhecida de seu rosto. Sorri de volta.

– *Gôuer!* – ele estourou, cuspiando no meu rosto. Meu sorriso desapareceu.

Olhei para o piso de pedra. Tentei não respirar. Ele gritou algo para o escrivão velho e eu ouvi:

– Viliam Rai-és.

– Viliam Rai-és – repetiu o guarda do rosto aquilino. – Viliam Rai-és. – Ele passou para o fim da fila.

Nossas cabeças foram raspadas. Fomos fotografados e tiraram nossas digitais. Então fui apartado dos outros e levado através de um longo e estreito corredor de concreto até uma porta com barras de aço. Um guarda a destrancou, me empurrou para dentro e bateu a porta.

Eu havia chegado a meu novo lar.

4

Por todo lado era só pedra fria e aço cinza. Um corredor estreito se estendia à minha frente. Do lado esquerdo, uma linha de janelas com barras que davam para as trevas. À direita, uma fileira de dez ou doze pequenas celas. Um lance de degraus de pedra levava ao que parecia ser outra fileira, acima.

Era silencioso. Naquele momento, o corredor estava deserto. Eu ouvia uma música vindo de algum lugar, abafada. As vozes faziam um eco suave nas pedras. No meio do corredor alguém deu um passo para fora de uma cela e ficou parado, me olhando. Uma cabeça surgiu de outra cela. Deu uma olhada em mim e voltou para dentro. O som da porta devia ter alertado os presos. Outros apareceram, todos com olhares curiosos.

Afastei-me alguns passos da porta e fiquei na altura da primeira cela. Era um cubículo, uma caixinha de cimento de um metro e oitenta por dois e meio. A porta que dava para o corredor estava aberta, com exceção de um conjunto de barras de metal cinza que se estendia do teto ao chão. A porta era uma seção de barras que deslizava sobre rolamentos. Vi três prisioneiros sentados, juntos, comendo o que parecia ser sopa em lata.

– Ô, cara, olha isso! – gritou um preso com expressão de durão que estava na ponta da cama. Seus braços hirsutos eram cobertos de tatuagens. – Como é que tá, meu? – Ele se levantou e estendeu a mão para abrir a porta. – De onde você é? Te pegaram pelo quê? Como se chama?

Ele falava inglês fluente, sem parar, com um sotaque pesado que eu não conseguia identificar. Os olhos eram escuros, mas brilhavam. Ele sorriu para mim e seguiu a tagarelar.

– Ó, pessoal, olha isso, *macum* novo. Qual é o teu nome, meu? – ele perguntou de novo, apertando minha mão.

– William... – comecei a falar, mas ele me cortou.

– William. Que doido! Eu sou o Popeye, esse é o Charles e esse é o Arne. – Ele apontou para os outros, um negro e um branco, que comiam em silêncio no chão. – Quem sabe senta aqui, William? – disse Popeye, enquanto sua mão procurava algo embaixo da cama.

Fui sentar na ponta da cama, mas Popeye rapidamente me segurou pelo braço. Arne parecia assustado.

– NÃO! Aqui, meu – disse Popeye, colocando uma grande lata de metal no chão. A cama parecia mais confortável, mas captei a mensagem. Sentei na lata. Popeye pulou na cama.

– Então, William. De onde vem?

– Nova York. – Fiquei olhando ao redor, espantado. Podia-se dizer que era uma cela bonita. Havia uma serigrafia japonesa de paisagem montanhosa colada na parede acima de

uma mesa. Pelo recinto viam-se esculturinhas de sabão e papéis recortados de maneira complexa para parecerem passarinhos e outros bichos. Um lençol havia sido pintado com esmero com símbolos astrológicos. Ele cobria a parede atrás da cozinha. Depois dos fatos dos últimos dois dias, a cela parecia aconchegante.

– Ô, Charles, olha, outro americano – berrou Popeye. Charles só meneou a cabeça.

– O Charles é de Chicago. É negão da *Windy City*. Isso aí! Agora a gente tem americano negro e americano branco. Agora só tá faltando... – e aí Popeye começou a cantar. Era um rock, uma música de uma banda chamada The Guess Who. – *American woman... da da da da diii-iii...*

Tive que sorrir para ele.

Então me virei para Charles.

– Olá, tudo bem?

– Tudo – ele admitiu, apertando minha mão com relutância e soltando-a com pressa.

– Olá, Willie – disse Arne, com voz suave mas baixa. – Bem-vindo à minha cela. – Ele tinha jeito de escandinavo: alto, magro e pálido, os olhos azuis penetrantes de tão calmos. Eu estava muito animado de me ver entre três homens que falavam inglês e tinham mais ou menos a minha idade. E um deles inclusive era americano.

– Ei, legal aqui – falei. Charles fechou a cara e balançou a cabeça.

Popeye começou a rir.

– Ooohhh, o americano novo. Você é demais, William. “Legal aqui”, ele diz. Arruu! – E seguiu assim, rindo com a cara dentro de sua latinha. Arne deu apenas um sorriso cortês. Me alcançou uma xícara de sopa de lentilha e me assistiu sorver tudo com voracidade.

– William? – uma voz suave interrompeu meu jantar.

Ergui os olhos e vi dois homens parados na porta da cela de Arne, onde estávamos comendo nosso jantar. Um deles era de meia-idade e robusto, com alguns fios de cabelo negro puxados para trás sobre a cabeça redonda e careca. Ele estreitou os olhos castanhos e lúgubres. O outro tinha compleição mais leve e desengonçada. Usava óculos grossos de aro marrom. Era ele que havia falado comigo em inglês.

– Este é Emin – ele disse, apontando para o mais velho. – Meu nome é Walter. Emin é nosso *memisir*. Ele é o preso encarregado do bloco dos estrangeiros, o *kogus*. Emin vai levá-lo à sua cela.

– Você termina sua refeição depois – Arne me garantiu.

Segui obedientemente atrás de Walter e Emin. Eles me levaram a uma cela vazia perto do fim do corredor. Emin resmungou algumas coisas em turco, babando um pouco ao falar. Apontou para dentro. Fiz que sim. Emin pareceu satisfeito e foi embora.

A cela era igual à de Arne, mas não tinha nenhum objeto. Era fria. Tudo coberto de pó. Um pequeno beliche de metal estava aparafusado ao chão de pedra. Tinha um colchão ondulado que parecia estar ali havia muito tempo. O enchimento saía por uma das pontas. Tinha manchas escuras no meio. Uma mesa de madeira gasta e um banco se dobravam para encostar na parede. Nos fundos da pequena sala havia uma partição na altura da cintura e, atrás, um buraco de latrina recortado no chão de pedra. Fedia a urina. Um armário de metal preenchia o

pequeno espaço entre as barras e o pé da cama.

Não era o tipo de lugar onde eu ia querer passar muito tempo. Mas com certeza eu não ficaria muito tempo por lá. Vinte anos? Aquilo foi só para me assustar. Ninguém ia me dar vinte anos por dois quilos. Eu sabia que não ia ter que decorar minha cela que nem Arne. Era óbvio que ele estava lá havia muito tempo. Por que seria, me perguntei.

Voltei pelo corredor para terminar minha sopa. Popeye estava de volta.

– Quem são esses? – perguntei.

– Uns babacas – respondeu Popeye. – O Emin é turco. Tá aqui já faz tempo, por isso o deixaram encarregado do *kogus*. O Walter é só baba-ovo e fala umas seis línguas. Todas pelas tuas costas.

– Ah, é?

– Ah, é? – Popeye me imitou. – Você acha que está na faculdade, William? Aqui é prisão, meu. Cadeia. Já viu tua cela?

– Arrã.

– E aí, gostou do novo lar?

– É boa – falei, sem muito entusiasmo.

– É, pois é, porque esse lugar aqui é muito bom – disse Charles.

Mudei de assunto.

– Te pegaram pelo quê? – perguntei a Arne.

– Haxixe.

– Pegou quanto?

– Doze anos e meio.

– Uau! E quanto você tinha?

– Cem gramas.

Mas como! Doze anos e meio por cem gramas. Impossível.

Eu tinha vinte vezes mais.

– E te pegaram pelo quê, William? – Popeye quis saber. Havia tensão na voz dele.

– Haxixe – respondi.

– Quanto?

– Dois quilos.

– Onde?

– No aeroporto. Tentando entrar num avião.

– Upa. A treta vai ser feia. Chegou a passar na alfândega?

– Hã, sim, passei. Me pegaram na entrada do avião.

Popeye assobiou como Harpo Marx e agitou as duas mãos no ar.

– Pesou, pesou. Pode dar dez ou quinze. Quem sabe vinte.

– Vinte o quê?

– Anos, meu, anos. Tô dizendo: mínimo dez.

Eu não acreditava. Eles só podiam estar de brincadeira.

Arne se levantou. Parecia gentil e imperturbável diante da depravação à nossa volta. Ele se esticou para pegar algo atrás de mim, no alto do armário.

– Não dê ouvidos, Willie – ele falou. – Ele só quer te deixar doido. Não tem como saber que pena você vai pegar aqui na Turquia. Tudo é possível. – Ele trouxe uma tigelinha de madeira do alto do armário. Dentro havia maçãs. Ofereceu-me uma e passou a tigela para outros. Por algum motivo, eu confiava em Arne. Ele tinha algo que me tranquilizava. Imediatamente me senti próximo.

– Ô, para de brincar com ele, Arne – disse Popeye. – Melhor ele esperar o pior já de saída, pra se preparar. Pra mim o cara tá pra pegar dez ou quinze, no mínimo.

– É sério? – perguntei. – Doze anos e meio, ou vinte, por causa de haxixe? Vocês são loucos.

Um silêncio embaraçoso se instalou.

Charles, que estava em silêncio havia algum tempo, tirou os olhos de sua tigela.

– Todo mundo aqui é louco – ele disse.

Todos nos voltamos para a comida. Eu mal consegui provar a minha. Tentei organizar as ideias. Popeye só podia ser louco. Não havia país no mundo, por mais bagunçado que fosse, que daria pena de vinte anos por dois quilos. Não ia acontecer comigo. Além do mais, eu era americano. Todo mundo sabe que americanos ganham tratamento diferenciado.

– Quanto você pegou? – perguntei a Charles.

Ele fechou a cara.

– Cinco. E ainda me faltam dez meses, porra.

Cinco anos. Americano. Bom, melhor que a previsão do Popeye. E agora eu havia identificado o sotaque de Popeye. Israelense. Claro. Tinha que ser pessimista estando num país muçulmano. Mas eu era americano. E sempre tivera sorte. Eu ia me virar tranquilo.

Arne leu meus pensamentos.

– De repente você sai com fiança – ele disse, baixinho.

Popeye fechou a cara e disse:

– Não fala merda!

– Fiança!

– Depende... – Arne fez rosto sério, como se estivesse em reflexão profunda. Então olhou para mim e sorriu. – Se te deixarem por fiança, você tá solto. Os turcos sabem que você vai se mandar do país e não volta nunca mais. Eles embolsam a grana. Se te autorizarem fiança, é porque querem que você se mande.

Aquilo parecia interessante.

– Mas como eu sairia do país?

– Fácil – disse Arne. – Qualquer advogado turco meio corrupto – sendo que nenhum é 100% honesto – te consegue passaporte falso. Ou você tenta passar escondido na fronteira com a Grécia. A Grécia é o melhor lugar pra se ir. Eles odeiam tanto os turcos que não te mandam de volta de jeito nenhum. Se os turcos te autorizam fiança, é porque sabem que você vai se mandar. E se você chegar na Grécia, vira homem livre.

– Opa, isso é bom. Acha que eu tenho chance de sair por fiança?

– Bom – disse Arne –, tudo depende. Você tem chance se tiver alguma coisa de dinheiro e um advogado bom.

– Eu consigo – falei. – Vou ter que conseguir!

– Porra! – Popeye estourou. Seu humor jovial havia sumido. – Quem sabe toma um banho e cala essa boca? Vai tirar esses piolhos!

– Eu não tenho piolho, Popeye – falei, surpreso com a acusação.

– Onde você ficou ontem à noite? – ele perguntou.

– Na cela da delegacia.

– Então você pegou piolho, meu. Por que você acha que a gente não deixou você sentar na cama? Toma um banho e ferve essas roupas. – Arne concordou, em silêncio.

Na verdade tomar banho era ótima ideia. Mas eu não queria Popeye me dando ordens.

– Acho que vou pro chuveiro – falei.

Charles soltou um assobio e se ergueu da cadeira.

– Cansei dessa bosta – ele disse, e saiu do recinto pisando duro.

Arne me puxou de lado.

– Aqui não há chuveiros – ele disse. – Você tem que se lavar numa pia da cozinha. – Ele me levou à cela ao lado e me emprestou toalha, um jarro de plástico e um pedacinho de sabonete. Explicou que a água quente ficaria ligada por um período curto, mais ou menos meia hora. Aí me levou de volta à área da cozinha, passando a escada, e me mostrou como obstruir a pia com um pano sujo. Para me lavar, eu teria que me cobrir de sabão, depois jogar água quente no corpo com o jarro. Mas antes resolvi lavar a pia. Estava imunda.

– Não deixe Popeye e Charles te afetarem – Arne disse, calorosamente. – Eles estão aqui há muito tempo. Gente nova... bom... gente nova não sabe das coisas. Eles ficam nervosos com gente nova.

– Como é que ele ganhou esse nome, “Popeye”?

– Ele era marinheiro. Foi pego tentando levar quarenta quilos no navio.

– Quantos anos ele pegou?

– Quinze.

– Não é à toa que ele é maluco.

Arne ficou algum tempo em silêncio.

– É – falou, enfim. – Mas é um cara legal.

A água quente crepitou pelos canos enferrujados. Arne sorriu e me deixou a sós para o banho. Passei sabão na pia. Não pareceu mais limpa. Enquanto ela se enchia de água fervente, tirei minhas roupas amarrotadas. Fediam muito. Nu em frente à pia, passei sabão no rosto e na cabeça. Era estranho não ter mais cabelo. A penugem que restou no meu escalpo lembrava o corte escovinha que eu tinha nos tempos de luta romana no colégio. Usando a jarra velha de Arne, eu tirava água da pia e jogava em mim. Era maravilhoso senti-la pingando da minha cabeça para os ombros. Ensaboei o resto do corpo devagar. Então lembrei do que Popeye havia dito. Comecei a procurar piolhos na virilha.

De repente percebi que não estava só. Virei-me e vi, parado na porta, um homem que parecia árabe. Ele ficou olhando meu corpo nu e sorrindo. Falou alguma coisa animada em turco. Dei de ombros para indicar que não entendia. O árabe sumiu, mas voltou alguns instantes depois com Arne. Fiquei assistindo aquilo confuso, a espuma do sabão caindo no

chão.

– Você não pode se lavar assim – avisou Arne. – Você não pode se lavar nu.

– Hã? Então como é que eu vou tomar banho?

– Você tem que ficar de cueca. Você nunca pode ficar nu no *kogus*.

– Como assim? Como eu vou me lavar vestido?

Arne ficou mais insistente.

– Não pode, cara. Os turcos são muito chatos com qualquer coisa que pareça, tipo, sexo entre os presos.

– Que sexo? Eu só vim tomar banho. Sai daqui e me deixa terminar.

Arne deu de ombros.

– Ok. Mas é bom acabar logo. Está quase na hora do *sayim*.

Eu não estava nem aí para quem era *Sayim*. A água estava boa. Arne me deixou em paz. Enquanto eu derramava mais água quente no corpo, lembrei-me daquela tarde. Da sorte que eu tivera de não levar uma surra.

Barulho de chaves. A porta do bloco se abriu.

Uma voz turca berrou:

– *Sayim. Sayim.* – Eu vi um pedaço do braço do guarda enquanto ele estava em frente à porta aberta. Arne veio correndo.

– Eu falei pra ir mais rápido, meu. Vão fazer *Sayim*.

Eu não tinha ideia do que era *Sayim*, mas estava cansado de receber ordens. Segui ensaboando as pernas.

– Ficou louco? – Arne sussurrou com raiva. – Se te pegarem nu, eles te espancam.

Desta vez as palavras surtiram efeito. Lembrei-me do pobre preso turco no chão, caído sobre o próprio sangue, enquanto os guardas lhe davam chutes e pancadas com seus cassetetes. Rapidamente enrolei a toalha na cintura. Saí correndo da sala, derrapando no chão de pedra com os pés molhados.

Colidi com Emin, que estava agora de terno e gravata. Ele rosnou para mim, mas seguiu correndo.

Charles e Popeye estavam perto do fim da fila. Os dois ficaram boquiabertos comigo. Popeye estendeu o braço e me puxou para trás de si e de Charles, que tirou rapidamente seu suéter branco e jogou para mim. Coloquei por cima da cabeça. Os dois eram altos. Eles cobriram a metade inferior do meu corpo enrolado na toalha, para eu não ser visto.

Todos os prisioneiros estavam em silêncio, em posição de sentido, enquanto um guarda andava pela fila e nos contava. Ele gritou alguma coisa para outro guarda que conferia uma prancheta. A contagem aparentemente estava correta.

– *Alá kutarsink* – entoou o guarda.

– *Sowul* – responderam os presos.

– Soca no cu – Popeye falou baixinho.

Mais tarde, na mesma noite, Arne sacou seu violão. Outra pessoa tinha uma flauta, Charles trouxe bongôs. Fiquei sentado ouvindo a música, sentia-me contente. Os turcos, Arne explicou,

gostam de música. Por isso deixam os presos ficarem com os instrumentos.

Eu estava estranhamente feliz. O *kogus* dos estrangeiros parecia relativamente civilizado. Com certeza era um lugar bem melhor para se passar alguns dias – algumas semanas, quem sabe – do que a delegacia de Sirkeci. Deixei-me levar pela música e pensei na possibilidade de autorizarem fiança. Talvez eu pudesse estar de volta a Long Island em questão de semanas.

A música parou um pouco e Charles começou a rabiscar num bloquinho. Perguntei o que estava escrevendo.

– Poema – ele respondeu com pressa.

– Você escreve muito?

– Arrã, preciso.

– Por quê?

– Porque se você está aqui, você tem que fazer alguma coisa.

– É, bom, eu também escrevo. Fiz jornalismo na Marquette.

Charles me olhou com ar de entendedor.

– Arrã. Já publicou alguma coisa?

– Olha, não. Mas mandei uma matéria pra *Esquire*. Eles me responderam dizendo que gostaram e que...

– Merda – disse Charles. Ele recolheu o bloquinho e o bongô e saiu desabalado.

Por volta das nove horas, Emin apareceu, com Walter vindo logo atrás.

– *Saat dokus* – o mais jovem gritou da ponta do corredor.

– Nove horas – ele me disse. – Hora das trancas, Willie. Boa noite.

– Boa noite, Arne – falei. – Obrigado. – Ele sorriu.

Fui caminhando até minha cela. Atrás de mim, Emin e o mais moço andaram pelo corredor trancando cada preso em sua cela. Eu tremia com o vento noturno. A janela com barras na ponta da minha cela tinha um vidro quebrado. Uma tempestade se armava lá fora. O vento frio entrava na minha cela vazia. Quando Emin se aproximou, pedi lençóis e cobertores a Walter. Ele traduziu, mas Emin apenas deu de ombros.

– Estou com frio. Preciso de lençóis e cobertores.

– Amanhã – Walter traduziu. – Ele disse que amanhã você recebe.

A porta com as barras se fechou bem diante da minha cara. Emin ficou remexendo seu grande molho de chaves. Parecia que não encontrava a da minha cela.

Percebi que ele apenas fingiu que trancou.

Fiquei caminhando pela minúscula cela, abraçando a mim mesmo para me aquecer. Fiquei ouvindo Emin trancar as celas do outro lado do bloco e subir ao segundo andar. Eu estava com muito frio. Não ia aguentar uma noite inteira assim. Em silêncio, abri minha porta. Onde poderia encontrar um cobertor?

– Psssst. – Uma mão fez um gesto para mim, vinda das barras da cela ao lado. Cheguei mais perto e vi um homem imenso, parrudo, talvez alemão ou austríaco, de cabelo loiro. Estava sem camisa e tinha músculos protuberantes nos ombros e braços. Ele me alcançou uma varinha. Tinha um prego preso na ponta, torcido, para servir de gancho.

– Por ali – ele sussurrou, apontando para a frente do bloco. – Passa duas ou três celas.

Curioso, fui caminhando pelo corredor. Homens surpresos mas quietos me espiavam das portas das celas. Cheguei a uma cela vazia, trancada, com lençóis, cobertores e travesseiros empilhados no beliche. Enfiando as mãos pelas barras, esticando-me e fazendo força, consegui fisgar um lençol e dois cobertores. Vim arrastando-os pelo corredor. Fui caminhando sem fazer barulho até minha cela, devolvi o pedaço de pau ao dono e ofereci um dos cobertores.

– Obrigado – ele sussurrou.

Notei que a luz da sua cela estava apagada, enquanto uma lâmpada nua brilhava no meio da minha.

– A luz – falei. – Como desligo?

– Não é para desligar – ele respondeu. – Mas eles não dizem nada. É só subir na cama e se esticar. Você pode desenroscar.

Voltei para minha cela. Sentia a exaustão tomando conta de mim. Tinha passado mais de quarenta horas praticamente sem dormir. Agora, com um estômago bem cheio, corpo limpo, uma cela privativa e um cobertor fino mas adequado, eu me sentia muito cansado. Estendi o lençol e o cobertor na cama. Então desenrosquei a lâmpada e me acomodei.

Devo ter caído no sono imediatamente. Não sei quanto tempo se passou. Então, de repente, fui sacudido por duas mãos. Emin me encarava. Ele gritou alguma coisa em turco. Dei um salto, sem conseguir entender. Emin, irritado, puxou o cobertor da minha cama. Jogou no chão. Então pegou o lençol. Ainda sonolento, peguei o lençol de volta. Ele deu um puxão, mas eu segurei firme.

– Brack! – ele resmungou e puxou mais forte. Ensandecido, joguei o lençol no seu rosto e ele cambaleou para trás.

Ele correu até mim e gritou na minha cara, louco de raiva. Enfiou um dedo no meu peito para enfatizar o que dizia.

Reagi sem pensar. Antes de eu perceber o que havia feito, Emin estava estirado no chão. O sangue pingava de seu nariz. Ele olhou para mim por um instante, com medo. Então pulou e saiu correndo pelo salão. Berrava como se estivesse morrendo.

O que eu havia feito? Achado mais encrenca, com certeza.

Olhei para a porta. Emin estava no fim do corredor, batendo na porta com as barras.

– Ele é louco, sabe? – Era o preso na cela ao lado da minha. – Está aqui faz nove anos. Assassinou a mulher com uma navalha.

Ah, ótimo! Um homicida. Fiquei olhando para a cela, em busca de algo para me defender. Antes que eu pudesse organizar as ideias, ouvi movimentação no fim do corredor. Chaves tilintando. Fui depressa vestir minha calça e calçar os sapatos. Não sabia o que esperar, mas queria estar preparado.

Guardas invadiram a cela, gritando comigo. Me arrastaram pelo corredor. Emin falava sem parar, irritado. Tentei explicar, mas não tinha o que fazer. Os guardas não me entendiam. O sangue no rosto de Emin era prova suficiente de que eu havia batido no detento de confiança.

Eles me arrastaram para fora do bloco de celas escada abaixo até uma sala do porão. Os dois guardas chefes – que eu já tinha visto – estavam sentados em cadeiras de metal dobráveis, fumando. Ergueram o olhar assustados quando entramos. O que tinha cabelos grisalhos parou

na minha frente. Juntou as mãos atrás das costas.

– Viliam Rai-és – ele disse, olhando nos meus olhos. – Viliam Ra-iés.

Ainda me encarando, ele fez perguntas afiadas aos guardas. Levantou lentamente o braço direito e me deu um tapa no rosto, de mão aberta. Caí nas mãos dos guardas. Abri a boca para reclamar.

Blam! Uma onda de choque na minha perna esquerda. Ela veio abaixo. Quando caí no chão, senti uma dor lancinante e me ouvi gritando. Virei a cabeça e vi o guarda gigante. Ele parecia um urso pairando sobre mim, fitando-me com olhos negros e gelados. Tinha na mão um taco de madeira grosso, de metro e pouco, duas ou três polegadas. Parecia um galho de árvore.

Tentei fugir. Ele me acertou com o porrete de novo, desta vez na parte baixa das costas. A pancada me levou de volta ao chão. A dor era horrível. Mais um golpe e caí sobre a perna, contorcendo-me. Tentei deter o seguinte e o porrete acertou meu dedão. Minha mão ficou dormente.

Os outros guardas lançaram-se sobre mim. Arrancaram meus sapatos. Depois minha calça. Eu me debatia, gritava. Mas eles seguravam firme. Pegaram uma corda pesada e amarraram meus tornozelos. Dois guardas seguraram cada ponta da corda e ergueram meus pés nus. Eu estava de costas no chão de pedra gelado, aterrorizado. Olhei nos olhos negros do guarda gigante com o porrete.

Ele pausou. Aos poucos foi puxando o porrete para trás, ergueu-o e então desceu com toda força contra as solas dos meus pés. A pancada primeiro me atordoou, depois explodiu em ondas de agonia que percorreram minhas pernas e coluna. O porrete tinha acertado meu artelho. Lampejos cegantes tomaram meus olhos. Quase desmaiei. Então tentei desmaiar, mas não conseguia. O espancamento prosseguiu aos poucos, sempre devagar. Eu me contorcia, me sacudia de dor. Cada pancada parecia pior que a outra. Gritei, chorei, praguejei, mas eles não paravam. Só conseguia ver os rostos com os olhares maliciosos dos guardas em cima de mim.

As pancadas seguiram... dez, doze, quem sabe quinze. Eu não contava. Eu me torcia e peguei o tornozelo de um dos guardas. O grandão socou o porrete entre minhas pernas. Me dobrei. Vomitei por cima de todo meu corpo.

– *Yetair* – resmungou o grandão. Os outros soltaram as pontas das cordas. Meus pés incandescentes espatifaram-se contra o chão de pedra, num último acesso de dor.

Com truculência, desamarraram-me. Mal percebi ou me importei. A dor rodopiava dentro de mim. Dois guardas me puseram de pé, mas eu desabei no chão de novo. Mais uma vez me levantaram. Meus pés gritavam. Passei mal de novo. Os guardas gritaram comigo, muito irritados, e soltaram meus braços.

Mais uma vez caí no chão. Eles me deixaram lá um instante. Então, de algum modo, conseguiram me arrastar para cima de novo e me jogaram na cela. Caí na cama, onde ainda estavam meus preciosos lençóis e cobertor.

Fiquei na cama, ofegante, tentando controlar meus músculos. As fincadas de cada golpe viraram um latejar pulsante. A dor na minha virilha era absurda. Meu Deus! Deixe-me sair desse pesadelo.

O bloco estava em silêncio, fora meus gemidos. Todos os presos sabiam o que havia acontecido. Sentiam pena de mim. Mas ficaram felizes por não serem eles. A queimação nos meus pés não passava. Não conseguia dormir. Mas também não suportava ficar acordado.

– Pssst – da cela ao lado. De novo. – Pssst. William.

Ergui a cabeça para olhar. Meu vizinho tinha se esticado para passar das barras e dar a volta na parede entre nossas celas. Jogou um cigarro aceso que caiu na minha cama. Peguei. Dei uma tragada forte.

– Obrigado – sussurrei.

Haxixe. A causa de todos os meus problemas. Fiquei grato por suas propriedades sedativas. Traguei e fui, gradualmente, sentindo meu corpo relaxar. A dor diminuiu um pouco. Passado algum tempo, adentrei um sono misericordioso.

5

Patrick acendeu o pavio e deixou a bombinha pender da sua mão.

– Joga! Joga! – eu berrei.

Ele deu um sorriso, com aquela ousadia de quem fica com uma bombinha na mão por um tempo que parecia impraticável. Em câmera lenta, ele a lançou na noite escura que cobria o Lago Ness. Melhor maneira de passar o Halloween! Se aquilo não chamasse Nessie, nada mais chamaria. Patrick tinha dezenas de bombinhas a postos. Fiquei sentado na outra ponta da canoa, com holofotes e câmera a postos. As imagens iam nos deixar ricos e famosos.

Mas alguma coisa deu errado. A bombinha subiu no escuro e parecia ter ficado flutuando. O pavio cuspi faíscas vermelhas. Ela pairou no céu. – Oh, não! – Ficou cada vez maior. Vinha caindo bem na minha direção. Continuou caindo, caindo, caindo, mas nunca atingia o barco. Eu corri para não ficar no caminho. Meus pés ficaram presos no pé da cadeira e caí na parte molhada do barco. Em pânico, deixei nossa câmera alugada cair pela lateral. Ela afundou pela superfície negra do Lago.

Lá de cima, a bombinha continuava caindo. Lenta, lentamente ela foi chegando, caindo direto nos meus pés, que estavam presos. Eu não conseguia respirar. Não conseguia me mexer. Só conseguia assistir, horrorizado. O rojão em chamas explodiu sob as solas dos meus pés.

...Acordei. Meus pés estavam em chamas. Latejavam, ardiam com uma dor inconcebível e me arrancaram do sonho. Ou seria pesadelo? Em menos de três semanas eu deveria encontrar meu velho amigo Patrick na Escócia. Nosso plano era cumprir uma fantasia de menino: encontrar o Monstro do Lago Ness no Halloween. Agora o plano parecia altamente improvável.

Meu lençol estava ensopado de suor, apesar do frio congelante da manhã. Fiquei deitado na cama, coberto com meu próprio vômito. Ouvi a prisão acordando ao meu redor. A água borbulhava pelos canos. Ouvi o clangor metálico das chaves nas portas. Assim como na cela da delegacia, tosse seca e escarrada eram o hino matinal. Na outra ponta do bloco, alguém ligou um rádio. A música alta saiu estourando.

– Desliga ISSO! – alguém berrou. Outra pessoa berrou a resposta em alemão.

Mais gritos, mais berros. Ouvi barulho de briga. Alguma coisa caiu no chão e quebrou. O rádio desligou.

Um cheiro horrível vinha do andar de cima. Parecia borracha queimada. Fiquei pensando o que seria.

O chamado da natureza era maior que a dor nos pés. Forcei-me a virar para a beira da cama. Quase caí no chão. Segurando-me na parede, consegui mancar até o buraco no chão que

servia de latrina. Tentei prender a respiração. Havia uma caneca enferrujada ao lado de uma torneira gotejante. Coloquei água gelada nela e joguei na pedra. Era inútil. O fedor de amônia subia até meu nariz. Apoiei-me numa parede com a mão, inclinei-me o máximo que pude e me derramei no buraco.

Manquei para voltar à cama e examinei meus pés. Estavam rosados. Com o dobro do tamanho. Apesar da dor, obriguei-me a mexer cada dedinho. O incrível é que não parecia haver um osso quebrado. Meu tornozelo estava sensível. Um grande hematoma se ergueu onde o porrete havia batido. Minhas costas ardiam, assim como minha virilha. Uma vez, durante um jogo de futebol no colégio, levei um chute naquele lugar e achei que não existiria dor pior. Estava errado. Agora tinha medo de que alguma coisa tivesse se rompido dentro de mim.

Arne e Popeye vieram à minha cela com ovos cozidos e um copinho de chá.

– Como está, Willie? – perguntou Arne.

– Bom, não morri. Ainda.

– Pois é, te pegaram de jeito. Acha que consegue comer?

– Vou tentar. Eles sempre dão a comida assim?

– Claro que não – Popeye disse. – Eles nunca dão. Às vezes vêm com um carrinho e tentam vender. Não é sempre. Mas a gente se vira. Se tiver dinheiro você consegue os esquemas. Se tiver que viver do feijão branco que te dão, aí é encrenca.

Comi voraz. Arne examinou meus pés. Ele os ergueu com cuidado nas mãos. Ficou procurando delicadamente se havia osso quebrado.

– Você tem que deixar correr água neles – ele sugeriu.

– De jeito nenhum. Estão me matando.

– Mas precisa. É indispensável. Senão eles vão inchar ainda mais. Daí você vai ficar semanas sem caminhar. – Popeye somou seu assobio Harpo Marx para dar ênfase.

Eles me ajudaram a chegar até a pia. Ergueram meus pés numa corrente de água fria. Estremeci, mas depois do choque inicial ficou bom.

– Agora você tem que ir lá fora e caminhar no pátio.

Fiquei olhando para Arne com cara de estupefato.

– Ficou doido?

– Não. Estou te dizendo. É o único jeito. Se você ficar parado eles vão inchar demais e você vai ficar semanas ruim. Mas se você caminhar, nos próximos dias, eles começam a ficar bons de novo. – Mais uma vez Popeye concordou assobiando.

– Ok. Ok.

Descansei um pouco. Então, com os braços nos ombros deles, saí da cela mancando, cruzei o corredor e fui ao pátio.

Era uma caixinha de concreto sem teto. Os muros subiam quatro metros e meio por todos os lados. Tocos de cigarro, cascas de laranja, jornais amassados, pedras, varas, cacos de vidro por toda parte. Homens com aparência suja caminhavam para lá e para cá. Alguns marchavam nervosos. Outros caminhavam em círculos pequenos, olhando para o chão. Na outra ponta, dois homens faziam marcha militar sincronizada para um lado e para o outro.

Fiquei perplexo com as crianças. Turquinhos de rua, gritando, jogando futebol no pátio.

Eles corriam em volta dos homens caminhantes como se estes fossem meros obstáculos plantados para deixar o jogo mais difícil. Alguns dos homens ignoravam os meninos. Outros ficavam bravos à menor interrupção da rotina.

A bola de futebol bateu na cabeça de Popeye. Ele virou e gritou alguma coisa em turco. As crianças ignoraram.

– Quem são as crianças? – perguntei a Arne.

– São daquele *kogus* – disse Arne, apontando para o bloco comprido que dava para nosso pátio. – Nós dividimos o pátio com elas. Aquele é o *kogus* das crianças.

– Mas o que elas fazem aqui? Na prisão?

– Bom, os turcos acham que as crianças são relativamente inofensivas. Não vão enfiar uma faca num estrangeiro... não sempre. E estrangeiros têm dinheiro. Ajudamos as crianças. Elas são ótimas pedintes. Melhor para elas e melhor para nós assim.

– Sim... mas que crimes elas cometeram?

– Os mesmos dos outros turcos – disse Popeye. – Esses bostinhas aí são ladrão de cavalo. Trombadinha. Estuprador. Assassino.

– O quê? Mas são só crianças.

– Aqui elas crescem rápido – disse Popeye. – Ô, e como crescem!

Caminhamos mais um pouco, depois Arne e Popeye me deixaram sozinho. Eu me arrastei até um canto do pátio e encostei na parede. Fiquei de olho nas crianças para não pisarem nos meus pés. Havia algo de assustador e fascinante nelas. Elas jogavam futebol com habilidade, com energia. Mas havia algo de perverso na sua prática do esporte.

Charles saiu no pátio. Fiquei vendo ele caminhar na minha direção com seus jeans velhos e desbotados, seus tênis até o tornozelo. Ele era alto e fazia movimentos amplos, como um jogador de futebol. Os óculos de aro grosso estavam no nariz. Ele tinha um bloquinho nas mãos. Agachou-se e inspecionou meus pés.

– *Getchmis olsun* – ele disse.

– O que quer dizer?

– Que passe rápido.

– Ah. Obrigado, espero que passe mesmo.

– Sinto muito que você tenha sido espancado assim, Willie. Mas fico feliz que você tenha enfrentado Emin. Nenhum americano que já esteve por aqui foi frouxo. Ainda bem que você não acabou com essa imagem.

– Melhor uma imagem acabada do que os pés.

– Não. É bom que você tenha se defendido. Quando os turcos acham que podem mexer com você, eles não param. Agora, pelo menos, a maioria vai te deixar em paz. Sabem que você se dispõe a brigar. Aqui você tem que se impor.

Fiquei feliz que ele tentou ser amigo.

– Olha, Charles, desculpe a bobagem da *Esquire* ontem.

– Tá tudo bem, meu. Não se preocupe. Todo mundo que vem pra cá tem uma coisa pra provar. Leva um tempo até aprender. De certa forma, você tem sorte. Ontem você aprendeu uma lição importante. Todo mundo tem que aprender, do jeito mais difícil, que os turcos

podem ferrar sério contigo. E você se deu bem, no caso.

– Bem?

– Teve fratura?

– Não.

– Se deu bem. Uns meses atrás eles detonaram feio um dos estrangeiros. Era um cara austríaco, chamado Pepe. Quebraram o pé dele. Ele reclamou com o cônsul e eles fizeram um furdunço. Por isso os turcos andam tendo mais cuidado. Eles tentam não detonar tanto estrangeiro.

Acho que tive sorte, mas com certeza não era a sensação que eu tinha.

Charles disse que tinha que escrever. Fiquei fora mais um tempo. A pedra gelada do pátio aliviou meus pés. Fiquei encostado na parede contra o ar matinal e refrescante de outubro. De repente notei uma coisa incomum. A maior parte do pátio era concreto sólido. Mas havia um pequeno retângulo no centro, de areia, e no meio da areia havia uma espécie de grade de drenagem. Me levantei para poder olhar melhor.

– Pode esquecer – disse uma voz rouca. Virei-me e vi meu vizinho de porta. – O buraco é grande para entrar, mas debaixo da terra fica estreito. Não tem como passar.

– Só fiquei curioso.

– Olha – ele abaixou a voz. – Sinto muito pelo que aconteceu com os cobertores. Foi só seu primeiro dia. Você já viu o que aconteceu na sua primeira noite. Então aprenda tudo que puder sobre esse lugar de uma vez. É sua única chance de sobreviver. Sua única chance de sair daqui.

– Sei lá. Tenho a sensação que vou dar um jeito de sair fácil, conseguindo fiança ou coisa do tipo.

– É, eu sei, mas caso não saia, é bom que aprenda rápido.

O nome dele era Johann Seiber. Era austríaco, pena de quarenta meses por contrabando de carros. Na Turquia, ele me explicou, você sempre ganha um terço a menos da sentença por bom comportamento. Então, na verdade, sua sentença era de vinte e seis meses e dezoito dias. Estava lá havia vinte e um meses e tinha menos de meio ano pela frente. No início ele não parava de pensar em fugir, disse. Mas nunca conseguiu ir adiante. Agora estava determinado a servir os últimos seis meses e sair legalmente. Pediu que eu o acompanhasse até a cozinha. Tinha uma coisa lá para me mostrar.

Eu gemia de dor enquanto ele me ajudava a voltar pelo *kogus*. Afundei-me num banco no pequeno espaço em frente ao bloco – o mesmo lugar onde tinha me lavado na noite anterior. Havia três bocas num pequeno fogão a gás. Um prisioneiro trabalhava nelas. A água fervia em várias panelas. Johann veio, tirou moedas do bolso e trouxe dois copinhos cheios de chá turco, quente e aguado.

– Que horrível – falei. – Gosto péssimo.

Johann provou do seu chá.

– Não achei ruim. Talvez até um pouco acima da média. A cada mês alguém pode vender o chá. Alguns fazem aguado mesmo. Assim ganham mais dinheiro. Você vai aprender a gostar.

Não estava convencido de que aprenderia a gostar de qualquer coisa daquele lugar. Agora sabia que não era muito melhor que a cela da delegacia. Não era à toa que Charles estava

chateado comigo na noite anterior. Como que alguém iria lidar com o barulho, os cheiros, aquela lavagem podre e gordurosa de feijão que estavam servindo de almoço?

Johann deu as costas para o vendedor de chá e fez um meneio quase imperceptível para a parede do fundo. Segui seu olhar. Havia uma porta quadrada, mais ou menos um por um, recortada na parede.

– Elevador de carga – Johann sussurrou. – Nunca usam. Faz anos que está quebrado. Desde uma rebelião aí que eles tiveram. O vão vai do porão até o segundo andar de celas.

– O que tem no porão?

– Você conheceu ontem, lembra?

– Ah, é. Como se sai de lá?

– Não sei. Mas pelo menos você saía do bloco. Quem sabe você conseguia se subornasse um guarda ou tivesse uma arma ou coisa assim.

– Deve ser arriscado subornar guarda.

– Bom, sim, mas todo mundo suborna. Você vai descobrir o que dá pra comprar aqui só com um maço de Marlboro. Esses cigarros turcos são uma porcaria. – Bebemos nosso chá e ficamos olhando para o minielevador.

– Se eu fosse fugir mesmo – Johann disse de repente – acho que eu iria pro Bakirkoy.

– O que é?

– O Bakirkoy. O hospital psiquiátrico. Os turcos fogem de lá toda hora. A segurança deve ser bem fraca. Todo mundo diz que do Bakirkoy é fácil. Se eu não tivesse só seis meses pela frente, eu ia pro Bakirkoy.

– Como se vai pra lá?

– Ah, não sei. Dá pra subornar o médico da prisão ou algo assim. Se você for bem cuidadoso e bem esperto, você consegue qualquer coisa.

Nossa conversa foi interrompida por uma movimentação no pátio. Johann correu para o corredor e olhou por uma janela. Eu fui mancando devagar atrás dele, fiquei olhando pelas janelas com barras e congelei. No pátio estava o guarda exibido que havia esmagado meus pés com o porrete. Também estava lá seu amigo grisalho. E um terceiro, baixinho e elegante, num terno negro fino.

– Quem é o grandão? – perguntei.

– Hamid. Chamam de “Urso”. É o chefe dos guardas. O único que anda armado. Não se meta com ele.

– Tarde demais.

– Ah, é.

– Quem é o outro guarda?

– Arief. O que chamam de “Quebra-Osso”. Segundo na hierarquia, depois de Hamid. Cuidado com esse também.

Os dois guardas estavam com cara de poucos amigos na frente de um grupo de garotos. Mas quem ladrava as ordens era o baixinho de terno. De repente ele estendeu a mão e deu uma tapa na cara de um dos garotos.

– Esse é o pior de todos! – Johann sussurrou.

– Quem?

– “O Fuinha”. Mamur. O vice-diretor. Ele é o chefe de verdade aqui, porque o diretor mesmo nunca se dá ao trabalho de entrar. Se o Mamur se meter com você, acabou.

Passaram-se os dias. Enquanto meus pés saravam, minha cabeça começava a latejar. Eu ainda não tinha notícias do cônsul dos EUA, nem do advogado que tinha pedido. Não tinha informações sobre meu caso, nem quanto tempo ficaria na cadeia até o julgamento. Até onde eu sabia, eles iam me deixar apodrecer. Arne me disse que o governo turco estava pensando em dar anistia a presos. Não tinha certeza, porém, se incluiria presos recentes. Tinha muitas perguntas que eu queria fazer. Charles disse que a gente do consulado não vinha com frequência.

Eu não tinha livros, nada para escrever, nenhum dinheiro. Peguei papel emprestado de Charles e tentei escrever cartas para amigos. As cartas eram censuradas, mas não com toda atenção, e eu achava difícil me expressar sabendo que elas seriam revisadas. E ia dizer o quê? Eu estava na cadeia, mas não sabia o que se passava comigo. Não podia dizer se sairia na semana seguinte ou no mês seguinte. Rabisquei um bilhete para Patrick e disse que não poderia fazer valer nosso compromisso de Halloween no Lago Ness. Escrevi outra carta para a mãe e o pai. Outra para meu irmão Rob. E outra pra minha irmã Peg. As palavras saíam difíceis.

A cada manhã, ao acordar, um medo me sufocava por dentro. Meu corpo ardia do colchão ruim com tábuas de madeira. O fedor que vinha do segundo andar fazia meu nariz arder. O coro de homens tossindo, espasmódico, me lembrava de novo que eu estava morando numa jaula.

Aos poucos a força voltou a minhas pernas e meus pés. Eu caminhava pela cela toda manhã até Walter abrir a porta. Uma vez fora da cela, eu esperava impaciente até que o guarda sonolento entrasse e abrisse a porta do pátio. Às vezes era às 6h30. Outros dias, só às oito horas. Parecia que nada tinha cronograma fixo. Mas sempre que a porta era aberta, eu corria imediatamente para fora. Sorvia aquele ar gelado e límpido. Ficava olhando o céu aberto. Se eu olhasse bem para cima, não havia muros. Só nuvens e passarinhos e manhãs de inverno azul.

Por fim, após mais de um mês de incertezas, um guarda me chamou uma manhã:

– Viliam. Viliam Rai-és. – Eu tinha visita.

Fui levado do *kogus* e por um corredor até uma sala de reuniões com mesas compridas e várias cadeiras. Meus olhos se fixaram na vista por trás das janelas com barras. Havia campos compridos e árvores verdes, vastas extensões. Era uma bênção poder olhar ao longe sem ter um muro na frente dos olhos.

Havia um turco corpulento, sorridente, me aguardando na mesa. Cabelinho ralo escuro, fortemente brilhantinado, puxado para trás na tentativa inútil de cobrir uma falha crescente. Ele levantou-se rápido e veio apertar minha mão.

– William Hayes – ele disse com inglês perfeito, sem sinal de sotaque. – Meu nome é Necdet Yesil. – Meu advogado. Enfim. – Sente-se. Sente-se. – Ele me ofereceu um cigarro americano. Aceitei com nervosismo. Já estava pegando o hábito da prisão de fumar sem parar. – O cônsul dos EUA entrou em contato comigo e vim vê-lo imediatamente. Está tudo bem?

– Bom, não. O que tá acontecendo? O que vai acontecer?

– Não se preocupe – ele me garantiu. – Se agirmos *imediatamente*, conseguimos o tribunal certo, o juiz certo, acertamos tudo direitinho. Acho que conseguimos fiança. Na pior das hipóteses, vinte meses. Mas acho que conseguimos pedir saída com fiança.

– Eu não quero vinte meses aqui. Eu quero sair.

– Eu sei, eu sei. Acho que conseguiremos fiança. – Yesil fez uma pausa de efeito. – Você consegue levantar o dinheiro?

Claro que conseguia. Não conseguia? Podia pegar emprestado do pai. Mas será que ele ia me emprestar? Fiquei tremendo ao me lembrar da tensão no nosso último encontro. Eu queria tanto ficar sozinho. Quem sabe o pai fosse me deixar assim.

– Quanto vai custar?

– Acho que vinte e cinco mil libras.

– E em dólares?

– Dois, quem sabe três mil.

Eu ia dar um jeito de conseguir o dinheiro. Eu sabia. Faria qualquer proposta ao pai se ele conseguisse juntar o dinheiro. Eu com certeza pagaria de volta. Aceitaria até voltar à faculdade. Ou conseguir emprego. Qualquer coisa. Só para me livrar dessa coisa.

– Hã... Quanto dinheiro você tem consigo? – Yesil perguntou. – Temos que começar rápido.

– Bom, eu tenho uns trezentos dólares. Da minha passagem de avião. Eles me disseram que colocaram no banco da prisão.

– Eu preciso de duzentos e cinquenta – Yesil disse de repente. E empurrou um papel na minha direção.

Minha mente se agitou com a ideia da fiança. Assinei.

– Quem era seu visitante? – Johann me perguntou quando voltei ao *kogus*.

– Meu advogado. Ele acha que eu consigo fiança.

– Arrã. – Johann não parecia comovido. – Quem é seu advogado?

– O nome dele é Yesil.

– Yesil... Yesil. Eu acho que o Max teve o Yesil de advogado.

– Quem é Max?

– Sabe aquele cheiro horrível que vem do andar de cima? Aquilo é do Max.

Johann me levou ao segundo andar do *kogus*, numa cela logo acima da minha. A cela era escura, iluminada apenas pela luz do sol perdida que vinha da janela do corredor. A lâmpada da cela e a logo à frente no corredor estavam quebradas. Johann me apresentou a Max Van Pelt, um holandês esquelético. Ele me espiou detrás de seus óculos de aro grosso, tortos sobre o nariz. Eu o havia visto de relance no *kogus*, mas nunca no pátio. Parecia preocupado, como quem não queria papo furado. Johann nos apresentou e pediu a Max que me contasse de Yesil.

Max foi caminhando até seu armário. Retirou uma colher, um frasco de líquido marrom, uma vela e uma agulha hipodérmica. Acendeu a vela. Então gotejou o líquido na colher. Olhei para Johann. Ele fez sinal para eu esperar.

Max manteve a colher sobre a vela até o líquido borbulhar e ferver. Reconheci o cheiro

denso, acre, que tantas vezes chegava até minha cela.

– Que negócio é esse? – perguntei.

– *Gastro* – Max disse. – Remédio para estômago. Tem codeína. O melhor que dá pra se conseguir por aqui. Às vezes eu consigo morfina, mas não é sempre.

Johann e eu ficamos olhando em silêncio enquanto Max terminava de cozinhar o líquido. Ficava um resíduo negro e gosmento no fundo da colher. O cheiro me deixava enjoado. Com cuidado, para não perder um pinga, Max sugou o chorume com a seringa.

– Fui preso com uma garota americana – Max disse, em voz baixa. – A gente queria cruzar a fronteira em Edirne, no oeste. Perto da Grécia. Tínhamos dez quilos de haxixe no carro. Nosso advogado era o Yesil.

Max ficou mexendo num pedaço de barbante que amarrara em volta do braço para fazer o torniquete. Procurando um ponto que não estivesse usado entre as veias sujas e infectas, ele finalmente enfiou a agulha no braço. Bombeou o lodo negro corpo adentro. Então soltou o torniquete. Me olhou nos olhos.

– O pai da menina veio aqui... dos EUA – ele murmurou. – Pagou um monte de dinheiro pro Yesil. O Yesil falou que ia ficar tudo bem. – Max fez uma pausa. Seus olhos ficaram distantes. – O quê? – Ele parecia confuso.

– Yesil – Johann tentou estimulá-lo.

– Yesil – Max repetiu. – Yesil, ele falou que ia ficar tudo bem. A gente... hã... foi a julgamento. Yesil... filho da puta... levantou... disse que a menina era inocente... disse que foi tudo ideia minha.

A cabeça de Max começou a balançar para os lados.

– A menina se safou – ele disse.

– E você? – perguntei.

Silêncio.

– E você? – repeti.

– O quê?

– Qual foi sua pena?

Max lentamente baixou a cabeça até pousá-la entre os joelhos. Sua voz estava abafada, quase inaudível, quando ele falou.

– Trinta anos.

Meus pés recuperaram-se lentamente. Todos os dias eu mancava pelo pátio, o tanto que conseguia. A área tinha quatorze passos por trinta e dois. Como seria bom poder caminhar em linha reta e não ter que parar num muro cinza e feio. Agora sabia por que os animais enjaulados se arrastam.

Emin, o detento de confiança, logo encontrou a grande chave de metal da minha cela. Às nove da noite, toda noite, eu era trancado no quarto minúsculo onde meus passos eram limitados a cinco para a frente, cinco para trás. Eu dormia intermitentemente na cela gelada.

Pelas manhãs eu acordava com a alvorada, horas antes de Walter, o assistente de Emin, vir destrancar as celas. Ficava encolhido embaixo do cobertor. Passar de um sonho agradável à realidade nunca deixou de me chocar. Eu mantinha os olhos fechados só para não ter que ver as barras na minha frente.

Mal conseguia respirar naquele quarto trancado e minúsculo.

Então, uma manhã, um cartão de visitas me apareceu numa portinhola na porta de metal do corredor. Provavelmente era o cônsul, ou Yesil. Foi agradável caminhar toda a extensão do corredor sem ter que dobrar depois do trigésimo-segundo passo. Os guardas em cada ponto de inspeção pareciam amigáveis. Tentavam conversar comigo. Eu sorria e cumprimentava com meneios. Balbuciava “América” e “Nova York” a cada coisa que diziam.

O guarda me conduziu a uma sala de visitas onde o cônsul me aguardava de pé. Atrás dele havia um nova-iorquino com ascendência irlandesa de cabelos brancos e olhos azuis. Seu rosto tomou meus olhos. Nos dirigimos um ao outro. Nossas mãos se encaixaram. Sua mão esquerda pegou meu braço como se não fosse nunca mais soltar. Olhamos um nos olhos úmidos do outro. Ele parecia tão cansado. A dor estava estampada em seu rosto. Nunca antes eu percebera o quanto amava meu próprio pai.

– Pai... me desculpe... eu...

– Não se preocupe – ele me interrompeu com a voz trêmula. Forçou um sorriso. – Depois eu lhe dou um murro. No momento temos que dar um jeito de tirá-lo daqui. Você está bem?

– Sim, na medida do possível.

– Ok. Então deixe eu lhe contar o que vem acontecendo do nosso lado.

Sentamos à mesa com o cônsul e meu pai disparou todas as informações.

– Ando em contato com gente do Departamento de Estado. Eles me passaram os nomes de dois advogados turcos. São os melhores que há para essa situação. Vou encontrá-los hoje à tarde.

– Já conversei com um advogado. Ele se chama Yesil.

– Vamos nos livrar dele. Quero que você tenha o melhor. É importante.
– Tenha cuidado, pai. Já ouvi muita história feia sobre advogado turco.
– Ok. por isso que eu confio nesses caras. Foram recomendados por gente nossa. – Pausa.
– Parecem caros.
– Bom, com isso você não se preocupe agora. Você me paga quando acabar. No momento o dinheiro não importa. – Nós dois soltamos pigarros e tentamos controlar as lágrimas.
– Então... hã... como você está? – perguntei. – Onde você se hospedou?
– No Hilton.
– E a mãe?
– Bom, é óbvio que está preocupada. Ela gostaria de ter vindo também, mas achou que não ia aguentar.
– Arrã. – Olhei pelas janelas, na direção dos campos verdejantes. – Diga para ela não se preocupar. Eu estou bem. Diga que estarei em casa no Natal.

– ...Arrã.

Conversamos mais um pouco, acho que uma hora. Meu pai disse que viria de novo amanhã, depois de reunir-se com os advogados. Perguntou do que eu precisava, o que podia me trazer. Eu me senti muito mal de pedir que comprasse coisas para mim. Ele é orgulhoso. Eu sabia o que significava ele estar ali. Sei como lhe doía ver o filho preso, preso por tentar contrabandear haxixe de avião. Mas ele deixou tudo aquilo de lado. Eu precisava dele. Ele estava lá.

Eu me vi tomado de um respeito renovado pela sua existência ordeira. Meu pai sabia como controlar uma situação. Sabia como resolver as coisas. Era o tipo de homem que eu precisava a meu serviço.

Antes de ele ir embora, fizemos uma lista... pijamas, escova de dente, blocos de anotações, barras de chocolate. Ele disse que deixaria cem dólares no banco da prisão para eu comprar mais comida quando o carrinho passasse, quem sabe comprar para meus amigos também.

Ele levantou para se despedir.

Apertamos as mãos.

Eu engoli em seco e dei duro para manter o sorriso.

– Tome uma cerveja por mim no Hilton – falei.

– Quem sabe duas – ele respondeu. – Te vejo amanhã, Will.

– Tá bom, pai. Obrigado. – Doeui não poder sair com ele pela porta, em direção à luz do sol.

Meu pai voltou no dia seguinte com notícias dos advogados. Ele havia contratado o Dr. Beyaz e o Dr. Siya, dois dos maiores nomes do direito penal em Istambul. Eles achavam que conseguiriam me deixar com uma pena de vinte meses, talvez até mesmo liberado com fiança.

– Se eu conseguir fiança, eu saio do país – expliquei ao pai. – Ouvi dizer que é fácil atravessar a fronteira pra Grécia.

Ele conseguiu mais detalhes com o consulado. Os turcos, ao que parece, estavam preocupados com uma onda recente de sequestros de avião por terroristas. Haviam decidido fazer revistas aleatórias no aeroporto. Fui um dos primeiros casos de sucesso. Eu era um

estandarte.

O pai me trouxe um pacote de comida e doces, papel para anotações, uma escova de dentes e um par de pijamas verde-escuros com listras verticais grossas e negras. – Parece uniforme de Sing-Sing – falei.

Ele sorriu e concordou com a cabeça.

– Achei que você fosse gostar.

Ele me visitou todos os dias durante quase uma semana. Dividimos algumas memórias. Eu estava ávido para receber notícias de casa. Nova York parecia tão distante.

– A mãe tem ido ao bingo?

O pai riu.

– Claro. Você conhece ela. Nada a impede de ir ao bingo. – Ele ficou sério. – Faz bem para ela, no momento. É o jeito de não pensar nisto.

– Os vizinhos sabem, pai?

– Não. Acho que não. Não falamos com ninguém, fora na família. contei a muita gente que você está num hospital na Europa.

Mudei de assunto.

– Então, o que está achando da exótica Istambul?

– Bom – ele disse –, é uma cidade interessante, mas – sua voz diminuiu de tom – ...para dizer a verdade, achei a comida uma porcaria. Meu Deus, as coisas que vendem nesses restauantezinhos. Saí para jantar na primeira noite. Ainda tenho medo de ficar longe de uma privada.

– Privada? Quer dizer que lá tem privada? Aqui só temos um buraco no chão.

– Sim. Descobri do pior jeito possível. E papel higiênico nunca, não é?

– É.

– Mas estou no Hilton. Agora só como lá.

– Arrã. E nós chamamos *aqui* de Hilton de Sagmalcilar. – Eu ri.

Falamos muito sobre haxixe. De início meu pai ficou pouco à vontade. Ele pareceu realmente surpreso quando expliquei que era um derivado da maconha.

– Acho que também não aprovo maconha – ele disse –, mas pelo menos a maioria das pessoas não acha tão perigosa. Se você achou que tinha que fazer esse negócio, por que não fez com maconha?

– Haxixe é mais concentrado – expliquei. – Mais fácil de esconder.

– Ah. – Ele ficou em silêncio. – Foi burrice, Billy. Burrice.

– Eu sei.

– Olha. Não faça mais burrice. Fique aqui, quieto. Deixe eu resolver com os advogados. Vamos tirar você daqui. Ok?

– Ok.

Discutimos todas as estratégias jurídicas possíveis. contei o conselho de Johann de ir para o Hospital Psiquiátrico Bakirkoy, de onde fugir seria fácil. Meu pai ficou preocupado com fugas. Mas os advogados haviam lhe dito que talvez ajudasse ter um “atestado de louco” oficial do Bakirkoy. Com um “atestado de louco”, eu não podia ser culpado de crime algum.

Eu não me achava mais louco (nem mais são) do que o ser humano médio, mas tinha um ponto a meu favor: as Forças Armadas dos EUA tinham confirmado que eu era psicologicamente inapto. Era uma recomendação de peso. Meu pai disse queria deixar o máximo de “trilhos possíveis” abertos. Ele concordou em mandar o relatório do Exército para Beyaz e Siya.

Logo, logo demais, chegou a hora de meu pai voltar para casa. Ele disse que voltaria em dois ou três meses, ou quando pudesse ajudar. Disse para eu ficar calmo. Eu iria a julgamento dali a três semanas. Aí veríamos o que ia ser. Ele forçou um sorriso e se despediu.

Beyaz e Siya vieram várias vezes nas semanas seguintes para prepararmos a estratégia. Beyaz era um homenzinho atarracado de um metro e meio, cabelo branco ralo nas laterais da cabeça quase calva e tinha sobrelanceiras grossas e cheias. Siya era alto e tinha formato de pera. Deixava Beyaz falar mais. Nenhum deles falava inglês bem, então precisávamos de um tradutor. A função foi avidamente cumprida pelo sorridente Yesil, que se recusou a consentir que meu pai o tirasse do caso. Yesil tinha duzentos e cinquenta dólares do meu dinheiro. Estava disposto a ficar por lá para tentar conseguir mais. E precisávamos de um tradutor, afinal. Os advogados queriam que eu enfatizasse que só queria o haxixe para uso pessoal. Na verdade, eu planejava vender a maior parte, mas Beyaz e Siya me disseram para mentir. O juiz provavelmente não cairia no papo. Tínhamos que manter o registro do tribunal o mais limpo possível. Seria muito importante para quando o tribunal de Ankara, a capital, analisasse o caso.

Fiquei sentado na cela de Charles na noite da véspera do julgamento. Arne, Charles e eu discutimos meu depoimento.

– Em primeiro lugar, seja conciso – disse Charles. – Tudo que você disser tem que ser traduzido para o turco. Você tem que deixar cada palavra bem clara. O sistema deles é bizarro. Você é culpado até que se prove inocente.

– Está brincando.

– Mas não estou mesmo! Talvez não seja assim no papel, mas é assim que é. Esses caras te botam em cana até por acidente de trânsito.

– Ah. Qual é. Por acidente de trânsito?

– Pegaram um cara da Bulgária por acidente. Passou seis meses aqui.

– O que aconteceu no acidente? Alguém morreu?

– Sim. O motorista do outro carro.

– Bom, então é isso. Foi um acidente sério. De repente ele merecia.

Charles parecia cansado.

– Isso. De repente merecia. Mas ele estava almoçando no Pudding Shoppe quando um turco bêbado colidiu com o carro dele estacionado na rua.

– O quê? Ele nem estava no carro?

Charles fez que sim.

– E pegou seis meses? – Ele confirmou de novo. – Hã... bom... quem sabe eu ensaio melhor meu depoimento.

Ele fez que sim pela terceira vez.

– É simples – ele me lembrou. – Tem que ficar sorrindo pros simplórios. Frases curtas. Ideias compactas. Se você complicar, eles não querem mais saber de você.

– Tenho que deixar uma boa impressão – falei. – *Tenho* que deixar.

– Isso aí – Charles concordou.

– Quem sabe eles me soltam com fiança.

Arne tirou os olhos do livro.

– Pode ser – ele concordou, baixinho.

Popeye enfiou a cabeça na cela.

– Para de pensar em fiança. Você tem que torcer pra pegar só quatro ou cinco anos.

– Você é só pensamento positivo, hein? – Eu estava incomodado.

Ele me olhou sério por um instante, depois riu.

– William, William. Você não entende. E eu sei que não gosta de mim. Não interessa. Mas também digo que seremos amigos daqui um ano. Pelo seu bem, espero que não esteja aqui, mas acho que você vai comer muito feijão branco antes de sentir gosto de hambúrguer.

Silêncio desconfortável. Arne finalmente falou.

– Sim, bom, não tem sentido em se preocupar hoje com o que pode acontecer amanhã.

Olhei para Arne. Ele estava lá parado, quieto, com as mãos compridas e magras uma em cima da outra sobre o colo. Eu não entendia como ele podia aceitar sua sina com tanta tranquilidade. Ele falou de novo.

– Mas hoje à noite você tem que se preparar para o tribunal.

Popeye lembrou-se.

– Isso. Por isso que eu vim aqui. Você tem calça boa? – Dei de ombros. – Usa essa aqui amanhã. – Ele me alcançou calças verde-escuras.

Eu teria que puxá-las bem para cima, mas seriam um avanço em relação aos meus jeans.

– Obrigado.

Popeye assobiou. – São minhas calças da sorte. Usei no meu julgamento.

– Mas você pegou quinze anos.

– Só quinze.

– Isso é sorte?

– Ô, garoto! – Popeye gargalhou. – Sorte, sorte, sortona. – Ele saiu correndo pelo corredor.

– Não deixe ele incomodá-lo – Arne disse. – Ele é meio maluco. Sempre espera o pior. Mas quer o seu bem. Só não quer que você se frustre amanhã.

Os outros me ajudaram com os trajes. Charles me emprestou camisa e gravata. Arne me deu um paletó. Johann apareceu com um par de sapatos pretos e lustrados. Era uma mistura internacional.

Na manhã seguinte, soldados levaram três camburões de presos ao tribunal. Descarregaram-nos nos fundos da sala onde eu havia feito meus malabares. A atmosfera estava densa com o cheiro de tabaco barato. Fui ao banheiro. A porta rangeu com as dobradiças enferrujadas. O assoalho estava molhado, pegajoso. Em um canto, um tapete velho estava aberto sobre a pedra gelada. Turcos bem vestidos estavam de cócoras, formando um círculo. Jogavam dados. O dinheiro fluía livremente pelo tapete em meio a gritos de empolgação e de raiva. A sala fedia por conta das latrinas. A atmosfera estava impregnada de haxixe.

– Joe! – alguém berrou. Reconheci o turco sorridente que fizera amizade comigo na

delegacia na noite em que fui preso. Mais uma vez ele me ofereceu haxixe. Eu me recusei da forma mais educada possível. Queria estar de cabeça arejada no tribunal. Ele deu de ombros, tomou um gole generoso de uma garrafa de vodca e seguiu no seu jogo.

A influência do homem me deixou surpreso. Não entendia como ele conseguia fazer aquilo sem ser pego.

Na sala de espera, alguém chamou meu nome. Dois soldados me algemaram e tomaram a frente num labirinto de passagens subterrâneas, subindo vários lances de escadas estreitas no escuro. Quando chegamos a um nível mais alto, retiraram as algemas e me deixaram sozinho numa sala pequena, não muito maior que um roupeiro. Não havia janelas. Não havia nada além de um tubo de calefação. As paredes tinham mais grafites e inscrições que o metrô de Nova York. Achei um pequeno espaço vazio, puxei uma caneta e escrevi: *William Hayes, Nova York, 10/11/70.*

Então fui chamado ao tribunal e posicionado no banco dos réus. Meus olhos se fixaram imediatamente numa menina bonita nos assentos da audiência. Fazia muito tempo que eu não via uma mulher. A moça tinha um bloquinho de anotações amarelo no colo. Adorei as coxas.

Beyaz e Siya sentaram-se à mesa na minha frente. Yesil balbuciou alguma coisa. Olhei para o lugar onde Charles me disse que ficaria o procurador. Fiquei preocupado com ele. Não queria um F. Lee Bailey turco me debulhando no interrogatório. Ele me fitou e fez cara feia por trás dos óculos verde-escuros.

O juiz entrou na sala. Solenemente tomou seu assento atrás da mesa no alto do pódio, no meio do júri de três homens. Sua longa túnica negra tinha uma gola escarlate cintilante. Seu rosto era gentil, embora flácido, sob cabelos curtos e grisalhos.

Um jovem atrás de uma máquina de escrever anciã estava sentado a uma mesinha em frente ao pódio. Durante mais ou menos vinte minutos, pessoas levantaram-se, conversaram em turco e sentaram-se de novo. A máquina de escrever fazia seu estardalhaço em meio ao som de suas palavras. Tanto Beyaz quanto Siya falaram rápido. O cônsul norte-americano disse alguma coisa. Os três juízes deliberaram. Por fim, Yesil fez sinal para eu me levantar.

– O juiz deseja que você conte sua história – ele disse.

– Sou aluno da Universidade Marquette – comecei, tendo Yesil de tradutor. – A universidade fica em Milwaukee, uma cidade nos Estados Unidos da América. Estudo Letras. Estou perto de me formar. Preciso apenas acabar minha tese. Quero ser escritor. Venho fumando haxixe há muitos anos. Acredito que ele estimula minha mente e aumenta meu potencial criativo. Quando fumo, escrevo melhor. Estava viajando na Europa em férias. Queria levar haxixe comigo porque ele é muito caro nos Estados Unidos e não tenho muito dinheiro. E queria haxixe suficiente para durar até o fim da minha tese. Ouvi dizer que é muito barato em Istambul, então vim aqui de trem. Eu queria comprar uma quantidade pequena – meio quilo, talvez. Falei com garotos turcos de cabelo comprido. Disse que queria pequena quantidade. Eles me levaram numa sala e me mostraram muito haxixe. Eu nunca havia visto tanto. Disseram que me dariam dois quilos por duzentos dólares. Nos Estados Unidos, isso seria muito, muito barato. Eu pensei que, bom, eu levo esses dois quilos e eles vão durar bastante.

O juiz ficou alguns instantes em silêncio. Histórias com haxixe circulavam pelo seu

tribunal havia décadas. Seguimos nossa conversa através de Yesil.

– Você levaria essa droga para uso pessoal? – ele perguntou.

– Sim.

– Você não a venderia nem em parte?

– Não, não – menti.

– Você daria alguma parte a seus amigos?

Os advogados haviam me preparado para esta. – Eu penso que o haxixe é muito potente e pode ser perigoso para outros. Sou da opinião que ele me faz bem porque estimula meus poderes criativos e me ajuda a escrever. Mas, para outros, talvez não seja tão bom. Por isso não sei. Acho que cada pessoa tem que decidir por si se quer ou não fumar. Por isso não queria dar para meus amigos. Talvez para eles não fosse tão bom.

– Dois quilos é muito haxixe para se fumar sozinho.

– Bom, eu não queria dois quilos. Eu só queria meio quilo. Mas aí eles me ofereceram tudo e fui insensato. Decidi levar. Para ter bastante quando chegasse aos Estados Unidos.

– Mas não para vender?

– Não. Para eu mesmo fumar.

– Você fuma muito?

– Sim. Venho fumando há anos.

O juiz fez uma pausa. Deliberou com os juízes dos dois lados. Então falou com Beyaz. De repente disparou outra pergunta a Yesil, e a tradução me pegou desprevenido.

– Qual é o tema da sua tese? – o juiz quis saber.

Ninguém havia me preparado para aquela pergunta. Eu não estava escrevendo tese alguma. Uma resposta brotou na minha mente. – O efeito das drogas na literatura e na música nos EUA contemporâneos – soltei.

Yesil ficou me olhando, incrédulo, depois traduziu lentamente. Houve um momento de calma no tribunal. O juiz sufocou um sorriso, depois lentamente fez negativas olhando para seus colegas. Definiu a data do julgamento para dezembro.

Não havia nada a fazer a não ser esperar e, enquanto esperava, aos poucos me acomodei com a rotina monótona e cinzenta da prisão. Charles, Popeye, Arne e Johann haviam passado pelo mesmo processo. O choque de ser preso, a esperança tola no milagre da soltura rápida, depois afundar na realidade da prisão. A seu modo, cada homem me ajudou a me ajustar à vida no *kogus*.

Charles trabalhava pesado, quase em fúria. Mantinha um cronograma rígido. Ao longo da noite, trancado na cela, ele labutava com seus contos e poemas. Tentava me convencer da necessidade de manter meu cronograma na prisão, ter um plano para cada dia. Assim o tempo passado lá teria um sentido positivo ao invés de apenas negativo.

– Aqui você pode se perder sem se dar conta – Charles me avisou. – Você pode se perder tanto que não vai saber onde está ou nem saber onde está coisa alguma. E só volta à realidade depois de dias, semanas ou meses.

– Tem gente – ele disse, tranquilo – que se perde tanto aqui que nunca acha a saída. – Fiquei pensando em Max. Mas será que, sem se dar conta, Charles também estava se

descrevendo?

– A coisa aqui dentro pode ficar assustadora – disse Charles. Concordei.

Popeye era o eterno pessimista. Ele repetidamente me alertava para esperar uma longa estadia em Sagsmalcilar. Eu tinha segurança de que ele estava errado, mas sua postura contrabalançava meu otimismo. Ele tentava mascarar sua perspectiva sombria da vida por trás de uma fachada superalegre. Sua risada e seu assobio de Harpo Marx estavam sempre perturbando a paz que se tinha no *kogus*. Conforme ele previra, descobri que gostava dele. Sua tagarelice incessante fazia o tempo passar mais rápido.

Arne me deu a lição que talvez fosse a mais importante de todas. Arne era um prisioneiro muito incomum. Havia espiões e informantes por toda parte, ávidos em obter vantagem sobre você sabendo coisas que pudessem lhe dar vantagens. Era por este motivo que, lá dentro, um era desconfiado do outro. Não se dava confiança com facilidade. O resultado era que, quando seu corpo era trancafiado, você também aprisionava seus sentimentos. Arne entendia a necessidade de proteger o que sentia. Mas entendia igualmente a necessidade de expressá-los. Em longas conversas à noite na sua cela, ele me alertava para não travar minhas emoções. Se fizesse isso, avisava ele, eu teria muitos problemas para me relacionar com outros. Tanto na prisão quanto fora dela.

Johann foi quem não fez nenhum ajuste à vida na prisão. Desde os primeiros instantes ele pensara apenas em fugir. Johann, todavia, era uma pessoa que vivia o agora. Planejar a longo prazo lhe era difícil. Parecia nunca dar vazão a seus planos de fugir, de se picar dali. Agora sua sentença já era tão curta que fuga não lhe era mais prático.

– Mas você tem que dar um jeito, Willie – ele insistia. – Não confie nos tribunais. Não confie nos advogados turcos. Não confie nem nos seus amigos. Conte só consigo. – Selecionando partes desse conselho, criei minha própria rotina. As manhãs viraram um ritual. Aprendi a acordar por conta própria às cinco e meia. Fazia mais ou menos dois anos que eu experimentava as posturas e posições da ioga. Agora eu levava a sério. Deitava de bruços, as costas levemente arqueadas, os pés erguidos do chão. Mantinha a posição vários minutos. Então relaxava, inspirando profundamente. A seguir, sentava no chão. Aos poucos eu puxava uma perna para minha cabeça. Com prática, consegui levar a perna atrás do meu pescoço. A disciplina das posturas fez meu corpo despertar. Também despertou minha mente.

Assim que as celas eram destrancadas e a porta do pátio era aberta, eu corria para o ar fresco. Geralmente chegava a tempo de ver o Sol subir sobre o horizonte artificial do muro de pedra. Ficava sentado, encostado na parede, e meditava ou desenhava. Estudava os padrões das sombras no pátio. Assistia aos pombos rodopiando no céu. Quando o vento vinha na direção certa, eu sentia o cheiro do mar. Se conseguia concentrar minha audição, tinha a impressão de também ouvi-lo. Depois do café da manhã eu escrevia cartas ou jogava xadrez ou lia um livro. À tarde eu entrava num dos jogos de futebol ou voleibol no pátio superlotado. Ao fim da tarde, conversava com os amigos ou ficava sentado, pensando e sonhando. À noite, depois que nossas celas eram trancadas eu começava a esculpir pecinhas de xadrez no sabão, usando minha lixa de unha como faca.

Mas embora eu estivesse me acomodando, não me esquecia das palavras de Johann. Ficava

de olhos e ouvidos abertos. Era noite. Arne e eu estávamos sentados com Charles na cela deste, no andar superior do *kogus*. Arne dedilhava o violão. Charles batia seus bongôs. Relaxávamos com nossas ideias. As luzes tremeluziram, depois diminuíram, e então se apagaram. Arne acendeu uma vela e deixou sobre a mesa de madeira bamba.

– Acontece muito – ele explicou. – *Turk-mali*.

– Quer dizer o quê? – perguntei.

– “*Made in Turquia*”. Nossa piadinha interna. Parece que aqui nada funciona. Não se pode botar muita confiança na energia elétrica na Turquia. Você vai ter que comprar velas da próxima vez que passarem.

– Eles vendem velas?

– Sim. Naquele carrinho que vem com outros produtos. Acho que os turcos até desligam as luzes de propósito, só para o povo ter que comprar vela.

– Por quanto tempo as luzes ficam apagadas? – perguntei, curioso. Um blecaute poderia ser uma boa oportunidade de fuga.

Charles deve ter notado o motivo da minha pergunta. Respondeu sem perder o ritmo no bongô. – Não por tempo suficiente.

– Suficiente para quê? – perguntei, inocentemente.

– Para qualquer coisa – ele respondeu. – Às vezes ficam vinte minutos, às vezes vinte segundos. Nunca se sabe. – Ele bateu um ritmo no tambor. – E ouvimos dizer que as patrulhas de soldado em volta do muro duplicam imediatamente quando as luzes apagam.

– Enfim, o escuro é bom para dar uma variada.

– Então fique quieto e aproveite.

– Certo.

Por algum motivo o escuro fazia os presos baixarem o volume dos radinhos de pilha. Arne dedilhava o violão com mais suavidade. Um raro momento de tranquilidade tomava o *kogus*. Sentei e fiquei assistindo aos desenhos da chama da vela bruxuleando contra a parede. Estava quente. Minha barriga estava cheia. Era agradável ficar no escuro com os amigos. Eu me esquecia dos bares e do tribunal e do grande ponto de interrogação que pairava sobre minha cabeça. Dividir aquele momento tranquilo já bastava.

Dez minutos depois, cedo demais, as luzes se acenderam. Com elas, a meia-voz constante de barulho no *kogus* retornou. Os rádios ficaram altos. Os prisioneiros discutiam. As crianças berravam do outro lado do pátio. Tentávamos saborear aquele clima um pouco mais. Mas, sem as trevas, a magia se foi. Estávamos de volta à prisão.

De repente houve uma movimentação no *kogus* das crianças. Foi o que nos atraiu ao corredor. Das janelas no andar superior vimos a sala debaixo do *kogus* dos meninos. Era idêntico ao nosso, porém não tinha celas individuais. Eram apenas duas salas retangulares, uma sobre a outra, como quartel.

Ficamos assistindo às crianças correrem escada abaixo, impelidas por várias guardas aos berros. Elas fizeram fila. Parecia que nenhuma queria ficar perto da porta.

Então vi Mamur, o Fuinha, observando tudo com um silêncio gélido. Arief, o Quebra-Osso, e Hamid, o Urso, estavam ao seu lado. Os gritos e o tumulto do andar de cima

terminavam no fim da escada. Cada um dos garotos se calava assim que via Mamur.

Havia lá um garoto excepcionalmente novo, que estava encolhido ao lado de Mamur, segurando sua mão. – Quem é aquele garotinho do lado de Mamur? – perguntei.

– É o filho dele – Arne disse. – Ele vem muito na prisão.

O menino tinha uns cinco anos. Parecia assustado com a agitação que a presença de seu pai provocava. Mamur permaneceu imóvel até as crianças serem todas despachadas de seus esconderijos no andar de cima e alinhadas à sua frente. Os garotos ficaram em silêncio. Os guardas ficaram em silêncio. Mamur entregou o filho a Hamid. A imensa pata de Hamid engoliu a mãozinha do garoto. Mamur lentamente caminhou em frente à fila dispersa de meninos. Por um instante olhou para cima e para baixo. Então cuspiu uma palavra que rasgou o silêncio.

– *PIS!* – ele gritou. Significa “sujo”, “obsceno”. A fila inteira de garotos estremeceu.

Mamur abanou os braços. Veio marchando subindo e descendo a fila, gritando nas caras deles. Parecia questionar os garotos individualmente, distribuindo tapas, sacudindo-os, gritando com eles. Um garoto aos prantos apontou para outros. Mamur separou mais ou menos cinco. Tirou-os da fila pelos cabelos e jogou para os guardas. Ladrou uma ordem. O resto das crianças correu para a outra ponta do *kogus*.

Os guardas jogaram as vítimas no chão. Outros guardas pegaram um banco de madeira comprido, com pernas de metal. As crianças gritavam, debatiam-se. Os guardas as derrubaram aos tapas. Prensaram os garotos contra o chão com a travessa do banco sobre as pernas deles. As crianças ficavam com as costas no chão, recurvadas, os pés se contorcendo no ar. Um guarda sentava em cada ponta do banco.

A maioria do *turist kogus* estava nas janelas, assistindo a tudo. A notícia corre rápido no rádio-corredor da prisão. Ziat, o preso que cuidava da loja de chá, transmitiu a informação.

– Estupraram um dos garotos recém-chegados quando caiu a luz.

Mamur retirou o casaco e entregou para um guarda. Tirou as abotoaduras e dobrou as mangas. Soltou a gravata. Os meninos no chão voltaram a ficar em silêncio, fora alguns ganidos. Mamur pegou um *falaka* e bateu num par de pés que se debatiam.

Os meus pés doeram com a lembrança.

Ele continuou açoitando as crianças, que gritavam e tentavam se soltar. Os guardas no banco abriram as pernas para mantê-lo fixo. Outros guardas se apoiavam nas pontas. As crianças se contorciam, se debatiam, uivando de dor diante da ira de Mamur. Ele as acertava nos pés, nas nádegas, nas pernas. Ocasionalmente fazia uma pausa para berrar alguma coisa às outras crianças amontoadas contra a parede, no canto da sala.

Ele ia e voltava pela fileira em delírio absoluto. Um dos meninos conseguiu se sentar. Mamur instantaneamente o alcançou. O menino caiu no chão e aninhou-se de medo. Mamur espancou as mãos do garoto, viradas para cima. Bateu nas suas pernas.

O Fuinha chegou ao fim. Jogou o *falaka* no chão e fez sinal para os guardas. Eles se levantaram do banco. Os meninos no chão estavam aos soluços. Mamur ficou um tempo parado, recuperando o fôlego. Encarou os garotos. Virou-se, recebeu o casaco de volta do guarda, vestiu um braço e foi caminhando até seu filho. O menino ainda estava semiescondido

atrás de Hamid. O vice-diretor da prisão de Sagmalcilar pegou o filho pela mão. Saiu do *kogus* em silêncio.

Existe uma expressão turca, *sula bula* (pronuncia-se “xãrla bãrla”), que quer dizer “nem ruim nem bom”.

Tudo na *ceza evi* (“casa de punição”) de Sigmalcilar e seus três mil detentos era *sula bula*. Não era muito bom, não era de todo ruim. Havia todo tipo de regra e não havia regra alguma. Havia guardas que não podiam sair de certas áreas e presos que vagavam livres pela prisão. Apostar era proibido, mas todos os turcos jogavam dados e a maioria dos estrangeiros jogava pôquer.

Havia leis rigorosas contra drogas, e os presos podiam comprar haxixe, ópio, LSD, morfina e comprimidos de todo formato, cor e descrição. Homossexualidade era crime moral e legalmente, mas corria solta na prisão. Os próprios guardas que supostamente deveriam controlar essa situação pareciam obter prazer sexual em amarrar e espancar homens despidos. Dinheiro não era permitido lá dentro. O preso podia usar dinheiro da sua conta ou podia portar vales da penitenciária. Apesar da regra, a maioria dos presos de longa data tinha dinheiro escondido entre os pertences, ou o carregava na cueca. Dependendo do humor volúvel das autoridades da prisão e das situações de fortuna variável, podia ser um lugar tranquilo para se cumprir pena ou o inferno.

Assim como havia uma hierarquia de administração, encabeçada por Mamur, Arief e Hamid, havia também uma hierarquia de presos. No alto estavam os gângsters grandões, a versão turca da Cosa Nostra Americana. Os pesos-pesados eram chamados de *kapidiye*. Eram temidos e respeitados tanto fora quanto dentro da prisão. Ricos e cruéis. Para a maioria dos *kapidiye*, ser condenado à prisão não parecia nada mais que um contratempo. Independentemente da acusação, molhava-se uma mão aqui e ali, marcava-se novo julgamento, com novo juiz, novos depoimentos, novos documentos, novos registros na polícia ou relatórios médicos e eles eram soltos. Passariam um ano, talvez dezoito meses, lá dentro. Nada mais que isso.

Enquanto estavam lá, viviam como reis. Não queriam fugir, porque aí teriam que deixar o país, e todo seu poder estava na Turquia. Eles passavam o dia comandando os trambiques da prisão – apostas, drogas, contrabando. Os lucros eram altos, mas os riscos também. A violência era um método de competição aceito entre vários grupos de poder.

Um nível abaixo dos *kapidiye* havia um bom número de gângsters peixe pequeno. Eram os criminosos em formação, assassinos jovens e precipitados que iam construir reputação. Homicidas eram muito bem vistos. O homicídio é considerado um crime *erkek* (“de macho”) na Turquia.

Ladrões de rua e trombadinhas comuns ficavam lá embaixo na estrutura social. Mas embaixo mesmo, pelo menos para os turcos, ficavam os estrangeiros hippies não muçulmanos e fumantes de haxixe.

Eu não conseguia me acostumar com tudo. Mas tentava. A ioga da manhã e da noite aparentemente ajudavam. Também criei minha própria forma de meditar. Depois da ioga matinal eu sentava na minha cama, no escuro, e ouvia os sons da prisão despertando ao meu redor.

A calma antes do irromper do dia era a melhor hora. Eu conseguia ouvir as asas dos pombos batendo conforme eles se alçavam dos beirais sobre nosso *kogus*. Às vezes o uivo pesaroso e baixo de um navio no porto saía junto à alvorada. Eu sonhava com o mar. Sonhava em pegar um vapor que trilhasse o Mármara até chegarmos às ilhas gregas. No meu pensamento eu conseguia sair facilmente da prisão. Mas eu não conseguia manter o bom humor quando os outros prisioneiros acordavam. Tinha que ter cuidado com meu temperamento. O mau humor podia passar de indivíduos para grupos inteiros sem que se percebesse até ser tarde demais. O *kogus* era uma caixa de fósforos de emoções. As brigas podiam romper a qualquer momento.

Uma vez que comer era uma das poucas experiências sensuais da prisão, ela era levada muito a sério, e nossa pequena cozinha era ponto focal de boa parte da encrenca. Havia um fogareiro fornecido pelas autoridades da prisão. Era ali que se preparava chá e café. Preparava-se comida quando havia comida. O pequeno fogareiro de metal, com as três bocas, estava sob os cuidados do *chi-gee*, *chi* sendo “chá” em turco e *gee* sendo o “cara” que lidava com o *chi*. O *chi-gee* trazia pacotes de chá, café e açúcar das autoridades da prisão a preços inflacionados, que então nos repassava. A prisão era literalmente um mercado cativo. Todos bebiam quantias infinitas de chá e café. Água nem sempre estava à disposição e, afinal, nem era muito boa.

O *chi-gee* vendia seu preparado em copinhos por cinquenta *kurus* cada (mais ou menos três cents de dólar). Trabalhava de doze a quatorze horas por dia durante seu mês. Mas tinha um lucro bom, principalmente se preparasse chá aguado e o colorisse com carbonato.

Um preso chamado Ziat estava cuidando da lojinha de *chi* quando eu cheguei. Embora Johann houvesse me dito que a vaga era rotativa, Ziat ainda estava preparando o chá em dezembro. Ziat era um jordaniano de aparência trigueira. Tinha mais ou menos minha altura, um e setenta e cinco, mas era mais parrudo. Os dentes eram amarelados. Desconfiei do seu sorriso à primeira vista. Johann me disse que Ziat não tinha paixão maior no mundo que o dinheiro, e havia discussões constantes a respeito da qualidade de seu *chi*.

Quando o guarda vinha destrancar a porta do pátio e chamar o preso iraniano que trazia o pão da cozinha toda manhã, o chá estava pronto. Outros presos já estavam acordados. Eles chegavam no fogão com pedacinhos de pimentão ou cebolas, quem sabe um ovo para fritar. Formava-se uma fila. Era inevitável que os homens se empurrassem. Ziat relutava em abrir mão de uma das bocas do fogão. Ele preparava chá em duas e só deixava uma para cozinhar. Você podia ter só um ovo para fritar, mas alguém na sua frente ia refogar cebola bem devagar ou ferver um ovo numa panelona de cozinhar batata. Aí Ziat deixava um de seus amigos usar uma das outras bocas. Acabava em discussão. Os presos começavam a tagarelar e reclamar em

várias línguas. Se as circunstâncias fossem propícias, a loja de *chi* virava um pequeno campo de batalha. Copos voavam. Às vezes brandia-se uma faca. Os guardas vinham correndo. Acontecia toda hora.

Aprendi muito sobre Ziat com Johann. Ziat fora informante da polícia lá fora. Falava turco, inglês e alemão quase tão bem quanto seu árabe nativo. Ele conhecia *turists* no Pudding Shoppe ou em torno da praça Sultan Ahmet e perguntava se queriam drogas. Fazia todos os acertos. Aí chamava a polícia. Depois que o *turist* recebia o haxixe ou o que fosse comprar, Ziat ia embora e a polícia chegava. O *turist* ia para cadeia. A polícia fazia mais uma prisão. Ziat recebia sua parte, fosse em dinheiro ou mercadoria.

Mas, segundo Johann, Ziat ficou ganancioso. Ele guardou dezessete quilos de ópio num negócio que envolvia um *kapidiye* turco. Pegou cinco anos de prisão. Muitos presos estavam em Sagmalcilar devido à perfídia de Ziat. Ele era um homem muito cuidadoso. Já fora esfaqueado uma vez, quinze meses antes.

Sua ganância se revelou de imediato na prisão. Como informante, ele tinha muitos contatos influentes. Na época em que chegou, era o maior fornecedor de drogas para o *turist kogus*. Era muito amigo de Arief e de Mamur. Eles lhe avisavam sempre que ia acontecer um “controle” – os guardas ou soldados passarem para uma revista inesperada. Ele sempre dava um jeito de proteger suas drogas. E ninguém conseguia encontrar o dinheiro que ele devia ter acumulado.

A quantidade de grana que fluía pela prisão me surpreendeu. De início eu tirava vales da minha conta e usava para comprar coisas do carrinho de comida. Então descobri o mundo infinito das apostas. Até os jogos de futebol ou voleibol no pátio eram a dinheiro. Assim como os outros, logo comecei a andar com grana enfiada na cueca. Era o lugar que os guardas da prisão raramente revistavam – talvez houvesse alguma regra contra.

Eu me vi cada vez mais tentado a fumar haxixe. Era fácil de conseguir com Ziat. A realidade era estagnada. A droga produzia um enevoar que ajudava a fazer o tempo passar mais rápido. O cano de água perto do buraco de latrina na minha cela era *Turk-mali*. Estava quebrado, enferrujado, corroído. Mas por dentro tinha o tamanho certo para eu guardar um quadrado de haxixe. Os guardas muçulmanos consideravam a área do banheiro *ayip*, “impura”, por isso era um esconderijo eficiente. Eles nunca enfiariam os dedos no cano sujo.

Eu estava virando um preso de verdade.

Parece que todos na prisão estavam sempre esperando alguma coisa. De manhã, você esperava a hora de destrancarem a cela e do pão chegar. Ao meio-dia, você esperava o almoço. Você esperava a água entrar para poder usar a latrina ou lavar o rosto. Você esperava visitas. Você esperava o julgamento.

Você esperava a liberdade.

E todo dia você ficava esperando correspondência. Geralmente chegava no fim de tarde. Ao grito de *Mektup* uma pilha de presos descia as escadas correndo. Um guarda ou um dos detentos de confiança enfiava cartas e pacotes pelo pequeno quadrado aberto na porta de metal do corredor. Alguém lia os envelopes e gritava os nomes. Sempre dava confusão. O sistema postal também era *Turk-mali*. Muitas cartas do mundo lá fora nunca chegavam. Ou chegavam com semanas de atraso, muitas vezes sem selos.

Minha correspondência cresceu aos poucos. Às vezes eu focava o dia inteiro na possibilidade de receber uma carta. Qualquer carta. Se nada chegasse, a frustração era amarga. Eu me sentia tão isolado, trancado num país estranho com uma cultura tão diferente. Me sentia esquecido. Dias e mais dias passavam sem uma carta, e a cada dia eu ficava parado em frente à porta depois que todo o correio havia sido distribuído.

E então por vezes chegavam grupos de cartas de uma só vez. Eu voava nelas. Meu pai escrevia regularmente, mesmo que suas cartas chegassem de maneira imprevisível. Às vezes minha mãe escrevia uma frase ou duas, ou dizia que me amava. Ela nunca foi de falar muito, mas sempre esteve lá, de fundo, me dando apoio. Meu pai me contava que ganhou um troféu no campeonato de handebol da firma. Rob e Peggy, meu irmão e minha irmã, também mandavam cartas. As notas de Rob na Brown University estavam muito boas. Ele achava que o pai ia conseguir um emprego para ele na Metropolitan quando se formasse. Peg derramava-se falando de namorados, de ser líder de torcida, de comprar roupas. Cada carta era tomada por pequenos detalhes da vida cotidiana. E aquilo doía. Lá em Long Island, a vida seguia em frente. Eu rasgava cada envelope com avidez, depois me demorava na leitura conforme a dor crescia. E nas entrelinhas de cada carta havia a angústia mal disfarçada quanto ao membro da família que se perdera.

Havia outras cartas também. Muitos dos meus velhos amigos da Marquette me escreveram. E finalmente chegou uma carta de Patrick. Ele vinha trabalhando num barco de pesca de atum na costa do Oregon havia meses, pegando peixe durante o dia e escrevendo poesia maluca à noite, por isso levava algum tempo para saber da minha situação. Queria saber toda a questão jurídica. E então escreveu: “Tem lido *O Conde de Monte Cristo*?”. Típico de Patrick. Ele sempre tendia às soluções capa e espada, fosse o que fosse. Se chegássemos a esse ponto, eu sabia que poderia contar com ele.

Então um dia fui surpreendido por um envelope endereçado com caligrafia fina e fluida. Aquilo causou em mim uma palpitação. Eu havia crescido com Lillian Reed. Ela fora minha convidada no baile de calouros da St. Anthony’s High School, muitos séculos atrás. Eu lembrava que naquela noite ela usara um vestido de veludo vermelho. Meu pai nos levou ao baile. Apaixonamo-nos e desapaixonomos algumas vezes durante a adolescência, e então cada um tomou seu rumo. Cruzei muitos anos com aquele envelope nas mãos e com a imagem na minha mente. Seu cabelo castanho e comprido emoldurava olhos profundos. Uma noite de verão, naquela época suspensa entre a formatura no colegial e o início da faculdade. O amor suave dos jovens e palavras sussurradas. Nós dois havíamos sonhado em viajar pelo mundo. Mas Lillian se casou, com o cara errado. Durou menos de um ano. Agora ela estava em Cambridge, trabalhando de secretária jurídica em Harvard. Seu divórcio acabara de se oficializar.

Ela me tocou com as palavras. Seus pensamentos me alcançaram do outro lado do mundo e me acalentaram. Li sua carta várias vezes antes de lhe escrever uma resposta comprida e emotiva, na mesma noite. Estimulei-a a juntar os cacos da vida e vivê-la por completo. Nós dois tínhamos nossos problemas. Era estranho que dois velhos amigos pudessem estragar suas vidas desse jeito. Quem sabe um poderia ajudar o outro.

O julgamento estava marcado para 19 de dezembro. Eu esperava que ocorresse algo definidor. Se eu não conseguisse fiança, queria uma sentença. Pelo menos assim eu ia saber. Os rumores de anistia ficaram mais fortes. Alguns presos achavam que o governo ia tirar dez anos da sentença de todo mundo. Se o tribunal me sentenciasse – mesmo com dez anos – talvez em breve eu estaria livre.

Mais uma vez ensaiei minha história com cuidado na noite antes do julgamento. Mais uma vez os amigos me ajudaram com os trajes. Tudo dependia de uma boa impressão. Se eu conseguisse fiança, talvez estivesse em casa para o Natal.

A manhã chegou. Os soldados me levaram ao tribunal. Dessa vez fiquei mais nervoso. A vida na prisão estava ficando muito difícil, insuportável. Esse dia seria um dos mais importantes da minha vida. Fiquei desejando que o processual fosse em inglês para eu poder acompanhar.

Meus advogados entraram na cabine de novo. Beyaz e Siya fizeram acenos educados quando adentrei a sala. Yesil me deu um grande sorriso de confiança. Sorri de volta. Reconheci vários outros rostos – o cônsul e algumas das pessoas que assistiam. A menina com o bloquinho de anotações amarelo e as coxas bonitas estava lá.

Mais conversas em turco ininteligível entre meus advogados e o juiz. Fiquei sentado em silêncio, preparado para uma sessão comprida.

O promotor levantou-se e fez um discurso exaltado para a corte. De repente, antes que eu percebesse o que se passava, os soldados acorrentaram minhas mãos e começaram a me levar.

– O que houve? – berrei para Yesil. – Por que estão me algemando? Por que já vão me levar de volta?

– Não é nada importante – ele disse.

– Como assim não é importante? Eu quero fiança. Não quero passar nem mais uma noite lá.

– Sim, sim. Ok. Amanhã vamos lá conversar com você.

– O que o promotor disse? – perguntei. – O que está acontecendo?

– Não é importante, são questões técnicas.

Os soldados me puxaram pelos braços.

– Tipo o quê?

– Bom, ele apresentou à corte o que ele queria, entende, do que ele queria acusá-lo.

Se minhas mãos estivessem soltas eu teria pego Yesil pelas lapelas. Meu destino estava decidido em turco e Yesil não traduzia.

– O que ele queria? – perguntei de novo.

– Não é importante. Amanhã lhe contamos.

Agora os soldados estavam me arrastando pelos pés. Virei a cabeça para olhar para Yesil.

– Mas que diabos esse promotor falou? Yesil!

– Ele pediu prisão perpétua.

Dentro da minha cabeça tudo girava, torcia e se retorcia. As luzes da noite de Istambul atravessavam as ripas na lateral do camburão que me levava à cadeia. Prisão perpétua!

De volta ao *kogus*, balbuciei a notícia a Johann. Ele tentou me acalmar. Garantiu-me que

era procedimento padrão um promotor tentar parecer durão. Mera formalidade, ele disse. Charles e Arne também me deram incentivo. Popeye deu aquele olhar de “Eu avisei”. Eu precisava de informações certas. Quais eram minhas chances? A corte levaria a sugestão do promotor a sério?

– Por que não pergunta ao Max? – Johann sugeriu. – Ele provavelmente sabe mais disso que qualquer um.

Fomos juntos ver o *junkie* holandês. Ele estava sentado à beira da cama, remexendo-se e coçando os braços.

– Tô sem *gastro* – ele explicou. – Tenho que conseguir mais daquela merda.

Enquanto eu e Jonathan assistíamos, Max remexeu embaixo da cama e puxou uma vareta fina e comprida. Apertando os olhos por trás das lentes grossas dos óculos, ele saiu cambaleando pelo corredor. Foi conferir se estava vazio. Então começou a balançar a vara loucamente contra a lâmpada de cima. Teve dificuldade para atingir o alvo, mas finalmente quebrou a lâmpada. O vidro se espalhou por todo o corredor. Max foi caminhando até a beira da escada e berrou:

– Ô, Walter, a luz quebrou. Diz pro Emin mandar o eletricista.

Max voltou a sua cela e continuou a coçar os braços.

Falei para ele do julgamento. Ele balançou a cabeça.

– Vai saber... Não acho que vão te dar perpétua, mas também não achei que iam me dar trinta anos. Acho que cê tem que picar a mula daqui do jeito que der.

– E o Bakirkoy?

Max retorceu o rosto até fazer uma careta.

– Aaaah. Eu passei um tempo no Bakirkoy. Seção 12. Só os junkies. Não é legal. Cê tem que ter amigos. Conhece algum *kapidiye*?

– Hã?

– *Kapidiye*. Se você conhecer um pode dar um jeito de molhar a mão de um guarda ou coisa assim lá no Bakirkoy. É fácil de sair, mas tem que ter dinheiro, roupa e algum jeito de chegar na Grécia.

Contei a Max do turco que fizera amizade comigo na delegacia. Max me garantiu que ele era *kapidiye*.

– Eles têm muito amigo dentro e fora. Têm muita grana. Guarda é tão pobre que é fácil de comprar. Mas se cê não tiver cuidado, eles te passam a perna. Por isso que os *kapidiye* são importantes. Ninguém passa a perna em *kapidiye*. Se passar, leva faca no bucho.

O eletricista chegou e armou a escada para trocar a lâmpada. Max foi até ele devagar, sussurrou alguma coisa e tirou umas liras turcas da cueca. O eletricista casualmente lhe passou uma garrafa de líquido marrom escuro.

– Ah, hora do remedinho – Max resmungou. A conversa se encerrou enquanto ele cozinhava o pico e injetava na veia. Ele fechou os olhos e se colocou contra a parede. Johann e eu ficamos alguns minutos lá sentados, nos questionando se ele estava consciente... ou mesmo vivo. De repente Max começou a falar como se estivesse no meio de uma discussão acalorada.

– ...Não, meu, não tenta atravessar no Edirne. – Ele abriu os olhos, inclinou-se para a frente

e agarrou meu braço, o que o fez cair da cama. Ele abaixou a voz. – Olha – ele disse –, tem uma faixa de terra que fica no sul de Edirne. Se cê conseguir um mapa da Turquia, estuda lá. Tem uma linha de trem velha que vai de Edirne pra Uzun Kopru. Faz muito tempo que construíram, aí teve uma guerra que ferrou a fronteira. Tem uns quilômetros lá que o trilho entra na Grécia e depois sai. O trem não para em lugar nenhum, mas tem como cê saltar na Grécia. Lembra disso.

Deixei Max curtindo seu barato. Fiquei pensando: Será que as coisas chegariam a esse ponto?

Yesil veio no dia seguinte e me garantiu que eu não devia me preocupar. O promotor era “um merda”, ele disse, num raro rompimento com seu inglês culto. O juiz provavelmente me daria dez meses... quem sabe até fiança. Logo iríamos descobrir.

De qualquer maneira, parecia que eu ia passar o fim de ano em um lugar muito incomum. Então tive uma ideia. Talvez pudesse passar a véspera de ano-novo em Cambridge. Escrevi uma carta a Lily e pedi a ela para sentar-se em 31 de dezembro, às três e meia da tarde. Seriam onze e meia da noite em Istambul. Eu ficaria sentado na minha cama, meditando. Juntos tentaríamos sincronizar nossas ondas mentais à mesma frequência e transportar minha mente para o outro lado do mundo, para eu poder passar o fim de ano nos EUA. Sabia que a carta chegaria a tempo, mas ela não teria tempo de responder. Só podia torcer que ela seguisse o plano. Talvez desse certo.

O *kogus* entrou em clima de festas. Embora os turcos não comemorassem o Natal, para eles a virada do ano era um grande dia. Por isso, passaram a semana tranquilos e alegres. Deixaram que comprássemos geleias e conservas e até um pouco de farinha. Arne, que nunca deixava de me surpreender, misturou tudo e cozinhou tortinhas de Natal numa das bocas do fogão. Muitos nos reunimos na sua cela na Noite de Natal. Arne acendeu velas. Tocou uma música delicada no violão. Johann fez piadas e estardalhaço. Ele ainda tinha seis semanas a cumprir. Ficou passando na roda um haxixe poderoso que havia conseguindo com Ziat. À meia-noite, Arne trouxe as tortas. Eram muito saborosas, depois que passaram do aperto na minha garganta.

Onze e meia da noite. Virada do ano. Mais uma festa. Emin não se deu ao trabalho de trancar as celas, então pequenos grupos de amigos se juntaram, fumaram haxixe e comemoraram.

Deixei meus amigos e fui andando lentamente até minha cela. Tirei todas as roupas, caso meu corpo se transportasse a Lillian tal como minha mente. Enrolei-me em um cobertor. Sentei de pernas cruzadas na cela e fechei os olhos. Relaxei, deixei minhas ideias fluírem, rumo a Lily. Seus cabelos compridos. Seus olhos castanhos. Suas pernas lisinhas. Minutos se passaram. Eu conseguia tocá-la. Senti uma ereção. Fazia muito tempo que eu não via uma mulher. Mas mantive as mãos nos joelhos, pois masturbação era um tédio. Arne tinha razão: um dos maiores perigos da prisão era que ela lhe ensinava a travar suas emoções. Eu queria estar perto de uma mulher. Então, a onze mil quilômetros de distância, tentei alcançar a mente de Lillian.

De repente percebi que não estava só. Eu estava com Lillian? Onde estava? Pisquei e olhei nos olhos de Arief. Pisquei com força para ter certeza. Era Arief mesmo, me olhando com fúria

do outro lado das barras. Então ele voltou pelo corredor, firmando-se ebriamente contra a parede.

Percebi que o *kogus* estava tomado de barulho. Guardas passaram correndo, jogando presos nas celas. Íamos ter um “controle” – uma revista, mais para um motim dos guardas. A voz feia de Hamid ecoou pelo corredor. Ele correu até minha cela. Também parecia bêbado. Dei um pulo e fiquei parado contra a parede, enrolado no cobertor. Os olhos dele se fixaram nas peças de xadrez inacabadas que eu estava esculpindo com sabonete.

– Arrgghh! – ele rugiu. Sua mão gigante as varreu do alto do meu armário. Elas desabaram no chão. Então ele usou os pés para transformá-las em pó. Abriu a porta do armário e pegou uma pilha de livros. Sacudiu-os com violência. As páginas saíram voando. Então vasculhou as roupas no meu armário, rasgando bolsos, arrancando botões. Eu estava preocupado com um restinho de haxixe enfiado nos canos, mas Hamid não vasculhou lá.

Ele se virou, ergueu o braço e me deu um murro. Então, tão rápido quanto havia começado, o controle acabou. Os guardas foram embora. Emin trancou as celas. Estava tudo calmo.

Feliz Ano Novo, Lil. Bem-vinda a 1971.

Alguns dias depois do ano-novo, a porta do *kogus* se abriu e os guardas jogaram mais um preso para dentro. Seu nome era Wilhelm Weber, um alemão. Ele passou os primeiros dias vagando de cela em cela, gabando-se com cada preso em alemão ou inglês ou num turco hesitante.

– Iá, iá – ele disse a Popeye. – Eu ando em carro esporte em Monte Carlo. Iá, eu pulo de despenhadeiro em Acapulco.

– Ôoo, garoto! – disse Popeye. – Não me diga, deixa eu adivinhar. Aposto que também escalou o Matterhorn.

– Iá, iá. Também. Iá.

– Esse cara é o mais fala-merda do mundo! – Popeye resmungou. Vindo de Popeye, era um grande elogio.

Passados alguns dias, ninguém no *kogus* suportava Weber. Ninguém queria ficar em volta dele ou conversar com ele. De repente ele parou de se gabar, acomodou-se em sua cela e começou a escrever cartas.

Ninguém o incomodava. Parecia que ninguém dava bola para sua existência. Eu era o único que via? Weber tinha armado alguma. Ele fizera aquilo de propósito para que todos ficassem loucos com ele. Talvez quisesse que o deixassem em paz. Perguntei a meus amigos das conversas com Weber. Como eu suspeitara, ninguém sabia detalhes. Weber não havia contado a ninguém por que havia sido preso. Só um monte de baboseira.

– Ele é um idiota – Popeye disse. Eu não tinha tanta certeza.

Eu nunca conheci frio até o inverno na prisão.

As paredes de pedra e as barras de ferro não tinham calor algum. Alguns radiadores de bobina estavam espalhados sob as janelas, mas funcionavam muito mal. E, com frequência, deixavam de funcionar. Na maioria das manhãs, eu acordava e meu hálito se condensava no ar. Descobri que os cobertores ásperos da prisão não retinham nada do calor do corpo. Tentei vestir ceroulas e meias antes de ir para a cama. Não ajudou muito. Eu suava e sentia mais frio,

com o resfriamento da evaporação. Acabei dormindo em posição fetal, totalmente enrolado em um casulo de cobertor-e-lençol.

Acordar com frio pela manhã, dia sim e dia também, era uma coisa deprimente. E depois nunca conseguir me aquecer, mesmo quando o fraco sol de inverno cruzava o céu; ficar de mãos e pés gelados o dia inteiro, mesmo quando estava ativo, me mexendo; encarar mais uma noite comprida trancado na cela – aquilo congelou minha mente e meu corpo.

Patrick enviou um livro – *Um dia na vida de Ivan Denisovich*, de Soljenítsin. A Sibéria era muito fria. Simpatizei muito com Ivan.

O ponto alto da semana era minha noite de banho quente. Era uma noite para cada grupo de presos. Arne falou com Emin. Entrei no grupo dele. Seis ou sete de nós nos reuníamos na cozinha depois do *Sayim*. A água gelada saía da torneira. Aguardávamos o momento glorioso em que ligavam a água quente.

Era difícil saber quanto tempo a água quente ia correr. Havia noites em que ela mal enchia a pia. Em outras ela nem saía. Mas uma noite ela saiu soltando vapor de uma torneira, sem parar. Vagalhões de vapor encheram a pequena sala de pedra. Uma névoa quente nos envolveu. Todas as dores e tensões do dia pareceram esvair-se de mim. Joguei jarros cheios de água quente sobre a cabeça. Saboreei a calidez. Os músculos tensos relaxaram. Enquanto estava lá, com minha cueca encharcada, o calor era sensual.

Arne e eu ficamos na cozinha muito depois de os outros integrantes do grupo voltarem a suas celas. Parecia uma sauna. Eu me lavei até minha pele chiar. Arne tinha uma esponja áspera que seus pais haviam mandado da Suécia, e usou-a para lavar minhas costas. Foi agradável. A esponja revigorou minha pele. Lavei as costas pálidas e ossudas dele até ficarem vermelhas da esponja.

– Arne, você é tão magrelo. Sempre foi assim ou é por causa da cozinha turca?

– Não. Eu sempre fui dos magros. Também corria bastante ao ar livre. – Eu via pelas suas pernas compridas e rijas.

– Eu também corria bastante. Na praia, em Nova York.

– Você me parece mais nadador – Arne disse.

– Também nadei bastante. Fui salva-vidas e surfava. Adoro o oceano.

– É, e agora a gente tem a pia.

Fiquei olhando no meio da bruma. Alguns presos estavam parados, indolentes, perto da porta. Nos observando.

– É. A pia e os árabes.

Arne olhou de lado rapidamente, sem se preocupar.

– Eles se excitam de ficar vendo os caras se lavando de cueca molhada. – Eu não me importava. – A gente devia cobrar ingresso.

– Eu não estou nem aí – Arne disse. – Por hoje encerrei.

– É. Fiquei ensopado. Mas me sinto ótimo.

– De vez em quando é bom esfregar bem as costas e ficar de corpo limpo. Mas, meu Deus! Como eu queria estar nu numa praia por aí.

– Pode sonhar – falei.

– Eu sonho – Arne respondeu. – Eu sonho.

O sorriso de Johann brilhou mais que o sol da manhã. Depois de dois anos, sua pena finalmente havia acabado. Ele me entregou os lençóis persas que havia ganhado de um iraniano.

– Toma cuidado com isso aí, Billy – ele disse. – Tem um presente especial dentro. Eu tava guardando pro caso de ferrarem comigo, de não me deixarem ir embora. Eu te escrevo – ele prometeu. – Mantenho contato. Se precisar de alguma coisa, me diz. É sério, meu. Eu ajudo no que eu puder.

– Divirta-se com as viagens – falei. – Me avise quando se acomodar.

– Claro que aviso.

Fiquei assistindo Johann deixar o *kogus* rumo à liberdade. Por algum tempo o brilho de sua felicidade ficou comigo. Então minha mente fez a comparação óbvia. Eu ainda estava lá dentro. Desdobrei o lençol, curioso. Não havia nada dentro. Examinei com cuidado. Uma trança grossa ornava as beiradas. Numa das pontas, ela estava dura. Virei-me para a parede para esconder o que eu fazia do resto do corredor. Cuidadosamente puxei os fios que deixavam a trança no lugar. Uma lima! Como que Johann conseguira? Não importava. Estava ali.

No fim daquela noite eu a testei contra o metal da minha cama. Parecia que cortava fácil. Decidi manter. Era como ter dinheiro no banco. Escondi dentro da costura do meu diário.

Me afundei na depressão no dia seguinte. A cela vazia de Johann ao meu lado seria lembrete constante. Por impulso, fui perguntar a Emin se eu podia passar minha cela para o segundo piso.

Havia uma cela vaga entre Popeye e Max. Emin disse que sim, e em questão de vinte minutos passei a morar no andar de cima. Popeye ficou feliz, e sua tagarelice ajudava a fazer o tempo passar. Mas ao fim da noite eu estava de volta a meu humor infeliz. Estava na prisão havia seis meses e ainda não sabia quanto ia durar minha pena. O sistema penal turco era incrivelmente arrastado. Eu era burro de ter acreditado que podia sair antes. Pensei em Max na cela ao lado. Prometi que ia falar mais com ele sobre a fuga... mais sobre atravessar a fronteira para a Grécia. De uma coisa eu tinha certeza. Eu não podia passar muito tempo na prisão. Tinha 23 anos. Os melhores anos estavam pela frente. Os turcos estavam tomando minha vida aos poucos.

Finalmente caí no sono. Acordei no meio da noite e ouvi um murmurar baixo vindo da cela de Max. Fiquei pensando quem é que poderia estar lá àquela hora da noite. Caminhei cautelosamente em direção às barras. Fiz força para ouvir as vozes do vizinho. Havia somente uma voz: Max. Eu via seu reflexo no vidro da janela de barras do corredor. Ele estava parado em frente a seu armário aberto, falando baixinho com ele. Dava risadinhas.

– Max – sussurrei. – Com quem você está falando?

Ele se assustou. – Hã... que estranho... meu amigo está aqui.

– Ah, é?

– É. – Virou-se para o armário e deu mais risadinhas.

– Bom, quem sabe você fala um pouco mais baixo? Seu amigo não me deixa dormir. Ok?

– Tá bom, desculpa. – Ele olhou para dentro do armário e falou: – Shhhh.

Nas semanas que se seguiram, a liberação de Johann virou uma constante na minha mente. Arne via que eu estava preocupado. Eu nunca havia conversado com ele sobre a fuga. Sabia que ele nunca ia pensar naquilo a sério. Ele ia ficar sentado na sua cela, passivo, e cumpriria a pena até os turcos o soltarem. Charles estava muito perto do fim da sentença. E eu não podia confiar em Popeye para guardar segredo.

Sobrava Max. Perguntei a ele de novo sobre Bakirkoy. Ele estava em dúvida. Mas concordou comigo que, se o tribunal me mandasse para um hospital psiquiátrico para observação, eu deveria ficar atento a qualquer oportunidade.

Mais um dia de julgamento. E eu estava resoluto em ver a coisa andar. Quando finalmente chegou o dia e os soldados me levaram ao tribunal, fui correndo em Yesil.

– Hoje quero que você peça a fiança – falei. – Acha que temos boas chances?

– *Sula bula* – Yesil disse, perdendo-se no turco. – Não sei se é a hora certa de pedir.

– Olha, eu estou nessa prisão faz seis meses e você ainda não pediu fiança. Diga a Beyaz e Siya que eu quero que eles peçam fiança hoje. – Yesil ficou pensativo.

– Talvez seja melhor você pedir – ele sugeriu.

– Tudo bem. É isso que eu vou fazer.

O julgamento foi mais uma vez a lenga-lenga do direito turco. O juiz falou, meus advogados falaram, o promotor falou, o juiz falou de novo. Ninguém me fez uma pergunta. Então aproveitei uma calmaria no processo. Levantei-me e ergui a mão. O juiz me olhou, surpreso. Ele dirigiu-se a Yesil.

– O que você quer? – Yesil perguntou.

– Você sabe o que eu quero.

– Tudo bem. Fale com a corte.

– Já estou na cadeia há seis meses – falei. – Minha saúde está deteriorada. Meus dentes estão podres. Tenho problemas estomacais. Estou ficando muito deprimido. Gostaria que a corte me concedesse fiança para que eu possa sair e cuidar da minha saúde.

Yesil traduziu meu discurso e o juiz simplesmente riu alto. Falou um pouco mais com os advogados. Mais uma vez os soldados se prepararam para me levar.

– O que houve? – perguntei a Yesil.

– É muito bom – ele sorriu. – O juiz conferiu seus documentos das Forças Armadas dos Estados Unidos. Ele vai enviá-lo para observação no Bakirkoy. Quem sabe você consiga um atestado de louco!

Ou quem sabe eu saia correndo que nem louco.

A liberdade me acenava pelas fendas da lateral do camburão vermelho que transportava os presos a Bakirkoy. À luz baixa do crepúsculo eu via que ainda existiam maravilhas nesse mundo, tais como mulheres, árvores e horizonte aberto. Mas o camburão bateu numa vala e minha cabeça rachou contra a madeira dura. Lembrei que as mulheres, as árvores e os horizontes abertos eram coisas das massas de sorte, que provavelmente não lhes davam o devido valor. Enquanto isso, eu andava aos solavancos num camburão, acorrentado a um lunático juvenil e esquelético com um fio de baba constante escorrendo pelo canto da boca.

Pelo menos eu estava a caminho. Não chegara a lugar algum nos seis meses que apodreci em Sigmalcilar. O único passo que eu tinha dado para a frente era a lima de Johann que deixei escondida. Ela ainda estava dentro da encadernação do meu diário, trancada com cadeado na minha cela, junto a meus outros pertences. Com sorte, eu nunca precisaria dela. O tribunal determinara dezessete dias de observação em Bakirkoy. Torci para que fosse tempo suficiente para eu me resolver.

O trajeto pululante no camburão apertado e ruidoso dava ilusão de progresso. Eu tinha certeza que nunca voltaria a Sigmalcilar. Ganharia meu “atestado de louco” e ficaria em Bakirkoy até conseguir planejar minha fuga. Era minha grande chance.

Já estava quase escuro quando o furgão estacionou em frente ao muro do hospital psiquiátrico. Eu via uma árvore grande dentro da quadra, com troncos imensos, que balançavam ao vento do inverno. Era certo que eu conseguia pular daquela árvore e descer até o chão, do lado de fora.

Vários funcionários do hospital, vestindo aventais brancos e encardidos, foram cuidar de nosso grupo quando entramos no balcão da administração. O mais velho parecia ter uns sessenta anos, mas era o mais parrudo de todos e parecia muito forte. Havia um apito prata, tipo de salva-vidas, pendendo do seu pescoço. Os outros chamavam-no de *Policebaba*. Obviamente respeitavam sua autoridade.

– Lira? Lira? – perguntavam os funcionários.

Fingi que não notava. Era o início do meu papel de louco; eu planejava ser rabugento e arredio.

– Lira? – um interno perguntou de novo, enfiando seu narigão aquilino contra meu rosto.

Dei de ombros e lentamente puxei uma nota de 100 liras do bolso. Ele apontou para meu relógio. Fez um gesto para explicar que lá dentro ele seria roubado. O funcionário levou também e colocou num saco com meu nome.

Policebaba ficava assistindo de perto. Lá vinha outro *turist* maluco com notas de 100 liras e

relógio chique. Deve ter mais dinheiro de onde saiu aquilo. Ele veio devagar em mim e fez sinal para eu acompanhá-lo. O lunático babão e eu entramos primeiro no Bakirkoy.

O local era mais insano do que a descrição de Max me fizera imaginar. As passarelas davam voltas e voltas por campos ondulantes. Amontoadinhos de árvores e arbustos frondosos, que dariam esconderijo fácil. Se eu conseguisse ficar solto no parque, com certeza conseguiria escapar do complexo principal. Tentei memorizar a rota que estávamos fazendo até a Seção 13. Mas o início da noite de fevereiro havia se cerrado totalmente. O ar estava fresco, frio, revigorante. Era a primeira vez em seis meses que eu via a noite.

À nossa frente assomava um imenso muro de pedra cinzenta, de uns quatro ou cinco metros. Fomos caminhando até um grande portão de ferro, arredondado com um arco no alto, que era quase da altura do muro. Grandes parafusos de bronze pontilhavam a superfície de ferro. Dentro do portão havia duas portas menores, também de ferro. Um dos funcionários puxou do bolso uma chave de ferro grande e antiga. Girou-a na fechadura. Uma pequena porta com dobradiças barulhentas se abriu.

Policebaba me desacorrentou e delicadamente me puxou para o lado. Eu me vi num grande pátio de areia. No meio, envolto em trevas, havia um prédio comprido, retangular e cinza. Seção 13, a seção dos loucos criminosos. Meu novo lar.

Cruzamos o pátio até o prédio. Mais uma chave, mais uma fechadura. A porta de metal se abriu e os funcionários nos apinharam numa sala pequena. Forçaram todos a tirar as roupas até ficarem de cuecas. Então distribuíram pares de pijamas curtos e leves, absurdos para as noites de inverno. Pegaram nossos sapatos e meias e deram para cada um um par de sandálias de banho gastas. Todos os assoalhos e paredes do prédio eram feitos de pedra. Pedra lisa, gelada. Não havia como se sentir mais aquecido dentro do prédio do que fora.

Policebaba me conduziu por uma ala que era mais suja e encardida que qualquer coisa que eu havia visto na prisão. Os muros eram cobertos com uma cal que já estava cinza-escuro, até preta nos cantos. Paredes e tetos se encontravam em ângulos retos, não em arcos. O prédio parecia uma masmorra medieval. Eu tremia no ar gelado e úmido.

Vários funcionários ficavam sentados numa cama jogando o jogo de duas cartas chamado *kulach*. Meu defensor me fez passar por eles. Atravessamos um arco que dava para outro salão. Fiquei aturdido de imediato com o barulho do salão e a sensação de movimento incessante e desorganizado.

No canto mais próximo, logo do outro lado da parede em relação a onde os funcionários estavam jogando *kulach*, Policebaba me apresentou uma cama. Ela estava ocupada por um homem de rosto gordo e pijamas imundos. Ele roncava muito à vontade apesar do tumulto geral. Policebaba fez sinal de que eu poderia ficar com aquela cama. Simplesmente fiquei lá, tentando forçar um olhar vago nos meus olhos assustados. A cama ficava numa posição favorecida, perto da proteção dos funcionários. Eu queria aquela cama. Mas poderia me arriscar a parecer são, oferecendo suborno ao funcionário velho?

– *Nebu?* – disse um homem com aparência desgrehada que pegou meu cotovelo. Ele puxou a manga do meu pijama.

– *Nebu?* – resmungou outro louco parado atrás de mim. Ele puxou meu cabelo loiro.

Policebaba soltou um rugido e os escorraçou. Depois, sorriu para mim. Mais uma vez fez sinal de que eu poderia ficar com a cama. Foi a primeira vez que pareceu notar que estava ocupada. Não era problema. Ele apenas estendeu os braços fortes e fez o homem que dormia rolar para o chão.

– *Alá!* – gritou o louco gordo, com voz de assustado. Policebaba rosnou. O homem saiu correndo.

Olhei para a cama. Manchas de urina amarela em abundância. Sem dúvida havia uma convenção de piolhos entre as dobras de linho rasgado.

– *Pis* (“Suja”) – resmunguei. Eu não era louco a ponto de dormir naquela imundície.

– Hã? – Policebaba disse, com rosto perplexo. Então lhe ocorreu. Seu rosto pardo mais uma vez irrompeu-se num sorriso com dentes de ouro. Ele deu um grito. Um velho ávido de pijama puído saiu correndo e voltou em um instante com um resto de pano cinza, que imagino que fosse um lençol limpo. Ele arrancou aquele lençol imundo da cama e trocou por outro lençol imundo.

Policebaba fez sinal de vinte liras. Resmunguei, o que ele aparentemente tomou como admissão de dívida. Ele que depois tirasse da minha nota de 100 liras. Então se virou e berrou uma sequência de palavras ásperas com outros detentos próximos. A palavra *turist* saiu bem clara. Parecia que ele estava contando que aquela era minha cama e que eles não deviam me incomodar.

Sentei na minha cama e apoiei minhas costas com segurança no canto da parede. Fiquei estudando meu novo lar.

– *Cigare?* – me perguntou um homem nu. Ele estendeu a mão para mim.

– *Cigare? Cigare?*

Não dei resposta.

Ele era magro, jovem e com aparência de doente. Seus ossos ficavam bem evidentes na nudez. Sua mão esquerda ficava cobrindo a virilha, enquanto a direita se estendia na minha frente. As pontas dos dedos estavam em carne viva.

Num zumbir fixo, ele pedia: – *Cigare? Cigare? Cigare?...* – Outros chegaram perto e se juntaram a ele: – *Cigare? Cigare?*

Passaram-se minutos. Como eu não respondia, vários homens saíram se arrastando. Mas o nu manteve-se firme. – *Cigare?* – ele disse, suave. Fiz que não. Ele não respondeu. Continuou lá parado, na frente da minha cama, tremendo de frio, me fitando com um olhar vazio.

Evitei o olhar e vi o quarto de relance. Era um show de horrores – mas eu era parte do show, não da plateia. Sempre havia muito barulho em Sagmalcilar, mas ali era pior. Zumbidos e entoações demais ao mesmo tempo. Eles formavam um zunido fixo de fundo por trás das conversas gritadas, altamente emotivas. Gritos estridentes esporadicamente rasgavam a atmosfera. Homens berravam com os outros brigando por lençóis, cobertores, camas, cigarros. Outros ficavam apenas sentados na cama a murmurar, sozinhos... balançando, gritando, dando risadinhas, chorando. Homens sujos, imundos, alguns totalmente nus, alguns envoltos em lençóis enegrecidos, rasgados, andavam pela sala em ritmo sincopado e sem sentido. Havia uma espécie de rotina. Parecia que muitos seguiam um ritmo estranho, desajeitado. Outros

patrulhavam a sala como furões com pressa. Andavam tranquilos pelas fileiras cheias e desordenadas de camas, os olhos afiados abertos para tudo que pudessem encontrar. Outros ficavam se arrastando por lá com o silêncio de olhos vazios mas fixos.

A algumas camas de mim havia um turco velho de compleição pálida com um bigode de vassoura eriçado, do tipo que ficaria bem num zelador sueco. Parecia o Sr. Svenson, o zelador dos gibis do “Archie”. Do lado esquerdo do rosto, logo abaixo do olho, ele tinha uma protuberância grande e redonda que parecia dura, como uma noz carnuda na bochecha. Era um homem baixinho, rápido e nervoso. Ele olhava o carço de todos os ângulos possíveis, conferindo com um pequeno espelhinho de bolso. Com os três dedos da mão esquerda ele constantemente coçava o inchaço ofensivo em acessos de remexida.

À minha frente havia um homem sentado balbuciando “*Omina koydum*”. Eu já havia ouvido a expressão, lá em Sigmalcilar. (Quer dizer literalmente “boto na boceta dela”; mas os turcos presos usam a expressão tal qual um americano diria “*Ya know? Ya know?*”, ou “Tá ligado?”). “*Omina koydum*”, ele resmungava com a própria cama. “*Omina koydum*” com os pés, “*Omina koydum*” com o teto. “*Omina koydum*” com o velho de cabelos brancos a seu lado, um juiz aposentado que havia enlouquecido e agora ficava meticulosamente copiando papelada jurídica e deixando as cópias numa pilha. Do outro lado da cama deles havia outro homem murmurando um encanto para seu *masbaha* com caroços de oliva. Todos se ignoravam.

Enquanto eu observava isso, o homem nu continuava me encarando. Ocasionalmente ele resmungava “*Cigare?*”, bem baixinho.

Para fugir do olhar incomodativo, saí da minha cama para dar uma volta na Seção 13. Eu queria conhecer a rotina. Queria localizar o funcionário com a chave. Queria encontrar janelas ou portas que talvez não dessem na vista.

Voltei sorrateiramente ao primeiro salão. Imediatamente notei que ele tinha uma aura diferente daquele em que eu estava. A primeira ala, embora imunda para padrões americanos, era um hotel Hilton em comparação com a minha. Quarenta ou cinquenta camas alinhadas perfeitamente em três fileiras. A maioria tinha lençóis limpos bem presos aos colchões. Ninguém ficava nu. Os homens de pijamas limpos e desbotados sentavam nas camas aparentemente sob controle de seus sentidos.

De repente me detive, surpreendido. Lá estava Memet Celik, que eu havia conhecido no tribunal. E Ali Asian, que haviam me apontado na prisão. Ambos eram *kapidiye*, gângsters turcos. Eram perversos, maldosos, mas não loucos. Estavam sentados nas camas em seus próprios pijamas, não nos do hospital, jogando *kulach* com os funcionários. O que estariam fazendo em Bakirkoy? Certamente não estavam ali para fugir. Eles não podiam se dar ao trabalho de virar fugitivos da prisão. Então o que esses *kapidiye* vinham fazer no Bakirkoy?

Ponderando esse mistério, voltei caminhando ao meu quarto. O contraste era grande: homens nus e imundos gritando e pulando nas camas. O mesmo louco nu continuava parado na frente da minha cama, então decidi seguir adiante e explorar mais. Caminhei devagar entre as camas, olhando os rostos pelo caminho. A maioria dos olhos me evitou. Alguns me fitaram de volta com olhos brilhantes. Alguns homens estenderam as mãos para me tocar. Sorri e segui

adiante. À minha frente havia outra entrada em arco para mais um salão. Entrei.

Era como se eu houvesse levantado uma pedra e lá embaixo descoberto centenas de vermezinhas brancas. O fedor me deixou estático. O salão era apinhado de camas e de corpos. Os beliches eram apertados em grupos de três ou quatro, nos quais devia haver nove ou dez homens dormindo juntos. Parecia uma perpétua guerra na selva. Um homem jogou outro da cama e o outro voltou gritando para reclamar seu lugar.

Eram gritos, invectivas e brigas por todo lado. Era impossível fugir dos vapores fortes de amônia, do fedor horrendo de dejetos humanos. E o fedor era pior na entrada do que só podia ser o banheiro.

O banheiro era uma das metas principais da minha busca. Não tanto para o uso imediato, mas porque ele poderia ter uma janela isolada da vista dos funcionários. Fui lá, enfiei minha cabeça para dentro, mas não vi nada. O odor era tão opressor que eu tive que me retirar depressa. Decidi que amanhã seria um dia melhor para inspecionar o banheiro.

Ao lado do banheiro havia uma mesa onde um turco sorridente de pijama desbotado protegia várias carteiras de cigarro.

– *Cigare?* – ele perguntava. – *Birinici?* – Ele sinalizou uma lira, setenta e cinco *kurus* – mais ou menos doze cents por uma carteira de cigarros Birinici. Segui caminhando e me virei para a parede. Fiquei esperando até ter certeza de que ninguém olhava. Delicadamente puxei uma nota de cinco liras da cueca. Então voltei ao vendedor de cigarros. Pelo menos eu conseguiria afugentar o homem nu que pairava sobre minha cama.

Com o chegar da noite, um dos funcionários saiu caminhando pela ala com um avental grande que tinha vários bolsos cheios de comprimidos vermelhos, azuis, verdes e brancos.

– *Hop, hop* (“Comprimido, comprimido”) – ele gritava. Dei de ombros. Não gostava de barbitúricos. Mas praticamente todos engoliram como se fossem balas. O servente entregava de mão cheia.

Conforme os comprimidos foram fazendo efeito na maioria, o barulho baixou consideravelmente até um ribombar firme pontuado por um e outro grito. Os funcionários voltaram a seu jogo de cartas. A Seção 13 se acomodou para a noite.

Fiquei deitado, tremendo com meus lençóis fininhos enquanto o vento gelado soprava por um vidro quebrado da janela no pé da minha cama. Fiz força para esvaziar a mente das visões incríveis que eu tivera durante minhas primeiras horas de Bakirkoy. Os fatos bizarros do dia ficavam me distraíndo do propósito real da minha visita. Lembrei que estava lá para conseguir um “atestado de louco”. E, depois, para engendrar uma fuga espetacular. Mas qual funcionário tinha a chave? E como eu ia passar daquele muro imenso no pátio? E aonde eu iria vestindo apenas aquele pijama de algodão puído? Amanhã, decidi. Amanhã eu me concentraria em um planejamento sério. Depois do que devem ter sido duas ou três horas, caí no sono.

No meio da noite, senti a presença de alguém bastante próximo. Girei e olhei um rosto escuro. Era um jovem, vinte e poucos anos. Alto, extremamente magro, com um sorriso de louco. Tudo que ele usava era um pano velho e escuro. Estava enrolado na sua cabeça, e ele o segurava sob o queixo como uma lavradora segurando o xale. Sei que olhos humanos não podem ser amarelos, mas os dele eram.

Ele deu uma risadinha quando viu a surpresa e o medo no meu rosto. Abriu a boca levemente. Passou a língua pelos lábios secos e rachados. Seus olhos inconstantes ficavam subindo e descendo pelo meu corpo. A intenção dele era óbvia demais. Voltei-me para o lado e coloquei o lençol na cabeça. Mas ele continuou lá.

– *Cigare?* – ouvi ele dizer, delicado.

Não respondi.

– *Cigare? Cigare?*

Eu podia esperar até ele ir embora, mas sua presença me deixava incomodado. Descobri a cabeça e olhei no seu rosto. Ele sorriu de novo. Estendeu a palma da mão.

– *Cigare* – ele disse, numa voz suave. – *Cigare?* – Pausa. – *S’il vous plaît.*

O francês inesperado me surpreendeu tanto que eu tirei a carteira de Birinici debaixo do travesseiro e lhe dei um. Ele pediu um isqueiro. Acendi seu cigarro. Então ele passou a língua pela boca mais uma vez. Finalmente foi embora, sumindo nas sombras.

Acordei cedo com o zumbido de orações muçulmanas que vinha do terceiro salão. Ninguém nas primeiras duas alas parecia disposto a acompanhar. Aparentemente a religião era reservada aos mais loucos. Fiquei deitado na minha cama, tremendo. Tentei desanuviar. Em Sigmalar tinha medo de que fosse rachar com a pressão do confinamento; então o que a loucura de Bakirkoy faria comigo? Se ficasse aqui muito tempo, será que minha mente já suscetível começaria a absorver a insanidade dos arredores?

Os funcionários vinham às sete da manhã, usando pequenos bastões de madeira para cutucar todos até acordarem. Todos, no caso, exceto os *kapidiye* e alguns vegetais que eram incapazes de sair da cama. Depois nos arrebanhavam como gado até um posto perto da área de refeição. Faziam-nos esperar enquanto passavam os bastões embaixo das camas e nos cantos para fazer os retardatários correrem. Um a um, os funcionários nos empurravam para o pequeno refeitório e iam contando. Rapidamente a sala, de apenas dois metros quadrados e meio, ficava atulhada de homens. Devia haver duzentos de nós apinhados ali. Eu achava praticamente impossível me mexer. Era desagradável até respirar. O fedor de corpos imundos e bocas podres era avassalador. Senti uma mão roçar minha bunda. Então ela se abaixou para acariciar meus testículos. Me virei rápido e vi um turco rindo para mim. Levantei o joelho depressa entre suas pernas. Ao som de reclamações em turco, fui de cotovelo erguido até a parede para me proteger.

Os serventes conferiam os números devagar, voltando às salas para contar os *kapidiye* e os vegetais. Passamos mais de meia hora apinhados na salinha fedorenta e tomada de fumaça.

Finalmente eles confirmaram os números e deixaram-nos sair aos poucos. Alguém enfiou uma tigela na minha mão e a encheu com uma sopa de aveia aguada que tinha algumas lentilhas boiando. Comi aquela mistura morna com avidez. Havia perdido o jantar na noite anterior.

Então, inevitavelmente, a natureza chamou. Eu havia adiado a visita ao banheiro até passar dos limites da minha resistência. Então, respirando fundo, entrei na sala escura. Quase todo o chão era coberto de pilhas de fezes e poças de urina. A cautelosos passos de gato com as minhas sandálias, me aventurei a um dos quatro buracos no chão e me acocorei, à moda turca.

Imediatamente um turco magricela veio e acocorou-se na minha frente. Ele começou a se masturbar enquanto olhava meu pênis.

– Iáááá! – berrei com ele. Ele saiu pulando. Mas assim que voltei à minha posição, ele retornou. Minha única opção foi ignorá-lo. Eu queria fugir daquele fedor insuportável assim que possível. Até que um turco de pés descalços e olhos vagos veio se arrastando, pisando direto numa pilha de fezes úmidas. Ele olhou em volta como se percebesse pela primeira vez onde estava. Um olhar de compreensão cruzou seu rosto. Então uma mancha escura escorreu pela perna do pijama e uma poça de urina formou-se no chão a seus pés. Aliviado, ele virou-se e saiu caminhando, com uma trilha de pegadas.

O que eu mais precisava era de ar. Felizmente os funcionários escolheram aquele momento para abrir a porta e deixar-nos sair para o pátio. O vento de inverno atravessava meu pijama fino. Mas seu aroma de frescor era desesperadamente bem-vindo. Inalei correntes profundas enquanto inspecionava a segurança externa.

O muro tinha mais que o dobro da minha altura. Era feito de pedra e argamassa, no mesmo estilo do prédio antigo. Havia vários pontos em que a argamassa havia caído, deixando grandes vãos entre as pedras. Avaliei o muro com atenção, procurando um padrão de vãos que talvez me deixasse escalar.

O alto do muro era coberto por uma velha cerca de arame. Seus partidos e enferrujados filamentos farpados enrolavam-se e retorciam-se sob o peso da hera verde e densa.

Comecei a caminhar lentamente pela base do muro. Estudei as fendas na argamassa meticulosamente. Muitos dos blocos de pedra eram lisos perto da base. Quantos loucos tinham se roçado ali? No fundo dos alojamentos, a escada levava a uma porta de porão. Era trancada por fora. Um muro menor mais ou menos da altura do meu peito salientava-se da escadaria. Fiquei pensando se conseguiria pular de lá para o alto do muro maior. Tentando não aparecer, caminhei cuidadosamente pelo muro baixo e contei os passos. Com um bom impulso eu poderia pular para o muro alto. Se eu tivesse um pedaço de corda com uma pedra ou pedaço de madeira preso, quem sabe conseguiria arremeter para o muro, jogar a corda com o peso para cima e ela ficaria presa no arame farpado. Aí o arame farpado teria que suportar o peso do meu corpo enquanto eu escalasse. O plano não era grande coisa, mas era uma possibilidade.

Então, quando dobrei a terceira esquina, vi minha chance no muro leste. Vários nacos de argamassa haviam caído em diversos pontos, de maneira que eu achava que conseguiria escalar aquela parte do muro com facilidade. Não tinha ideia do que havia do outro lado, mas não era a Seção 13. Este muro talvez fosse o início da minha fuga para a liberdade.

No pátio, um jovem chamado Yakub veio e me ofereceu um cigarro. Ele falava inglês razoável. Conversamos algum tempo. Ele resolveu dizer por sua conta que estava ali porque o tribunal determinara que fosse examinado. Havia matado a irmã por ser prostituta. Eu entendia, não entendia? Sim, claro, falei devagar, tentando tomar distância. Mas ele parecia mesmo bastante são e muito entendido quanto à Seção 13. Os *kapidiye*, me explicou, costumam vir ao Bakirkoy como se fossem férias. Por vezes eles se deparam com um problema no tribunal que vai levar um ano e pouco para se resolver. Enquanto esperam, eles compram a entrada no hospital. Lá eles têm menos incômodo. Com a reputação e o dinheiro que têm, no Bakirkoy

eles vivem como reis. Ficam no primeiro salão. Não deixam os loucos imundos chegarem perto.

– Quanto mais louco você for, mais longe dorme dos *kapidiye* – disse Yakub.

O som de algo esvoaçando veio do alto do muro. Um pavão imenso pousou sobre o arame farpado coberto de hera. Ele piou e empinou o arco-íris de suas compridas penas da cauda, depois saiu voando. Isso era o que ele tinha de mais belo – sua liberdade. Fiquei estupefato.

Yakub fez um aceno de desdém para acabar com minha admiração.

– Estão pelo parque todo.

A caminhada ao ar livre foi revigorante, mas logo começamos a tremer a ponto de perder o controle. Voltamos para dentro. Havia uma mesa de vendedor perto do banheiro. Yakub me explicou que alguns detentos eram designados para empregos extramuros. Compravam comida e vendiam ali com lucro. Hoje eram laranjas, cebolas, pão e iogurte. E muito cigarro, sempre.

Comprei um iogurte e uma laranja de almoço, ignorando a sopa de batata aguada que o hospital oferecia. Deixei Yakub e voltei para minha cama. Depois de descascar a laranja, joguei as cascas no chão. Três homens pularam sobre elas. Ficaram se espancando para pegar as cascas. Então tomaram distância e assistiram com olhos vorazes enquanto eu tomava meu iogurte. Deixei um pouco no fim do pote. Ofereci para um homem agachado no pé da minha cama. Ele pulou na minha direção, mas por um instante hesitou. Estendi o pote. Ele tirou da minha mão e se escafedeu para um canto onde lambeu tudo até o fim.

Na outra ponta do prédio, entre os vendedores e os banheiros, havia uma escada. Quando apontei para ela, Yakub disse “Pis” e saiu caminhando. Decidi saber mais. Os degraus circulares eram escuros, úmidos e escorregadios, como rochas cobertas de musgo. Enquanto eu descia, lentamente as trevas se fechavam ao meu redor. Eu me vi como que flutuando por um calabouço medieval escuro, uma sala baixa e opressiva que parecia apinhada de almas penadas. Do outro lado, faiscava um fogão de ferro a lenha; ele gravava as formas sombrias de homens com rosto descarnado num estranho brilho laranja. Meu olhar captou de relance um conjunto de olhos acesos fitando o nada.

O teto baixo me sufocava. Meu primeiro impulso foi sair correndo. Mas engoli o medo e passei para o outro lado da sala. Minhas costas estavam contra a parede, em posição de defesa. Enquanto meus olhos se ajustavam à luz fraca, eu via os movimentos circulares de vários de homens enquanto eles caminhavam, penosos e devagar, em silêncio, em fluxo anti-horário em torno de um pilar no centro da sala. Outros se amontoavam perto do fogão de lenha. Outros ainda estavam apertados numa plataforma de madeira baixa, em forma de “L”, que cobria toda a extensão das duas paredes.

Muitos estavam nus, ostentando feridas abertas que cobriam joelhos, cotovelos e nádegas descarnadas. Outros agarravam pedaços de lençóis escuros. Eram mais quietos que a turma do andar de cima. Percebi que havia chegado à ordem mais inferior dos loucos de Bakirkoy. Era o fundo da gaiola. Eram os homens que não estavam aptos nem ao terceiro salão de cima. Estes, sim, eram os condenados.

Ouviu-se um grito quando um nu atropelou os outros, querendo uma vaga perto do fogão de lenha, e empurraram-no contra o metal quente. Ele rosnou e deu socos contra o ar. Muitos

começaram a empurrá-lo, com raiva. Ele revidou quase sem força e enfim retirou-se com um ganido.

O pilar dominava o porão. Sinistro e atarracado, ele suportava o peso do teto ameaçador. O remexer silencioso, implacável de homens em volta dele atraía minha atenção quase hipnoticamente. Era uma roda, pensei. Mas os raios da roda – os homens – estavam partidos. Fiquei observando fascinado a roda de raios partidos rodar na sua jornada a lugar nenhum. Me vi lentamente, muito aos poucos, sendo atraído por ela. Saí do abrigo da parede e juntei-me à procissão. Entrei fácil no círculo de homens em marcha lenta. Fluíamos como a corrente de um rio moroso e demente. Deixei meus olhos penderem soltos no chão. Assisti ao ritmo calmante que nossos pés tomaram enquanto íamos nos arrastando naquele andar entorpecente mas reconfortante. Olhei os homens ao meu redor. Pareciam velhos cavalos puxando arados, ainda arrastando-se pela mesma trilha muito depois de soltarem suas rédeas. Era fácil virar uma engrenagem neste círculo da insanidade.

Fiquei me arrastando com eles mais ou menos uma hora. Mas não queria ficar muito tempo longe da minha cama. O médico poderia me chamar. Voltei para minha cama e treinei a falação de paranoico que ia fazer com eles.

O dia se arrastou. A tarde virou noite. Os médicos não vieram.

De uma rachadura do tampo de madeira da minha janela quebrada observei o muro oeste, as falhas na argamassa me convidando a escalar. Assisti ao Sol cair atrás do muro e iluminar o outro lado do mundo de que eu tanto sentia falta.

Mas a Seção 13 logo se intrometeu nos meus pensamentos. Alguns homens pararam perto de um dos meus vizinhos... o que estava sentado na cama se balançando para a frente e para trás enquanto entoava sem parar com seu *masbaha*. De repente um deles agarrou o rosário. Jogou-o do outro lado do salão, para outro homem.

– *Alá!* – o velho gemeu de revolta. Ele se impulsionou da cama para correr atrás de seu rosário. – *Yok, yok, yok* – implorou com seus agressores enquanto se mexia entre as camas.

Vários outros juntaram-se ao jogo, passando o rosário pelo salão, sempre deixando-o a poucos passos de seu dono.

– *Brack!* – ele gritava, seu nariz inchado enrubescendo.

O pobre homem estava desvairado. Ele *precisava* das continhas de volta. O suor brotou de sua cabeça calva e brilhosa. Seus movimentos aceleraram. Ele ficou violento. A brincadeira havia terminado. Ele irrompeu com um grito e pulou no rosário, empurrando camas e corpos que estavam pelo caminho. Pulou em homens dormindo, chutando qualquer um que tentasse detê-lo.

Uivando de ira, ele correu sem rumo. O rosário voava das mãos de um agressor para outro. No seu rastro, homens começavam a digladiar, gritando e socando quem estivesse perto.

Um funcionário finalmente reagiu ao tumulto e gritou:

– Ossman!

Do primeiro salão, vestindo pijama de detento, veio o turco mais musculoso que eu já vira na vida. Ele parecia um gorila, com a mesma centelha de inteligência a brilhar entre os olhos sulcados. Ele dirigiu-se a passos pesados até o dono do rosário. Era óbvio que o encenqueiro

era ele. Ossman pegou o velho pelos ombros. Jogou-o com violência contra a parede. O velho louco desabou no mesmo instante. Então Ossman pegou o corpo flácido e carregou até o primeiro salão. Os funcionários trataram dos cortes e feridas do velho.

– Ossman. Ossman – o servente falou em tom de aprovação. Ossman sorriu.

Entre os infinitos pedidos de cigarros, o zumbido incessante de “*Omina koydum*” do outro lado e a balbúrdia geral, eu mal conseguia ter um pensamento claro. Tinha que avaliar minha situação, planejar minhas ações. Mas onde eu conseguiria pensar nessa casa de loucos?

Sim, na roda. Lá eu poderia andar só, poderia ordenar meus pensamentos desalinhados. Então fui para o porão. Juntei-me à procissão que marchava firme, sentido anti-horário rumo ao nada. Meus pensamentos continuamente voltavam ao muro oeste, com aqueles apoios perfeitos para os pés na argamassa. Tinha certeza que conseguiria escalar aquele muro. Em termos de escalada, eu era um macaco. Mas eu encontraria roupas? Consequiria um passaporte? O mais importante: se eu fugisse daqui, teria tempo de atravessar a fronteira antes de ser descoberto? Para ser livre eu tinha que fugir da Turquia, não só desse hospital. Meu cabelo loiro e meu pijama curto me deixariam mais ou menos à vista em Istambul. Decidi aguardar a decisão do médico.

Uma mão no meu ombro interrompeu meus pensamentos.

– Você é inglês? – perguntou uma voz áspera.

Virei-me e vi um turco alto com aparência cadavérica, barba grisalha e pele envelhecida. Seu cabelo prata era fosco, acentuando o formato do crânio. Chumaços de cabelo haviam caído ou sido arrancados.

– Você é inglês? – ele repetiu, em sotaque britânico bem cuidado. Parecia muito improvável, vindo daquela boca amarelada.

– Americano – respondi.

– Ah, sim, América. Meu nome é Ahmet – ele sorriu. – Estudei em Londres muitos, muitos anos.

Ele seguiu ao meu lado por uns vinte minutos, tagarelando sobre suas viagens a Londres e Viena, anos atrás. Havia estudado economia. Trabalhara por toda a Europa. Conteí a ele dos meus estudos e que os havia abandonado para viajar pelo mundo.

Ele me olhou com cara de entendido.

– Você está muito longe – disse.

– É, é o que parece – admiti, triste. Então minha curiosidade me venceu. – Há quanto tempo você está aqui? – perguntei. – Por que está aqui agora?

Seu rosto não traiu mudança de emoção. Aos poucos ele disse:

– Acho que já falamos bastante por hoje. Agora eu lhe darei boa noite.

Então, enquanto eu o observava, Ahmet envolveu-se com seus panos. Ficou de mãos e joelhos no chão e engatinhou até as trevas imundas sob a plataforma de madeira em L.

Três médicos turcos me chamaram no escritório na manhã seguinte. Todos pareciam falar inglês razoável.

– Bom dia. Como está, William? – disse o que estava evidentemente no comando.

Não falei nada.

– Por que você está aqui, William? – ele perguntou.

Continuei sem falar. Meus olhos estavam para baixo. Fiquei parado no meio da pequena sala me esforçando para parecer tenso. Considerando as circunstâncias, era até fácil. Meu corpo começou a ter contrações.

– Gostaria de se sentar?

– Não. – Recuei para um canto.

– O que houve, William? Por que você está aqui?

– Eles que me mandaram.

– Quem mandou? – Silêncio.

– Você está doente? Você está mal? Tem um problema? Podemos ajudá-lo? – As perguntas eram tranquilas e propositais. O segundo médico fazia anotações numa prancheta.

– Eles me mandaram da prisão. Não, do tribunal – rugi, repentino. – Da prisão. Não sei. Não sei. O que tão fazendo comigo?!

– Você tem problemas?

– Eu tenho um... – E apaguei. De repente me lancei contra o médico que anotava na prancheta. – Por que ele escreve isso tudo, porra?! – gritei. – Açam que eu sou um bicho? O que querem fazer comigo? Eu não sou um bicho pra vocês trancarem na jaula!

– Acalme-se, William. Qual é o problema? Viemos ajudá-lo.

– Meu problema é... eles me trancafiaram... eu tento escrever... eu era inteligente... eu fui pra universidade... eu escrevia... agora não posso ler... eles tão sempre me olhando... não consigo escrever uma carta pros meus pais... eu esqueci...

Corri para o canto e fiquei de cara com a parede, me escondendo deles.

Os médicos falaram entre si em turco. Eu não entendia o que diziam. Fiquei pensando se minha atuação estava dando certo, ou se eu estava sendo muito canastrão. Considerei se, para dar ênfase, eu deveria pular no médico e arrancar o nariz dele a dentadas.

– O que você quer que façamos, William? Você quer ficar aqui?

– Eu não quero ficar aqui.

– Você quer voltar para a prisão?

– Eu não quero voltar para a prisão. Lá eles querem me matar. Eles me trancam na jaula que nem bicho!

– Quem sabe você senta na cadeira? – ele pediu, com delicadeza.

– Eu não vou sentar porra nenhuma! – berrei, chutando a cadeira para o outro lado da sala. O funcionário na porta fez menção de vir me segurar. O médico estendeu o braço para detê-lo.

– Vocês não estão nem aí. Vocês não querem saber se eu vivo ou morro. Vocês são iguais aos outros. Vocês todos querem me trancafiar, me matar. Eu não quero ficar aqui!!!

Saí correndo porta afora, desvencilhei-me do funcionário e corri até o segundo salão. Me amontoei na minha cama, sem acreditar no que tinha feito. Em poucos instantes, um dos médicos veio. Ele ficara em silêncio durante a consulta, mas agora tentava me tranquilizar.

– Volte – ele disse. – Está tudo bem. Volte.

Eu o segui de volta. Ele me puxou para outra sala. Fez sinal para eu tomar uma cadeira,

sentou-se e ficou me olhando. Colocou as duas mãos nos meus joelhos nus e falou com delicadeza.

– Acho que eu posso ajudá-lo. Gostaria de entrar em contato com seu cônsul e conversar com ele. Não posso ajudá-lo aqui, não nesta seção. Gostaria de levá-lo para a minha. Mas não posso, a não ser que seu cônsul venha e se responsabilize por seu comportamento.

Fiquei de rosto sem expressão, embora minha cabeça desse rodopios. *Se o cônsul pudesse se responsabilizar!* Ou seja, a seção dele devia ser aberta. Sem barras, sem muros. Só médicos para ajudar coitados doentes como eu. Ah, sim, eu já imaginava. Ficaria alguns dias, daria uma volta no parque, conversaria com o médico amigo que ainda estava com as mãos nos meus joelhos. Então iria junto com o vento. Adeus, Bakirkoy. Adeus, Sigmalcilar. Adeus, Turquia!

O médico me deixou usar o telefone. Liguei para Willard Johnson, o vice-cônsul. Tentando tirar a empolgação da voz, expliquei a situação. Se ele pudesse vir ali conversar com os médicos, eles me ajudariam. Ele disse que entraria em contato em breve.

De volta à minha cama, eu quase sentia o gosto da liberdade. Não precisaria dos apoios para os pés no muro oeste. Eu só precisava manter o médico convencido de que precisava muito de ajuda e logo seria levado a um centímetro da liberdade.

Sob as instruções aptas dos quatrocentos e cinquenta doidos da Seção 13, comecei a injetar cada vez mais loucura no meu número. Queria deixar a devida impressão caso os médicos pedissem para me observar. Logo comecei a molhar a cama e defecar no chão. A maioria dos detentos mais doidos ficava nu em pelo. Então passei manhãs seguidas escondendo o dinheiro num furo do colchão, rasgando o pijama e saindo correndo para o pátio. Parecia ser a atitude certa. Se ajudasse na minha situação, todos os incômodos de ficar nu entre esses doidos valeria a pena. Mas os funcionários não estavam nem aí. Mais um louco pelado não fazia diferença. Apenas Policebaba parecia preocupado. Ignorei suas reclamações. Os únicos interessados na minha nudez interessavam-se pelos motivos errados. Então desisti dessa estratégia.

Eu passava horas caminhando na roda.

Dias e dias passaram. Nada aconteceu. Por que o cônsul não veio? Talvez tivesse vindo e não o deixaram me ver. Por que eu não tinha mais notícias? Por que eu ainda estava na Seção 13? Aos poucos, meus pensamentos trocaram as fantasias de fuga pelas dúvidas persistentes.

Subornei um dos funcionários para usar o telefone de novo. Mais uma vez liguei para Willard Johnson. Mais uma vez ele prometeu que daria meu recado.

Então, uma tarde, enquanto eu estava sentado na minha cama, um turco baixinho e com aparência esquisita veio falar comigo. Devia ter uns trinta anos. Era magro, mas não esquelético. Seu pijama era arrumado e bem limpo, sinal de que era mais sã do que o detento médio. Tinha olhos brilhantes, claros, assustadores. Ele se aproximou, olhando direto no meu rosto. Com inglês perfeito, disse:

– Você nunca vai sair daqui.

Congelei. Quem era esse homem? O que ele sabia?

– Você acha que vai ficar só mais um pouco e depois estará livre – ele prosseguiu. – Mas não vai.

– Quem é que pode dizer? – dei de ombros, tentando parecer indiferente. Meus músculos

se retesaram. – Onde você aprendeu a falar inglês?

– Estudei. Lá fora.

– O que você está fazendo aqui? – perguntei.

– Me botaram aqui.

– Quem?

– *Eles*.

– Ah. E está aqui há muito tempo?

– Sim, há muito, muito tempo.

Ele era bom de conversa.

– Bom, e por que não vai embora?

– Não posso. *Eles* não me deixam.

Eles agiram certo, a meu ver. O homem era pirado. Seus olhos me assustavam. Tinham veias vermelhas e se projetavam como embriões de ovos crus. Falar com ele já me deixava apreensivo.

– E não deixarão *você* ir também.

Não sabia bem onde ele havia conseguido aquela informação. Mas a certeza afetada da sua conduta me incomodou.

– E você entende do quê? Eles vão me deixar sair.

– Não, nunca vão deixar *você* sair. Eles lhe dizem isso, mas *você* fica. *Você* nunca sai daqui.

Dei-lhe as costas, esperando que fosse embora. A conversa não estava do meu agrado. O homem era obviamente lunático. Senão não estaria aqui. Então o que eu estava fazendo ali, conversando com ele?

Depois de filar um cigarro ele continuou seu papo sombrio. Queria muito escorraçá-lo. Mas aí poderia parecer que eu admitia que não sabia lidar com seu argumento. Continuamente eu lhe assegurava que enquanto *ele* poderia ficar preso ali para sempre, *eu* iria embora em breve.

Ele tentou me explicar a situação.

– Nós todos viemos de uma fábrica – ele disse, como um pai dando sermão ao filho. – Às vezes a fábrica faz máquinas estragadas, que não funcionam. E aí mandam para cá. As máquinas estragadas não sabem que são ruins, mas as pessoas da fábrica sabem. Elas botam as máquinas aqui e deixam.

– Acho que *você* vão deixar aqui, mas eu vou embora.

– Não. Não vai nunca. *Você* é uma das máquinas que não funcionam.

A cada dia que passava no Bakirkoy, eu me sentia mais isolado da realidade. A insanidade ao meu redor parecia contagiosa. Os muros me sufocavam. O tagarelar e gritar constante dos funcionários me atormentava. Eu tinha que deixar a Seção 13. E tinha que ser logo.

Por um suborno de cinquenta liras, Policebaba aceitou enviar um telegrama por mim. O destinatário era Willard Johnson, no consulado dos EUA. Tentei que soasse desesperado-louco. Ele *tinha* que vir e convencer o médico de que eu era confiável. Que eu poderia ser transferido para a seção aberta, a um passo da liberdade. Johnson foi evasivo.

Os dias se passaram. Ibrahim sempre voltava na minha cama. Ele me disse que eu não sabia o que *eles* faziam comigo. Porque uma máquina estragada não sabe que está estragada.

Chegava a parecer que Ibrahim estava certo. Willard Johnson estava estranhamente silencioso. Os médicos não davam mais bola para mim. Comecei a me ver estudando o muro oeste. Deveria tentar agora ou aguardar? Se eles me dessem um “atestado de louco”, então depois eu teria tempo de tentar o muro. Aliás, talvez eu *tivesse* que sair daquele jeito. Se achavam mesmo que eu era louco, eles não me deixariam sair de outra forma. Parecia estranho eu tentar criar exatamente a situação que Ibrahim previra.

Numa manhã, quando fui despertado cedo pelas orações muçulmanas, saí da cama para andar na roda sozinho e pensar. Enquanto passava pelo terceiro salão, vi os loucos rezando sob o comando de um *Hoja* de barba branca, que havia muito tempo era o líder espiritual da Seção 13. Alguns deles tinham tapetinhos de oração. Outros tinham apenas um resto de lençol ou de cobertor. Dois internos espasmódicos na ponta tinham dificuldade em seguir o ritual de abaixar-se e ajoelhar-se. Eles se perdiam e caíam muito no chão.

Desci a escada e achei a roda parada. Os da noite haviam saído e os do dia ainda estavam dormindo. Figuras envoltas em panos estavam jogadas pelos cantos da sala. Eles se amontoavam no escuro sob a plataforma. A roda estava vazia. Parecia estranha. Eu nunca havia visto ela parada. Ela sempre estava se mexendo e sempre na mesma direção. Mas por quê, fiquei pensando. Por que as coisas têm que ser sempre iguais? E se eu comesse a caminhar no outro sentido? E se eu andasse no sentido horário? Quando os outros acordassem eles entrariam no compasso seguindo minha liderança no sentido errado? Decidi tentar.

Então, naquela manhã, o primeiro raio da roda começou a girar lentamente na direção errada. Eu andava sozinho em torno do grande eixo de pedra a um ritmo firme e hipnótico. Era tranquilizador, um movimento lento e circular no escuro. Devo ter seguido ali um bom tempo, mas vieram dois turcos e começaram a caminhar na direção usual. Fizaram sinal para eu dar meia-volta. Fiz que não. Fiz sinal para eles tomarem minha direção.

– *Gower!* – eles grunhiram, e seguiram no sentido anti-horário.

Eu estava na pista interna. Cada vez que nos passávamos, eles tentavam me impedir. Mas eu estava determinado a manter minha posição e forçá-los a dar a volta em mim. Não sei por quê, mas me parecia importante. Virou uma decisão. Eu tinha que lutar contra a insanidade ao meu redor.

Ahmet veio das trevas. Ele me puxou para o lado. Mais turcos acordaram e entraram no fluxo da roda.

– Um turco que se preza sempre caminha para a direita – Ahmet explicou. – A esquerda é comunista. A direita é boa. Você tem que ir por aqui. Terá problemas se for pelo outro lado.

Então virei para a direita. De certa maneira era melhor, todos nós fluindo juntos na nossa jornada ao nada. Eu parecia me encaixar entre os loucos em silêncio. Giramos e giramos e giramos num ritmo tranquilo. Tentamos conter o fluxo do tempo. Daqui a anos esses mesmos insanos provavelmente estariam caminhando na mesma roda na mesma direção, a única diferença sendo que eu não caminharia com eles. Isso era certo. Ou não? Tive a breve visão de um idiota loiro e balbuciente envolto num trapo de linho e um manto de louco, fazendo círculos infinitos em torno da roda. De repente o calabouço pareceu assustador. Subi de volta.

Ibrahim me encurralou no fim daquela manhã. Ele era o maior especialista em máquinas que funcionam e que não funcionam em toda a Turquia. Ele me garantiu que era quase certeza que eu não funcionava. Eu nunca ia sair de Bakirkoy. Eu me sentia muito perturbado ao vê-lo. Ele tinha uma luz estranha nos olhos, que me incomodava muito mais do que eu considerava possível. Estava ficando cada vez mais difícil ignorar seus delírios.

Naquela noite, deitei na minha cama e fiquei espiando pela rachadura na cobertura da janela. Uma lua cheia pálida ergueu-se no céu sobre a Seção 13. Os gritos ficaram mais potentes. Geralmente detentos calmos ficavam violentos. Geralmente os violentos ficavam piores. Havia eletricidade no ar. Eu sentia ela passar por mim.

Yakub, o que havia matado a irmã, correu salão adentro. Naquela mesma tarde havíamos dividido um cigarro, e ele estava bem asseado no seu pijama. Agora estava nu, enraivecido, gritando, frenético. Sangue pingava de marcas de arranhão no rosto. Os funcionários correram e lutaram para colocá-lo no chão. Amarraram suas mãos com um *kiyis*, um cinto de couro grosso que se prendia firme na cintura. Suas mãos ficavam estendidas para a frente em algemas também de couro. Nu afora o *kiyis*, praguejando contra os guardas, Yakub foi carregado para o porão.

Esperei alguns minutos. Quando os guardas voltaram, desci a escada.

Eu ouvia os gritos dele vindo de uma sala nos fundos perto das celas de castigo. Mas quando passei da roda e entrei na sala dos fundos, vi que ele não estava trancado numa cela. Ele estava amarrado como um porco, numa cama afixada na parede. Vários detentos estavam reunidos à sua volta. Um estava ajoelhado na cama, puxando o pênis de Yakub; ele o esticava como se fosse feito de borracha. Outro passava a mão pela parte de baixo dele, tentando enfiar os dedos no seu ânus. Um terceiro, nu e também de *kiyis*, se inclinava sobre ele, balbuciando e babando na sua cara. Este parecia ser o que mais irritava Yakub. Ele deu uma arremetida para morder o rosto do homem. Praguejou e lutou contra a corda e o *kiyis*, sem resultado. Os

funcionários haviam dado um jeito para que ele não subisse a escada aquela noite.

Entrei correndo. Colidi com seus algozes e joguei-os no chão. Eles saíram de perto, mas voltariam assim que eu saísse dali. Tentei conversar com Yakub, dizer que eu ia desamarrear as cordas, mas ele não me reconheceu. E eu não o reconheci, na verdade. Ele não parecia a mesma pessoa com quem eu estivera nos últimos dias, a mesma pessoa com quem eu havia conversado e feito refeições.

Seu corpo arqueou-se contra as amarras. Ele rugiu para mim. Seu pescoço fazia força, sua boca cuspiu. Seus dentes tentavam morder o nada. Eu não desamarrei as cordas. O que eu faria? Deixei-o lá com seu destino.

Os rugidos violentos seguiram noite adentro, um hino à lua cheia. Os funcionários deram doses extras de comprimidos naquele dia. Uma quietude inquieta abateu-se sobre a Seção 13. Deitei na minha cama e fiquei pensando nas lendas dos lobisomens das montanhas.

Acordei no meio da noite ao som de gritos raivosos que vinham da área de jogos de cartas dos funcionários. Um detento nu, as mãos com *kiyis*, veio cambaleando para o segundo salão. Ele desabou na minha cama. Então se levantou e foi correndo de volta aos funcionários, gritando a plenos pulmões.

– Ossman – chamou um funcionário. O enorme leão de chácara veio correndo como cachorrinho leal. Pegou o homem nu e jogou-o no terceiro salão. Sem mãos para deter a queda, o homem bateu com força contra as camas. Desabou no chão. Ossman manteve sua posição um instante, aí virou para o primeiro salão.

Mas um instante depois o homem ergueu-se do chão de pedra. Ele começou a ir na direção dos funcionários de novo. Seu rosto estava inchado. Sua boca sangrava. Ele parou ao lado da minha cama, perto do primeiro salão. Agora não estava gritando, estava chorando. Ele tentou dizer algo aos funcionários, mas soluços baixos romperam sua voz. Parecia implorar que alguém o ouvisse. Outros homens de camas próximas gritaram, berraram para ele ficar quieto. Ele se virou na direção deles, ainda chorando, ainda tentando explicar algo que parecia tão importante que ele se dispunha a levar uma surra para contar.

Ossman apareceu. Pegou o homem por trás. Bateu seu rosto contra a parede no pé da minha cama. O louco atormentado girou e enfiou os dentes no ombro gigante de Ossman. Ossman berrou. Então pegou o detento pelos cabelos e puxou sua cabeça para trás. O homem teria desabado depois que o joelho de Ossman bateu entre suas pernas, mas Ossman o segurou no ar. Repetidas vezes sua mão imensa chocou-se com o rosto do louco. Ossman acertava com as costas da mão, da mesma forma que Hamid gostava de bater. O lençol na beira da minha cama ficou manchado de sangue.

Ossman finalmente pegou o *kiyis* com uma mão e o cabelo do homem com outra. Arrastando-o pelo corredor, Ossman parou na escada circular. Com um impulso forte, ele jogou o homem no calabouço. O corpo ribombou contra a pedra e foi rolando até o porão. Ossman bateu o portão com barras. Tudo ficou calmo lá embaixo.

Era assim que acontecia?, pensei. Vai ver nunca deixavam as pessoas saírem de lá. Só deixavam as máquinas defeituosas ficarem piores e depois jogavam no porão.

Um grito agudo sinistro despertou os aquartelados na manhã seguinte. Na ressaca do

encontro com a lua cheia, a casa de loucos voltou à vida devagar. Os internos se olhavam em dúvida. Mais uma vez, um grito selvagem.

Mas vinha de fora do prédio.

Corri para uma janela. Vários se juntaram a mim. Lá, no alto do muro ao lado do portão principal, havia um pavão. Ele se debatia, agonizando. Estava preso nos redemoinhos de arame farpado enferrujado que ficavam dentro da hera. O sangue pingava de suas belas penas. Ele se contorcia e rasgava sua carne nas farpas assassinas. Quanto mais se debatia, mais indefeso e enredado ficava. Vários homens berravam, comemoravam, riam histéricos. Fiquei observando quieto enquanto o bicho gritava e lutava. Talvez tenha durado meia hora. Finalmente ele desabou em morte misericordiosa.

Na mesma manhã, os detentos descobriram que um dos vegetais havia morrido à noite. Enrolaram-no no seu lençol sujo e o despacharam para passar o resto da eternidade embalsamado pelos próprios dejetos.

Fiquei pensando de novo no muro oeste. Seus apoios convenientes pareciam ainda mais convidativos. Mas aonde eu iria? O que eu faria? Eu era preso não só de Bakirkoy, mas de toda a Turquia. Precisava de um passaporte. Precisava de amigos lá fora que soubessem o que fazer.

E o que eu não precisava era da zombaria incansável de Ibrahim.

Cada vez que eu via seu rosto com aquele sorriso lascivo, os tetos baixos do Bakirkoy pareciam um centímetro mais baixos. Eu estava sufocando com os loucos. A sujeira, o fedor, os piolhos, os gritos e delírios, os olhares dos homens com cérebros queimados, tudo me afundava ainda mais na depressão. Ibrahim ficava me dizendo que eu era um dos refugos da fábrica, e eu começava a acreditar. O poder da sugestão, somado à realidade escandalosa ao meu redor, estava me levando ao limite.

Então, enquanto caminhava na roda nas primeiras horas da manhã, uma resposta me veio à mente. Sim, uma resposta que me deixaria imune ao argumento de Ibrahim.

Pouco depois do café da manhã, ele me procurou.

– Você ainda não acredita que é máquina quebrada? Pois vai ver. Vai descobrir. Depois, vai *saber*.

– Ibrahim – falei –, eu *já sei*. Sei que você é uma máquina quebrada. Por isso que a fábrica deixa você aqui. – Abaixei a voz. – Sei porque eu vim da fábrica. Sou eu que construo as máquinas. Só vim ver como você está...

Ibrahim estreitou o olhar. Ele se ergueu da minha cama com pressa e foi embora.

10

Acordei com grande expectativa. Era o décimo sétimo dia da minha passagem pelo Bakirkoy. A estadia determinada pelo tribunal se encerrara. Os médicos teriam que tomar uma decisão. Eu sabia que me mandariam de volta à prisão de Sigmalcilar.

Eu estava são. Não pertencia ao Bakirkoy. Era óbvio.

Os soldados vieram atrás de mim. Me colocaram nos fundos de um camburão e me levaram para a prisão. Estranhamente, eu estava ansioso para voltar a meu velho *kogus*. Se tinha que ficar trancafiado, preferia ficar com meus amigos.

Enquanto o guarda me arrastava pelo *kogus*, fui saudado por um assobio de Harpo Marx.

– Popeye!

– Hoooo, Willie – ele berrou. – Como foi a casa de louco? Tinha brotinho? O que que deu? Não vai me dizer que não é louco, né?

Eu ri.

Popeye abaixou a voz.

– Não deu chance de fugir?

– Bom. Acho que eu podia ter fugido. Mas aí eu ia fazer o quê?

– Como assim?

– Aonde eu iria? Eu estava de pijama.

– Willie! – Arne veio e me deu tapinhas nos ombros. Enfiou uma xícara de chá nas minhas mãos. Provei.

– Aaaaah! Bem agüado.

Arne deu de ombros.

– Ziat – ele disse. – Fazer o quê? – O narcomascate jordaniano continuava com o monopólio da concessão de chá.

– Vem cá – Popeye disse, puxando meu braço. – Voleibol. A gente consegue cem liras cada com os carinhos da Dinamarca que chegaram.

– Só um pouquinho, eu quero dar oi para todos. Cadê o Charles?

– Lá em cima – Arne disse. – Fazendo as malas.

– Fazendo as malas?

– Foi transferido. Para uma ilha-prisão.

Subi. Charles estava curvado sobre a cama, arrumando uma pilha de livros.

– Olá, Charles.

Ele ergueu o olhar.

– Olá, Willie. Então você voltou. Como foi?

– *Sula bula*. Que história é essa de ilha?

Charles pegou um mapa.

– Imrali – ele disse, indicando um pontinho do Mar de Mármara. – Fiz a solicitação há meses. O cônsul veio com um formulário. Disse que eu podia pedir transferência. Os turcos deixam fazer isso quando sua sentença é aprovada no tribunal superior em Ankara. Mas eu passei muito tempo sem notícias. Achei que tinham negado. De repente disseram que tudo bem. Vou embora na semana que vem, acho.

– Por que você quer ir para lá?

– Trabalho. Lá eles enlatam frutas e legumes. Vou passar um tempo no sol.

– Tem outros americanos lá?

Charles deu de ombros.

– Não sei. Acho que não tem outros estrangeiros, mas não me importo. Preciso de exercício. Tenho que sair desse buraco.

– Bom, espero que goste.

Charles sorriu.

– Só quero que lembre de mim no próximo Natal. Se você comer tortinha doce, lembre que fui eu que enlatei a geleia.

No próximo Natal. Era certo que eu passaria mais um Natal ali. Meu bom humor esmaeceu. Eu ainda estava na prisão e meu grande plano dera errado.

Fui em direção ao odor de *gastro*. Max e eu analisamos minha viagem a Bakirkoy. Ele achou que eu tinha cometido um erro na forma como conversei com os médicos. Ao responder às perguntas eu me provei são, pelo menos são demais para Bakirkoy, racional demais para ganhar um “atestado de louco”.

– Eu devia ter escalado o muro – falei.

– Qual muro?

– O que dava para oeste. Tinha uns buracos grandes na argamassa. Eu ia escalar fácil.

– Oeste. Oeste – Max murmurou. – Que bom que não foi.

– Por quê?

– É o muro que se liga com a Seção 12. Os junkies. Foi lá que eu passei um tempo. Você teria caído na Seção 12. Pulado dos loucos criminosos para os drogados.

Emin, o detento de confiança, destrancou a cela e depois me trouxe uma carta que havia chegado enquanto eu não estava. Eu me senti acalentado ao ler. Fiquei alguns minutos olhando o envelope antes de abrir. Sentei com cuidado na minha cama e li várias vezes. “Suas cartas me ajudaram a superar um período difícil”, Lillian escreveu. “O fim do meu casamento – mesmo um casamento ruim – me deixou com uma sensação horrível de fracasso. Você me ajudou a ver meu valor. Você reacendeu em mim o espírito da aventura.” Lillian havia abandonado o emprego em Harvard. Ia alistar-se numa expedição para escalar montanhas na Colúmbia Britânica. Bom para ela. Pelo menos um de nós aproveitaria o ar livre. Quem sabe através de suas cartas eu podia escapar desse inferno.

A maior surpresa da minha volta foi Weber, o novo preso alemão que se gabava até mais que Popeye. Weber andava com um ar de metido, como se fosse dono do *kogus*. Usava um

cinturão de eletricista, cheio de chaves de fenda, alicates e outras ferramentas. Eu não acreditava. Popeye me contou que Weber dera um jeito de conseguir um emprego de ajudante dos eletricitas e encanadores turcos. Ninguém sabia como. Os turcos geralmente não gostam que estrangeiros trabalhem. Por isso agora, todo dia, Weber tinha permissão para sair do *kogus*.

– O diretor, ele me faz chefe. De todos serviço em prisão. Iá, iá – Weber disse a Popeye. – E faz trabalho bom. Iá, iá. Conserta, conserta.

– Eu queria dar um murro no “iá, iá” dele – Popeye resmungou.

Weber saiu andando. Era desagradável, com certeza. Mas ainda acho que não era tão imbecil quanto parecia. Weber estava armando alguma.

Alguns dias antes da ida de Charles para Imrali, sua namorada Mary Ann veio dos EUA para visitá-lo. Ela viria à prisão com Willard Johnson, do consulado. Charles me perguntou se eu poderia ir à sala de visitas e manter Willard ocupado com algum assunto enquanto ele e Mary Ann ficavam na outra ponta da mesa.

Era uma mulher linda. Pele bem branca e cabelos castanhos e compridos. Meus olhos não paravam de cair nela enquanto eu lançava perguntas a Willard.

– O que está acontecendo? – perguntei, irritado. – Por que você não ligou para o psiquiatra? Por que não me ajudou? Você quer que eu passe o resto da vida apodrecendo na prisão?

Willard estava um pouco afobado. Ele me parecia um almofadinha, cheio de boas intenções mas pouco à vontade na companhia de detentos numa prisão. Com o terno de algodão e a gravata listrada, ele estaria mais encaixado num clube masculino de Nova York ou no pregão da bolsa de valores. Seu rosto roliço estava vermelho.

– Espere um pouco, Billy. Não é tão fácil.

– Você não quer me ajudar? Você não se importa comigo?

– Não é simples assim, Billy – Willard falou com firmeza. – O médico queria que eu garantisse que você não tentaria fugir. Queriam colocar você em uma seção aberta.

– E daí?

– E daí, como eu ia dar garantias? Como sabíamos que você não tentaria fugir?

– Eu não faria uma coisa dessas.

Willard me dirigiu um olhar de desconfiado. Decidi mudar de assunto.

– Preciso de umas coisas da cantina. Preciso de um pacote de cigarros com filtro.

– Você virou fumante?

– Sim. Aqui dentro pega. Tem fumaça por toda parte. Melhor fumar de uma vez.

– Ok. Carteira de cigarros.

– E chocolate.

– Ok. Só isso?

Eu vi que Mary Ann havia passado a mão para baixo da mesa. Parecia que estava no colo de Charles. Seu braço se mexia devagar, para frente e para trás.

– Hã... mais – gaguejei. – Preciso... hã... de escova de dentes.

– Escova de dentes?

– Sim... e... hã, sabonete.

– Sabonete. Ok. – Willard virou-se de repente. – Charles, você precisa de alguma coisa da cantina? – Charles deu um pulo.

– Não – falou rápido.

– E o meu julgamento? – perguntei. – Já faz mais de seis meses. Ainda não sei qual é minha sentença.

– Bom, o tribunal recebeu seu relatório do Bakirkoy. Marcaram data de novo julgamento para 31 de maio.

– Aí vão dar minha sentença.

– Acredito que sim.

O braço de Mary Ann começou a se mexer mais rápido.

– Quantos anos você acha que eu vou pegar? – perguntei a Willard.

– Não acho que vá ser muito ruim – ele respondeu. – Talvez trinta meses. Talvez cinco anos. – Charles estava de olhos fechados.

– Pra mim parece ruim – falei.

– É, imagino que do seu ponto de vista, sim. Mas não é uma sentença tão pesada para contrabando de haxixe. – O cônsul virou-se e olhou para a outra ponta da mesa.

– O que acha, Charles?

Charles abriu os olhos e piscou.

– Hã? Ah, sim. Imrali é muito boa, meu. Arrã. Vai ser bom. – O cônsul fez cara de confuso. Mary Ann deu um sorriso de acanhada e trouxe a mão de volta à mesa.

A vida na prisão ganhara outra perspectiva depois das trevas do Bakirkoy. Meu equilíbrio estava prejudicado. Ioga e meditação ajudavam, mas eu me vi reagindo com mais ardor às tensões do *kogus*. Charles me deixou de presente seu dicionário turco-inglês. Falar com os guardas era difícil, então me decidi a estudar o idioma. Minha concentração era fraca, porém. Comecei a fumar com mais frequência, tanto tabaco quanto haxixe. Dependia cada vez mais dos dois vícios para controlar os nervos. Ziat era a fonte da maior parte do haxixe no *kogus*, mas seus preços eram absurdos. Descobri que Max, através do amigo eletricista, conseguia haxixe melhor e mais barato.

Na noite após a ida de Charles para Imrali, Popeye, Max e eu nos sentamos na cela de Max, sentindo-nos um pouco solitários. Max já estava definhando no seu *gastro*, mas nunca precisava de desculpa para fumar haxixe. Ele foi caminhando sem firmeza até sua latrina. Colocou a mão lá dentro e voltou com meia placa. Partiu-a em pedacinhos menores e enrolou em cigarrinhos. Max balançou a cabeça suavemente em aprovação. Ouvi o tagarelar incessante de Popeye quanto à possibilidade de revolução na Turquia. Se entrasse um governo novo, pensei, talvez declarassem anistia.

De repente ouvi a porta se abrir para o *kogus*. Um caminhar calculado veio até o pé da escada.

– *Eskilet!* – gritou uma voz. Era “esqueleto”, o apelido que os turcos haviam dado a Max.

Max não queria que os guardas fossem até sua cela. Saiu rápido até o corredor e desceu a escada. Popeye e eu soltamos nosso haxixe na latrina e voltamos para nossos quartos. De repente ouvi Max berrando. Desci o corredor correndo e cheguei no alto da escada para ver

dois guardas torcendo os braços de Max para trás. Arief enfiou a mão no bolso do roupão de Max e puxou haxixe. Os guardas arrastaram Max para o porão. Então vi Arief falar algo baixinho com Ziat, que estava perto da porta com um sorriso no rosto.

Max voltou alguns dias depois. Mancava um pouco. Tinha ataduras nos pulsos. Perdera os óculos. Apertava os olhos, doloridos, quando conversava comigo. Contou que o haviam levado para o andar de baixo, espancado-o por alguns minutos, e depois foram pegar Hamid. Enquanto os guardas não estavam, Max quebrara os óculos e usara um caco para cortar os pulsos. Os guardas foram obrigados a levá-lo ao *revere*, o dispensário da prisão, em vez de continuar espancando-o.

– Foi Ziat – eu falei.

– Eu sei, eu sei. Maldito seja! Mas com isso aprendi uma grande verdade.

– Qual?

Max curvou-se para chegar perto de mim e abaixou a voz.

– Meu, tem tudo que é droga naquele *revere*.

Arne estudava mapas astrológicos com atenção. Ele fizera um levantamento de todos os homens no *kogus*. Não se surpreendeu ao descobrir que eu era Áries. Era o signo mais comum na prisão. Os de Áries tendem a agir precipitadamente, são impetuosos. Era eu mesmo.

Toda manhã, quando eu comprava uma xícara do chá aguado de Ziat, seu sorriso me lembrava que ele havia dedurado Max. Comecei a me perguntar por que Ziat ainda estava na gerência da lojinha de *chi*. Era para um novo preso assumir o trabalho a cada mês. Alguns ali não precisavam, pois com cinquenta dólares que mandassem de casa estávamos resolvidos por meses. Mas havia outros por lá que não tinham contato com suas famílias e podiam fazer bom uso da grana. Então um dia, quando eu estava particularmente mal-humorado, escrevi uma carta ao diretor da prisão. Reclamei que Ziat era amigo de Emin, que ele subornava Emin para ficar trabalhando na loja de *chi* todo mês. Por conta disso, ninguém mais ficava com a concessão. Primeiro levei a petição a Weber, porque ele parecia falar bem turco e inglês. Precisava de uma tradução. Weber recusou-se a se envolver. Ele estava indo bem, já era supervisor de construções da prisão. Não queria prejudicar o emprego.

Então Max fez o possível para traduzir a carta para o turco. Rodei com a carta para ver se outros presos a assinavam também.

Ziat, é claro, ficou sabendo de imediato. Eu estava no corredor conversando com Arne sobre a petição quando Ziat veio correndo em mim.

– Ninguém assina – Ziat me disse, enfurecido. – Você imbecil perde tempo.

Antes de perceber o que estava acontecendo, eu já tinha agarrado Ziat. Joguei-o no pátio.

– Não me interessa o que vai acontecer, mas eu e você vamos nos acertar – berrei. – Eu vou chutar você por esse pátio todo.

Ziat estava calmo.

– Tudo bem – ele disse. – Ótimo. Mano a mano. Acertamos agora. Mas aviso que, independente do que acontece, quando isso acaba eu trago guardas e eles deixa você em pedacinho.

– O quê! É você e eu que vamos nos acertar, não os guardas. Que conversa é essa de

guardas?

– Certo. Eu dou um jeito em você depois.

Os solados dos meus pés me disseram para parar um instante e pensar. Ziat tinha contatos. Arief! O *falaka*. Ziat falou tranquilo:

– Veja. Você não me incomoda, eu não incomodo você. Certo?

– Mas você me incomoda. Você me incomoda o tempo todo. Seu chá é um lixo. E encrencou o Max. Ele é meu amigo.

– Eu vou deixar você totalmente em paz – Ziat prometeu. – Amigos seu também. Faço chá especial para você. Tem que viver como irmãos. Tem que ficar juntos aqui. – Eu queria dar um soco na cara dele. Queria que ele pagasse por Max. Mas a razão voltou. Uma briga só traria mais problemas. Tomei a única decisão sensata.

Relaxe o punho.

– Ok – concordei. – Você não se mete na minha vida e nem eu na sua.

Uma manhã, a porta do andar de baixo se abriu. Um silêncio abateu-se no *kogus*. Espalhou-se rápido a notícia de que um integrante da máfia russa havia vindo morar conosco. Seu nome era Memet Mirza. Ele movimentava sua corpulência com uma pose insolente, tal como Hamid. Tinha vinte e poucos anos, mas já tinha reputação.

Seu pai e tio eram gângsters peixe grande. Memet já tinha baleado e matado alguns homens por conta própria. Fosse um turco comum, talvez fosse condenado à forca pelos crimes. Sendo *kapidiye*, provavelmente ia cumprir doze a dezoito meses, no máximo. Nos primeiros dias todo mundo dava um passo educado para o lado quando Memet passava. Ziat tinha medo mortal de que pudesse já ter dedurado um dos amigos do russo. Memet caminhava pelos corredores e pelo pátio como um urso pardo voraz.

Popeye e eu estávamos no segundo piso um dia, tentando interpretar o jornal *Hurriyet* atrás de notícias de rebeldes anarquistas, quando ouvimos um grito feroz vindo do pátio. Corremos à janela para olhar. Vimos Memet socando loucamente dois estrangeiros. Eram Peter e Ibo. Eu não os conhecia muito bem, além de saber que os dois eram muito amigos.

Memet podia ser grande assassino quando armado, mas tinha punhos lentos demais. Ibo lhe acertou um soco na lateral da barriga. Quando Memet olhou para baixo, Peter o acertou no olho.

– Aaaaah! – Memet rugiu. Ele pegou os dois homens e tentou apertá-los com um abraço de urso. Mas Peter e Ibo se debateram até se soltarem. Correram para os quartos e esconderam-se debaixo das camas até a índole de Memet se aquietar.

Mais tarde, Popeye e eu nos sentamos na cozinha quando Memet veio comprar uma xícara de chá. Popeye riu baixinho. Ele deu um assobio alto de Harpo Marx e uma cutucada nas minhas costelas. Memet, grandão e durão, estava de óculos escuros para encobrir o roxo no olho esquerdo.

Naquela noite, espiei a cela de Max. Ele estava entocado em sua cama lendo um livro. Quase passei reto, até perceber que ele estava segurando o livro de cabeça para baixo. Mesmo para ele, aquilo era um pouco incomum.

– Max, o que está fazendo? Você deve estar muito chapado.

Max ergueu a cabeça. Viu quem era e colocou um dedo nos lábios.

– Shhhh. Willie, venha cá.

O livro era *Além do bem e do mal*, de Nietzsche. Max ficou estudando meticulosamente a página em branco da segunda capa.

– Recebi hoje no correio – ele sussurrou. Ele foi caminhando até seu armário. Ajoelhou-se, fazendo força contra o roupeiro. Nada aconteceu. – Porra – resmungou. – Willie, me dá uma ajudinha aqui. Empurra o armário pra ficar inclinado.

Apoiei meu peso contra a parte de cima do armário, fazendo ele pender para trás sobre a base. Os dedos de Max tatearam atrás de algo que havia embaixo. Ele pegou um pedacinho de gilete quebrado. Ficamos sentados na sua cama, escondendo o livro entre nós. Max cuidadosamente fez uma incisão na beira da capa do livro, bem nas costuras. Então descascou o papel pesado para expor o papelão da capa. Havia buracos entalhados ali, e dentro estavam pequenos pacotes de papel alumínio. Max os estendeu na cama e abriu. Deu uma olhada na carta que vinha junto.

– Isso aqui deve ser o haxixe. Isso é erva. Isso é anfetamina. Isso é morfina! ... Isso aqui tem que ser LSD – ele disse. – Quer um pouquinho?

– Não. – LSD é uma droga totalmente diferente. Eu sabia que maconha e haxixe eram relativamente inofensivos. LSD podia ser pesado.

Max raspou um pouquinho sobre o papel laminado e o depositou na minha mão.

– Guarde. Nunca se sabe quando poderá precisar.

Voltei para minha cela. Enfiei o pedacinho de papel dentro da lombada do meu diário, perto da minha lima. Então fui jogar pôquer na cela de Popeye.

Haviam plantado uma bomba na embaixada dos EUA. Soldados foram abatidos nas ruas. Anarquistas declararam guerra aberta ao governo turco. Os militares haviam tomado o poder. Impuseram um toque de recolher sério em todo o país. Dizia-se que as ruas estavam tomadas de guardas armados.

Estávamos todos felizes de ver mudança no governo, pois aquilo podia trazer a anistia. Mas a única coisa que ela trouxe foi presos anarquistas. Pilhas deles chegavam a cada dia. A administração da prisão queria manter os líderes separados. Mas havia um só *kogus* na prisão com celas separadas, e era reservado aos estrangeiros.

Ouvimos a movimentação no piso de baixo pela manhã. Os guardas disseram para nos apressarmos, para juntarmos nossas coisas. Íamos nos mudar. Seríamos transferidos para outro *kogus*. Mais uma vez fiquei sabendo que era difícil eu gostar de uma coisa até perdê-la. Perdi a privacidade da minha cela individual. Agora ficávamos apinhados num esquema tipo quartel. Havia quarenta e oito camas no segundo andar e, sabe-se lá por que motivo, nenhuma no primeiro.

Corri para pegar uma cama no canto, onde pudesse ficar de costas para a parede. Peguei a parte de cima de um beliche, para ter um pouco mais de privacidade. Popeye largou suas coisas na cama embaixo da minha, praguejando sem parar contra o *newkogus*. Alguns dos homens imediatamente fizeram telas para proteger suas camas de baixo, pendurando lençóis nas camas de cima.

Antes eram turcos que moravam ali, portanto o lugar estava imundo. O assoalho era coberto de sujeira grossa. Restos de papel, panos imundos e pontas de cigarro estavam espalhados. A fumaça havia descolorido as paredes de gesso amarelo. Algumas janelas estavam quebradas e outras não eram limpas havia meses. Havia enchimento de colchão sujo espalhado pelo chão. O fedor era avassalador. Na outra ponta, o banheiro fedido era pouco melhor que as acomodações do Bakirkoy.

Passamos a dividir outro pátio com um *kogus* de presos turcos, e a primeira visão deles foi uma grande surpresa. Vários jogavam vôlei, mas estavam vestidos de terno e gravata, pulando no sol quente.

– *Kapidiye* – Max murmurou.

Memet parecia incrivelmente incomodado. Percebi que estava envergonhado de seu olho roxo com outros *kapidiye* em volta.

– Ih, garoto! – Popeye riu baixinho. – Esse é duro na queda. Esse *kapidiye* é durão. Esse é um olho roxão. – Ele assobiava e dançava. Memet lhe disse um palavrão.

Todo homem tinha sua rotina na prisão. Os incômodos começavam quando alguém ou alguma coisa perturbava aquela rotina. Agora a rotina de todos estava desalinhada. O ar parecia carregado de eletricidade.

Na manhã seguinte, tentei restaurar a minha rotina. Levantei cedo e pratiquei ioga no vazio do novo andar de baixo. Ziat, na outra ponta, preparava seu chá. Fui ao pátio e vi os novos contornos que o sol e as sombras desenhavam nos muros desconhecidos.

Minha cabeça virou rápido quando ouvi gritos vindo da área da cozinha. Eram berros, gritos, xingamentos. Ouvi gente correndo. De repente os barulhos pararam e a coisa ficou mortalmente silenciosa. Devagar, cuidadosamente, entrei de novo.

Dois homens estavam carregando Popeye para a porta do *kogus*, enquanto um guarda do lado de fora aguardava com uma maca. A camiseta de Popeye tinha grandes manchas de vermelho vivo que pingavam no chão, às poças. Ele estava consciente, mas parecia em estado de choque. Fiquei observando os homens levarem-no do *kogus*. Então me virei para a cozinha. Os homens estavam sentados nas mesas, em silêncio. Alguns ainda comiam pão. Uma mesa estava vazia. E coberta de sangue.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Memet – alguém falou. – Ele simplesmente chegou por trás e apunhalou Popeye.

– Cadê o Memet?

– Saiu pro pátio.

– O quê? E ninguém fez nada?

– Ia fazer o quê?

Uma chuva de raiva quente caiu sobre meus olhos.

– Qual é o problema de vocês? – eu berrei. – Vão deixar os turcos matar todo mundo aqui, fatiar todos nós? Por que não pularam nele, não jogaram alguma coisa nele? Como é que conseguem ficar aqui sentados comendo pão?

Arne tentou me acalmar, mas eu o empurrei. Corri para o pátio. Se eu não estava louco no Bakirkoy, agora estava. Memet caminhava para lá e para cá no pátio, com as mãos nos bolsos.

Alguns de seus amigos *kapidiye* estavam por perto.

– *Deli!* – gritei da outra ponta do pátio. – Louco! Ipnay (“viado”)! – Fiquei procurando as palavras mais perversas que eu conhecia. Estava frustrado por não ter aprendido a dizer bons palavrões em turco.

Memet ficou me olhando. Não são muitos os turcos a quem se pode chamar de louco viado e deixam por isso. Mas quando o turco era um *kapidiye* com opinião inflada de si e seus amigos estavam olhando, a jogada era séria. Emin veio correndo me acalmar. Mas eu o empurrei. Ele desabou no concreto. Memet parou de caminhar.

Ele virou-se para me olhar do outro lado do pátio.

– Willie – era a voz de Arne atrás de mim. – Ele ainda está com a faca.

Oh, Deus. Não ia ser bom para Popeye se eu fosse esfaqueado também. Eu precisava de um porrete. De alguma coisa. Qualquer coisa.

Memet deu um passo na minha direção. A faca brilhou na sua mão. De repente braços imensos me pegaram por trás e eu fui arrastado e jogado contra uma parede de concreto. Fiquei totalmente sem fôlego. Vi mais ou menos o rosto pardo de Hamid. Sua mão grande e pesada estava apontada para mim.

Plaf!, ele me atingiu com toda força. Fui forte contra a parede. *Plaf!*, ele me pegou com as costas da mão. Lampejos de dor e luzes rodopiantes tomaram minha mente. Então ele berrou ordens para Emin e os outros guardas. Eles conduziram todos os estrangeiros de volta ao *kogus* e nos trancaram lá dentro. Naquela tarde devíamos ser transferidos para outro *kogus* estilo quartel, do outro lado do *kogus* infantil. Mais uma vez íamos dividir o pátio com os garotos.

O diretor, Mamur, deu ordens rigorosas. Não haveria mais turcos no *kogus* dos estrangeiros. Era um bônus. Emin teria que ir embora. Mamur indicou um sírio chamado Necdet como novo *memisir*, o detento encarregado do *kogus*. Ele falava bem muitos idiomas e era homem de muita instrução. Estava cumprindo doze anos e meio por espionar o Exército Turco. Era o único preso no *kogus* dos estrangeiros que não tinha nada a esconder. Não se interessava por drogas nem por sexo. Nem jogava cartas.

Minha cabeça doía dos socos de Hamid. Aos poucos juntei minhas coisas. Segurei as lágrimas por Popeye. Mas Max logo veio trazendo notícias.

– Necdet teve notícias do *revere* – ele disse. – Disseram que o Popeye vai ficar bem. Não vai morrer. Disso eles têm certeza.

Sentei na cama aliviado. Max inclinou-se e examinou meu rosto inchado no ponto onde Hamid havia acertado.

– Esse Hamid é um animal. Mas hoje ele lhe fez um favor – Max falou baixinho.

– Como assim?

– Ele salvou a sua vida, meu. Você não notou?

Fechei os olhos e lembrei do brilho na faca de Memet.

Tribunal. Mais uma sessão de palavras confusas em turco voando ao meu redor. Meu destino era decidido à minha frente. Eu estava impotente para falar. Yesil fez sinal para eu me levantar. Solenemente, ouvi o juiz dizer a palavra *dort*, “quatro”.

– Quatro anos e dois meses – Yesil me contou. – Por posse de haxixe. Foi bom. O promotor queria acusá-lo de contrabando.

Cinquenta meses. Eu ia sacar um terço por bom comportamento. Ou seja, ia cumprir trinta e três meses e um terço. Estaria livre em 17 de julho de 1973. Mais de dois anos pela frente.

Fiquei horrorizado. Senti a náusea se formar dentro de mim conforme os soldados acorrentavam minhas mãos. Fiquei olhando em silêncio, vidrado, ao ser conduzido pelas ruas de Istambul de volta a Sagmalcilar.

Arief me revistou com dureza. Outro guarda agarrou meu braço e me puxou pelo corredor até o *kogus* dos estrangeiros. A porta se abriu. O guarda me empurrou para dentro.

A porta de metal pesada bateu atrás de mim.

Passaram-se dias após dias. Um verão inteiro da minha vida foi pelo ralo. Charles mandou carta de Imrali e parecia feliz de verdade por estar cumprindo sua sentença na ilha. Podia nadar na hora do almoço. Nas sextas-feiras, podia fazer longas caminhadas. A comida era boa. Como seu trabalho era enlatar frutas e legumes, ele podia comer quantos quisesse.

Sua carta me deixou pensando.

– Max, e Imrali? – perguntei.

– Acho que é legal. Se você curte trabalhar.

– Não. Quis dizer pra fugir.

– Se mandar?

– É. Escapular.

– Neeem. Dá trinta quilômetros da costa. E mesmo que você chegue lá, ainda é Turquia. Aí você faz o quê? Melhor você ir pra Imros.

Imros era outra ilha-prisão. Mas ela dava para a costa oeste da Turquia, no Mar Egeu. Tinha algumas ilhas gregas a menos de quinze quilômetros. Mas havia um porém. Imros era classificada prisão “aberta”. Provavelmente eu não conseguiria transferência até que minha sentença já estivesse curta demais para tentar fugir. Não ia valer a pena.

Max e eu nos pusemos a imaginar vários planos de fuga totalmente amalucados. Houve momentos em que ele estava incoerente demais até para falar. Em outros, parecia preparado para tentar de verdade. Ele me olhou de trás dos óculos grossos. Reclamou que a *gastro* estava deixando-o cego. Disse que precisava de morfina de verdade para variar. Quando furtivamente puxou um mapa da Turquia, fiquei estupefato; então percebi que Max finalmente confiava em mim.

Ele me surpreendeu novamente no dia em que tirou vários desenhos do meio de um amontoado de cartas.

– A planta baixa da prisão – ele anunciou, como se fosse algo perfeitamente comum.

– Como você conseguiu?

– Teve um austríaco aqui faz um tempo. Arquiteto. Ajudou os turcos a construir umas coisas e me deixou copiar as plantas.

Estudamos a planta baixa meticulosamente. O vão do elevador de carga ia para baixo. Depois, para nada. Ainda teríamos muitos guardas e balas no caminho até a liberdade. Se conseguíssemos dar um jeito de chegar ao telhado do *kogus*, contudo, talvez tivéssemos chance. Podíamos caminhar pela beira do muro principal e cair pelo lado. Precisariamos de uma corda. E como chegar ao telhado?

Aceitamos, relutantes, que fugir direto de Sigmalcilar seria quase impossível. A porcentagem de balas parecia alta. Todo plano seria muito complexo. E os guardas nas torres tinham metralhadoras. Apesar disso, copiei as plantas e guardei junto ao amontoado de papéis no meu diário.

Criamos o plano “LSD”. Podíamos pedir transferência para Kars, uma prisão do outro lado do país, perto da fronteira leste da Turquia. Teríamos que passar dois dias num trem. Provavelmente haveria dois soldados para observar cada um de nós. Max ainda tinha suas doses de LSD das drogas que haviam lhe enviado em *Além do bem e do mal*. Eu ainda tinha o outro pedacinho de LSD no forro do meu diário. Se déssemos um jeito de colocar na comida ou na bebida dos soldados, talvez conseguíssemos fugir. Talvez bastasse dizer “com licença” enquanto os guardas curtiavam as cores dos trilhos de trem. Nem haveria necessidade de violência. A dificuldade seria que provavelmente deixaríamos Sigmalcilar pela manhã. Provavelmente seria melhor esperar até a noite para agir. Isto, contudo, nos deixaria no meio da Turquia. O Mar Negro estaria ao norte. A Rússia estaria ao leste. De qualquer maneira, eu não poderia me transferir para lugar nenhum até a chegada do meu *tastik*, o documento que dizia que o tribunal superior de Ankara havia aprovado minha sentença formalmente. Mas o plano “LSD” continuou na reserva. Fiz cópias das plantas e do mapa para ter comigo.

Max preferiu a ideia de ir para um hospital e tentar a fuga de lá. Max, aliás, preferia a ideia de ir para um hospital e ponto.

Pensei novamente no Bakirkoy. Se eu desse um jeito de voltar lá, achava que conseguiria fugir. Quem sabe eu podia escalar o muro oeste e caminhar por cima até a entrada da Seção 13.

Independente do quanto conversássemos, sempre voltávamos ao mesmo problema. Ao sair da prisão, ainda estaríamos na Turquia. E não tínhamos amigos na Turquia. Quem sabe eu conseguisse convencer Patrick a ser meu contato do lado de fora. Eu sei qual seria a reação dele. Visões de *O Conde de Monte Cristo* iriam passar pela sua mente.

Max traduziu uma matéria do jornal. Um jovem hippie britânico fora preso tentando vender vinte e seis quilos de haxixe para três policiais à paisana. Olhei a foto. Cabelos negros e compridos desvairados sobre os ombros. Ele e a mãe tinham vindo de Kombi da Índia até Istambul. A Kombi era carregada de bugigangas, pulseirinhas, sinos. Havia um retrato do macaco de estimação do garoto, Beano.

Seu nome era Timothy Davie. Tinha quatorze anos.

Ele chegou no nosso *kogus* alguns dias depois, já uma celebridade. Necdet tentou lhe dizer as regras, mas uma horda de homens se juntou para olhar o corpo esguio e jovem. Um quis saber se Beano gostava de haxixe.

– Ôquei, ôquei – Timothy disse. – Só um minuto, por favor. Vamos relaxar, mates. – Ele recuou para dentro de uma cela e sentou na cama. Incrível. Quatorze anos e não deixava ninguém mandar na sua vida.

Em questão de dias descobri que ele havia aprendido ioga quando estava na Índia. Emprestei alguns livros para ele. Logo viramos amigos.

Em questão de semanas, Timmy foi a julgamento. O promotor pediu quinze anos. Imediatamente a imprensa britânica caiu de boca. Os britânicos estavam ofendidos de ver um

garoto de quatorze anos preso com outros criminosos impenitentes. Como eu.

– *Mektup!*

Correspondência.

– Timmy – disse o guarda, e entregou um pacote ao garoto.

– Timmy – mais uma. – Tim-ó-ti. Timmy. Timmy.

– Caramba! – Timmy resmungou. – É tudo Bíblia, cacete. Por que todo mundo me manda Bíblia?

– Para proteger sua moral – respondi.

– Caramba. Por que não me mandam ficção científica?

A porta do *kogus* abriu-se um dia e do andar de cima já ouvi o assobio à la Harpo Marx. Corri escada abaixo.

– Popeye!

Ele sorriu, assobiou e me deu tapinhas nas costas.

– Olha! – Ele levantou a camiseta. Tinha uma cicatriz nas costas, bem baixa. Outra mais alta, perto do pescoço. A última punhalada de Memet tinha pegado ele na frente, logo acima do coração.

– Você deu sorte. Mas acho que já sabe.

Popeye soltou um assobio.

Passarinhos trouxeram a história até nosso *kogus*: os guardas haviam “controlado” um dos blocos da prisão. Notaram terra escavada no meio do pátio, perto da grade de drenagem. Cavaram o buraco e acharam uma arma, várias facas, milhares de comprimidos e uma espadona de samurai. Acho que a espada foi a gota d’água. Então a administração decidiu cobrir a parte de terra de cada pátio com concreto. Dois dias depois, um guindaste imenso apareceu do outro lado do muro. Operários vieram escavar as antigas instalações e substituí-las por um novo chão de concreto. Vários operários andavam para lá e para cá em cima do muro. Todo nosso *kogus* se surpreendeu ao ouvir um sotaque alemão dando ordens aos operários turcos. – Iá, iá – berrava a voz. Depois batia papo em turco. Weber. Weber era o capataz da construção!

Passei horas daquela tarde sentado no pátio. Assisti Weber andando empolado para lá e para cá no muro, dando ordens aos operários turcos. Ele tinha ficado tão poderoso quanto um preso podia se tornar.

A construção se seguiu por dias. Mas uma tarde notei que Weber não estava em seu posto de comando normal, no alto do muro.

Weber não apareceu para o *Sayim* daquela noite. Não era tão incomum. Era normal ele trabalhar até tarde na prisão. Na manhã seguinte, Necdet, o detento de confiança, deu a notícia. Weber havia fugido. Disse ao diretor que tinha que ir à cidade comprar material – coisa que já havia feito várias vezes. Então o diretor não deu bola, até que se passaram horas e Weber não apareceu. Se ele tivesse um carro e um passaporte engatilhados, provavelmente já tinha passado da fronteira com a Grécia antes mesmo de o diretor desconfiar.

Que bom para Weber. Tinha enganado todos nós. Jogara seu próprio jogo desde o instante em que pisou no *kogus*. Certificou-se de que todo mundo o odiasse para que o deixássemos em

paz – em paz para trabalhar duro e armar seu poder político com o diretor.

E aí, tchau tchau.

Morri de inveja.

Em 2 de agosto, o tricentésimo dia da minha prisão, fiquei sentado calminho no meu beliche tentando meditar. Pensei muito em Lillian escalando as belas e escarpadas montanhas da Colúmbia Britânica. Esperava que ela estivesse pensando em mim, torcia que ela sentisse minha presença. Mas, estranhamente, eu estava triste, preocupado. Não conseguia entender.

Semanas depois chegou uma carta. Lily estava num hospital em Salt Lake City. Ela havia perdido o apoio no meio da subida de uma montanha e despencou pela beirada de uma geleira. Sua picareta se enfiou na sua bochecha esquerda, embaixo do olho. O acidente havia acontecido em 2 de agosto.

Ela foi levada de avião para Salt Lake City para tratamento com um cirurgião plástico. Me garantiu que seu rosto estaria bem remendado quando eu a visse de novo.

O tempo passou. Dias cinzentos, noites escuras. E um dia apareceu Willard Johnson, do consulado dos EUA. Parecia preocupado.

– Parece que você vai passar por um novo julgamento – ele disse.

– Como assim?

– Bom, parece que o promotor contestou sua sentença. Então a corte superior em Ankara quer que a corte inferior revise o caso.

– E agora vai acontecer o quê?

– Provavelmente nada. Você voltará ao mesmo tribunal. O mesmo juiz. Ele gostou de você. Provavelmente vai dar exatamente a mesma sentença.

– Sim, mas e se o promotor contestar de novo?

– Não vai ter importância. Quando a corte inferior dá a mesma sentença duas vezes, Ankara aprova.

Tentei entender a situação enquanto caminhava de volta ao *kogus*. Fiquei com medo. Todos os presos tinham histórias de terror a contar sobre a justiça turca. Uma sentença de cinquenta meses já era bastante ruim. Eu sabia que não ia conseguir lidar com coisa pior.

Dormi mal a semana inteira. Tive um pesadelo recorrente. Eu estava no pátio. Weber coordenava as escavadeiras para derrubar os muros de concreto em cima de mim. Eu não tinha para onde fugir. A pedra cinzenta chegava cada vez mais perto até empurrar meu peito... eu acordava, banhado de suor, tremendo no clima outonal.

Uma visita. Talvez fosse Willard com mais notícias. O guarda me conduziu à sala das visitas de advogados e eu fui surpreendido com um abraço de urso.

– Johann! Seu filho da mãe. O que está fazendo aqui?

– Oi, Billy. Vim contar uma surpresa. Eu vou morar aqui.

– Aqui onde?

– Em Istambul. Consegui emprego num hotel. Vou visitar você sempre. – Ele enfiou chocolates nas minhas mãos, mais maços de Marlboro para todos os amigos no *kogus*. – Billy – ele prosseguiu. – Quero que você conheça uma pessoa. Esta é a Madame Kalibek. Ela é advogada.

Ela apertou minha mão em silêncio. Tinha uns cinquenta anos. Devia ter sido muito bonita quando jovem.

Johann abaixou a voz.

– Billy, ela pode fazer muita coisa por você.

– Ela consegue me pôr no Bakirkoy?

Johann traduziu a pergunta. A resposta foi fácil de entender até em turco. Ela queria quatro mil liras. Mais ou menos trezentos dólares.

– E ela garante? – perguntei.

Johann fez que sim.

– Explique a ela que eu dou um jeito de conseguir a grana. Mas ela não ganha nem um *kurus* até eu chegar lá. Só entra a grana quando eu vir o produto, entendeu? – Johann traduziu. Madame Kalibek fez sinal de que havia entendido.

– Johann, você me consegue roupas... e um carro?

Johann pôs suas mãos grossas sobre meus ombros.

– Eu vou fazer de tudo pra tirar você daqui.

– Ok. Vai levar um tempo para conseguir o dinheiro. Hoje eu mando uma carta pro meu pai.

Conversamos um pouco mais, trocando notícias sobre nossos amigos. Johann prometeu que viria me visitar na semana seguinte. Corri de volta ao *kogus* para escrever a carta. Para despistar o censor, usei palavras com duplo sentido. Falei de “trilhos da possibilidade” e dos trens que andam sobre eles. Primeiro havia o Trem Local Legal. Eu tomaria este, se necessário. Mas ele era devagar e eu não confiava no condutor. Escrevi que também havia o Expresso da Meia-Noite. Era um trem rápido. Admiti que podia ser uma viagem perigosa, mas falei que tinha alguém esperando por mim na estação. Só que era um trem caro. Para garantir que eu tinha dinheiro suficiente para pagar a passagem, supus que eu ia precisar de quinze retratos de Benjamin Franklin (impressos, é claro, nas notas de cem).

Em 6 de dezembro de 1971, eu estava de volta ao tribunal turco. Apesar das garantias de Beyaz, Siya e Yesil, eu estava preocupado. E se alguma coisa desse errado? Eu morreria se eles somassem um dia que fosse à minha sentença. Mais uma vez ouvi a palavra *dort*. O mesmo juiz me deu a mesma sentença pelo mesmo crime – quatro anos e dois meses por posse de haxixe. Então o mesmo promotor entrou com a mesma contestação. Beyaz, através de Yesil, explicou que não havia problema algum. Agora que a corte inferior havia revisto as provas duas vezes e reafirmado a sentença, Ankara aceitaria a decisão. Ele tinha certeza que minha sentença seria aprovada. Meu *tastik* chegaria em breve.

Dezenove meses a mais seriam dezenove meses a mais.

Então me sentei para pensar no *kogus*. Aguardei impaciente uma resposta a minha carta. Eu já via a liberdade com clareza. Molhava uma mão e chegava ao Bakirkoy. Depois, era só subir o muro, entrar no carro de Johann e ir para a Grécia. Simples. Só precisava de *a little help from my friends*.

Então meu pai me escreveu. Sua carta refletia angústia e dor.

“Sua mãe e eu conversamos várias vezes sobre o assunto”, ele escreveu. “Oramos para

refletir. Choramos. Da nossa perspectiva, dezenove meses não valem o risco de ser morto. Tomamos nossa decisão por amor. Rezamos para que seja a decisão correta. Temos que dizer não.”

Fiquei chateado. Minha própria família me rejeitava. Joguei a carta na cama e saí irritado para o pátio. Passei a tarde caminhando e fumando. Depois reli a carta. Compreendi que não podia culpá-los. Eles me amavam. Não queriam que eu me ferisse.

Sentei e escrevi uma carta para Patrick.

Da última vez que eu tinha visto Patrick, ele fora me visitar em Milwaukee, pouco antes de eu trancar a faculdade. Era um elfo baixinho, magricela e de barba preta que vestia jeans e uma camisa de lenhador verde e preta. Usava uma velha cartola preta empoleirada no coco e uma bolsa de lona pendurada nos ombros. Seus olhos cintilavam.

Eu vinha mandando cartas para ele havia mais de um ano, sempre o provocando. Queria que ele entrasse num clube que meia dúzia de nós havia começado, na Marquette. Envolvia um certo jogo, um ritual, no zoológico municipal.

O zoológico estava quase deserto quando chegamos.

– É aqui? – Patrick perguntou.

– Arrã.

Ele olhou para o fosso dos rinocerontes. Dois animais cinza imensos estavam dormindo ao sol na outra ponta. Um terceiro roçava o couro duro bem devagar contra o muro de pedra áspera. Patrick ria. Ele pulou no muro mais espesso. Conferiu os três bichos mais uma vez. Pulou no fosso e correu até o meio.

Os rinocerontes ainda não tinham se mexido. Patrick parou e virou-se para me olhar, um sorriso largo no rosto barbado. Ele estendeu as mãos e deu de ombros. As orelhas de um grande rinoceronte macho se avivaram. Em um instante ele se levantou, aos bufos, e saiu correndo a toda velocidade. O chão tremeu.

Patrick era fundista no ensino médio. Ganhou do rinoceronte até o muro com uma vantagem de vinte metros. Pulou e procurou loucamente um apoio. Então suas coxas bateram na pedra e ele ficou um instante vacilante, balançando no ar. Caiu no fosso de novo.

Meu coração parou. De repente a brincadeira deixou de ter graça. Que jeito imbecil de morrer.

Patrick ricocheteou do chão e parecia resvalar na parede como um lagarto. O rinoceronte derrapou de maneira incrível sob ele até parar, bufante. Patrick estava tão perto que podia se abaixar e tocar no chifre, mas já fora o suficiente para o dia. Com cuidado para não se desequilibrar nem cair no fosso do elefante do outro lado, ele correu pelo muro mais estreito e deu um salto. Aí me agarrou e riu aos berros. Saímos correndo do zoológico antes que os seguranças chegassem.

Patrick passou mais alguns dias em Milwaukee. Então dobrou o dedão de caroneiro para o oeste. Estava a caminho do Alaska, em busca de fortuna, tal qual Jack London. Por que não Patrick?

Minha rota era leste. Nós dois íamos conhecer o mundo. Planejamos nos encontrar no Lago

Ness dentro de pouco mais de um ano e comparar nossas fortunas. Mas o encontro teve que ser adiado. Agora, mais de dois anos depois, ele ressurgia do outro lado do mundo.

A visita não foi por acidente.

Ele veio a Sagmalcilar acompanhado de Willard Johnson, do consulado. Se o visitante viesse sozinho, ele era conduzido a uma das várias cabines em que se ficava apartado do preso por um vidro grosso. Mas se um advogado ou alguém do consulado estivesse presente, o visitante era levado à mesma sala que o preso. A presença de Willard me autorizava a apertar a mão de Patrick, mas eu não queria que o cônsul ficasse sabendo dos nossos planos. Eu ainda não sabia se podia confiar em Willard.

Patrick papeava casualmente enquanto Willard ficava sentado em silêncio em um lado da sala, só entreouvindo nossa conversa.

– Consegui um emprego – Patrick anunciou.

– Tá brincando. Você? Onde?

– John Deere. Fábrica de trator. Em Mannheim, Alemanha.

– Não imagino você numa fábrica de trator.

Patrick riu.

– Nem eu. Imagino que eu aguente uns seis meses. Aí o Sr. Franklin vai estar em forma. Trago ele pra ver você da próxima. Quer que eu te traga alguma coisa? Do que você precisa?

– Uma Magnum .45... três pentes carregados...

Willard ficou tenso. Aí entendeu nossa piada e riu.

– Não, sério, eu vou precisar de calçados – falei. – Tênis. Pra jogar vôlei, no verão. E veja se eles têm solado reforçado. O Sr. Franklin pode ajudar.

Patrick anotava no caderno.

– Você me manda uns livros? – perguntei. – Estou lendo *Morte ao entardecer* agora.

– Ah, Hemingway. *O velho e o mar*. *Morte ao entardecer*. Halloween no Lago Ness e...

– ...e tudo que peço é barca alta e estrela a me guiar – concluí.

Willard ficou confuso.

– Gosta de Masefield? – perguntei.

– Ora, claro.

– E de Alfred Noyes, embora inglês seja?

Patrick ribombou.

– Ah, *O bandoleiro*. Pedimos perdão. Nós dois somos estudantes de Literatura. Nós nos deixamos levar. É nossa ascendência irlandesa. Nossos ancestrais eram gaélicos, entende? Ficavam totalmente nus antes de ir à guerra. Manchavam o corpo de azul usando frutinhas silvestres. Deviam provocar uma visão alarmante. Homens azuis, gritando, descendo o morro ao ataque, nada além de barbas e porretes.

Willard Johnson se remexia na cadeira, impaciente. Patrick provocava isso em algumas pessoas. Ele voltou-se para mim de novo.

– Então, como vai sua vida amorosa? – perguntou abruptamente.

Eu ri. – Podia ser melhor. A quantas você anda?

– Mesma coisa de sempre. Conheci uma moça sensacional em Mannheim. E com uma

audácia que se equipara à minha imaginação! Mmmmm. Pena que é casada.

– Alemã?

– Não, americana. O velhão dela é sargento do exército.

– Você sabe escolher mesmo. Mas se cuide, hein.

– Claro. Assim que a vida fica interessante.

Quando Patrick deixou Istambul, sabia exatamente o que íamos fazer. Ele ia trabalhar na fábrica de trator até economizar mais ou menos 1.500 dólares. Então voltaria à Turquia e me passaria dinheiro nas solas de um par de tênis. Então ia me esperar na saída do Bakirkoy.

O plano era perfeito para ele. Ele sempre se imaginara um dos Mosqueteiros.

As cartas de Lillian começaram a chegar com mais frequência. Iluminavam minha espera. Ela se recuperava aos poucos do acidente na montanha e voltara ao leste para a recuperação. Me mandou uma foto. A cicatriz não passava de um charme a mais. Mantive a foto em posição de honra, no alto do meu armário.

Ela havia passado para visitar minha mãe e meu pai. Tentou até explicar a eles coisas como diferentes estilos de vida. Eles já tinham ouvido tudo antes, de mim. Ela ficou feliz. Gostou da visita. Logo partiu para a Costa Oeste de novo, onde ficavam as montanhas.

Aprendi a preservar as cartas dela. Não parecia correto abri-las durante o dia, quando a loucura do *kogus* era forte no ar. Então eu guardava as cartas dentro da minha camisa e esperava até a noite, quando o *kogus* estava calmo. Uma vez, há muito tempo e em outro mundo, eu me apaixonei por uma menina chamada Kathleen. Pensar nela sempre me trazia uma agitação por dentro. Eu tinha a mesma sensação com as cartas de Lillian.

Era um período de espera. Patrick me escrevia com frequência. Aos poucos ia juntando dinheiro. Mas nas entrelinhas eu lia que parte era desviada para as peripécias com a mulher do sargento. Esperava que ele estivesse sendo cuidadoso. Não precisava quebrar o nariz outra vez.

Timmy pegou quinze anos. As manchetes na imprensa britânica chamavam os turcos de bárbaros. A imprensa turca atacou as tentativas da Grã-Bretanha de influenciar o sistema judicial da gloriosa república turca. O premiê Demirel cancelou sua visita agendada a Londres.

– Um monte de merda – Timmy falou da situação. – Fizeram todo esse barulho e mesmo assim não vão me tirar daqui. – Mas o barulho fez com que a sentença de Timmy fosse reduzida para sete anos, contando o tempo por bom comportamento. – Ainda é tempo demais – ele disse.

Concordei.

Cansei de esperar, de ficar sentado sem fazer nada que me ajudasse a sair daquele lugar. Então, numa tarde em que Popeye, Arne e eu estávamos ocupados ganhando cem liras dos três franceses no jogo de vôlei, pulei para impedir um ataque, perdi o apoio e me enrolei na rede. De repente tive uma ideia.

No meio da manhã seguinte ouvi resmungos no meio do pátio. A rede de vôlei havia se perdido. Sumira, durante a noite, do lugar onde ficava guardada, debaixo da escada. Ninguém entendeu o que havia acontecido. Alguns homens correram pelo *kogus* procurando nos armários. As vozes eram iradas.

Necdet, o substituto de Emin, entrou para acalmar a situação. Não estava nem aí para o

sumiço da rede. Os presos sempre jogavam vôlei por cigarro ou por dinheiro. Nessas condições, levavam o jogo a sério. Se a rede sumisse, talvez não houvesse tanta briga.

Os homens reclamaram, mas, à insistência de Necdet, saíram para jogar futebol. Fiquei bem sentado na minha cama. Embaixo dela, enfiada no meio de uma pilha de roupa suja no chão, estava a rede.

Passei noites e noites trabalhando debaixo do cobertor. Se os guardas armassem um controle, com certeza eu seria pego. A corda ia crescendo centímetro a centímetro.

Meus amigos não entendiam por que eu dormia tanto durante o dia. Comecei a trabalhar com mais fervor. Até eu terminar a corda e ela estar escondida com segurança, eu era vulnerável. Se Ziat – ou outro alcaguete – me visse, com certeza ia me dedurar.

Finalmente terminei. Acho que tinha doze metros. Segundo as plantas da prisão, havia uma antena no meio do telhado. Se eu desse um jeito de chegar lá em cima, podia amarrar a corda à antena, arrastar a outra ponta até o muro e ir deslizando. Quem sabe a corda fosse útil algum dia.

Mas eu não podia escondê-la no meu armário. O controle encontraria. Então, no meio da noite, fui para a outra ponta do *kogus*, perto do banheiro. Havia um armário sem uso. Levantei-o do chão e enfiei a corda debaixo.

Alguns dias depois, Patrick mandou uma carta da Alemanha. Estava quase pronto.

15 de junho de 1972

Patrick,

Estou lendo Morte ao entardecer, de Hemingway. No livro, ele trata da hora da verdade. Espero que você receba esta carta na tarde de segunda-feira. Será a hora da verdade – a hora de dar o golpe misericordioso e vencer os chifres. A segunda à noite não é tão cedo para você vestir suas sandálias aladas e colher a velocidade de Mercúrio em sua fuga de Glutônia.

Com tanto exercício que tenho feito aqui estou necessitado de um novo par de tênis – meu tamanho é quarenta e dois. Imagino que possa comprá-los antes de encontrar o Sr. Franklin. Ficaria muito feliz em vê-lo aqui junto ao cônsul. Espero que possa entrar em contato com ele na terça-feira e vir na quarta ou quinta. Por favor traga um Herald-Tribune, pois aqui tenho pouco acesso às notícias. E escuta, meu amigo: lembre de trazer meus tênis com o solado interno reforçado pelo Sr. Franklin – será o primeiro movimento do pano vermelho, o com a mão esquerda – o estratagema que mantém a cabeça do touro baixa antes de se enfiar a espada. Depois, teremos festa.

Meus olhos aguardam seu rosto sorridente e meus pés formigam de expectativa dos P. F. Flyers.

Os budistas falam em dias ensolados (sic) e acredito firmemente que eles existam. Mas o Sola que brilha a todos deve ser colado com a mão sagaz e a substância de tudo resume-se ao mazuma. Talvez eu esteja falando em língua por demais metafórica. Mas também penso que não. Certo de que verás a luz, aguardo sua presença.

Tempus fugit, e assim o faz você e seu amigo, espero.

A seu serviço, Willie

Abri bem o afogador. O vento dobrou a aba do meu chapéu da sorte. Fiz a motocicleta deslizar pela estrada pontilhada de árvores, passando rostos e lugares conhecidos. Vi Lillian me abanar e sorrir.

Patrick estava lá, sorridente como sempre. Passei voando pelo meu pai, que me gritou para eu ter cuidado.

Por impulso, puxei o guidão. A moto saiu do solo. Planamos sobre as árvores. O vento já havia parado. A moto flutuou pelo ar tranquilo da manhã. Percebi que poderia conduzir a moto pendendo meu peso para um lado ou outro. Arremeti pelo topo das árvores, fluindo como o vento sobre a estrada. Lily arrancou as roupas e ficou me esperando aterrisar na relva. Meu

pai deu um grito de alerta. Mas eu não encontrava Patrick. Procurava, procurava, mas não o via...

Acordei. Era terça-feira. Será que Patrick já havia recebido minha carta? Teria notícias dele hoje? Quanto tempo até agirmos? Meu tempo estava no limite. Tinha que sair de lá. Fiquei caminhando pelo pátio, esperando que algo acontecesse. O clima bom tornava mais difícil ficar encarando aquelas pedras horrendas. O verão havia chegado à terra.

A ração matinal de pão foi distribuída. Estava rançosa. As correspondências chegaram depois. Nada para mim. Tentei escrever uma carta para Lily. Queria dizer o quanto as cartas delas significavam... o quanto eu ansiava – ardia – para vê-la de novo. Mas não adiantou. A liberdade me chamava. Estava perto demais. Eu não conseguia me concentrar.

– Viliam. Viliam Rai-és.

Um telegrama? Para mim? Seria de Patrick? Rasguei o envelope amarelo e li:

NORTH BABYLON, N.Y. 20 JUNHO 1972
PARA WILLIAM HAYES SAGMALCILAR CEZA EVI
ISTAMBUL, TURQUIA.
PATRICK FALECEU. CARTA EM BREVE. PAI

Minha mente travou. Uma rachadura se abriu dentro de mim. Todos os meus pensamentos despencaram no abismo. Eu estava vazio, esgotado de fôlego como se tivesse levado um chute no estômago. O vazio se enchia de dor. Fiquei entorpecido, parado no corredor olhando o telegrama. Saí para o pátio e sentei no corredor, encostado na parede. Patrick faleceu? Como? Por quê? Puxei as pernas contra o peito e envolvi meus joelhos com os braços.

Chorei.

Dois dias depois, chegou uma carta do meu pai com entrega expressa. Ele ouvira a notícia do pai de Patrick. Patrick fora encontrado pela polícia alemã em seu apartamento, na cama, com uma baioneta enfiada no peito. Entre seus pertences estava uma passagem de trem para Istambul. Na caixa de correio estava minha carta de 15 de junho, fechada. A polícia alemã ignorou a pista óbvia da baioneta. Declararam que a morte de Patrick havia sido suicídio. Ele já havia sido enterrado quando seu pai chegou a Mannheim.

Seus pais estavam arrasados. O estigma do laudo de suicídio pesava em suas mentes. Escolhi algumas cartas que Patrick havia enviado para mim recentemente e as remeti para casa, para serem entregues a seus pais. Queria que eles lessem as cartas do filho pouco antes de morrer, para sentir a força e determinação no que escrevia. E a felicidade. A sensibilidade. Patrick não puxou a baioneta contra o peito. Disso eu tinha certeza. Os pais de Patrick pediram para oficiais dos EUA fazerem pressão para que a investigação fosse reaberta. A polícia alemã finalmente mudou a sentença para homicídio, mas não tinham pistas nem provas. O caso ficou sem solução. O pai de Patrick queria localizar o assassino por conta própria e vingar a morte do filho.

Decidi não contar a ninguém sobre Patrick e a esposa do sargento. Eu não via motivo. Não o traria de volta.

Nunca me sentira mais deprimido. Nem a ideia da minha liberdade era maior que a perda

do meu amigo. Aquilo havia arrancado um pedaço da minha vida. Mas a cada manhã eu ainda descia do meu beliche para caminhar pelo piso inferior, até um guarda resmungão resolver abrir a porta do pátio. Eu ainda estava resoluto em fugir. Eu precisava! Tinha que conseguir o dinheiro para voltar ao Bakirkoy. Agora teria que depender dos laços mais fortes. Tinha que ser meu pai. Eu tinha que convencê-lo, de alguma maneira, a mudar de ideia.

Escrevi a ele em código. Precisava de pelo menos seis retratos de Ben Franklin, falei. Era o mínimo absoluto. Meu pai respondeu rápido e disse que viria me visitar em semanas. Disse que conversaria no banco com o Sr. Franklin antes de vir. A morte de Patrick aparentemente também havia abalado meu pai.

Escrevi para Johann no hotel, sugerindo uma visita. Ele veio na semana seguinte. Numa conversa vigiada, sugeri a ele que precisaria de um motorista me esperando na frente do Bakirkoy. Ele disse que o faria com prazer. Só precisaria enviá-lo um cartão postal com as datas em código.

Mais uma vez, parecia que as coisas estavam tomando forma.

Max me desejou sorte conforme empacotava meticulosamente seus pertences e tirava-os do *kogus*. Ele convencera o médico a deixá-lo morar algum tempo no *revere*, o dispensário da prisão. Lá, com bastante *gastro* e todo tipo de droga, Max conseguiria lidar com o resto da sentença com tranquilidade maior.

Lillian, totalmente recuperada do acidente na montanha, escreveu para me dizer que estava com um emprego confirmado para o inverno na Fazenda Howling Dog, num lugar chamado Willow, no Alaska. Ia passar os meses do inverno gelado trabalhando com equipes de trenós de cães. Então parecia que poderíamos compartilhar algum tipo de afinidade espiritual nos meses por vir. Ela ia limpar canis. Eu iria me arrastar por Sagmalcilar.

Comecei a ficar mais dependente das cartas dela. Lillian era meus olhos para a beleza do mundo lá fora. Era minha mulher. Ela fazia maravilhas com meu corpo sempre que eu sonhava ou fantasiava. Era minha rocha emocional. Ela se importava de verdade comigo. Eu tinha suas cartas na mais alta conta.

As semanas se passaram. Vi uma estranha bruma pairar sobre mim. A morte de Patrick continuou a me deprimir. Quem sabe eu devesse ficar parado e tentar entender o porquê de tudo aquilo. Pratiquei ioga com mais empenho que nunca. Passava horas meditando no pátio.

Tentei copiar o andar lento, firme e confiante de Arne. Sua atitude tranquila me deixava surpreso. Em muitas discussões de fim de noite, Arne me explicou a filosofia que vinha estudando. Ele vinha lendo as obras de Gurdjieff e Ouspensky. O homem, diziam eles, era composto por três centros – o intelectual, o emocional e o físico. Todos esses centros eram guiados pelo ser, a força vital dentro de você. O importante na vida era deixar esses três centros alinhados. Quando um centro está fora de controle, você estraga os outros.

Ele me pegou de jeito. Meu centro emocional parecia totalmente fora de controle. E como eu o tinha estragado!

Arne tentou me convencer de que eu não estava consciente. Ele me obrigou a rememorar. Claro que eu conseguia lembrar os pontos altos e baixos da minha vida. Mas todos os períodos intermediários ficavam desfocados em tons de cinza desbotados. Segundo Arne, era a prova de

que eu não estava consciente. Se estivesse, a vida seria uma série sem fim de experiências reais, vívidas.

Conversávamos muito sobre religião. Ele recomendou uma série de livros chamada Cristianismo Místico. Me emprestou alguns. Pela primeira vez comecei a perceber que Jesus Cristo era um homem. Um homem de verdade. Um homem só, consciente. Um homem superconsciente, informado, composto, resoluto, sensível. Um conceito muito diferente daquele com que eu fora criado.

– Quando eu tinha treze anos – contei a Arne – um padre veio no nosso colégio. Ele conversou com todos os meninos. Ele usava muitas palavras bonitas, mas demoramos para descobrir do que ele estava falando. Ele queria dizer que, se nos masturbássemos, iríamos para o inferno. Era impossível *não* se masturbar. Mas em seguida eu entrava em agonia. Sabia que havia cometido um pecado mortal.

– Que triste – disse Arne.

– Pois é. No fim eu tive que dizer ao padre, na minha cabeça: “Qual é!”. Como ele ia me dizer que uma coisa era pecado mortal se era tão boa? E depois, como se isso já não fosse ruim o bastante, ele disse que era pecado mortal até *pensar* em masturbação. Mesmo que você não se masturbe. Como você vai pensar em outra coisa aos treze anos? Então, se você merece o fogo eterno do inferno por fazer ou só de pensar... que diferença faz? É melhor fazer, então. Pelo menos você é culpado de algo que merece o nome de pecado.

– O sexo é vital – disse Arne. – Toda a energia vem do seu centro físico. Isso é sexo. Você precisa direcionar, canalizar essa energia. Se você não a controlar, ela pode destruí-lo. Mas você também não pode desperdiçá-la. Você precisa manter todos os seus centros equilibrados. Sexo de menos, sexo demais – ambos vão desequilibrar. A mesma coisa com sua mente e suas emoções. Você tem que mantê-los em equilíbrio. Alinhados.

Ele nivelou o olhar com o meu.

– Seu centro intelectual está uma bagunça – ele disse. – Você o ofusca. Eu também ofuscava o meu.

– Como é?

– O haxixe. Você o usa para ficar menos consciente da realidade. O que você precisa mesmo é ficar mais consciente.

Pensei com carinho nas palavras dele. Eu vinha fumando haxixe havia bastante tempo. Nos últimos anos de faculdade, e em mais ou menos um ano vagabundeando pelo mundo, tinha sido quase parte diária da minha vida. Na prisão às vezes era difícil de conseguir, e sempre arriscado. Mas havia o suficiente que Ziat e outros me forneciam para ser uma prática quase regular. Eu ficava ansioso para tê-lo como fuga emocional, se não física, da prisão. Como seria parar de fumar? Não era fisicamente viciante, mas podia me deixar emocionalmente aflito. E quando eu avaliei a situação objetivamente, percebi que o haxixe era a causa de muitos dos meus problemas. Se continuasse a fumar, eu me arriscava a levar mais pauladas e ganhar mais tempo de prisão.

Então fiquei sentado de pernas cruzadas no beliche. Fiquei considerando os fatos calmamente.

– Ok – falei a Arne. – Não vou prometer que paro para sempre. Mas vamos ver como é não fumar.

– Já que vai entrar nessa – Arne sugeriu –, jogue fora esses cigarros também.

Um aviso de visita. Meu pai. Corri para a sala. Lá estava ele, atrás da mesa. Willard Johnson estava a seu lado. Eu estava tão envolvido com meus planos que nem disse oi.

– Pai! Você falou com o Sr. Franklin? Quero que você ligue para um cara chamado Johann. Você tem que encontrar com ele, conversar com ele. E ligue para a Madame Kalibek. E...

– Ei, mais calma – meu pai me interrompeu. – Você nem perguntou da sua mãe. – Meu pai fez com que eu me sentasse. Me obrigou a entrar na conversa fiada. Eu via a traição no seu rosto cansado.

– Você não foi falar com o Sr. Franklin, foi?

Ele fez que não. Quase gritei com ele.

– Pai... por quê?

– Conversei com o padre sobre o assunto. Ele falou que se eu lhe desse o dinheiro, estaria selando sua morte. Pensei e pensei muito. Eu e sua mãe temos chorado e orado muito por conta disso. Não, Billy. Não. Você só tem mais um ano. Não vamos deixar.

A ira pairou sobre meus olhos. Não estava nem aí se Willard havia entendido o diálogo.

– Pai, eu vou – prometi. – Eu vou sair daqui de qualquer jeito. Com ou sem sua ajuda.

Ele estava quase às lágrimas.

– Por favor, Billy – ele implorou. – Espere. Espere, por favor. Eu venho conversando com gente do Departamento de Estado. Nosso embaixador aqui, Macomber, acompanha seu caso de perto. Ele acha que pode convencer o governo turco a soltá-lo mais cedo.

– Por que não me disse isso antes?

– Eu mesmo só fiquei sabendo há poucos dias.

– Mas não é certo?

– Não.

Uma pausa.

– Pai, aprendi muito sobre os turcos. Não confio neles. Isso aqui não é o bom e velho Estados Unidos.

– Ah, então agora você gosta do seu país?

– Sim. – Engoli em seco. – Basta passar uns anos numa prisão fascista.

– Desculpe, Billy. Eu não queria magoá-lo. – Os olhos do pai umedeceram. Willard levantou-se da mesa e foi até uma janela. – Billy – disse meu pai –, tente entender. Sua mãe e eu morremos um pouco a cada dia nesses últimos dois anos. Você é nosso filho mais velho. Se pudéssemos, trocaríamos de lugar com você a qualquer momento. Só queremos uma chance de você começar sua vida de novo. Você pode ser alguém. Eu sei que pode. Falta só um ano, Billy. Não é muito tempo. Espere. E você poderá começar do zero. Estaremos lá para ajudá-lo. Nós te amamos, Billy. Nós... – ele engasgou e limpou os olhos.

20 de novembro de 1972

Lily,

O que posso dizer da solidão noturna? Sou homem. À noite, o vazio me cerca.

Você perguntou sobre minha vida sexual. Do primeiro ano eu poderia lhe contar de frustrações estranhas, de sonhos e manhãs ensopadas de suor e energia desperdiçada. Sou celibatário há mais ou menos um ano. Difícil de acreditar, ainda mais difícil de realizar. Difícil nestas condições, mas a vida só é fácil para quem se coloca metas fáceis.

E agora eu olho ao redor e a solidão ainda está aí, pairando como uma sombra no canto. Mas ela não pressiona meu peito. Conversar com você ajuda. Então eu guardo a tristeza dentro de mim para algum dia rir ainda mais. E quero dizer que tenho risadas a dar. Pois além do que eu venho armazenando, há também a decisão que tomei quanto a Patrick – que é a de que, como ele não está mais conosco, terei que rir por nós dois.

Boa noite, Lil. Tocando você, Billy

Nas primeiras horas da manhã de 10 de dezembro, três Kombis atravessaram a fronteira da Síria com a Turquia. Foram detidas por guardas na alfândega de Cilvegozu. Os guardas ficaram desconfiados do jovem de cabelo comprido que dirigia uma das vans e encantados com as seis lindas americanas que vinham com ele no comboio. Eles foram educados a ponto de oferecer chá aos *turists* enquanto um deles conferia as Kombis. Ele enfiou um galho no teto de uma das kombis. Rompeu um teto falso. O total oficial foi de 99,7 quilos. Os jornais turcos estimaram o valor nas ruas dos EUA em 950 mil dólares.

O homem, Robert Hubbard, disse que havia conhecido as meninas em vários pontos da Europa e do Oriente Médio. Convidara-as para viajar e comprar “bagulhos” para sua loja em Munique. Afirmou que todas as garotas eram inocentes. Mas ele e Kathryn Zenz, Terry Grocki, Jo Ann McDaniel, Penny Czarnecki, Margaret Engle e Paula Gibson foram levados para a prisão em Antáquia, sul da Turquia, próxima às margens do Mediterrâneo.

Eu acompanhava as matérias de jornal atentamente. Simpatizei com eles. As meninas eram mesmo muito bonitas. Fiquei pensando que o alarde em torno do caso faria a mensagem chegar a outros americanos: ser preso por causa de haxixe na Turquia é coisa séria; vai custar anos da sua vida.

Se eles tivessem conseguido contrabandear alguma coisa daquele haxixe para Sagmalcilar, eu não seria freguês. Com o passar do tempo eu passara a apreciar a perspectiva mais fresca,

mais iluminada da vida que parecia crescer dentro de mim. Podia ser da falta de haxixe, do meu novo despertar espiritual, do vigor do meu programa de exercícios – ou uma combinação dos três, não sei. Mas eu estava mais calmo e mais ávido que nunca a fazer parte do mundo de novo. Sentia-me mais preparado para aceitar minha sina, fosse ela qual fosse.

Pouco antes do Natal, outro preso norte-americano chegou ao *kogus*. Ele era novo em Sigmalcilar, mas estivera na prisão Izmir na Costa do Egeu um ano a mais que eu estivera em Sigmalcilar. (Izmir chamava-se Smyrna antes de os turcos tomarem-na dos gregos.) Seu nome era Joey Mazarott. Ele tinha olhos azuis penetrantes e um bigode negro e grosso. No braço direito, logo abaixo da manga dobrada da camiseta roxa desbotada, via-se uma tatuagem. Era um diabinho com sorriso segurando um tridente. Joey era um amigo simpático, vivaz. Ele entrou no bloco e negociou um beliche logo abaixo de um jovem preso italiano, aí deitou-se e passou quase dois dias inteiros dormindo.

Estava cumprindo dez anos por contrabando de mais ou menos oitenta quilos de haxixe.

– Tem um *haxi*? – ele me perguntou assim que acordou. Fiz que não.

– Eu preciso dum *haxi*.

Falei para ele de Ziat. Joey foi até a loja de *chi* conversar com o jordaniano. Voltou com um pouquinho de haxixe e a cara amarrada.

– Caro pra caralho – resmungou. – Vou ter que conseguir com outro.

Jogamos pôquer naquela noite. Joey apostou o próprio terno contra um bolo de 125 liras. Puxei uma rainha e fechei um *inside straight*. Não ia ter que pedir roupa emprestada na minha próxima visita ao tribunal.

Joey e Ziat não tardaram em virar inimigos amargos. Joey e eu estávamos no pátio uma manhã quando ouvimos um alvoroço. Ziat gritou com uma das crianças por esbarrar nele e derramar uma xícara de chá que ia levar a um freguês. Vários garotos seguiram Ziat até nosso *kogus*. Eles espiavam pela janela e provocavam-no. Um deles chamou-o de *ipnay* (homossexual).

Ziat saiu para o pátio, enraivecido. Começou a empurrar as crianças da janela e uma delas caiu no chão. Ziat mirou para chutar-lhe no estômago. De repente ouviu-se um grito *à la* banzai vindo do *kogus* infantil e de lá saiu Chabran, líder autoproclamado dos trombadinhas turcos. Chabran era um halterofilista de quinze anos. Não havia muitos adultos no nosso *kogus* que se dispunham a criar confusão com ele. Chabran chegou rasgando em Ziat. Com punhos batendo incessantemente, ele o levou até um muro. Ziat gritava de dor. Os punhos de Chabran acertaram seu estômago, sua virilha, depois um olho. Necdet finalmente apareceu e pôs fim à briga. Deu ordens para entrarmos no nosso *kogus* e trancou a porta, deixando as crianças no pátio. Mas Chabran, que não tinha dado cabo de sua ira, saiu para o pátio e quebrou os vidros de todas as janelas. Berrou palavrões em turco. Nenhum guarda o incomodava. Necdet nos manteve lá dentro até o sangue das mãos cortadas de Chabran superar sua ira e ele aceitar que Necdet o mandasse para o *revere*.

Necdet autorizou que voltássemos ao pátio. Ziat voltou a sua loja de *chi*. Mas as crianças andavam à toa pelo pátio, pisando em cacos de vidro. Resmungavam baixinho, falando de Ziat.

Como sempre, Necdet tentou aplicar lógica a uma situação ilógica. Ele entrou em conflito

com um grupo irado de crianças e tentou encontrar sentido nas histórias que contavam. Os pivetes tagarelas não o ajudavam a entender coisa alguma. Necdet, irritado, acusou um deles de cuspir em Ziat da janela.

Joey veio correndo.

– Isso é ridículo, meu – ele disse a Necdet. – O Ziat tá aterrorizando esses garotos. Ele bate neles. E rouba de todo mundo no chá também. Ele bota água demais. Os garotos tavam era reclamando do chá dele.

Ziat saiu correndo e tentou xingar Joey com seu inglês desastrado.

– Você maldito, você cala boca – cuspiu.

Pof! O punho de Joey se projetou sem um instante de hesitação. Pegou Ziat no nariz e derrubou-o sobre um grupo de garotos. Eles deram gritinhos de felicidade. Daquele momento em diante, Joey era o herói deles.

Havia outro recém-chegado no *kogus*. Seu nome era Jean-Claude LeRoche. Ele estava detido para ser extraditado à França, acusado de fraude. Era um senhor elegante, distinto, nos seus quarenta anos. Embora parecesse a figura da saúde, imediatamente ele disse a Necdet que tinha tuberculose e precisava consultar-se com um médico. Desta forma, uma vez por semana, ele saía para uma consulta. Às vezes passava o dia fora. Também tinha visitas demoradas de um homem chamado Sagmir, que supostamente era um grande advogado de *kapidiye*. Havia rumores de que Sagmir conseguia praticamente tudo.

Um dia, quando eu estava de visita com o cônsul, Jean-Claude teve uma visita com Sagmir. A esposa de Jean-Claude também estava. Era uma vietnamita magrinha, pequenina, com cabelos negros e compridos. Sua pele era creme puro. Me apaixonei no mesmo instante.

Depois de quatro ou cinco semanas, Jean-Claude anunciou que seria transferido para o hospital que ficava do outro lado da rua, de frente para a prisão. Sua tuberculose havia piorado e ele precisava de cuidados especiais. Para mim, parecia saudável.

Dez dias depois de ir para o hospital, Jean-Claude fugiu. Parece que ninguém sabia como. Uma noite ele simplesmente sumiu da ala dos presos, que era vigiada. Levou uma semana ou mais para eu ouvir a história completa, quando Max saiu do *revere* para nos visitar. Segundo os amigos *kapidiye* de Max, a fuga fora planejada por Sagmir. Na primeira noite no hospital, Sagmir apareceu na porta da ala dos presos. A belíssima esposa vietnamita de Jean-Claude estava com ele. Haviam trazido uma cesta de comida. O que o guarda diria? Ele ficou olhando a mulher deslumbrante e deixou Jean-Claude vir até a porta receber sua cesta de quitutes.

Toda noite, ao longo de dez noites, Sagmir levou a mulher ao hospital no Porsche do próprio Jean-Claude. Os guardas ansiavam pela visita da garota. Então, uma noite, Jean-Claude disse ao guarda:

– Olha só, eu queria ficar um tempinho com minha esposa. Tá me entendendo? Mas não pode ser aqui. Quero descer e ir no carro com ela. De garantia que eu volto, pode ficar com dez mil liras.

Muito limpo. Muito ardiloso. Ninguém levou a culpa. Jean-Claude saiu da Turquia com estilo. E Sagmir passou a dirigir o Porsche de seu cliente por toda Istambul.

O frio emocional da vida na prisão era pior que o frio físico. A solidão é uma dor aguda.

Dói em tudo. Não há como isolá-la numa parte do corpo. O banho semanal passou a me significar mais do que apenas lavação e água quente. Era a chance de tocar em outro ser humano. Ser tocado. Eu ensaboava os músculos dos ombros de Arne com minhas mãos. Ele me ensaboava. Parecia estranho, mas eu estava apreciando o toque das mãos de um homem no meu corpo, como nunca antes. Aquilo não podia estar certo.

Então por que parecia?

Começamos a nos massagear à noite. Eu tirava minha camiseta e me esticava na cama de Arne. Ele pendurava um lençol do meu beliche para ter privacidade. Os dedos compridos de Arne eram ótimos em apertar os músculos cansados das minhas costas e ombros. Eu gostava do calor humano de suas mãos nas minhas costas. Ele era sueco, entendia de massagem. Dedilhava meu corpo como dedilhava seu violão. Força gentil. Ritmo suave.

Às vezes a pressão da prisão era tão grande que eu achava que ia estourar por dentro. Deitei na cama de Arne depois de um dia daqueles. Ele sabia como eu estava me sentindo. Minha cabeça estava virada para o lado. Meus olhos estavam fechados. Suas mãos pararam de se mexer.

– Willie? – ele me perguntou.

Abri os olhos. Uma ereção comprida ergueu-se de seu short.

Eu virei e fiquei deitado sobre as costas. Ele me tomou em suas mãos e deitou-se na cama.

– Está tudo bem, Willie. É só amor – ele disse.

21 de janeiro de 1973

Queridos pais,

Há quanto tempo estamos esperando, não é? Entendo de espera, mas a coisa está ficando penosa para o bom e velho sistema nervoso central.

Há poucas semanas chegou aqui outro americano. Ele já estava na prisão de Izmir há três anos. Izmir é uma prisão excepcional. As instalações são novas como a desta cadeia de Istambul, mas as semelhanças param por aí. Lá, turistas são raridade e tratados muito bem. Turistas têm cela própria. Pode-se trazer comida de fora todos os dias. A cada dia trazem uma porção de leite e iogurte mais três!!! refeições para os americanos. Agora tem quatro caras de residência lá. Cada um recebe seu café da manhã com bacon e ovos, panquecas de aveia, batatas, bife!! etc. Tem uma biblioteca aonde podem ir presos que não trabalham. Que alegria comparada ao esquema quartelão.

Então... contratei um advogado para efetuar essa transferência para Izmir. Só um problema. Para ser transferido para lá para os meses que me restam, primeiro eu tenho que receber minha aprovação de Ankara. Eu já vi esse advogado no batente – podem crer que o serviço dele é bom. Ele diz que meu caso foi adiado devido a um acúmulo de processos e aos “problemas de adequação” complicados do governo atual. Mas ele também diz que pode levar meu caso a tribunal e, o mais importante, se aprovado, com facilidade e velocidade relativamente grandes. Ele pede que eu pague seis mil liras turcas. Mas não devo dar nem um tostão antes de tudo se resolver e eu estar em Izmir. E já que a única maneira de eu ser transferido é a sentença de quatro anos ser aprovada, acho que o acerto é confiável.

Talvez vocês estejam se perguntando por quê. A resposta é simples: acho que nossos outros advogados não estão fazendo absolutamente nada. Eles nem responderam minhas três cartas (uma para Yesil em inglês, duas para Beyaz em turco). Creio ser essencial ter alguém em Ankara que lide com o caso. Restam-me menos de seis meses. Se o caso não vier a Ankara até lá, continuo aqui. Não vou ficar livre até que se tome uma decisão. Talvez vocês achem difícil acreditar que isso possa acontecer.

Vocês estão errados. Estamos na Turquia. Já vi acontecer. Por isso contratei esse cara. Quero saber quando eu vou ter minha privacidade e minha liberdade; e onde eu estarei apto a me preparar para a soltura.

Considero que este passo será uma espécie de equilíbrio entre a ação excessiva e a tolice equivalente de ficar sentado aguardando os caprichos do azar.

Meu novo advogado era ninguém menos que Sagmir, aquele que fizera o serviço refinado para Jean-Claude. Com ele no meu caso, eu sabia que levaria pouco tempo para Ankara aprovar minha segunda sentença. Minha *tastik*, a aprovação da minha sentença em Ankara, chegaria em breve. Eu quase podia sentir o gosto das refeições em Izmir.

A privacidade também seria excelente nos últimos seis meses, embora eu fosse sentir falta de Arne. Eu estava lhe ensinando ioga. Havíamos começado uma rotina matinal.

Eu acordava primeiro e vestia meus shorts. Ia andando de pés descalços até o beliche de Arne e colocava uma mão sobre seu ombro. Ele acordava tranquilo, sorrindo. Pegávamos nossos cobertores e descíamos até a sala inferior, vazia. Eu parava perto da janela e puxava o ar fresco da manhã para meus pulmões. Arne sorria.

Ele ficava em silêncio, apoiado levemente sobre os pés. As palmas de suas mãos ficavam pressionadas sob seu queixo. Aos poucos ele ficava sobre os dedos do pé e esticava os braços acima da cabeça. Era a postura inicial, seu corpo saudando o dia. Eu me equilibrava e lentamente ficava sobre os dedos do pé. Meus braços se estendiam para cima e para fora, a ponto de tocar o sol.

Repassávamos uma série de posições.

Mais ou menos uma hora depois, Arne terminava. Ele se sentava em silêncio na posição de lótus, me aguardando. Eu terminava e me sentava de frente para ele. Respirávamos devagar. Nossos corpos ficavam relaxados. Nossas mentes ficavam quietas. Ficávamos centrados dentro de nós mesmos. Olhávamos um nos olhos do outro. O sorriso surgia no rosto dele. E no meu.

– Uma prisão, um monastério, um claustro, uma jaula... – Arne dissera uma vez.

Eu sabia o que ele queria dizer. A prisão pode ser qualquer uma dessas coisas. O ponto de vista. Tudo depende do ponto de vista. Às vezes, no início da manhã, ficávamos sentados, parados. Às vezes fazíamos amor.

Então Ziat acordava e descia as escadas fazendo barulho. A hora mágica do nosso dia terminava. O monastério voltava a ser prisão.

Oficiais britânicos e turcos finalmente haviam chegado a um acordo no caso do jovem Timothy Davie. Ele seria transferido a uma prisão infantil de segurança mínima nos arredores de Ankara.

– Vai ser mel na chupeta – ele disse enquanto juntava suas coisas. – Só uns meses, imagino eu. A mãe vai me tirar.

– Boa sorte, Timmy. Fique tranquilo. Fique seguro. Espero te ver nos jornais de novo.

– Valeu, Willie. Tudo de bom para você também. Até... – Ele abanou.

Em 8 de abril de 1973, rasguei uma folha de papel de desenho grande que o cônsul me trouxera. Cuidadosamente desenhei números em ordem decrescente, de cem a um. Com os lápis de cor que peguei emprestado de Arne, desenhei um arco-íris louco fluindo do último dia. Colei o papel em destaque na lateral do meu armário e sentei para admirar. Cada dia de hoje em diante eu riscaria um dos números. No dia 17 de julho, eu estaria livre.

Eu havia quase esquecido da corda escondida embaixo do armário. As plantas da prisão e a lima escondida no meu diário pareciam desnecessárias. Mesmo assim, mantive tudo. Quem sabe eu deixasse com Popeye ou com Joey ou com Max antes de ir. Alguém faria bom uso.

Lillian me escreveu uma carta amável do Alaska, onde estava encerrando seu trabalho com os trenós de cães. Ela falou em ir para a Suíça e conseguir emprego nos Alpes, onde poderia escalar e esquiar toda hora. Ela disse que no verão, quem sabe, poderia me encontrar.

Podíamos passar um tempo juntos em Marrocos, talvez. Deitados na praia, juntos ao sol. Maravilhoso. Deitados numa cama juntos no escuro. Fantástico.

A vida virou sonho. Eu me via despertar, enfrentar as coisas do dia e à noite dormir. Logo eu acordaria, depois de três longos anos. Estaria livre. O mundo ficaria fresco e aberto para mim. Eu podia esperar mais alguns meses.

Incrível. Notícias maravilhosas. Arne ia para casa! Os guardas vieram de repente e disseram para juntar tudo.

– Arne. O que está havendo? – perguntei, surpreendido.

– Eles conseguiram, Willie! – ele disse. – Vão me transferir para uma cadeia na Suécia. O embaixador sueco está tentando há mais de ano. Eu não acredito!

– Por que você não me contou?

Ele olhou para mim e parou de sorrir.

– Eu não tinha certeza. Eu não queria falar porque podia não acontecer. Entende o que eu digo?

– Sim, entendo. Mas é tão repentino. Eu... eu vou sentir saudade, Arne.

Ele sorriu de novo.

– Eu sei, Willie. Também vou. Mas você vai ficar bem. Você não tem muito tempo mais.

– Eu sei. Olha, quanto tempo você acha que fica na cadeia lá?

Ele riu e sussurrou para mim.

– Do jeito que são as cadeias na Suécia, ninguém quer sair. Mas acho que alguns meses, só para manter as aparências. Depois me deixam sair.

Ele não levou muita coisa. Praticamente deu tudo para os outros. Fiquei com o violão. – Espero que você esteja bom nisso quando nos revirmos – ele disse.

Eu ri.

Ele terminou de arrumar e deu uma volta no *kogus*, apertando a mão de todos. Fiquei esperando na porta do corredor. Tínhamos lágrimas nos olhos quando nos abraçamos.

– Continue sorrindo, Willie.

– Vou continuar, Arne.

Então ele acenou e foi embora.

– O Timmy fugiu! – Necdet me disse uma manhã. – Ouvi no rádio

– Sensacional! Como ele conseguiu?

– Não sei bem. Na rádio disseram que ele simplesmente saiu caminhando da prisão das crianças ontem à noite, depois do *Sayim*. Desde então ninguém tem notícias.

– Que ótimo! Sabia que ele ia sair. Era um garoto muito esperto.

Mas não tanto. A notícia que chegou à noite foi a história sensacional da fuga e recaptura de Timothy Davie. Parece que a mãe e um amigo haviam acertado a fuga. Encontraram-se com Timmy depois que ele saiu da prisão de segurança mínima. Vestiram-no com uma peruca de cabelos compridos e roupas femininas. Tinham um passaporte falso a postos. Tentaram fazê-lo passar por um posto na fronteira com o Irã. Mas o passaporte que conseguiram estava numa lista de bens procurados. A mãe e o amigo atravessaram primeiro, mas Timmy foi pego.

Os turcos mandaram-no para outra prisão de crianças em Izmir. Esta, de segurança máxima.

Um pouco depois ficamos sabendo que quatro das meninas que tinham sido presas em dezembro em Antáquia tinham sido liberadas com fiança. Bom para elas. Mas os três que dirigiam os furgões – Robert Hubbard, Kathy Zenz e Jo Ann McDaniel – ainda estavam na prisão de Antáquia. Hubbard afirmava que as duas meninas eram inocentes, mas os tribunais não acreditavam.

Os dias passaram em marcha lenta, metódica. Meu *tastik* ainda não tinha chegado. Nos dias ruins, aquilo me deixava preocupado. Mas Sagmir estava trabalhando no caso e eu sabia que ele era bom. Sem problemas. O 17 de julho seria meu Dia da Independência.

O ar começou a ficar mais fresco e limpo conforme o verão chegava. Eu estava pronto para a liberdade. Estava pensando com clareza. Fazia quase oito meses que eu não fumava haxixe. Em 24 de maio, acordei cedo como sempre e resolvi a primeira tarefa do dia. Com uma grande caneta preta, ponta de feltro, risquei o número 54 no calendário. Então desci para a ioga e para meditar. Uma caminhada rápida pelo pátio, café da manhã e uma pequena surpresa. Aviso de visita. Quem quer que fosse estava na sala de advogados, não nas cabines de visitante. Sagmir? Yesil? Meu *tastik*? Teria chegado enfim? Hoje eu finalmente saberia que 17 de julho seria o dia certo?

Entrei na sala de visitantes e vi Willard Johnson, o rosto não no rosa usual, mas cinzento e sinistro. O que foi?

– Sente-se só um instante – ele disse. – Tenho más notícias.

Alguma coisa havia acontecido na minha casa? Alguém morrera?

Willard engoliu em seco. Seja lá o que fosse, ele não queria me dizer.

– Fomos informados que Ankara recusou a sentença do tribunal de Istambul. Tomaram uma decisão. Você terá novo julgamento em Istambul. Eles terão que seguir o pedido... a exigência de Ankara.

– E o que eles querem?

Voz hesitante, lenta.

– Eles exigem... eles exigem... perpétua...

– Me dá um cigarro.

Ele me deu um de seus Camels. Traguei fundo, demorado.

– Os advogados virão esta semana – disse Willard.

– Quando é o julgamento?

– Início de julho. Mas lá não vai acontecer nada.

– Por quê?

– Estamos protelando. Os advogados estão protelando. Eles não vão aparecer. Haverá um juiz de verão. Ele não conhece o caso. Ele vai ter que adiar até setembro. Aí o juiz normal estará de volta. Já conversamos com ele. Ele fará tudo que pode dentro da lei. Vai reduzir a sentença para trinta anos.

Trinta anos.

Willard ficou em silêncio. Não havia o que falar. Fumamos nossos cigarros.

– Quer alguma coisa da cantina?

– Não.

– Precisa de alguma coisa?

– Não.

Silêncio.

– Já avisamos sua família.

– Sim. Obrigado. Podemos recorrer?

– Sim. Os advogados vão recorrer. Mas não vai fazer diferença. São trinta e cinco juízes no tribunal. Vinte e oito deles votaram pela pena perpétua.

Aturdido, atordoado, em transe, voltei ao *kogus*. Sentei na cama. Popeye apareceu.

– Quem era a visita? – ele perguntou.

– Willard Johnson.

– O que ele queria?

– Bom, ele tinha notícias que me diziam respeito.

– Você está bem? O que houve?

– Lembra do *tastik* que nunca chegou? Bom, acabamos de ser informados por Ankara que eles reprovaram os quatro anos. Agora eu vou ter outro julgamento. Com cem por cento de certeza, eu vou pegar perpétua.

– O quê! Tá de sacanagem? Eles não podem te dar perpétua.

– Johnson já conversou com o juiz. Ele vai baixar para trinta anos. É tudo que ele consegue.

– Deus do céu!

– Me dá uns cigarros.

– Claro.

Silêncio.

– Willie, o que eu vou dizer? *Getchmis olsun*, irmão. Que passe rápido.

– Arrã. Valeu, cara.

Popeye me deixou em paz. Seu pessimismo era justificado.

Trinta anos!

Deitei no meu beliche, tentando engolir o caroço duro, dolorido, trancado na garganta. De repente meus olhos pegaram o calendário da liberdade em cem dias. Arranquei-o do armário e joguei-o no chão.

Eu precisava de ar. Passei o dia caminhando furioso, subindo e descendo o pátio, fumando um cigarro atrás do outro e sem falar com ninguém. Todos me deram espaço.

Pensei em Lillian. Pensei na minha mãe, no meu pai, em Rob e Peg. Pensei na minha vida

desperdiçada, apodrecendo naquele buraco fedido enquanto o mundo girava ao meu redor. Vi a conjunção de gente com quem eu era obrigado a viver e o efeito que tinham sobre mim.

E então, na minha mente, eu vi a lima, as plantas da prisão, a corda no armário. Estava decidido. Melhor morrer do que ficar nessa prisão.

30 de maio de 1973

Caro Senador Buckley:

Meu nome é William Hayes e sou pai de um rapaz que está preso há três anos (aproximadamente) em Istambul, Turquia. Havia uma matéria sobre este assunto programada para publicação na Newsday de 30 ou 31 de maio. É possível que o senhor já a tenha visto.

Escrevo ao senhor na esperança de sua simpatia a meu apelo para auxílio na obtenção da soltura de meu filho dessa prisão turca. Digo que não fecho os olhos ao que ele fez e detesto as drogas tanto quanto qualquer cidadão de bem. Porém, no meu entender, uma pena de trinta anos ou qualquer sentença mais pesada que possa ser imposta pelo tribunal de Ankara e que impeça sua soltura após três anos de detenção é absolutamente injusta e ilógica. Não estamos tratando de drogas pesadas como heroína, cocaína etc., mas sim de haxixe, o qual, assim como a maconha, possivelmente virá a ser descriminalizada neste e em outros países no futuro próximo.

Conseguimos conviver com a pena original imposta a meu filho, mas, francamente, a detenção extra imposta por Ankara provavelmente matará minha esposa e arruinará a vida de um jovem que tem muito a oferecer ao mundo. Seu maior crime foi a estupidez e acredito que três anos de sua juventude seriam penalidade suficiente para suas ações.

A Newsday fez a gentileza de me auxiliar nos apelos de auxílio. Posso apenas pedir que leve em consideração os fatos do caso, a gravidade do “crime” em questão, e o castigo que paira sobre nossas cabeças. Tenho certeza de que a pressão de seu cargo, devidamente aplicada, poderia ajudar-nos tremendamente. O senhor tem influência potencial para intervir em nosso favor.

Entendo como deve ser lotada a agenda de um Senador, mas imploro que o senhor dê atenção a meu pedido de ajuda. Qualquer homem que seja pai certamente entenderá o que sinto.

Muito obrigado. William J. Hayes

A divulgação era excepcional. Meu velho amigo Mark Derish escreveu uma carta sobre mim ao Newsday, o jornal de Long Island. Aí um repórter ligou para nossa casa. Meu pai, que tantas vezes mentiu sobre mim, dizendo que eu estava doente em um hospital europeu, não sabia ao certo se divulgar a situação ajudaria. Mas que mal poderia fazer? O pessoal da Newsday foi compreensivo. Rodaram uma matéria sobre minha “provação solitária” e a

terrível notícia sobre minha pena de trinta anos (ou perpétua). O repórter chegou a ir ao Seton Hall em Patchogue e entrevistar a diretora do meu colégio de ensino médio, a Irmã Mary Louise. Ela se lembrava de mim como um garoto “com grandes chances de sucesso na vida”.

Algumas das coisas que publicaram me deixaram preocupado. Citaram uma das cartas que mandei para casa onde eu dizia que, se Ankara não aprovasse minha pena de quatro anos, meu pai e minha mãe podiam “esperar algo de precipitado”.

– Ele não vai ficar sentado esperando – meu pai disse ao repórter. – Ele vai tentar fugir. E vão matá-lo.

Fiquei preocupado. Que efeito isso teria sobre os juízes turcos? Eu ainda tinha que ir a julgamento por tráfico. Talvez o burburinho os deixasse com tanta raiva que me dariam perpétua em vez dos trinta anos. Torcia que meu pai soubesse o que estava fazendo.

Nas semanas seguintes, a artilharia prosseguiu. Annabelle Kerins, repórter da *Newsday*, ficou sabendo que a decisão de Ankara aparentemente baseava-se, em parte, na pressão política. O governo Nixon havia dado apoio financeiro em contrapartida da promessa de proibição das culturas de papoulas do ópio. Os fazendeiros turcos ficaram irados. Queriam que se fizesse pressão sobre os EUA. O tribunal de Ankara disse que havia fortalecido as penas a infrações relacionadas a drogas “em prol da ordem social internacional”. A decisão no meu caso estava conforme os “acordos internacionais”. O tribunal ignorou o fato de que a pena máxima para tráfico de ópio na Turquia era de apenas dez anos.

O *Newsday* me chamou de “peão no jogo das papoulas”. O jornal enviou o repórter Bob Green para uma visita. Publicaram uma matéria atrás da outra. Chegaram a pedir que eu escrevesse minhas impressões sobre a vida na prisão. Eu! Depois de todos os sonhos que eu tivera sobre ser escritor e todas as cartas de negativas que eu havia juntado em Milwaukee, o *Newsday* pedia que eu escrevesse para eles. De repente essa divulgação toda não seria tão ruim afinal.

Numa edição dominical, o *Newsday* publicou uma foto minha aos três anos, sobre um pônei no zoológico do Bronx. Ficava logo abaixo de uma manchete que dizia: “Dean acusa presidente: falou de acobertamento 35 vezes, segundo fontes”¹.

Que mundo maluco.

Meu pai mandou cartas aos senadores de Nova York, James Buckley e Jacob Javits, além da vários deputados, tentando conseguir apoio. Todos prometeram fazer o possível. O Senador Buckley chegou a citar meu nome em sessão plenária do Senado, pedindo ajuda do governo.

As cartas choveram de todos os Estados Unidos, de velhos amigos, conhecidos e de estranhos. Todo mundo queria me animar. Todos garantiram que o governo daria duro para me tirar de lá em breve.

Reagindo à divulgação, o advogado penal John Sutter ofereceu seus serviços de graça. Embora estivesse ocupado a defender personalidades de Watergate, ele conseguiu tempo para conversar com representantes do Departamento de Estado sobre meu caso. Ele, por sua vez, foi contatado por outro advogado que queria ajudar. Seu nome era Michael J. Griffith. O escritório deste ficava em Mineola, Long Island, perto de casa. Ele conversou com meu pai e também ofereceu-se para trabalhar de graça. Griffith me escreveu uma carta dizendo que estava de

férias merecidas na Grécia e perguntou se poderia passar para uma visita. Respondi agradecendo; não disse que, caso ele não tivesse pressa, talvez eu não estivesse lá.

Sagmir podia ter ajudado Jean-Claude a fugir, mas não me ajudou em nada. A explicação dele era que os tribunais turcos não queriam passar por uma humilhação. Mas ele ainda podia trabalhar por mim nos bastidores. Pela devida quantia, Sagmir afirmava que conseguiria convencer os oficiais da prisão a perder meus documentos. Não haveria registro meu como preso depois de 17 de julho. Ele poderia me deixar na Grécia enquanto os tribunais turcos apuravam o erro. Já que ia passar só por estupidez administrativa, ninguém ia se encrencar.

O custo seria de 30 mil libras, aproximadamente 2 mil dólares. Mas Sagmir me avisou que teríamos que agir antes que a pena oficial passasse para trinta anos. Da minha parte, avisei a Sagmir que ele não receberia um *kurus* até eu estar totalmente a salvo, fora da Turquia. Ele concordou com um amplo sorriso.

Escrevi a meu pai e expliquei a situação da melhor maneira possível. Ele respondeu que o Sr. Franklin faria a segunda hipoteca da casa de North Babylon. Viria me visitar assim que possível.

Alguns dias depois, eu estava caminhando pelo pátio quando chegou um aviso de visita. Fui encontrar um jovem norte-americano praticamente dos meus mesmos vinte e seis anos. Era Michael Griffith, o advogado de Mineola. Era um cara alto, simpático, disposto e ativo. Gostei dele na mesma hora.

Ele conversou comigo sobre John Sutter e a reação às matérias no jornal. O Departamento de Estado investigava a possibilidade de conseguir transferência para uma prisão nos EUA. Falei a Mike sobre a transferência de Arne. Ele ficou otimista, mas disse que poderia levar algum tempo. As relações turco-americanas andavam tensas.

Já que o processo ainda não havia começado, não havia muito a se discutir sobre a transferência. Por isso ficamos só conversando. Mike e eu havíamos ambos crescido em Long Island e tínhamos muitas lembranças em comum. Nós dois tínhamos sido salva-vidas. Até conhecíamos as mesmas pessoas.

Eu lhe disse da saudade que tinha de nadar no oceano. Ele sorriu e falou:

– É só esperar que logo você estará lá.

– Certo.

– E ouvi dizer que você joga softbol.

– Um pouco. Devo estar fora de forma.

– Sem problema. Eu jogo na Broadway Show League, no Central Park. Vai ter que jogar com a gente quando voltar.

– Arrã. Eu ia gostar muito de jogar nesse verão.

Mike riu.

– Pode ser. Quem sabe? Mas é certo que você estará no treinamento de primavera no ano que vem.

Dessa vez eu ri.

– Claro. Ok. Mantenha o contato. Mande um oi para todo mundo lá em casa. E aproveite esse sol grego por mim também.

– Claro que vou. Cabeça erguida, ok? As coisas estão andando.

Foi bom rever meu pai. A tensão dos últimos anos havia lhe deixado com rugas. Mas seu corpo ainda estava em forma, preparado, por conta do handebol. Ele trouxera o dinheiro para Sagmir, mas queria conversar comigo antes de dá-lo.

– Está saindo um novo trem – ele disse.

– O Especial de Transferência?

– Isso. Mike Griffith e eu estamos circulando por programas de rádio e TV lá no país. Estamos tentando fazer com que o Departamento de Estado pegue mais pesado. Mike acha que temos chance. – Meu pai queria adiar o acordo com Sagmir até sabermos mais do Especial de Transferência. Mas eu lhe lembrei que Sagmir disse que o acordo tinha que estar finalizado antes de eu passar por novo julgamento. Então decidimos ver o que o advogado turco conseguia.

Concebemos um plano meticuloso para o acordo. Meu pai manteria as 30 mil libras em depósito no consulado dos EUA. Mostraria a Sagmir o recibo para certificar que o dinheiro estava lá. Sagmir ficaria com o passaporte do pai. Quando eu estivesse em um avião saindo da Turquia, meu pai compraria seu passaporte de volta por 30 mil libras.

Nervoso, fiquei esperando o pai voltar da reunião com Sagmir.

Ele parecia preocupado quando veio me ver no dia seguinte.

– Ele mudou o tom – disse meu pai. – Disse que precisa de 15 mil libras de entrada. Disse que não consegue preparar nada se não molhar o bolso de certas pessoas em Ankara.

Eu queria acreditar. Queria muito ser livre. Mas não podia deixar meu pai se queimar. Algo cheirava mal nesse negócio.

– O que ele quer?

– Eu não sei – disse o pai. – Você acha que ele está falando a verdade?

– Não. Ele está tentando passar você para trás. Ele é rico. Ele consegue 15 mil em uma hora. Volta nele e diz que não fazemos negócio. Ele vai ter as 30 mil libras quando o trato estiver cumprido. Mas nem um *kurus* antes.

Meu pai voltou no dia seguinte. Tinha a aparência cansada, deprimida. Li a resposta de Sagmir nos seus olhos.

– Vou manter o dinheiro no banco – ele disse, partindo para casa. – Se você precisar, estará te aguardando.

¹ Referência a John Dean, testemunha-chave nas investigações do escândalo Watergate. Entre 1970 e 1973, Dean foi conselheiro do presidente dos EUA, Richard Nixon, e depôs que este estava ciente de atividades ilegais conduzidas por pessoas de sua administração e seu partido contra opositores políticos. O escândalo teve início em janeiro de 1972 e arrastou-se até a renúncia de Nixon, em agosto de 1974. [N.T.]

E aqui estávamos. Depois de três anos de pressionar e regatear, de pagar advogados e de torcer e de falar e de preocupar e de rezar, o resultado ainda era trinta anos. Na segunda-feira, 10 de setembro de 1973, soldados prenderam minhas mãos e me levaram da prisão de Sigmalcilar ao porão onde, vidas atrás, eu havia me livrado de uma surra fazendo malabares. Estava quente naquele dia e os soldados de uniforme de lã tinham o cheiro forte do calor de Istambul. Passamos a manhã inteira lá esperando. O meio-dia veio e foi. Enfim, com a tarde avançada, eles me fizeram marchar pelos longos corredores escuros e pelas escadas até a minúscula sala de espera. Encontrei meu nome ainda arranhado na parede entre os de todas as almas perdidas.

Os corredores vazios do tribunal estavam em silêncio. O pó flutuava em feixes diagonais de luz amarelada do sol. A maior parte dos negócios do dia estava encerrada. Não havia muita gente ao redor.

Fora da porta fechada do Tribunal n. 6, três faxineiras idosas, envoltas em preto, pararam de varrer para me olhar enquanto eu passava. Seria Macbeth? As Parcas? Eu ri.

A porta se abriu e entramos.

Quem presidia o tribunal era o mesmo juiz idoso e querido, Rasih Çerikçioğlu. Mas havia outro promotor, mais jovem. Quando entrei na sala de tribunal apinhada, o juiz voltou-se para o promotor e falou em turco. Agora eu já entendia algumas frases. O juiz disse:

– Era desse caso que eu estava falando.

Um jornalista do *Newsday* estava lá, assim como algumas pessoas de agências de notícias. Estudantes de direito que acompanhavam meu caso desde o início também estavam lá, assim como minha namorada insuspeita da minissaia. Mas senti um estranho desapego. Aquilo não estava acontecendo, embora estivesse. Então deixei acontecer.

O juiz abriu a sessão explicando que não tinha opção. A Suprema Corte de Ankara havia tomado uma decisão compulsória. Ele citou o dispositivo da lei turca que obrigava à pena perpétua.

Antes de pronunciar a sentença, o juiz perguntou se eu tinha algo a falar. Eu tinha. E tinha pensado muito no que ia falar.

Levantei-me, tentando manter a coluna ereta. Falei devagar, em inglês, deixando que o tradutor interpretasse para todo o tribunal.

– É hora de eu falar – comecei. – Mas o que se pode falar? Quando eu terminar, vocês vão me sentenciar pelo meu crime. Então permitam-me perguntar... o que é um crime? E qual é o devido castigo por um crime? São perguntas de resposta difícil. As respostas podem variar de um lugar para outro, de um período histórico para outro, de uma sociedade para outra, de um

homem para outro. A justiça é afetada pela geografia, pela política, pela religião. O que era legal vinte anos atrás talvez seja ilegal hoje. E o que é ilegal hoje talvez seja permitido amanhã. Não digo que isto é certo ou errado. É como as coisas são...

“Hoje estou aqui, diante de vocês, com minha vida em suas mãos... mas vocês não sabem o mínimo sobre quem realmente sou. Não importa. Passei os últimos três anos da vida na sua prisão. Se a sua decisão de hoje é sentenciar-me a mais prisão, não tenho como concordar. Tudo que posso é... perdoá-los...”

O juiz pediu recesso de aproximadamente trinta minutos. Tudo a meu redor era silêncio. Então ele voltou, flanqueado pelos dois assistentes de beca negra. Ele ficou de pé atrás da poltrona e estendeu as mãos para mim, cruzando-as nos punhos.

– A Suprema Corte amarrou nossas mãos – ele disse.

Lenta e claramente, ele pronunciou a sentença em turco. Ouvi a palavra *Muhabet*, perpétua. Então ouvi *Otuz Sena*, trinta anos.

O tradutor virou-se para repetir as palavras em inglês, mas o juiz o interrompeu.

– Vou cancelar a sessão – ele disse. – Traduza o veredicto fora do tribunal, por favor. Eu não suporto. Gostaria de ter me aposentado antes de apresentar este veredicto.

Os soldados me levaram. O tradutor foi atrás e me informou a sentença oficialmente. Perpétua, reduzida para trinta anos. Minha soltura estava prevista para o ano 2000. Com os decréscimos por bom comportamento eu estaria livre em 7 de outubro de 1990. Daqui a dezessete anos, eu teria quarenta e três. O cometa Halley teria voltado e partido de novo. Eu perderia mais quatro eleições para presidente e quatro Olimpíadas. Meu pai estaria aposentado, minha mãe estaria grisalha. Meu irmão e irmã provavelmente estariam casados e teriam filhos adolescentes para receber o tio mais velho quando voltasse da Turquia. O ápice da minha vida ia evaporar numa prisão turca.

– *Getchmis olsun* – disse um dos soldados enquanto me levava.

“Que passe rápido.”

Joey e Popeye vieram até mim numa manhã. Parece que Popeye acordara no meio da noite para ir ao banheiro. Mas antes de se mexer ouviu um barulho. Espiando o *kogus*, viu Ziat pairando atrás de seu imenso rádio. Ziat cuidadosamente retirou os parafusos dos fundos e tirou a placa. Olhou em volta, com cara de desconfiado e então colocou dinheiro atrás do rádio. Ele apertou a placa e recolocou o rádio em cima do armário.

Era lá que Ziat guardava o dinheiro! Todo mundo achava que ele usava o lugar óbvio – seu armário com os dois cadeados. Mas não, o jordaniano astucioso puxara o tapete de todos. Ele guardava o dinheiro sem trancas, atrás do seu rádio. E, como todo mundo sabia, Ziat tinha muito dinheiro. Ele era a principal fonte de drogas no *kogus* desde as primeiras lembranças de todos os presentes. E cuidava da loja de *chi* com um olho meticoloso, visando lucro máximo.

Joey roçou as mãos de satisfação. Desde o dia em que Ziat brigara com as crianças, o jordaniano era seu pior inimigo.

– Eu vou roubar dele – ele sussurrou. – Vai ser muito divertido.

– Não conta comigo – falei. – Não é homem bom para se ter de inimigo.

– Ôôô, garoto! – disse Popeye. – Ele sai mês que vem. Última chance de botar na bunda dele.

– Não, obrigado. Mas boa sorte.

Popeye jogou as duas mãos para cima e assobiou.

Esqueci do incidente até duas noites depois. Era por volta das duas da manhã. Eu estava tendo mais um dos meus sonhos com Lillian. Quase a sentia perto de mim. Ela estendia a mão suave e fazia uma carícia no meu rosto...

Mas a mão era áspera, dura. E ela se fechou sobre meu nariz e minha boca. Cortou minha respiração. Comecei a me debater, mas uma voz disse:

– Shhhh!

Abri meus olhos e vi o bigodão de Joey de cabeça para baixo.

– Esconde isso – ele sussurrou. – Um terço é seu. – Ele apertou uma coisa contra minha mão e sumiu. Olhei para baixo. Para meu espanto, eu estava segurando um maço de notas imenso com uma borracha grossa na volta.

Era um sonho. Não, o sonho estava sumindo. Lillian se foi. Havia voltado ao Alaska. E lá estava eu, deitado, nu, na cama, com um maço de dinheiro na mão. Desatei o dinheiro e comecei a examinar. Havia notas azuis, rosas, verdes, amarelas, pretas, vermelhas. Havia notas de cem dólares, de mil marcos, títulos de dez libras. Havia dinheiro sírio, dinheiro espanhol, dinheiro italiano e australiano. A passagem para o Expresso da Meia-Noite? Quem sabe. Mas

onde eu esconderia até o trem passar?

Espiei em volta. O *kogus* estava aos rancos e grunhidos no que lá era aceito como paz e contentamento. Vi Joey do outro lado do *kogus*, amontoado entre as cobertas. Não via o beliche de Popeye, mas imaginei que estivesse fazendo o mesmo. Também me joguei sob as cobertas.

Acho que passei meia hora amontoado com o dinheiro sob as cobertas, discutindo esconderijos comigo mesmo. Finalmente me ocorreu a inspiração. Trabalhei a noite inteira. Caí no sono pouco antes de Ziat acordar e ir aquecer a água para sua lojinha de *chi*.

Era o meio da manhã. Acordei exaurido, mas meu cérebro estava na ativa. Não conseguia dormir. O *kogus* estava quieto. Desci a escada, comprei uma xícara de chá de Ziat e saí para o pátio. Popeye veio correndo imediatamente. Estava nervoso.

– Onde tá? – ele perguntou. – O que você fez?

– Acalme-se – falei. – Não vou te contar.

– O quê! Mas seu safa...

– Shhh. Quer mandar telegrama pro Ziat? Eu não vou te contar.

Popeye saiu irritado. Alguns instantes depois Joey apareceu.

– O que houve? Por que você não diz pro Popeye onde tá o dinheiro?

– Não. Está escondido. Vai passar um controle, você já sabe. Eu sou o único que sabe onde está. Se descobrirem, eu sou o único que me encrenco. Também sou o único que pode dizer pra eles onde está. E não vou abrir o bico. Então fica frio.

Joey percebeu a sensatez do meu argumento.

– Ok. Pode cuidar.

Joey seria o primeiro a ficar sob suspeita. Eu queria que principalmente ele não soubesse onde o dinheiro estava escondido. Se ele não soubesse, os guardas não poderiam espancá-lo até descobrir.

Mais tarde no mesmo dia, ouvi a voz empolgada de Ziat de papo com Necdet, o detento de confiança. Em questão de minutos veio o grito:

– *Sayim, Sayim.*

Popeye, Joey e eu entramos na fila com o máximo de distância possível um do outro.

Mamur entrou, seguido de Hamid, Arief e uma dúzia de outros guardas. Mamur tinha fogo nos olhos. Ele foi e voltou pela fila, encarando os presos um a um. Deu berros em turco. Necdet vinha logo atrás, traduzindo para o inglês.

– Perdeu-se dinheiro no *kogus* – disse Mamur. – Vinte e cinco mil liras. Quero que cada um pare um pouco para pensar. Passamos todas as crianças para outro *kogus*. Vamos trancar vocês todos no *kogus* deles enquanto revistamos o de vocês. Vão sair daqui um a um. Se alguém tiver uma coisa a dizer, que diga. Ninguém vai saber quem falou.

Sua voz subiu um tom.

– Quem quer que tenha sido, que se entregue agora. Se assim fizer, não vai ter problemas – ele mentiu. – Não vai haver surra. Não vai haver julgamento. Só queremos o dinheiro de volta.

Eles nos revistaram um a um e nos mandaram para o *kogus* das crianças. Sem problema. Eu não estava com o dinheiro.

Trancados no *kogus* das crianças, todos ficamos caminhando para lá e para cá na sala inferior. Ninguém queria ficar no andar de cima, perto das camas imundas, nem perto do banheiro.

Joey me deteve.

– Qual é a do Mamur? – ele perguntou. – Será que o Ziat prometeu grana pra ele? – Dei de ombros e segui caminhando. Popeye me espiava nervoso.

Depois de aproximadamente uma hora, Arief veio ao *kogus* infantil e também deu discurso.

– Vamos manter vocês aqui o dia inteiro – ele prometeu. – E a noite toda. E todo o dia de amanhã. E depois também. – Ele começou a gritar. – Vamos deixar vocês aqui uma semana. Vamos deixá-los aqui até acharmos o dinheiro! Vamos tirar tudo que dá para tirar daquele *kogus*. Vamos tirar todos os armários, todas as camas, todas as roupas. Vamos colocar tudo no pátio e quebrar tudo que for maior que um palito até achar o dinheiro. – Ele se agachou e pendeu para a frente. – E quando acharmos, vamos detonar o prisioneiro que pegou. – Ele se endireitou. – Mas se a pessoa nos contar agora, ficamos só com o dinheiro. Sem surra.

Silêncio.

– Canalhas!

As horas passaram. Ninguém estava preparado para sair do *kogus*. Os homens estavam caminhando de pijama, de pés descalços, no chão de pedra gelado. Popeye estava pior. Ele me puxou de lado e disse:

– Vamos devolver, meu.

– Você está louco? Eles vão encrencar conosco. Agora estamos nessa. Tem que aguentar a tempestade.

Popeye ficou andando pelo corredor. Cada vez que ele passava eu começava a assobiar uma música antiga da banda The Doors. Chamava-se “Riders on the Storm”. Eu estava tão nervoso quanto Popeye. Não sabia se meu esconderijo ia resistir. Eu via os soldados pelas janelas. Estavam destruindo tudo, arrancando o forro dos colchões. Tentei não pensar onde o dinheiro estava, caso alguém captasse uma vibração.

Depois de várias horas de tensão, o auxílio enfim surgiu de uma fonte inesperada. Nadir, um novo preso iraniano que dormia num colchão no primeiro andar, correu até um guarda na porta. Ele exigia ver Mamur. O Fuinha apareceu. Nadir falava turco com perfeição. Berrou que ele conseguia ver Ziat espiando tudo no primeiro andar do nosso *kogus*. Disse que tinha posses lá que ele queria proteger. Disse que tinha 3 mil liras escondidas no travesseiro. Ficou com raiva. Todos víamos Ziat, de fato, vasculhando o primeiro andar do *kogus*.

Mamur levou-o ao *kogus*. Ouvimos Nadir reclamando sem parar pelo caminho.

– Onde que esse Ziat – ele cuspiu o nome – consegue 25 mil liras, hein? Como que ele consegue dinheiro na prisão? Por que vocês acreditam nele? Alguém aqui já viu esse dinheiro? Ele vai sair em breve. E se ele quiser acertar as contas com todo mundo?

O travesseiro de Nadir estava vazio. Ele berrou que havia sido roubado. Acusou Ziat. Abriram-se as comportas do inferno. Guardas berravam. Ziat berrava. Nadir berrava. Quem sabia a verdade? Nadir podia ter o dinheiro – ou quem sabe só o cérebro. Mamur berrava pedindo silêncio. Bradou uma ordem. Tão rápidos quanto vieram, os guardas saíram do *kogus*.

Nós voltamos. Os pertences de todos estavam jogados numa pilha no chão. Tudo quebrado, amassado, rasgado e misturado. Meu colchão tinha sido arrancado do beliche e jogado do andar de cima. Tudo no meu armário tinha sido tirado e jogado no chão – até os poucos pertences que eu guardava sobre ele. Peguei meu diário do chão e conferi se as plantas da prisão continuavam no lugar. Tateei a lima. Com alguma dificuldade, senti seu contorno dentro da costura. Peguei minha toalha, meus bloquinhos, canetas, velas, cigarros, uma foto de Lillian e coloquei tudo no alto do armário.

Joey e Popeye passaram por lá, sem que ousassem vir conversar. Olhei para cima e assobieei “Riders on the Storm”.

Passou-se uma semana. Ziat estava sempre olhando para Joey. Parecia que o homem havia perdido toda a ambição. Desistiu da concessão da loja de *chi*. Nadir apresentou-se para a vaga. Todo o dinheiro pelo qual Ziat havia trabalhado – mentindo, trapaceando, roubando, vendendo drogas, mourejando o dia inteiro sobre um fogão de *chi* – se fora. Agora sua sentença estava quase no fim. Ele voltaria às ruas de Istambul com milhares de inimigos e nenhum dinheiro. Todo mundo no *kogus* sentia tanta pena que brindamos com o chá forte e refrescante de Nadir.

Mas esquecemos que Ziat tinha amigos entre os guardas. Uma tarde, eu estava descendo as escadas e fiquei sobressaltado ao ver Ziat sentado numa mesa, vestindo terno e gravata. Ziat?

De repente a porta do *kogus* foi destrancada. Mamur e Arief vieram caminhando.

– *Sayim. Sayim* – berravam.

Normalmente os presos se empurram para conseguir um lugar no fim da fila, para ficarem imperceptíveis. Vi Ziat caminhando casualmente ao segundo posto na fila. Estava ao lado de Necdet.

Arief começou a revistar a fila. Em um instante ele enfiou a mão no bolso de Ziat e puxou uma caixa de fósforos.

– *Nebu* – ele grunhiu. Abriu e encontrou um pedacinho de haxixe. Arief tirou Ziat da fila e lhe deu tapas com grande vigor. – Onde conseguiu esse haxixe? – ele rugiu.

– Do Joey – Ziat disse.

Joey, ao meu lado, enrijeceu-se.

Os guardas levaram Ziat embora. Mamur chamou Joey. Meu amigo foi caminhando até o fim da fila.

– Qual é a desse haxixe? – Mamur perguntou.

– Eu não sei de nada. Não vendi pra ele. Não tenho nada a ver com isso.

Mamur olhou-o de perto.

– Conheço essa cara – ele disse.

– Eu...

– ...não diga nada – Mamur retrucou. – Eu te conheço. Onde você conseguiu o haxixe?

Ele pegou uma ponta do bigodão de Joey. Puxou para cima até deixá-lo na ponta dos pés.

– Onde você pegou o haxixe? – ele repetiu.

– Eu falei que eu não sei de nada.

– Levem para o porão!

Levaram Joey arrastado. Mamur olhou para todos nós.

– Quem estiver brincando com haxixe vai levar uma camaçada de pau – ele prometeu. Então virou-se com pressa e foi embora.

A revista acabou em menos de um minuto. Não estavam atrás do haxixe de Joey. Queriam a grana. Queriam uma desculpa para levá-lo ao porão e ao *falaka*.

Corri até Necdet.

– Você não consegue descer lá? – eu implorei. – Você sabe o que aconteceu.

– Claro que eu sei – Necdet disse. – Mas vou fazer o quê?

– Eles vão deixar o cara em pedacinhos. Você sabe que isso foi armado. Você sabe que faz anos que o Ziat vende haxixe aqui. – Necdet, como detento de confiança, não *queria* saber dessas coisas.

– Ziat vende haxixe aqui?

– Bom, talvez você não saiba – falei, tentando ser diplomático. – Mas eles vão detonar o Joey lá embaixo. Eles querem o dinheiro. Você sabe. – Necdet foi falar com o guarda na porta. O guarda tinha suas ordens. Não tínhamos o que fazer por Joey a não ser torcer pelo melhor. Fiquei contente por ele não saber onde o dinheiro estava escondido. Isso eles não iam tirar dele. Mas ele sabia *quem* tinha o dinheiro.

Fiquei tenso a tarde inteira. Imaginei o que os guardas estavam fazendo com os punhos, os pés e os *falaka*. Enquanto isso, uma grande e reluzente fogueira de ódio que eu nutria por Ziat tornava-se um inferno.

Era minha noite de banho. Popeye, eu e alguns outros colocamos calções para nos lavarmos na água quente. Um de nossos companheiros de sempre estava notavelmente ausente. Não tocamos no assunto. O que sentíamos ia além das palavras. O som esparrinhado da água era o único barulho.

Eu havia ensaboado todo o corpo. Estava levantando o jarro para jogar a água por cima da cabeça quando a porta do *kogus* se abriu. Ouvi risos. Ziat entrou, brincando com os guardas. Seu terno estava limpo, incólume. Ziat passou pela área de banho e seguiu pelo corredor. Ensaboado e molhado, corri atrás dele.

– Ziat!

Ele se virou e levou meu punho no rosto. Foi com tudo contra uma janela com barras. Perdi o equilíbrio no chão de concreto escorregadio. Ziat pulou e correu até a sala de *chi*. Fui atrás, xingando ele e as bolhas de sabão. Vários me seguraram. Eu estava lá, pingando e berrando contra Ziat.

Então Nadir puxou uma faca. Ele foi na direção de Ziat. O jordaniano gritou e subiu a escada.

Em um instante Necdet desceu para acalmar todos.

– Está acabado – ele disse. Ele foi até a porta do *kogus* e chamou o guarda. – Levem Ziat daqui – ele ordenou. – É preciso tirá-lo do *kogus*.

Ziat rapidamente empacotou seus pertences. Passou as últimas semanas da pena no *revere*.

Joey voltou ao *kogus* na manhã seguinte. Estava mancando, mas só um pouco. Depois dos primeiros golpes do *falaka*, ele berrou que ia denunciar Mamur ao consulado dos EUA. O Fuinha ficou pensativo. Às vezes as autoridades da prisão se dispunham a resistir à pressão

diplomática, às vezes não. Mamur saiu de lá. Os guardas haviam deixado Joey sozinho no porão escuro a noite inteira. Depois, simplesmente trouxeram-no para cima.

O *kogus* inteiro ganhou um presente de Natal adiantado em 1974. Ziat se fora. E embora eu preferisse que quem tivesse saído fosse eu mesmo, estar longe dele era uma sensação boa. Sua presença sempre me deixara incomodado.

A partida dele também queria dizer grana para Popeye, Joey e eu. Eles começaram a me pestear na manhã após Ziat fechar a sentença.

– Joey – respondi –, por que você não vai pegar um chá para a gente e vem no meu beliche? Temos que conversar.

Joey comprou um chá particularmente forte com Nadir. Bebericamos lentamente. Joey e Popeye davam baforadas nervosas nos cigarros.

– Cadê? Cadê?

– Vocês estão olhando pra ele faz semanas. Está bem no nariz de vocês.

– Hã?

Levei a mão ao alto do meu armário e peguei uma vela amarela bem grossa. Seus queixos caíram. Deixei a vela entre mim e a parede. Joey e Popeye fizeram proteção. Lentamente raspei a cera com uma lixa de unha. Quando terminei, havia cera por toda minha cama e mais ou menos 1.500 dólares em cédulas multicoloridas nas minhas mãos.

– Como é que você conseguiu enfiar a grana aí dentro? – Popeye queria saber.

– Levou a noite inteira. Debaixo dos lençóis. Eu fiquei queimando as velas e deixando a cera pingar na grana. Eu tinha certeza que ia botar fogo no *kogus*. – Dividimos tudo em terços. Mais ou menos 500 dólares para cada.

– Se algum de nós for pego com isso, que invente sua história – falei. – Vocês não me conhecem e eu não conheço vocês.

– Arrã, arrã – disse Joey. – Qual é. Eu vou molhar o bolso dum guarda pra conseguir comida pra gente!

Comemos muito bem nos dias que se seguiram. Notei que Popeye estava com um relógio Seiko, bem caro, que fora de Muhto, um preso malaio. E Muhto pediu cigarros Rothman de um turquinho que passava por lá a mascatear as marcas importadas.

Comprei pilhas de frutas, que guardava no peitoral da janela perto do meu beliche. Fazia frio lá fora, então elas conservaram o frescor por um bom tempo.

Mas escondi a maior parte do dinheiro no meu diário, com um corte no revestimento de papelão igual ao que eu vira Max fazer. Trabalhando casualmente, tapando a vista de outros com meu corpo, eu fingia que lia ou escrevia na cama. Na verdade estava fazendo um depósito no Banco da Liberdade.

Numa manhã de inverno gelada, Popeye veio correndo até mim, assobiando alarmado e gritando:

- Façam um círculo com as camas. Estamos sendo atacados!
- Do que você tá falando? – perguntei.
- Os afegãos chegaram. Invasão. Rápido, antes que tragam os camelos.

É claro que Popeye estava exagerando. Mas não muito. Os afegãos eram um redemoinho de túnicas ondulantes e calças espalhafatosas. Eram quinze. Vinham viajando num ônibus carregado de cachecóis, cintos de tecido, ternos baratos e outros artesanatos. Quando foram detidos pela polícia, disseram que eram peregrinos voltando de Meca e que os bens eram presentes para amigos em casa. O problema é que Istambul não ficava nem um pouco perto da rota entre Meca e o Afeganistão. Foram acusados de contrabando.

Todos os beliches do andar de cima estavam cheios. Por isso os afegãos dormiam no andar de baixo, no chão. Ganharam colchões velhos e cobertores. Se ficassem uma noite só, a roupa de cama já teria perda total. Ninguém ia querer de volta.

Os afegãos armaram barraca na outra ponta do salão de baixo. Criaram um espaço só para eles. A fila do *Sayim* agora estava particularmente apinhada. Todos ficavam amontoados em meia sala, manobrando para conseguir uma vaga longe dos novos presos. Quando não estavam rezando, os afegãos se empurravam para ganhar lugar na fila da sopa. Pegavam qualquer pedacinho de papel, de linha, qualquer lixo, e enfiavam nas sacolas de algodão quase estourando.

E faziam barulho. Brincavam e gritavam que nem crianças. Discutiam como idosas. Mas tinham cicatrizes que nos deixavam receosos.

O mais velho, o chefe deles, tinha um olho azul leitoso e um preto que nos fitava como uma águia. Um dos homens tinha apenas três dedos de uma mão. Outro tinha perdido um naco da orelha.

Todos nós, traficantes de haxixe calejados no *kogus* dos estrangeiros, ficamos chocados com o último veredicto que se proferiu contra os americanos. Enquanto a maior parte do mundo civilizado reduzia as penas para delitos envolvendo maconha e haxixe, a Turquia estava apertando o cerco. Robert Hubbard, Jo Ann McDaniel e Kathy Zenz foram a julgamento em 28 de dezembro, esperando mais um prolongamento tedioso de seu caso, que já se arrastava havia mais de ano. Mas o juiz os acusou por conspiração para tráfico de cem quilos de haxixe da Síria à Turquia e sentenciou pena de morte... comutada em perpétua. De repente deixei de ser o americano com a pena mais longa na prisão turca. Senti uma tristeza profunda por eles. Orei que todos encontrássemos uma solução em comum. Talvez a diplomacia fosse nossa melhor chance.

Willard Johnson veio do consulado com um relatório do Embaixador Macomber. Conforme o juízo do embaixador, declarariam anistia assim que os turcos conseguissem formar novo governo. Todos acreditavam que haveria anistia geral em 1973, em comemoração ao quinquagésimo aniversário da gloriosa república turca. Mas, mesmo se acontecesse, eu provavelmente ainda ficaria com vários anos a cumprir. Macomber achava que havia uma “mínima chance” de a anistia significar também a deportação de presos estrangeiros. A

possibilidade de transferência para os EUA estava sendo discutida entre Ankara e Washington, mas também parecia pequena. Havia inclusive a chance de o Parlamento Turco considerar uma lei à parte para tratar do meu caso. Mas isso só havia sido feito uma vez na história para um estrangeiro... o que me deixava diante de dezesseis anos e meio de vazio – trinta menos o abono por bom comportamento.

Eu estava nesse estado mental quando fiquei sabendo que meu pai vinha me visitar pela quarta vez. Ele havia mudado. O brilho em seus olhos irlandeses havia diminuído. Ele parecia cansado.

– Presente para você – ele disse, baixinho. Algo na sua voz me alertou. Passar aos códigos. Garantir que Willard não entendesse do que estávamos falando. O cônsul entrou no jogo.

Olhei o presente. Era um álbum de fotos de família, novo em folha. O pai havia mandado fazer cópias de várias das fotos no nosso álbum de casa. – Quando eu juntei as fotos para a *Newsday*, pensei que você gostaria de ver algumas dessas aí. – Ele sorriu. Aquele tom de alerta, mais uma vez.

Folhee o álbum. Subiu uma coisa na garganta quando vi minha mãe na frente de casa, segurando a mão de um garotinho loiro. Rob na bicicleta. Nós dois em guerra de bolas de neve. Mamãe exibindo uma minibarriga rosa. Peg com uniforme de líder de torcida... Com aquela eu ia distrair muitos guardas. Tinha a Nana, o Tio Mickey, o Tio Jimmy.

– E tem várias fotos do seu velho amigo, o Sr. Franklin, do banco – disse o pai.

– Arrã. Lembro bem dele.

– Claro que lembra. Ele que sempre quis ser engenheiro ferroviário. Tinha tantos trens que passavam perto da casa dele.

Meus olhos se fixaram no álbum. Meu pai passou o dedo lentamente pela beira da contracapa. Ah, raposa velha! Onde será que ele tinha aprendido essa?

– Pai. Você está gastando muito dinheiro. As viagens. Os advogados. – Toquei no álbum. – Um dia eu vou retribuir.

– Eu sei que vai, Billy. Mas não se preocupe. – Ele deu um suspiro. – Uma coisa que eu aprendi com isso tudo, sabe, é que... não deixe as miudezas da vida te incomodarem.

– Isso. Não dar bola pra coisa pouca – falei.

– Na verdade, o trabalho anda bem mais fácil – ele disse. – As mesquinhas não me incomodam mais. Vejo que tem coisas que não são tão importantes quanto eu acreditava que fossem.

– Que bom que podemos conversar sobre isso, pai.

– Sim. Devíamos ter conversado mais. Há espaço para opiniões divergentes. Elas não têm que impedir que as pessoas se relacionem.

– Pai. Se eu... *quando* eu me livrar disso, a gente vai conversar mais.

Ele sorriu.

Nossa visita durou bastante tempo. Meu pai ainda tinha muita esperança de transferência ou anistia. Mas era evidente que fugir talvez fosse a única saída.

– Tenha cuidado, filho. Cuide-se.

Voltei ao *kogus*. O guarda me deteve para inspecionar o álbum de fotos.

– Minha irmã – falei em turco, orgulhoso.

O guarda ficou olhando para Peg. Contentado, fez sinal para eu entrar no *kogus*. Outros presos se juntaram para ouvir as notícias da minha visita, pegar pedacinhos de barra de chocolate, filar um cigarro. Joguei o álbum para Joey. Vários homens se juntaram para ver os retratos. Peg era a sensação em Istambul.

Dessa vez meu pai ficou só alguns dias. Ele tentou esconder, mas eu sabia que a pressão financeira que estava sentindo era pesada. Eu sempre direcionava a conversa para o Expresso da Meia-Noite. Via que ele estava preocupado. Por três anos ele se opusera à ideia de fuga. Agora tinha hipotecado a casa para financiar minha tentativa. Se eu fracassasse, sabia que ele ia morrer. Durante a última visita, antes de voltar aos EUA, ele levantou-se para se despedir. Segurou meu braço. Abriu a boca para dizer alguma coisa, mas as palavras não saíram. Só me abraçou.

Então se virou e saiu da sala.

A curiosidade estava me deixando louco. Mas deixei o álbum circular livre pelo *kogus* por vários dias. Então deixei-o em cima do meu armário e o ignorei. Foi só depois de mais ou menos uma semana que fui procurar o dinheiro. Tarde da noite, trabalhando sob o lençol enquanto estava deitado, eu cortei cuidadosamente a contracapa do álbum. Ali, debaixo do forro de papelão, havia notas de cem dólares novinhas, empilhadas em grupos de três. Vinte e sete retratos de Benjamin Franklin.

Havia muitos interessados no álbum. Tive que colocar o dinheiro em outro lugar mais seguro. Trabalhei em segredo por várias noites. Rasguei o forro de trás do meu diário. Guardei o dinheiro lá dentro, ao lado do dinheiro de Ziat, e cobri com várias folhas de papel de desenho, fino e transparente. Então coleí a capa de volta. Ficou bom. O diário estava atulhado de desenhos, cartas e minhas anotações. Agora o dinheiro, a lima e todas as plantas estavam no mesmo lugar. Eu tinha até um tiquinho de LSD para dar a um guarda, se necessário. Era só eu pegar meu diário, que tinha um kit de fuga.

Eu não sabia exatamente como usar o dinheiro. Tinha que ficar no jogo da espera. Tinha que ver o que ia acontecer com a anistia e os trens de transferência. Não queria tentar fugir, ser pego e aí descobrir que eu *teria sido* libertado.

Minha pena seguiu. Os instantes se transformaram em horas, dias, semanas, meses. Quando ia acabar? Quando ia acabar? Quando minha vida ia recomeçar? Eu não via motivo para aquela manhã particularmente gelada ser diferente das outras. Fui cedo sentar no pátio. Presos alemães marchavam os trinta e dois passos, para a frente e para trás. Parecia que ia chover, mas o ar gelado estava fresco. Nadir correu para o pátio.

– O Hamid. O Hamid – ele berrava, sorrindo. Só o nome já fez minha espinha tremer.

– O que foi?

– Boas notícias. Hamid morreu.

– Hamid? O Urso? Morreu? Como?!

– Arrã. Levou um tiro.

– Uau!

Nadir correu de volta ao *kogus*. Em questão de instantes ouvi o bloco começar a zumbir de

agitação. Chabran passou correndo na minha frente para ir ao *kogus* das crianças.

– *Allah buyuk* (Deus é grande) – ele gritava.

Que belas notícias. Os presos correram para o pátio, pulando e gritando. Joey veio correndo e me deu tapinhas nas costas. Popeye correu para o pátio assobiando, fazendo uma dancinha de alegria. Dos pátios ouvíamos os risos e as comemorações do outro *kogus*. O rugir de felicidade ganhou um crescendo. Nos corredores, os guardas pareciam assustados, nervosos.

De repente me dei conta do que estávamos comemorando. Um homem havia morrido. Um ser humano. E ficamos felizes. Não podia ser assim. Como as pessoas podiam ficar felizes com a aniquilação de outra pessoa? Mas eu *estava* feliz. Cedi à sensação de alívio: os punhos cruéis do Urso nunca mais socariam meu rosto.

Ninguém sabia dos detalhes. Mas Hamid estava morto, com certeza. Fora alvejado por alguém de fora da prisão. Num restaurante. Era tudo que sabíamos.

No fim daquela manhã usei um maço de Marlboro para convencer um guarda na porta do bloco a me deixar ir ao *revere*. Se alguém sabia dessa história, tinha que ser o Max. Ele estava na cama, de olhos vidrados mas sorrindo, conversando com turcos. Me recebeu todo caloroso.

– Ele tava tomando café da manhã – Max me disse. – Atravessando a rua, de frente pra entrada da prisão, tem um restaurante. Ele toma café ali todo dia. Tinha um cara... Hamid pegou ele por haxixe, tem uns anos... foi preso... era dos turcos. Hamid levou ele pro porão e fez o esquema todo do *falaka*. Mas o cara não abriu o bico. Deixaram ele lá jogado uns dias, voltavam pra mais surra... você conhece o Hamid... enquanto ele batia no cara, gritava: “Eu vou comer tua mãe, vou comer tua irmã, vou comer teu pai, vou comer teu irmão, vou comer tua avó...”, essa coisa toda.

– E o cara não esqueceu. Como é que ia esquecer?

– Então, enfim, alguns dias atrás o turco cumpriu a pena. E hoje de manhã ele simplesmente entrou no restaurante enquanto Hamid tomava o café da manhã. Apontou uma arma para ele. Puxou o gatilho e disse: “Lembra de mim? Bom, isso é pela minha mãe”. Blam! “E pela minha irmã!” Blam! Blam, blam, blam, oito tiros. Hamid caiu no chão. A arma deu mais uns cliques e o cara soltou na mesa. Ficou esperando a polícia. Inacreditável!

Algumas semanas depois o assassino voltou ao seu velho *kogus*, alçado à condição de herói. Era um *kapidiye* recém-empossado. Ficou conhecido como *Aslan*, “O Leão”.

Os presos fizeram os guardas passarem semanas de nervosismo. Os mais corajosos passavam pelos guardas e diziam baixinho: “*Hamid onutma* (Não se esqueça de Hamid)”. Os guardas não esqueceram.

Arief sumiu de repente. Havia rumores de que o Quebra-Osso tivera que se afastar para fazer uma cirurgia. Mamur requisitou transferência para Izmir.

7 de março de 1974

Lillian,

Sua carta e a quietude da noite e tantas coisas tão erradas. Às vezes sinto que estou morrendo aqui. É tão difícil estar aqui sem ter alguém para me ajudar, para ser companhia nesta estranha estrada. Meu amigo Arne me fez perceber como sei pouco sobre tudo: e o mais estranho, como eu insabidamente sei de outras coisas, coisas importantes, como rir e sentir as pessoas e amar a vida. Sinto falta de Arne, mas sua presença permanece, assim como o louco Patrick continua comigo mesmo com seu corpo há dois anos debaixo da terra.

Os últimos meses têm sido difíceis. Tantos planos e possibilidades parecem ter desabado. Está difícil respirar.

A primavera está chegando e tento não me apressar, mas preciso de algo suave. Da sua maciez. Tenho suas cartas. Elas me reabastecem, me dão força. As notícias sobre anistia e sobre sair daqui – enredadas, complicadas. Sou paciente apenas em respeito àquelas pessoas, meus pais e amigos, que tanto se esforçam. Não sei quanto mais posso esperar.

Não me solte, Lil. Abrace-nos.

Billy

Na minha primeira noite em Sigmalcilar, três anos e meio antes, os presos estavam falando em anistia. Em 16 de maio de 1974, o Parlamento turco enfim conseguiu votar a proposta de anistia. Passaria a valer no dia seguinte. Todos no *kogus* se reuniram em torno dos poucos que conseguiam ler os jornais turcos. O que descobrimos foi:

Todo preso na Turquia receberia anistia em doze anos de suas penas totais. Assassinos, estupradores, ladrões, sequestradores – todos ficariam com doze anos a menos. Somava-se a isso o desconto por bom comportamento. Então um preso com pena de trinta anos descontava dez por bom comportamento e mais doze por anistia. Teria que cumprir só oito anos.

Menos traficantes, que ficaram com anistia de cinco anos.

Melhor que nada, imaginei. Mas ainda assim minha data de soltura seria 7 de outubro de 1985. Virei e fui caminhando de volta a meu beliche, ignorando a atmosfera festiva ao meu redor. Doze anos libertaria praticamente todo mundo. Aliás, a maioria dos traficantes tinha menos de cinco anos pela frente. Joey ia embora. Timmy ia se livrar de Izmir. Claro que fiquei feliz por eles, mas ainda assim estava descontente. Do meu velho grupo de amigos, só Max e Popeye ficariam lá. E Max passava a maior parte do tempo no *revere*.

Joey passou no meu beliche para desejar sorte. Ele me lembrou da possibilidade de

transferência, e garantiu que em breve eu também estaria solto.

– Então, ficou sabendo dos sete anos a mais pros traficantes?

– Como é?

– O jornal diz que grupos de direitos civis estão reclamando que os traficantes só pegaram cinco anos de desconto. Querem que o Parlamento dê mais sete. Vai saber, né? De repente você também consegue a anistia dos doze anos.

– Joey, minha pena é de trinta anos. Nem anistia de doze ia me ajudar.

– Eu sei. Mas você vai se dar melhor que o Necdet.

– Como assim?

– Você não ouviu? De toda a Turquia, tem só um preso que não foi incluído na anistia. Um espião sírio. O Parlamento chegou a dar o nome e dizer que ele não teria anistia. Necdet.

Necdet fazia visitas aos presos contentes de todo o *kogus*, parabenizando-os e desejando sorte. Em todo meu tempo de prisão não encontrei ninguém que merecesse mais anistia. Ele era um homem justo. Limpo. Um homem de bem. A justiça na Turquia.

Naquela noite, os alto-falantes começaram a anunciar os nomes de quem seria libertado na manhã seguinte. Houve vivas depois de cada nome. Então pedia-se silêncio para que o próximo pudesse ouvir. Os nomes foram lidos em ordem alfabética. O sobrenome de Joey começava com “M”. Sentei na cama com ele aguardando o momento de felicidade. Mas, perto da meia-noite, quando estavam terminando os “L”, a voz no alto-falante disse que estava muito tarde, e continuariam a chamar os nomes pela manhã.

Suspiros de protesto. Joey ficou totalmente louco. Pulou da cama aos gritos.

– Não vão me deixar sair – ele berrava. – Esses putos desses turcos vão me deixar aqui! Eu não aguento mais! Guarda! – ele gritava. – Deixa eu sair! Eu tenho que falar com o diretor! Guarda!

Puxei-o para a cama e tentei raciocinar com ele.

– Você ficou louco de vez? Pense! Você vai sair amanhã. Sei que vai. Vão chamar seu nome pela manhã. Não vá estragar tudo logo agora!

– Eu sei que eles vão armar alguma merda pra mim, só pra me deixar aqui. Eu sei que vão.

Depois de cinco anos de prisão, Joey não aguentava nem mais uma noite. Ele caçou Nadir para comprar haxixe. Nadir nem aceitou o dinheiro dele.

– Tome – ele disse. – Para você, meu amigo. Você vai precisar. *Getchmis olsun*. – Ele soltou cinco “bombardeiros amarelos” na mão de Joey. Nembutal. Joey virou todos. Desceu tudo com uma xícara de *chi*.

– Eu não aguento mais – ele gritou. – Meus nervos parecem bolinha de pingue-pongue em máquina de lavar. Se eu nunca mais acordar, melhor! E se amanhã chamarem meu nome, que vão pros diabos. Que me esperem. Faz cinco anos que eu tô esperando eles.

Ele se afundou nos travesseiros. Puxou os cobertores até a cabeça.

Enquanto isso, eu tentava fazer planos. Tinha dinheiro. Quem sabe fosse a hora de usar. Talvez fosse fácil sair pelos portões amanhã, com os outros. É certo que teria confusão.

Fui falar com François, um garoto francês recém-chegado que tinha acabado de pegar vinte meses por posse de um único cigarro de haxixe. Ele estava tentando ensacar suas míseras

posses num saco de estopa velho. Era meio abilolado. Todo mundo chamava ele de “Ding-Dong”. Sabia que ele não tinha muito dinheiro e que queria ir direto para a Índia quando saísse.

– Ô, Ding-Dong. Quer ganhar cinco mil libras? – perguntei.

Ele sorriu. Então uma fachada de desconfiança caiu sobre seu rosto de massinha de modelar.

– Como?

– Fácil. É só deixar que eu te amarre no banheiro amanhã. Uso sua identidade para sair quando chamarem seu nome. Quando te encontrarem, diga que eu te amarrei e amordacei. Eles vão ter que deixar você ir embora. O que acha? Quer a grana?

Ele podia ser o Ding-Dong, mas não era bobo.

– Some daqui – disse.

Às 6 da manhã, a voz no alto-falante começou a anunciar mais nomes. Os homens de sorte fizeram fila para o dia de liberdade. Popeye e eu fizemos Joey rolar da cama e ele saiu grogue para o mundo da liberdade. Cinquenta e dois dos setenta e cinco presos do nosso *kogus* foram embora naquele dia. Quase 2.500 dos 3 mil homens de Sagmalcilar foram libertados. Fora aqueles primeiros dias horríveis na prisão, foi o período mais solitário de que consigo me lembrar. Arne, Charles, Joey, quase todos os meus melhores amigos de prisão tinham ido embora. Até meus inimigos haviam sumido. Fiquei caminhando pelo pátio, devagar, o dia inteiro. O verão estava chegando. Havia vida a viver, Lil a amar, felicidade e tristeza a sentir. Meus amigos antigos em casa estavam se casando, tendo filhos, ganhando dinheiro. E os turcos diziam que eu tinha que ficar na prisão até os trinta e oito.

Era uma manhã calma de maio. Eu estava sentado, encostado no muro do pátio sob o sol ameno. Gritos e risadas das poucas crianças que restavam acentuaram a quietude do dia. E minha solidão.

– Viliam Rai-és.

Que foi?

– Viliam Rai-és.

Entrei no *kogus*. Enfiei a mão no buraco e peguei um cartão de visita do guarda sorridente. Ele embolsou as cinco libras que eu deixei no peitoril da janela. Uma visita. Mas não era o cônsul nem o advogado. Quando vinham, as visitas eram numa grande sala aberta. O cartão dizia *kabin*. Seja quem fosse, havia vindo sozinho. Eu teria que ver a pessoa pela janela de vidro de uma das cabines de visita.

Quem seria?

Eu estava de jeans. Não era o traje apropriado para uma visita inesperada. Corri para o segundo piso e vesti meu terno.

Fui caminhando pelo corredor até a barreira. O guarda pegou meu papel e me disse para esperar. As cabines eram alinhadas à minha esquerda como uma sequência de cabines telefônicas de madeira, bem estreitas. Todas cinza. Uma colada na outra, uma fileira de cinquenta e quatro.

O guarda disse:

– *Kabin on-yedi.*

Fui à cabine n. 17 e fechei a porta ao passar. Olhei para o outro lado do vidro encardido. Não havia ninguém lá. Esperei.

A pequena cabine era quente e suja. Tinha um cheiro forte de suor e de fumaça de cigarro rançosa. Havia duas vidraças separando a cabine do visitante da do preso e barras entre as janelas. Um microfone e sistema de escuta *Turk-mali* era o único meio de diálogo. Seria difícil manter uma conversa.

Eu estava molhado de suor. Maldito terno. Comecei a limpar o rosto com um lenço quando a porta do outro lado das barras se abriu. Lillian apareceu na minha frente.

Ela sorriu, acanhada, e colocou as palmas das mãos contra o vidro. Eu pressionei as minhas do outro lado da janela. Meu coração encheu meu peito. O nome dela escapou dos meus lábios.

– Lil...?

O sorriso irrompeu no meu rosto. Os olhos dela brilharam.

– Ah, Billy...

Ficamos lá parados, em silêncio. Sorrindo. Respirando devagar. Um saboreando a visão do outro. Então eu me estourei de rir.

– Lillian! Lillian! O que você está fazendo aqui? É você mesmo?

– Sou eu mesmo, Billy. Como você está?

– Excelente! Fora estar na prisão. Lily, você está ótima. Olha o seu cabelo! Tão comprido! Ela riu.

– Sim, vem crescendo desde o Alaska. Sabia que você ia gostar.

– Eu adorei. Ficou lindo.

– E olha você, que elegante nesse finíssimo terno azul. É o uniforme da prisão?

– De jeito nenhum! Só vesti para te impressionar. Na real, eu ganhei num jogo de pôquer.

– Que bom que você não perdeu seus vícios.

– Aah. Nem me fale nessa palavra. Porque aí eu vou ter que derrubar o vidro pra chegar até você. Você está deliciosa.

Ela fez cara séria.

– Billy? Você tá bem? Mesmo?

– Sim, Lil. Tudo ok.

– Eu ando tão preocupada que você vá fazer alguma coisa imbecil e... – Ela parou de falar. Ficou me fitando da cabine. Olhou para mim com cara interrogativa.

– Não – falei. – Não se preocupe. Não tem escuta. Eles nem conseguem fazer o alto-falante funcionar no bloco. Nem a luz funciona direito.

– Eu sabia como você ia reagir aos termos da anistia, Billy. Por favor, tenha cuidado, querido. Não vá cometer erros logo agora.

– Está tudo bem, Lily. Não vou.

– Sua última carta me assustou.

– É, eu sei. Desculpe. Parece que eu sempre transbordo em você quando não consigo mais segurar.

– Ah, Billy, tudo bem. É pra isso que eu sirvo. Eu divido o fardo. Mas sei que você está se

preparando de novo. Isso me assusta.

– Ei! Qual é. Eu não faria nada imbecil. Você me conhece.

Ela ainda estava séria.

– Eu sei, tudo bem. Por isso que eu fiquei com medo.

Fazia seis anos que eu não via Lillian. Mas nossas cartas aparentemente tinham reacendido sentimentos que nutríamos um pelo outro havia muito tempo. O tempo não a havia mudado por fora. Ela ainda era suave, linda. Mas havia algo de forte naquela suavidade. A vida saudável ao ar livre que ela levava dera certo brilho à sua pele. Seu corpo parecia firme sob o jeans apertado com a camisa para dentro. Aquela menina acanhada, de aparência sempre perfeita, havia sumido. Agora eu estava diante de uma mulher. Ela estava à procura. Eu via a força nos seus olhos. Uma tristeza por trás da centelha. Seus seios espremiam-se sob o tecido de sua camisa.

– Desabotoe a blusa – falei de repente.

Ela fez uma careta.

– Ah, Billy, eu não posso. Você vai se encrencar. Os guardas podem vir. – Ela olhou para as cabines vazias ao nosso lado.

– *Eu* já estou vindo. Meu deus! Já vejo seus mamilos apontando pra mim.

– Pare com isso. Você vai ficar louco – ela disse, e o botão de cima se abriu. – E o tal do controle emocional que você vinha falando? – Seus dedos compridos abriram outro botão. – E com tanto vidro no caminho, não ia ser muito excitante mesmo... – Ela se inclinou para chegar perto da janela. Com as duas mãos na frente da blusa, aos poucos ela abriu. Seios maduros. Um decote profundo. Seus mamilos escuros, duros, ficaram presos no tecido branco e pararam ali por um instante. Então se soltaram, trêmulos, os seios inteiros pendendo da camisa. Eu gemi.

– Oh, Billy – ela sussurrou, apertando-se contra a janela. – Se eu pudesse fazer mais por você.

Gemi de novo.

– Já faz, Lil. Já faz.

Ouviu-se um barulho de fora. Ela puxou a blusa para fechar. Quase gritei diante da interrupção. Os guardas passaram pela nossa cabine. Um bateu na porta para indicar que o tempo havia acabado. Depois foram embora.

– Abre de novo! – falei, com pressa.

Ela riu e abotoou a blusa.

– Você ainda é maluco. Fico feliz de saber, pelo menos isso. Estava preocupada que não fosse mais.

– Você pode ficar bastante em Istambul?

– Desculpa, Billy. Não tenho muito dinheiro. Tive que rapar as economias para vir aqui. Mas eu *tinha* que te ver.

– E olha como eu *ainda* estou feliz de te ver – falei, apontando para a protuberância na minha calça. Ela abriu bem a boca, depois riu.

– Tem uma carona para a Suíça amanhã que eu vou ter que pegar. E eu não teria mesmo

como ficar até o próximo dia de visita, na semana que vem.

Fiquei um pouco frustrado, mas não muito. Vê-la uma só vez, ouvir sua voz, olhar nos seus olhos, já era o bastante. Aquilo ia me sustentar por muito tempo de solidão.

– Bom, então você que vá cantar nas montanhas – falei. – Um dia desses você vai ouvir uns ecos estranhos que vão ressoar pelos vales. E eu vou vir logo atrás.

– Billy, tenha cuidado, por favor. Você significa muito pra mim. Não vá se matar.

– Ei! Eu represento muito pra mim também. Sobrevivi até agora. Não tenho planos de me matar.

Ela não riu.

– A transferência vai chegar. É só dar mais um tempo para eles lá. Tem muita gente trabalhando para soltar você. Dê uma chance a eles.

– Vou dar, Lily.

– Tem muita gente rezando por você.

– Eu sinto. Eu sei.

– Eu te amo, Billy.

– Eu te amo, Lily.

Ficamos nos olhando pelo vidro. Um guarda veio e abriu a porta da cabine. Chamou-a para sair. Vi-a saindo de costas pela cabine, nossos olhos fixos numa linha que nos manteve unidos muito depois de ela sair...

– Preso novo – anunciou Necdet. – Americano. Americano.

– Ah, não. – Rolei na minha cama para não ouvir a voz de Necdet. Preso novo significava mais um idiota tagarela que nem eu tinha sido. Preso novo era um incômodo. Popeye desceu a escada para cumprimentá-lo.

Mas não era principiante. Seu nome era Harvey Bell e ele fora transferido de Elazig para fazer uma cirurgia. Tivera uma hérnia depois de uma surra pesada que os guardas lhe deram depois de uma tentativa de fuga malsucedida. Popeye ajudou-o a subir ao nosso *kogus*. Ele dera um jeito de ficar bêbado durante a viagem de Elazig.

– Uau, cara, que limpo isso aqui – ele disse, surpreso.

Fiquei olhando para a imundície ao redor. Dei uma fungada depois de sentir o cheiro pútrido que vinha do banheiro. Fiz uma anotação mental de nunca me transferir para a prisão de Elazig.

– Eu sô du Alabama – ele disse a Popeye. – E é bom demais ficá longe desses turco maldito.

Eles passaram pela minha cama e Popeye assobiou para mim. Fazer o quê? Eu era o único outro americano no *kogus*. Tinha que ir lá dizer oi.

– Quanto tempo cê pegou? – ele me perguntou.

– Trinta anos.

– Uau! – Ele apertou minha mão. – Eu também.

De repente gostei dele.

Ele engoliu uma xícara de chá que Popeye ofereceu. Deu uma espiada rápida pela sala.

– Como que a gente se manda desse buraco? – ele perguntou alto.

– Shhhh – alertei. – Cuidado. Esses aí não são turcos. Muita gente aqui sabe inglês. Todo mundo entende o que você diz.

– Ah, é. – Ele sorriu e baixou a voz. – Então, como que a gente se manda desse buraco?

Eu ri. Harvey puxou para trás uma mecha branca – um bico de viúva – que marcava seu cabelo castanho-escuro.

Ele queria fugir tanto quanto eu. Comecei a depositar confiança nele nas semanas que se seguiram. Falei da minha lima, da corda, das plantas da prisão – até mesmo de Johann em Istambul. A única coisa que não contei foi do meu dinheiro.

No banheiro, ficamos estudando as barras na janela. Expliquei meu plano de passar a lima nas barras, escalar até o telhado, amarrar a corda na antena e descer pelo muro.

– Por que não vai? – ele perguntou.

– É suicídio. A porcentagem de balas é muito alta.

– Ué, então me passa os esquema que eu vou.

– Não, ainda não. É a minha carta na manga. Se o lance da transferência não der certo, aí quem sabe...

Uma visita surpresa de Michael Griffith. Rosto sorridente, radiante. Aperto de mão caloroso. Tinha acabado de vir de Ankara, a capital, onde encontrara-se com o Embaixador Macomber e um advogado chamado Farouk Ehrem, presidente da Organização dos Advogados da Turquia. Ehrem era o autor da Seção 18, Estatuto n. 647, do Código Penal Turco, o que afirma que estrangeiros presos na Turquia podem ser transferidos para cadeias em seus países de origem. Ehrem prometera a Mike que falaria bem de mim ao Premiê Ecevit. Mike achava que alguma coisa aconteceria em breve, e me disse que detetives do Condado de Nassau haviam se voluntariado para me escoltar até uma prisão nos EUA. Aí eu conseguiria condicional ou licença para trabalhar fora.

– Então está tudo acertado – Mike disse. – Só estamos esperando fecharem as últimas papeladas. Aí vamos para casa.

Casa. Onde que eu ouvi a definição? “Casa é o lugar onde têm que te receber quando você tem que ir para lá.” Robert Frost. Eu tinha que ir... tanto que dava para sentir o gosto. E o gosto era de rosbife e purê de batata e molho de tomate e espiga de milho e melancia.

Eu estava com altas esperanças, mas baixas expectativas. Depois do choque de ficar com pena perpétua quando só me restavam cinquenta e três dias, eu resolvera nunca mais acreditar na liberdade até ela chegar de verdade. Mas dessa vez era difícil não acreditar. Mike me dera tanta esperança. Por fim, depois de quase quatro anos longos e horríveis, eu estaria no fim do meu castigo? Minha dívida estava acertada.

Era 10 de julho de 1974.

Três dias depois, o burburinho começou enquanto eu estava fazendo minha ioga. Foi ficando mais alto. Vozes animadas rugiam pelos muros dos outros pátios. Um garotinho entregador de jornal passou correndo. Os presos se amontoaram para ler a notícia. Guerra! Ecevit havia mandado tropas turcas ao Chipre para proteger os direitos dos cidadãos cipriotas

turcos, que eram oprimidos pelos gregos. Pelo menos essa era a “verdade” que os jornalistas turcos viam.

Cada preso, como sempre, tentou entender que vantagem poderia advir da notícia. Todos os turcos berraram pela anistia para entrar no exército e ir acabar com os gregos. Todos os estrangeiros também estávamos dispostos a nos alistar no exército turco. Só o suficiente para ir em combate até a fronteira. Harvey Bell e eu discutimos a possibilidade de os gregos invadirem, quem sabe até libertarem Istambul. Tanques gregos derrubando os muros da prisão: *essa sim* seria uma grande visão.

Acabou rápido. As tropas turcas superaram a resistência grega. Ecevit ganhou o apelido de “Leão”. Era herói nacional. Depois de quase duas semanas tive notícias de Mike, que havia voltado aos EUA. Agora que a breve guerra estava arrastando-se para uma paz inquietante, ele tinha certeza que Ecevit poderia pensar de novo na solicitação de transferência. Com certeza seria uma época de boa vontade.

Ecevit também achou. Na crista da popularidade, ele renunciou ao cargo e convocou novas eleições. Achou que ganharia a maioria no Parlamento.

Ele perdeu. O país seguiu aos trancos e barrancos, tentando funcionar sem governo.

O governo norte-americano estava igualmente impotente para me ajudar. Eu acompanhava os informes crescentes sobre o Watergate. Ao longo dos anos meu interesse por política externa havia diminuído. Mas agora eu queria seguir esse momento tremendo da história norte-americana.

Meus amigos não americanos me abordavam para conversar. Para eles, Nixon, Agnew, Mitchell e os outros eram como personagens de gibi. Percebi como nunca que eu amava os Estados Unidos. Não os políticos. As pessoas. Não o governo. A forma de governo. O fascismo turco me fez desejar mais uma vez um lugar onde eu pudesse falar o que penso.

Então, num dia de agosto, tive novidades. Nadir veio correndo até mim.

– Nixon! – ele cuspiu. – *Ipnay pesavek* (“bicha louca”), *Asina covacim* (“enfio na boca dele”).

– O que houve?

– Você não ouviu. Nixon saiu.

Sentei no meu beliche e comecei a escrever uma carta para o ex-Presidente: “Caro colega de cárcere...”.

Olá, Willie.

– Max, o que está fazendo fora do *revere*? Ficaram sem *gastro*?

Max sorriu.

– Não. Vim ver você. Tem um guarda no *revere* que me deixa andar por onde eu quiser na prisão por um maço de Marlboro. – Pausa. – Você ainda quer sair daqui?

Sentei reto.

– Você sabe que sim.

– Meu, eu tenho que cair fora. – De repente as lágrimas escorreram pelo rosto de Max e ele as limpou com os dedos ossudos. – Esse diabo desse *gastro* tá me matando. Tá me deixando cego também.

– Você tem um plano?

– Bom, acho que eu consigo molhar o bolso do médico pra me mandar pro hospital do outro lado da rua. E tem um *kapidiye* no *revere*. Acho que ele me descola um ácido. Você consegue ir pro... hã... pro hospital?

– Arrã, acho que sim. Eu consigo fingir alguma coisa. Mas como a gente sai do hospital?

– Bom, a gente... hã?

– Do hospital, Max. Como a gente sai de lá?

– Ah. Bom, acho que a gente dá um ácido pros guardas. Bota no café, sei lá.

– Aí a gente se manda de Istambul?

– Sim, já organizei tudo. Quando a gente chegar no hospital a gente bota ácido nos guardas.

– Tá, tá. Aí a gente sai. E depois?

– Hã?

– Depois que a gente sair do hospital, Max.

– Arrã, usa o ácido.

– Não. Como a gente sai da Turquia?

– Ah. Sair da Turquia...

Silêncio. Max parecia estar dormindo.

– Max?

– Hã? O quê?

– Como a gente sai da Turquia?

– O... hã... Johann... ele ainda tá pela cidade?

– Arrã. Ele nos ajuda.

– Então a gente... hã... vai ver o... hã...
– Johann?
– O Johann.
– Poxa, Max, que bom que você organizou tudo. Parece que seus planos vão até o último detalhe. E se a gente não consegue botar nada no café dos guardas?
– Hã... arma.
– Você tem uma arma?
– Não. Você?
– Max, achei que você tinha tudo planejado!
– Willie, você não confia em mim?
– Max, eu confio totalmente no seu coração. – Ele piscou para mim detrás dos óculos grossos. – Mas não confio na sua cabeça.

Max ficou me olhando. Lentamente sua cabeça pendeu para o colo. As cinzas do cigarro caíram na camiseta e começaram a queimar.

– Max! Sua camiseta!

– Ah, Jesus! – Max tirou as cinzas da camiseta. Mais uma vez seus olhos anuviaram-se de lágrimas. – Willie, chega uma hora que você sabe que nunca vai conseguir. – Ele saiu se arrastando de volta ao *revere*.

Deitei no meu beliche olhando para o teto. Percebi que, se era para eu sair dali, precisaria de toda energia que conseguisse achar. E tinha que direcionar toda essa energia para fora em um raio. Como o farol de um trem em alta velocidade cortando as trevas. Eu sabia que isso queria dizer virar todas as minhas chaves para o “VAP”.

Então chegou uma carta de casa.

15 de novembro de 1974

Billy,

...cá estou eu lembrando de muito tempo atrás. Dizem que é sinal de velhice. Estou bem. A mesma coisa. A vida segue, mesmo com certa dor no coração todos os dias por meu filho mais velho tão distante.

Com amor, Mãe

A carta me deixou num dos meus maiores desânimos de quatro longos anos. Ardia por dentro. Solidão e saudade que me deixavam oco. Minha mãe! A dor que ela tinha que suportar. Peguei o violão de Arne.

Eu já havia começado a dedilhar um pouco e conhecia uns acordes. Harvey apareceu. Ele começou a cantar alguns blues do Alabama. Pegamos uma batida simples e improvisamos juntos. A música praticamente se escreveu sozinha.

*Mmmm... got the blues, babe,
Got those old Istanbul blues*

*Said, yeah, I got the blues, babe,
Got those old Istanbul blues...
Thirty years in Turkey, babe,
Ain't got nothin' left to lose.
Busted at the border,
Two keys in my shoes.
Said I was busted at the border,
with two keys in my shoes...
An' they gave me thirty years, babe,
To learn the old Istanbul blues.
I said now Lord save me, save me,
Please save me from the pain,
I said Lord come and save me,
Come save me from the pain.
And set me free Sweet Jesus,
I won't never sin again.²*

Seguimos tocando um tempo. A música foi cansando até parar.

– Há quanto tempo você tá aqui, Willie?

Ele já sabia a resposta.

– Quatro anos.

– Quantos verões?

– Quatro.

– Quatro verões. Esses turcos tão roubando nossos verões. Roubando nosso sol. Você podia tá deitado numa praia com sua menina do lado e um céu azul gigante que chega lá no infinito. Em vez disso, quatro verões aqui. E agora vem mais um inverno. Tem como a gente recuperar verão perdido? Tem como?

Fiquei pensando. Harvey ficou em silêncio, dedilhando as cordas.

– Ok – falei de repente. – Vamos.

– A janela?

– A janela.

A janela. Então tínhamos chegado lá, porcentagem de balas e tudo mais. A lima, as barras, a janela, o telhado, o muro, os guardas, as metralhadoras, os holofotes, a corda no escuro, Johann, a fronteira, o Expresso da Meia-Noite para a Grécia. Senti um peso sair da minha cabeça. De repente o plano da janela ia me matar. Mas eu já estava semimorto. Talvez desse certo. Como dizia a música: “...trinta anos de Turquia, *babe*, não tenho mais nada a perder...”.

Fora minha vida.

– Quando? – perguntei a Harvey.

– Hoje à noite – ele disse, depressa. – Meu horóscopo diz que é bom. Escorpião ascendendo.

Passamos a tarde juntando nossas tralhas. Li meu diário meticulosamente. Tirei todo o

dinheiro e enfiei na cueca. A lima e a corda estavam a postos, onde eu havia escondido. Manchei meus tênis brancos de tinta preta.

Tirei o pó do meu chapéu da sorte.

Às duas da manhã, fiquei olhando os alojamentos. Deixei meus olhos caírem sobre cada homem que roncava. Desci em silêncio do beliche, os tênis na mão. Fui até a cama de Harvey.

Ele estava me aguardando. Passamos ao banheiro, por uma esquina fora da vista do restante do *kogus*.

– Ok, vamos.

Puxei a lima da manga e fui na ponta dos pés até a janela. Devagar, com cuidado, puxei-a para a beira de uma das barras de ferro. Ela berrou como unha em quadro negro. Ficamos congelados.

Harvey olhou para o *kogus*. Parecia que ninguém tinha ouvido. Limei com cuidado, tentando mexer a lima devagar e fazendo bastante pressão. O barulho não era tão alto, só parecia. Harvey ficou de vigia.

Limei, nervoso. Tinha certeza de que os guardas iam aparecer para nos levar a qualquer instante.

– Achei que tinha dito que ia levar cinco minutos – Harvey sussurrou.

– Achei que sim. Tem alguma coisa errada com a lima.

– Me dá aqui, deixa eu tentar.

Harvey ficou forçando um tempo. A barra tinha só uma marquinha de arranhado. Ia levar uma eternidade.

Revezamo-nos. Um limava enquanto o outro ficava de guarda. Às 5 da manhã, mal havíamos deixado um entalhe no metal duro. Harvey misturou massa de vidro com cinza de cigarro para cobrir os entalhes.

Voltamos para a cama.

No fim daquela manhã, tentamos entender o que havia dado errado. Então comparamos o metal do beliche com o ferro pesado das janelas. Entendi meu erro. Eu tinha visto a lima cortar fácil a camada de tinta na minha cama e calculei que seria fácil desbastar o ferro. Ledo engano. Ia levar semanas. E era um lugar muito exposto, perigoso.

Mas Harvey estava determinado. As barras tinham uma distância grande uma da outra. Se conseguíssemos cortar uma, já podíamos sair. Aí começaria a parte difícil. Trabalhamos mais duas noites. Conseguimos raspar um terço da barra.

– Não vai dar – falei para ele durante o dia. – A barra vai levar semanas e a massa não cobre direito. Vão nos pegar, com certeza.

– Olha, eu vou te dizer uma coisa – disse Harvey. – Você só precisa me acordar. Fica de guarda só um pouquinho. Eu corto. Quando acabar de cortar, a gente sai junto. – Fiquei pensando de novo.

– Tudo bem. Eu não tô gostando, Harv. Mas tudo bem.

Harvey trabalhou em silêncio mas com ardor durante três, quatro, cinco noites. A barra teimosa não cedia. O barulho da lima tornava impossível trabalhar com vigor. Ele continuou.

Às cinco horas de uma dessas madrugadas, ele previu que mais uma noite de trabalho daria conta.

– Depois de amanhã – ele prometeu. – Eu te pago um *souvlaki*.

Arief! O Quebra-Osso havia voltado. Achamos que nunca voltaria, depois de ver o que acontecera com Hamid.

O *kogus* mergulhou em silêncio quando ele entrou. Vários guardas imensos seguiram-no. Necdet veio e o cumprimentou, mas Arief fez só cara feia.

– O preso do branco no cabelo – ele resmungou. – Onde está?

Só tinha um homem que se encaixava na descrição. Ele estava roncando no beliche depois de uma noite de trabalho.

Os guardas tiraram-no da cama arrastado. Ele reclamou e esperneou até eles soltarem os braços. Arief lhe deu um murro na cara.

– Queremos a lima! – ele berrou.

– O quê? – disse Harvey.

Outro soco. Harvey caiu de novo nos braços dos guardas.

Arief arrastou Harvey até o banheiro. Ele passou a mão em algumas barras até que tirou a massa que tinha na ponta de uma.

– As crianças te viram – ele disse. – Sabemos que é você. Queremos a lima.

Harvey deu de ombros. Ia fazer o quê? Foi até seu armário e desencavou a lima debaixo do friso de metal no fundo.

Arief grunhiu satisfeito e os guardas arrastaram Harvey para o andar de baixo. O *kogus* se avivou de especulações quanto à janela.

Passei um dia nervoso pulando a cada barulho. Tentei me concentrar no livro... não consegui. Popeye veio e começou a brincar para me animar, mas eu o ignorei e ele foi embora. Fiquei a maior parte da noite olhando para o teto.

Na manhã seguinte dei um maço de cigarros para o guarda da porta. Ele me conseguiu informação. Harvey estava no *revere*.

Mais alguns maços e eu estava a caminho de lá para curar minha “dor de cabeça”.

Entrei e fui caminhando por uma fileira de minicelas. Onde estaria o Harvey? Será que o guarda havia se enganado? Ele não estava lá. Dei meia-volta para ir embora. Vi um preso deitado na cama com o rosto todo roxo, inchado. Quem seria o pobre coitado?

– Harvey! Oh meu Deus! Não te reconheci.

– É, me pegaram de jeito – ele murmurou entre os lábios inchados. Vários dentes estavam soltos, tortos. Suas orelhas estavam em carne viva, também arroxeadas. – Tenho medo da minha hérnia. Me chutaram as bolas. Acho que abriu. Cê tem que falar com o cônsul, Willie. Eu tô bastante encrencado. Preciso de médico. E os putos vão me tirar meu bom comportamento e me levar a julgamento por tentativa de fuga. Preciso que o cônsul abra um processo pela surra. Quem sabe a gente faz um acordo ou coisa do tipo. Sei lá. Mas se eles vão me ferrar, eu ferro eles também.

– Eles queriam meu nome, não queriam?

– Arrã, como você sabia?

– Eu ouvi Necdet conversando com o guarda. Disseram que as crianças viram outra pessoa na janela. Valeu, Harv.

– E eu ia fazer o quê, dar o teu nome? – Ele conseguiu dar um sorriso em meio aos lábios inchados. Fez cara de dor. – Mas pelo menos eu acertei aquele viado do Arief na boca antes de ficar tudo escuro. Já viu ele?

– Não, mas ouvi dizer que ele está com o olho roxo.

– Já é alguma coisa. Então, Willie, entra em contato com o cônsul. Acho que os turcos vão me puxar pra uma prisãozinha lá nos cafundós. Tenho medo do que vai acontecer.

– Eu falo com ele, Harvey.

– E quem sabe você mesmo se ajuda e se manda dessa prisão enquanto ainda dá? Esse lugar é coisa ruim.

– É verdade.

Dois dias depois, Harvey foi sorrateiramente despachado para Antáquia, a mesma prisão no sudeste turco onde estavam Robert Hubbard, Jo Ann McDaniel e Kathy Zenz.

Muito lentamente, somei as lições de quatro anos. Pensei muito em Weber e Jean-Claude, os dois estrangeiros que tinham fugido de Sagmalcilar. Os dois haviam abordado o problema de frente, com toda energia. Os dois tinham tido o cuidado de não confiar em outros presos. Tinham feito bons planos. Até onde interessava à direção da prisão, nenhum deles tinha interesse em fugir. Weber tinha feito carreira na prisão. Jean-Claude tivera “tuberculose”. Agora os dois estavam soltos.

Eu achava óbvio que tinha que sair de Sagmalcilar para outra prisão se quisesse fugir. Guardas demais, presos demais, sabia que eu não tinha me ajustado à rotina da prisão, mesmo depois de tanto tempo. Eles me observavam. Eu tinha que passar a uma situação nova, onde pudesse planejar tranquilo, sozinho. Mas onde? Como? Então o próprio governo turco veio em meu auxílio. Suleiman Demirel conseguiu montar um governo de coalizão. Ele era simpático ao clamor dos traficantes. Eles tinham sido sacaneados ao ganharem sete anos a menos na anistia. Ele prometeu que ia dar um jeito para o Parlamento dar os sete anos. Em maio, o Parlamento turco conseguiu votos suficientes para aprovar a anistia extra. Popeye nos deixou, sorrindo e assobiando, pensando na noitada que ia ter. O que quer que viesse depois daquela noite, disse ele, não interessava. Mais uma vez a partida de um amigo me deixou com emoções conflitantes. Eu estava feliz por Popeye, infeliz por mim.

A anistia reduziu minha pena para mais três anos e meio. Minha data de soltura seria 7 de outubro de 1978. Muito bom. Eu não tinha intenção de recusar. Mas também não tinha intenção alguma de ficar só com isso. O que a anistia significava para mim era vida nova para transferência à ilha. Willard veio do consulado e me ajudou a preencher os formulários. Pedi Imros, a prisão semiaberta dos meus sonhos. Havia uma pequena chance. De segunda opção coloquei Imrali, onde Charles havia trabalhado para reduzir sua pena.

gê no sapato. / Isso aí, me pegaram na fronteira, / com dois ka-gê no sapato... / E me deram trinta anos, neném, / Para aprender a boa e velha tristeza de Istambul. / É isso, Deus, vem me salvar, me salva, / Por favor me salva dessa dor, / É isso, Deus, vem me salvar, / Vem me salvar dessa dor. / E me liberta, meu Doce Jesus, / Eu não peço mais.

14 de julho de 1975

Pai e Mãe,

Aqui estou na ilha de Imrali, escrevendo uma carta sob o grande azul cerúleo. Estou extasiado com a natureza ao meu redor. Árvores altas ao vento. Água azul. Uma baía em forma de ferradura e uma névoa de alfazema no horizonte distante, onde o azul profundo do Mármara encontra os morros asiáticos.

A prisão consiste em meia dúzia de prédios antigos que pode ter sido um vilarejo em tempos idos. Quartos estilo dormitório com assoalho de madeira rangendo e beliches de metal. Um pouco sujo, mas não me incomoda mais. Estou num quarto com mais uns trinta caras. A atmosfera aqui é bem diferente de Sagmalcilar. Todos os presos têm pouca pena a cumprir e antecedentes muito bons... não tem as brigas e as punhaladas que eram rotina no outro lugar.

O dia que cheguei aqui foi uma sexta-feira, nosso dia livre. Vocês acreditam? Tenho nadado no mar! Vejam só, depois de cinco anos me lavando numa pia, estou nadando no mar. É sensacional.

Estou trabalhando numa fábrica de conservas, que é um prédio antigo adaptado para processar as várias frutas que se plantam aqui e em outros lugares. No primeiro dia nós tiramos os talos de 40 milhões de morangos. Eu não acreditei. Cinco anos sem comer nenhum e de repente todos os morangos que eu quisesse. Depois de três horas limpando e engolindo, tive que correr para o banheiro. Mas foi fantástico. Agora trabalho numa máquina, um burro de carga, fazendo as tampas metálicas das latas que usamos para conserva. É bom.

Estou queimado do sol, não muito mas o suficiente para eu me sentir bem. Fiquei deitado na praia ontem e hoje do meio-dia às duas. Não como o almoço que dão. Temos autorização para caminhar pela ilha e eu desço longe na praia e entro numa perna da baía onde fico só. Só eu e o mar. É tão bom ficar sozinho, estar longe de gente pela primeira vez em cinco anos, ficar deitado quieto ao sol e ouvir as gaivotas.

Dizem que os invernos aqui são muito frios. Mas agora eu aguento qualquer coisa. Um pequeno preço a pagar pela liberdade de movimento, sem falar nas oportunidades

...mas falo mais disso nas próximas cartas, quando eu estiver mais acostumado com o local.

Ainda não consigo me esquecer da foto do clã inteiro reunido. Nana sempre parece que fica mais moça. E, pai, foi tão estranho ouvir que você teve que podar as árvores no quintal

para deixar o sol entrar. Fiquei pensando: “Que árvores?”. E então lembrei que árvores crescem muito em cinco anos. Assim como as pessoas.

Lillian deve voltar a North Babylon em 24 de julho. Pedi para ela passar aí e fazer uma visita. Ela tem muito a contar para vocês a partir das cartas que lhe escrevi. Não sei mesmo o que será da minha vida nos dias por vir. Mas Lillian me fez superar algumas das horas mais difíceis. Imagino como seria se pudéssemos ficar juntos nos bons tempos. Acho que aqui aprendi um pouco sobre amar e ceder... tarde demais para Kathleen, mas para Lillian, sim, Lillian, quem sabe? Enfim, ainda tenho mais três anos por aqui. Quem sabe. Escrevo na semana que vem, quando as coisas estiverem mais avançadas. Não se preocupem.

Muito amor a todos, Billy.

De início parecia um paraíso. E, comparado a Sagmalcilar, era. Mas as torres de guarda na entrada do porto me lembravam que ainda era uma prisão. À noite, holofotes dançavam pela praia. Sentinelas faziam patrulha. Apesar do céu azul, o clima cinzento da aflição abateu-se sobre mim sem demora. Se eu tinha que ficar na prisão, queria estar aqui. Mas eu precisava ficar na prisão?

Max disse que eu nunca poderia fugir de Imrali. Charles, nas cartas, disse que talvez. *Sula bula.*

Enquanto fitava as águas tranquilas do Mar de Mármara, eu sabia que ia conseguir. Mármara é um mar interior, que corta a ponta noroeste do país entre o Mar Negro e o Egeu. A costa norte é a Europa. A costa sul é a Ásia. Imrali é um arco de terra a mais ou menos trinta quilômetros da costa sudeste. Uma corrente forte varre a ilha inteira, descendo em direção ao estreito de Dardanelos.

O mar estava tão tranquilo naqueles primeiros dias que eu achei que conseguiria nadar os trinta quilômetros até a costa. Mas e depois? Eu ainda estaria na Turquia, mais longe que nunca da Grécia. Estudei meticulosamente o mapa que eu tinha do país. Bursa era a maior cidade entre as próximas. Eu podia pegar um ônibus de lá para voltar a Istambul. Eu ainda poderia contar com Johann para me tirar do país?

Toda sexta-feira, uma balsa vinha do continente até Imrali, carregando alguns presos novos ou visitantes. Na semana após minha chegada à ilha, o barco trouxe dois convidados inesperados e muito bem-vindos. Um deles era Mike Griffith, meu advogado de Long Island. O outro era Joey, sorrindo debaixo do bigode.

Sexta-feira era nosso dia de folga. Ninguém trabalhava. Os presos e seus convidados sentavam-se à sombra de um pequeno jardim.

– Nunca vi tanta mosca – reclamou Mike, afastando-as com as duas mãos.

Eu ri. – Acho que não notei. Você esquece dessas coisas depois de cinco anos de convívio.

Joey me ofereceu uma carteira de Winstons. Esqueceu que eu tinha largado.

– Como você anda? – ele perguntou.

– Tudo bem. Nado todos os dias.

– É sério?

– Sério.

– Mas essa prisão tá virada numa festa? – ele perguntou, olhando em volta. Joey vinha trabalhando de marinheiro num barco de turistas que viajava pelo Bósforo.

Mike abriu sua maleta e me mostrou uma pilha de documentos.

– Seu pai e eu temos conversado, Billy. Nós dois sabemos do trem que você está esperando. E não queremos que você se machuque.

Dei de ombros.

– Eu me cuido.

– Billy, essa é a última parada para combustível antes de voltarmos aos trilhos. A transferência está acertada. Se você nos deixar usar os registros médicos – os laudos psiquiátricos – achamos que será suficiente para convencer o governo turco a autorizar a transferência. Só não queremos que você desperdice isso tentando fazer algo de imbecil aqui.

– Claro. Por que não? Usem os laudos. Sou a favor de qualquer coisa que me leve para casa.

Mike relaxou.

– Então você fica aí esperando?

– Não vou prometer nada, Mike.

A manhã passou muito rápido. Sentia uma enorme alegria por ficar sentado na sombra e jogando conversa fora com amigos. Mas quando Mike pediu licença para usar o banheiro, Joey e eu imediatamente começamos a falar de negócios.

– Do que você precisa? – ele perguntou.

– Um barco. Joey, com um barco ia ser muito fácil. Eu posso ficar andando pela ilha o quanto eu quiser até dez da noite.

– Vou ver o que eu faço. Pode levar um tempo pra armar tudo.

– Depressa, Joey. Estamos em julho. Eu tenho que sair daqui antes que o clima esfrie. Charles disse que o mar fica bem ruim no inverno.

– Ok. Eu te escrevo.

Mike voltou.

– Nossa, que banheiro fedido. Como você aguenta?

Joguei a cabeça para trás e ri. Mike ficou com cara de confuso.

– Mike, o Ministro da Justiça vem aqui amanhã para uma visita especial. Limparam o banheiro ontem mesmo. Hoje está superlimpo.

– Ufa. Ainda bem que eu não vi sujo. Também não tinha papel.

– Eles não usam papel.

– Mas o que eles usam?

– Os dedos. Eles usam água e...

– Pare. Já chega. Só vou ao banheiro de novo quando estiver no Hilton.

A balsa voltou. Era hora de meus amigos partirem. Mike virou-se para mim antes de embarcar.

– Olha, Bill – ele disse. – Se precisar, eu imploro. Não saia dessa ilha. Me dê uma chance. Você vai atrapalhar a transferência. Vão te dar mais dez anos. Você pode levar um tiro.

– Mike, por que você continua falando de fuga? Você acha mesmo que eu vou ferrar esse

acordo fantástico?

– Billy, está escrito na sua testa.

Baixei a voz.

– Mike, você me ajudou muito. Se não fosse meu azar, você já teria me levado para casa há muito tempo. Então, por favor, continue dando duro por mim. Mas eu vou fazer o que for preciso.

E então esperei. Por quem viesse antes, Mike ou Joey, estava tudo bem por mim. Mas depois de cinco anos de frustração com o governo turco eu confiava muito pouco que a transferência fosse sair. Fugir passou a ser a melhor saída.

Os outros presos presumiam que eu estava apenas aguardando que os governos norte-americano e turco assinassem um tratado armamentício, que abriria caminho para relações diplomáticas melhores, e minha transferência finalmente ia acontecer. Com essa possibilidade tão próxima, não havia motivo para alguém suspeitar que eu planejava fugir. Era isso que eu queria que achassem. Lembrei de Weber e de Jean-Claude.

Eu era voluntário para trabalho pesado. Passava o dia carregando sacos de cereais de cinquenta quilos da central de processamento até os carrinhos de transporte. Aquilo acabava com minha energia. Na folga de duas horas de almoço, eu me obrigava a nadar constantemente, ganhando resistência. À noite eu corria vários quilômetros no meio da ilha.

E a cada sexta-feira eu aguardava ansiosamente pelo barco-correio, com alguma notícia de Mike e Joey.

As semanas passaram. Nada além de silêncio do mundo lá fora. E aí, uma carta de casa. Eu lia tudo nas entrelinhas. Meu pai implorava que eu aguardasse a transferência. E mesmo que ela não acontecesse, dizia, eu tinha que ser paciente. Só me restavam três anos, daqui a pouco só dois. Aí eu começaria contagem regressiva para o último ano e estaria solto. Melhor que mais dez, ele dizia. Melhor que levar um tiro.

Mas eram discussões que eu tinha tido comigo mesmo havia muito tempo. Resolvi que ninguém ia me entender a não ser que tivesse passado cinco anos trancafiado. Escrevi de volta e garanti ao pai que não ia me mexer até ter certeza de que os trilhos estavam desimpedidos até em casa.

Mais semanas se passaram. Finalmente, um cartão postal de Joey. Ele vinha me visitar na sexta-feira seguinte. Havia também um bilhete de Mike Griffith. Ele achava que a transferência sairia a qualquer momento. “NÃO SE MEXA”, ele escreveu, em maiúsculas.

Joey apareceu num dia de visita.

– Eu consigo um barco – ele disse. – Mas precisa arrumar o motor. Preciso de grana.

– Quanto?

– Quarenta ou cinquenta mil libras, por aí.

Voltei para meu alojamento e trouxe meu diário para mostrar ao Joey. Lemos atentamente nas horas que se seguiram. Joey saiu com mais ou menos 2 mil dólares enfiados na manga. Ele disse que viria me visitar de novo na semana seguinte. Então discutiríamos os últimos planos.

Naquela noite, estourou uma tempestade súbita. Subi ao alto de um morro de trinta metros para assistir ao mar se bater contra as velhas docas de madeira lá embaixo. De repente o porto

começou a encher de barcos! Pescadores do continente, pegos em alto-mar, vinham com seus barcos até o porto para fugir da tempestade. Os pesqueiros eram muito grandes e parrudos para eu comandar sozinho. Mas cada um puxava um bote. Será que eu conseguiria remar trinta quilômetros até o continente? Numa tempestade?

Passei a noite seguinte obcecado pelos botes. Veio mais uma sexta-feira. Joey não estava no barco de visitantes. Onde estaria? Também não havia correspondência para mim. Ou seja, mais uma semana de espera até a próxima possível notícia.

Um estranho silêncio se abateu sobre Imrali. Passei semanas sem notícia de Joey. Nem mais um aviso de Mike. Nada. Joey teria fugido com a minha grana? Mike teria descoberto que a transferência era só mais um trem para lugar nenhum?

Um dia, acordei cedo para fazer ioga. Havia algo diferente, um frescor no ar marinho. Notei de imediato. Era o primeiro sinal do outono. As tempestades de inverno viriam logo a seguir. Se eu adiasse mais, ficaria mais seis meses preso. Eu não ia aguentar mais um inverno.

Fazia cinco anos que eu tinha me metido nessa. Fazia cinco anos que eu esperava minha família, meus amigos, meus advogados, me tirarem dessa. Eu tinha vinte e oito anos. Talvez fosse hora de resolver tudo com minhas próprias mãos.

– Chegou a hora – falei ao ar matinal. – Chegou a hora.

28 de setembro de 1975

Pai,

Não sei se esta será a última carta que lhe escrevo. Aguardo diariamente pelo alinhamento de certos fatores climáticos que vão selar o plano pelo qual me decidi. Explico um pouco melhor. Existem, como já discutimos, vantagens em mantermos o máximo que pudermos de trens correndo em paralelo. Pelos trilhos do meio, a velocidade indeterminada, está vindo aquele trem de transferência que corre há dois anos. As circunstâncias sempre o fazem sair dos trilhos. Já faz dois anos que ele vem fazendo chuc-chuc, não é? E talvez, quem sabe, num desses belos dias ele chegue em casa.

Mas agora temos aquele trem que eu tenho visto aqui, nos trilhos mais distantes, que só vai rodar enquanto o gelo do inverno não o atolar. Depois de cinco anos, a primavera está muito distante. Sei que você achará difícil de considerar e com certeza não vai concordar com a lógica de três garantidos contra treze possíveis. E não pense que não considero a angústia dos entes queridos que se magoariam caso o trem descarrilhasse. Considero, sim. Mas tenho que seguir em frente... tenho que pegar esse trem. Por favor não se aflija nem escreva cartas de súplicas. Estou na estação, aguardando, assim como você.

Muito amor a vocês, Mãe e Pai, e a todos.

Billy

Naquela noite, depois do trabalho, corri de volta ao alojamento para fazer as preparações enquanto os outros iam jantar. Coloquei roupas escuras – meu jeans e o tênis que eu havia pintado para fuga pela janela com Harvey Bell. Tirei do esconderijo meu precioso mapa da Turquia, em frangalhos depois de tanto manuseio, enrolei-o em papel encerado e o deposei na minha bolsa de couro, assim como fiz com minha caderneta de endereços. Conteí minhas parcas provisões de dinheiro e roguei uma maldição a Joey; ele havia levado a maior parte. Agora eu só tinha mais ou menos quarenta dólares em liras turcas. Coloquei o dinheiro na carteira e a carteira na bolsa. Amarrei a bolsa bem forte à minha cintura e vesti um blusão azul-marinho de gola rulê.

Fui até a janela e conferi duas vezes se ninguém vinha. Então fui até minha cama e puxei uma faca debaixo do colchão. Eu estava apavorado de que me pegassem com a faca; posse de arma era um delito extremamente grave. Eu tinha roubado a faca da fábrica de conservas. Ela era curta e pontuda, do tipo que se usa para descascar frutas. O cabo de madeira estava

quebrado e mal se segurava nos parafusos velhos. Eu a havia escondido debaixo de uma pedra no pomar e um dia antes a transferi para minha cama. Mesmo enquanto dormia, eu passava a noite ciente da faca proibida debaixo do colchão. Eu a enrolei com papel para fazer uma bainha e enfiei no bolso do jeans. Por fim, vesti meu chapéu da sorte.

Eu não podia ficar sentado nas docas esperando um barco aparecer. Então o plano era o seguinte: subindo um pequeno morro depois do porto, havia a área de processamento de extrato de tomate. Havia cinco grandes tonéis de concreto para armazenar o extrato. Como eu trabalhava próximo a eles, sabia que um estava vazio. Eu podia me esconder ali a noite inteira, enquanto o clima estivesse bom, a observar o porto e evitando os guardas de patrulha. Mais cedo ou mais tarde o Mármara iria agitar outra tempestade e os barcos iam aparecer.

Aguardei até o pôr do sol, então dei uma caminhada por uma das trilhas. Era uma visão comum: só mais um preso curtindo a natureza. Meu caminho me levou para perto dos tonéis de extrato de tomate. Olhei ao meu redor. Olhei para o tonel vazio. Pulei para dentro.

Estava frio e escuro. Me acomodei no fundo. O céu aos poucos ficou preto. Às vezes eu conferia o porto, sem esperar de fato que barcos viessem ali em tempo bom, mas com alguma esperança.

Ouvi passos, o ritmo calculado de um guarda. Fiquei imóvel. Se ele olhasse ali dentro, eu diria o quê? Pensei na faca. Torci para que ele não parasse. Ele passou.

Esperei em silêncio até 21h45. Não seria naquela noite. Pulei do tonel e corri de volta ao alojamento antes do toque de recolher. Só faziam contagem pela manhã, mas eu não queria arriscar.

Fiquei uma semana inteira observando e sendo paciente. Aos dias indolentes de verão índio seguiam-se noites tranquilas de silêncio.

E então na quinta-feira, 2 de outubro, acordei ao som de ventos e chuva batendo contra a vidraça do alojamento. Olhei para o céu cinzento e meu coração começou a acelerar. Sabia que aquele seria o dia. A tempestade ficou pior à noite. Trabalhei em fúria no meu emprego até a hora do almoço, aí fui correndo ao porto. Meia dúzia de barcos de pesca já havia ancorado. Havia outros vindo na minha direção! Eu só queria que a tempestade se mantivesse daquele jeito até escurecer.

Trabalhei mais tranquilo à tarde, tentando poupar forças para o que eu esperava que fosse uma noite inteira remando. Os guardas me liberaram do serviço às 17h30. A chuva havia parado, mas o céu estava escuro, pesado, com vento forte. Corri até o porto. O mar estava bruto, encrespado. Barcos espalhados por todo lado. Voltei ao alojamento para me preparar.

Quando as trevas se fecharam sobre a ilha de Imrali, entrei no tonel de tomate. Um holofote da prisão varria rotineiramente a área. Eu já sabia que era padrão. Sombras loucas erguiam-se na parede do tonel quando a luz passava. Só se viam as luzes dos barcos no porto escuro.

Eu queria esperar até a hora do toque de recolher, para ter certeza de que não haveria outros presos por perto. Então me agachei e comecei a planejar. Eu nadaria até o barco de pesca mais distante e desamarraria o bote. E remaria até costas asiáticas.

O tempo passou devagar. Eu precisava urinar. Rastejei até um canto do tonel e mijei. A

urina misturou-se às poças de água da chuva, aí escorreu pelo chão do tonel e parou no canto onde eu havia me escondido antes. Caso eu mudasse de posição, talvez ficasse mais exposto a um guarda em patrulha. Então tive que me agachar naquele líquido. O fedor pouco me incomodava.

Agora o tempo se arrastava. Parecia que eu estava aguardando havia dias. Meu relógio mostrava apenas 20 horas. Tentei relaxar. Minha mente corria a tudo que eu ia fazer assim que saísse. Pensei em Lillian. Pensei na minha mãe, no meu pai. Me imaginei caminhando por uma rua, por uma cidade. Qualquer cidade. Um homem livre. Estava tão perto. Eu *tinha* que ir.

Barulho! Passos. Não ousei respirar. Um guarda saiu da trilha para olhar os tonéis. Ouvi-o parar perto do meu esconderijo. Um brilho laranja forte. O brilho tremeu ao vento e saiu. O guarda tossiu e seguiu adiante.

A chuva recomeçou. Fiquei ensopado. O vento era gélido. Apertei-me no fundo do tonel e esperei.

Por fim meu relógio mostrou as 22h30. Coloquei a cabeça devagar para fora do tonel e escutei. Os sons da tempestade dominavam a noite. Respirei fundo algumas vezes e ergui uma perna para tirá-la do tonel.

O que foi aquilo?

Caí para dentro, com pressa. Me encostei na parede. Um cão latiu ao longe. Fiquei pensando na torre de guarda e nas metralhadoras.

Aguardei mais dez minutos, atento. Mais uma vez coloquei a cabeça pela beirada do tonel e olhei para a chuva forte. Então ergui uma perna. Mais uma vez achei ter ouvido um barulho e descí de novo. Estava arrepiado de medo.

Resolvi que devia ter sido minha imaginação. Minhas mãos tremiam. Fiquei repensando se tinha coragem suficiente. Pela terceira vez juntei todas as minhas forças. Respirei fundo várias vezes.

– Ok – falei para mim mesmo. – Ok. Vamos lá.

A encosta que levava ao porto era coberta com um misto de pedras quebradas e polpa de tomate podre. A terra era lamacenta e empoçada. O lodo me cobria conforme eu me arrastava pelo recife, de barriga no chão, com a máxima cautela. Eu estava em campo aberto, exposto ao holofote. Cada vez que ele passava, eu me afundava mais no lodo. Ficava imóvel. Rezava.

Aos poucos consegui seguir caminho até a margem. Agora era a parte difícil. Os primeiros cinquenta metros de água estavam diretamente em frente à torre de guarda. Eu via um guarda nela, operando o holofote. Outro caminhava tranquilamente com sua metralhadora. Eu era grato pelo barulho do vento e das ondas. Mesmo assim, teria que ter cuidado.

Entrei na água fria. O holofote passava pelo porto. Tomei impulso da terra, meu coração batendo forte, sabendo que minha fuga, minha tão sonhada fuga, havia se iniciado, e não havia mais como voltar. Eu estava comprometido.

Eu nadava devagar, com medo de espirrar muita água. As roupas pesadas me sobrecarregavam. Uma onda me pegou no rosto, jogando água salgada na minha garganta. Lutei para conter a tosse. Estava tenso, esperando pelas balas que iam rasgar minhas costas.

Nadei de peito, de modo que somente minha cabeça saísse da água.

Quando precisei descansar, parei e olhei para trás. As luzes fracas do porto haviam ficado para trás. À frente eu via lanternas balouçantes, cada uma a indicar um barco de pesca. Eu podia nadar até o mais distante.

Lutei contra a tempestade. Várias vezes parei, mexendo só as pernas, conferindo minha posição, engolindo ar. Então começava de novo, na direção do último barco. Lá estava ele, com um bote amarrado atrás. Será que se sustentava em alto-mar? Precisaria.

Eu me puxei pela lateral do bote. Precisei de toda força que me restava. Exausto, afundei nas tábuas molhadas do assoalho. Fiquei ali deitado por vários minutos, estremecendo de frio, tentando recuperar o fôlego. Então ergui a cabeça devagar até conseguir enxergar pela lateral do barco. Analisei a margem, esperando ver um barco de patrulha vindo para cima de mim. Mas nenhuma luz me acompanhava.

A frente do bote estava coberta e oferecia talvez um metro de abrigo. O resto do barco era totalmente aberto. Tateei o escuro à procura de remos. Achei. Eram grossos e pesados.

Plaft! Uma janela se abriu logo acima da minha cabeça. Congelei. Acima de mim, um pescador turco gorgolejou os venenos de sua garganta e cuspiu por cima da minha cabeça, atingindo a água.

Meu coração parara de bater.

A janela rangeu nas dobradiças e se fechou. Aos poucos eu me enfiei embaixo da proteção na frente do barco. Eu tremia naquela poça gelada. Recurvei-me o máximo que pude, mas minhas pernas continuaram expostas. Eu queria sair de lá antes que o pescador abrisse a janela de novo.

Ainda debaixo da proteção, espiei. Acima da minha cabeça eu via vagamente um grande nó, o fim da corda que amarrava o bote ao barco de pesca. O nó era grosso e teso – impossível de desatar. Procurei a faca no meu jeans. Minhas calças estavam ensopadas. Grudavam nas pernas. Enfim encontrei a faca. A corda estava molhada e rija. A faca cortava a um ritmo agonizante de tão lento. Fiquei talhando até meus músculos arderem e meus braços e costas ficaram machucados de roçar contra as tábuas do barco. Eu estava desesperado para tossir, e o esforço de controlar os espasmos arrasou com meu peito. Um frio úmido se abateu sobre meus pulmões.

Eu arrastava dedos dormentes para lá e para cá, para lá e para cá. Restavam apenas alguns fios da corda. Parei. Mais uma vez olhei ao redor. Fiquei ouvindo. Prendi a respiração e cortei os últimos fios.

O nó caiu. A parte cortada da corda tremeu e subiu dois centímetros pelo buraco na cobertura. Então ela deslizou e sumiu. O barco estava solto!

E eu estava à deriva. No maior silêncio possível, arrastei-me até o centro do bote e me levantei no assento. Olhei ao redor. Eu estava boiando em direção à prisão! Me agarrei nos remos e descobri que não havia cavilhas onde apoiá-los, ao menos não que eu conseguisse enxergar. Agora não havia luz. Minha mão tocou uma corda no centro do cabo de um dos remos. Tinha a forma de um oito. Entendi que aquilo devia se encaixar em alguma coisa. Tateei o trincaniz. Ah, sim. Havia pinos nas laterais do barco.

As voltas da corda se encaixaram nos pinos.

Com pressa agora, eu estava morrendo de medo porque o bote estava à deriva não só rumo à margem, mas também rumo ao casco de outro barco de pesca. Enfiei os remos na posição correta. Puxei. Um dos remos não conseguia alcançar a água. O barco balançou e eu fiquei sacudindo para os lados no escuro. O segundo barco de pesca pairava, maior. Eu me centrei no assento de novo e ajustei as barras até sentir as duas pás em ângulo reto. Então puxei, e puxei de novo. E o derivar diminuiu até parar. O bote começou a ir na outra direção.

Era difícil remar. O mar agitado ficava me balançando para todos os lados. Os remos muitas vezes não conseguiam tocar na água. Eu tinha que mudar meu ponto de equilíbrio com pressa para não ser jogado para fora do banco molhado. Apertei meus pés contra o fundo e aos poucos, depois de vários minutos, estabeleci um ritmo.

Agora eu tinha que me conduzir por um curso cauteloso, por dentro de uma ilha em forma de ferradura. Havia rochas imensas na rebentação. E descobri que havia muitos outros barcos de pesca ancorados mais a sul. Tive que traçar um caminho para o bote entre os dois tipos de perigo. A chuva me açoitava às rajadas, levada pelo vento. Tão feroz que me assustava. Mas era a chuva que também me dava cobertura.

Meus músculos estavam rijos da ioga e de carregar sacos de feijão. Eu puxava e arfava nos remos. Aos poucos a beira da ilha foi passando.

Fiquei assistindo às luzes do porto. Elas retrocederam até virar um pequeno amontoado, pontinhos de claridade na noite escura. Eu sabia que deveria traçar uma rota alinhada com as luzes e a beira da ilha. Se perdesse de vista as luzes eu estaria muito para um lado. Lutava contra o vento para manter o bote na linha.

A corrente era muito mais forte no mar aberto. Ela puxou o bote para oeste. As ondas batiam no costado e o vento jogava borrifos de sal nos meus olhos. Logo fiquei exaurido. As luzes da ilha focavam em um ponto só quando parei de remar e conferi minha posição. Atrás de mim, em algum ponto na tempestade, estava o continente turco. Trinta quilômetros ao sul.

Remei até achar que fosse desabar. Então conferi de novo. Eu tinha visto luzes na direção do continente? Olhei de novo e não vi nenhuma. Mais remadas, de detonar as costas. Mais uma olhada e: luzes! Três luzes fracas. Mas estavam para o lado. Eu estava sendo desviado da rota.

Uma onda de autopiedade se abateu sobre mim. Afrouxei a mão. Um dos remos pegou a corrente. Ele se ergueu de sua cavilha e quase se soltou da minha mão. Puxei-o de volta para o barco. Joguei os dois remos no chão do bote. A pequena nau guinou para as ondas.

Nunca que ia dar certo! Eu levaria dias para remar até a outra margem. Isso se não me afogasse antes. Minha respiração vinha aos soluços. Segurei-me no assento e fiquei um instante parado. O bote subiu pela face de uma grande onda. Ficou um instante suspenso, depois foi rápido para o outro lado. Mais uma onda grande passou por baixo de mim. Mais uma vez o barco se ergueu e então mergulhou. Eu estava aterrorizado.

Mas era um medo estranho. Eu podia morrer ali em mar aberto, mas pelo menos morreria livre. Aquela palavra já me enchia de força. Livre! Eu estava livre! As luzes de Imrali se apagaram às minhas costas. Pela primeira vez em cinco longos anos eu estava além dos limites. Meu coração deu um pulo. Eu estava livre! Só restava me manter vivo. Terminar esse passeio de barco e botar os pés em terra firme.

Agarrei os remos e me pus a trabalhar. Eu os puxava com raiva, fazendo o barco dar voltas, entrar na rota de novo. Então tentei retomar meu ritmo. Eu cantava para mim mesmo conforme me esforçava.

– Se me pegarem... vão me espancar... vão atirar em mim... Se eu chegar... estou livre... livre... livre...

Eu tinha esperado cinco anos por aquele barco. Não ia desistir agora. *Não ia!*

A corrente ainda me puxava para oeste. Remei duas vezes mais forte com o braço direito, tentando voltar à rota das três luzinhas fracas. Cantava. Berrava comigo mesmo. Gritava palavrões em turco e em inglês.

As horas se passaram numa agonia escura e molhada. Minha mão direita doía no ponto onde, tanto tempo antes, Hamid havia acertado um *falaka*. Então ela travou. A pele das duas mãos estava esfolada e a água salgada ardia nas feridas abertas.

Parei de remar. Puxei cuidadosamente os remos para o barco. Os dedos da minha mão direita não se mexiam. Tive que arrancá-los do remo com a esquerda. Peguei meu lenço empapado e amarrei em volta da mão latejante. Amarrei o nó puxando com os dentes.

Então, de volta ao trabalho. Remei. Remei com determinação. Tudo que importava era continuar empurrando, seguir em frente, manter o ritmo. Meu corpo parou de reclamar. Eu estava além da dor. Estava exultante com o movimento. Estava livre.

As luzes agora estavam mais próximas. Estavam! Eu ia conseguir. Até o mar começou a cooperar. Parecia que a tempestade havia se acalmado. O primeiro sinal de um leve brilho azul tingia o céu a leste. Mais uma hora.

Tump. O remo roçou em alguma coisa. Então o fundo do barco raspou na areia. Uma pequena onda ergueu o bote, lançando-o adiante alguns metros e baixando-o de novo. Saí pela lateral e me vi em meio metro de água. Corri até a praia e caí de joelhos.

Mas ainda estava na Turquia.

Minha próxima meta era a cidade de Bursa. Pelo mapa, eu sabia que ela ficava em algum ponto da costa a nordeste. Tinha aproximadamente 250 mil habitantes. Lá eu poderia me perder na multidão. E de Bursa eu conseguiria transporte para Istambul. Depois, Johann. Ele poderia me esconder por algumas semanas até as buscas se acalmarem.

As buscas! O Sol nascendo à minha frente me lembrou de que em breve os pescadores começariam a se agitar. Um deles, quando abrisse a janela para seu gargarejo matinal, certamente sentiria falta de seu bote. Levaria pouco tempo para os guardas contarem as cabeças. Eu tinha que ser rápido.

Meu relógio ainda funcionava. Já passava das 5 da manhã. Me levantei e engoli o ar salgado até o fundo dos pulmões. Então saí a caminhar rumo ao Sol. A luz laranja cálida renovou minhas forças. À minha frente estava a costa norte deserta da Ásia Menor. Era a melhor manhã da minha vida.

Corri. Eu devia estar cansado. Devia estar com fome. Mas minhas pernas bombeavam sem parar. Cada passo me deixava mais longe da prisão. Quanto tempo eu tinha? Quando eles encontrariam o bote?

Corri e corri. Ainda assim a margem era selvagem e deserta. O Sol secou minhas roupas.

Meu rosto e meus braços estavam incrustados de sal. Minha boca ardia.

Então cheguei a um imenso afloramento rochoso que se projetava no mar, impedindo o acesso à praia. Caminhei com água até a cintura e dei a volta nas rochas. Conforme eu passava do pontal, meus olhos captaram o que parecia uma aldeia moderna nos morros à frente – um amontoado estranho de prédios bem aqui, no meio do nada. Vi três torres. Seriam as três luzes brilhantes que eu tinha visto durante a noite?

Oh, não! Uma base do exército!

Deslizei para trás das rochas. Voltei pela água até a praia e caminhei terra adentro, protegido pela floresta. Fiz uma volta comprida para passar da base do exército. Mais uma hora caminhando. Eu sabia que precisava ter cuidado. Era certo que já haviam soado o alarme. Por que não tirei o bigode antes de vir? Devia ter trazido graxa de sapato ou outra coisa para passar no cabelo loiro.

Cheguei a campos cultivados. Ao longe vi camponeses trabalhando. Depois de uma curva, um pequeno vilarejo. Cuidado. Não vá estragar tudo.

Segui uma estrada de terra até ela entrar na cidade e virar uma rua de paralelepípedos. Um velho de barba viscosa e grisalha estava apoiado nos calcanhares, contra uma parede. Tinha um cachimbo na boca.

– Tenho que chegar a Bursa – falei.

O velho me olhou. *Turist*, obviamente. Sujo, molhado, encrostado, enlameado, a mão direita enfaixada. O chapéu frouxo puxado para baixo.

– Como você sabe turco? – ele perguntou.

Respondi hesitante:

– Cumpri vinte meses numa prisão de Istambul. Por haxixe.

Ele sorriu.

– O que está fazendo aqui? – ele perguntou.

– Eu estava na praia com amigos. Tínhamos um jipe. Bebi muita *raka* ontem à noite e me perdi. Agora preciso chegar em Bursa.

Com a ponta do cachimbo ele apontou para uma estrada estreita até uma Kombi velha.

– Bursa – ele disse.

O teto da Kombi tinha pilhas de sacos de estopa cheios de cebola, azeitona e outros hortifrútis. Dentro, lotada de camponeses. Achei alguém que tinha cara de motorista.

– Bursa?

– Seis liras.

Paguei. Então me entoquei no banco de trás, contra a janela. Puxei meu chapéu mais para baixo e tentei manter a mão sobre o bigode.

O ônibus seguiu balançando pela costa enlameada, subindo estradas de montanha que iam sinuosamente rumo a Bursa. O motorista fazia as curvas em alta velocidade. Havia anos que eu não andava num veículo aberto. Era assustador. Nas curvas por fora, a gravidade me puxava para a beira dos penhascos. *Como seria ridículo morrer aqui*, pensei. *Logo agora, quando finalmente estou livre*. Mas não havia nada que eu pudesse fazer. E o motorista devia conhecer as estradas.

Paramos em mercados ao longo da rodovia. Os camponeses saíam para vender as mercadorias. Aos poucos a carga ficou mais leve. O motorista do ônibus aumentou a velocidade. Enfim Bursa surgiu no horizonte. Eu sabia que era uma cidade de aproximadamente 250 mil habitantes, a única cidade desse tamanho ao longo da costa. Suas ruas eram quentes, secas e poeirentas, ladeadas por prédios periclitantes da antiga arquitetura turca. Ocasionalmente havia um prédio de escritórios estilo ocidental, também caindo aos pedaços. Conferi o relógio. Nove e meia.

Sabia que já teriam dado por minha falta. Eu não apareci para o trabalho.

Havia um táxi detonado na calçada. Fui até o motorista com cautela.

– Istambul?

– Setecentas liras.

– Quatrocentos e cinquenta. – Era tudo que eu tinha.

– *Yok*. Setecentos.

Dei de ombros. O motorista apontou para a estação rodoviária.

– Vinte e cinco liras – disse.

Sim, mas eu não queria passar nem perto da rodoviária. Era certo que lá estariam atrás de mim. Espiei a rua e já vi dois policiais em destaque na frente da estação. Fiquei pensando se não teriam uma descrição minha e se não estavam exatamente procurando por mim.

Mas eu não tinha escolha. Tinha que chegar a Istambul. Chegar a Johann. Quanto mais eu esperasse, maior o risco. Caminhei rumo à rodoviária. Quando passei pela entrada, um dos policiais bocejou.

Comprei passagem para Istambul. O ônibus sairia em meia hora. Sentei para descansar e de repente me senti exausto. Com fome, também. Achei uma vendinha de lanches e comprei uma barra de chocolate e um sação de pretzels.

O ônibus chegou. Tive que passar pelos policiais de novo. Pareciam me ignorar. Subi e peguei um assento de corredor. Meu coração ribombou. Por favor, por favor, me deixem chegar a Istambul.

Esperei o ônibus partir. Achei que não ia sair nunca, mas enfim começou a rodar. Saiu da rodoviária e entrou na estrada que dava voltas pela beira leste do Mar de Mármara até Üsküdar.

Voltei a respirar.

A viagem foi esburacada. O ônibus zumbia com a tagarelice tipicamente turca. As moscas brigavam pelos meus pretzels.

Chegamos a Üsküdar. Do outro lado do Chifre de Ouro, erguendo-se íngreme de suas margens, vi Istambul, com os pináculos de minaretes a coroar seus morros. Era lá que tudo havia começado. O ônibus atravessou a ponte de Yeni Kopru e de repente eu estava de volta à Europa.

Era quase meio-dia. Eu estava frenético. Não havia dúvida de que a polícia turca estaria atrás de mim. Eu só podia torcer que conseguisse me misturar aos outros *tourists* que atolavam a parada de ônibus de Istambul.

Desci do ônibus e fiquei de olho no chão. Passei ao meio de um grupo de pessoas e

caminhei com elas até a rua. Só de longe parei para olhar para a rodoviária. Dois policiais estavam à frente da entrada. Não havia sinal de alarme.

Agora, o hotel de Johann. Estava quase no fim. Achei um taxista e lhe passei o nome do hotel. Andamos por ruazinhas estreitas até chegar na porta. Com certeza não era o Hilton.

Fiquei pensando no meu chapéu da sorte. Ele cobria meu cabelo loiro, mas também era chamativo. Talvez fosse mais óbvio que meu cabelo. Antes de entrar no hotel, tirei o chapéu e enfiei embaixo do braço.

Entrei no lobby. Atrás da mesa havia um turco calvo. Ele ergueu os olhos.

– Johann? – perguntei. – Estou atrás de Johann.

– Johann? – Ele olhou minhas roupas. – Johann viajou ontem para o Afeganistão.

Perplexo, atordado, cansado, confuso, saí para a rua. Johann no Afeganistão? Por quê? E por que agora, quando eu mais precisava dele?

Fiquei mais ou menos meia hora andando pelas ruas até lembrar que tinha que me esconder. Entrei numa farmácia e comprei um tubo de tintura de cabelo preta, o mais barato que tinham. Eu estava no distrito da luz vermelha. Do outro lado da rua, um hotel acabado. Entrei.

– Preciso de um quarto – falei em turco a um atendente espinhento. Ele me olhou de cima a baixo.

– Cadê sua bagagem?

– Roubaram.

– Cadê seu passaporte?

– Roubaram. Na bagagem.

Os olhos se estreitaram.

– Você fala turco?

– Sim. Passei um tempo na prisão. *Tamam*?

– *Tamam*. Cinquenta liras o quarto.

Reclamei com ele. Dez liras era demais por aquele pardieiro. Mas paguei.

O atendente sorriu e me deu a chave.

O quarto ficava alguns perigosos lances de escadas acima. Era o paraíso das baratas. Tirei o tubo de tintura do bolso. Era uma pasta gosmenta. As instruções diziam para misturar quatro bolinhas brancas que tinham cheiro de amônia, depois esfregar uma pequena quantidade na parte de dentro do pulso. Eu tinha que esperar vinte e quatro horas para ver se teria alguma reação alérgica. Não tinha esse tempo todo.

Com uma bola de algodão, passei a melecão no meu cabelo e no bigode. Minhas mãos tremiam de fraqueza. Manchei várias vezes o rosto sem querer. Dei um passo para trás e me inspecionei no espelho. O cabelo parecia estranho, mas crível para Istambul. Meu bigode, contudo, era um palitão de alcaçuz preto colado sobre o lábio. O bigode tinha que sumir.

Nervoso, saí do hotel e voltei à rua apinhada. Achei uma loja onde comprei barbeador e lâmina.

O bigode saiu numa gosma só. Agora meu rosto estava realmente nu. A pele do meu lábio superior estava delineada em preto onde antes ficava o bigode. Parecia pior que antes.

Caí na cama e traguei o ar. O sono tomou conta de mim, mas não por muito tempo. A cada passo na escada, a cada som suspeito da rua, eu acordava assustado. Olhei pela janela dos

fundos. Escadas caindo aos pedaços levavam a um beco estreito. Perigoso, mas possível. Deitei na cama de novo. Consegui cochilar depois de muito tempo.

Manhã. Estudei meus mapas com cuidado. Tentei acessar a memória de inúmeras conversas que tivera sobre fuga na prisão. A estrada principal a oeste de Istambul levava a Edirne. Nada bom. Era a principal barreira na fronteira, muito vigiada. Eu não tinha passaporte; era certo que os homens da alfândega já teriam minha descrição.

Ao sul de Edirne ficava Uzun Kopru. Era uma possibilidade. Max sempre falava da zona rural por lá. Havia vários lugares vazios, primitivos. O Rio Maritas descia das montanhas da Bulgária e formava a fronteira entre Turquia e Grécia. Era protegido, mas não tanto quanto próximo de Edirne.

Outra possibilidade era o trem entre Edirne e Uzun Kopru. O que atravessava o rio e em alguns momentos chegava a passar por dentro da Grécia. Mas eu provavelmente não teria dinheiro suficiente para a passagem. E a estação de trem me parecia arriscada demais. Além disso, como saber onde pular?

Decidi pegar um ônibus até Uzun Kopru. De lá eu encontraria um caminho para atravessar a fronteira.

Meu hotel ficava num morro íngreme logo acima do porto. Passando a Ponte Galata, do outro lado do Chifre de Ouro, havia uma estação de bondes. De lá eu imaginava que conseguiria chegar à rodoviária nos arredores de Istambul.

Era uma manhã ensolarada, por volta de 7 horas. As ruas estavam surpreendentemente lotadas para a hora. Comprei um jornal e me meti com uma multidão correndo para atravessar a ponte. Minhas roupas estavam amarrotadas, meus olhos, vermelhos. Meu cabelo estava preto. A pele nua sobre minha boca estava vermelha e irritada no ponto onde eu havia esfregado a tintura. Eu sabia que cheirava a suor e algas. Pela primeira vez em cinco anos, eu devia mesmo parecer um turco. Torcia que sim.

Achei o bonde. Os policiais patrulhavam despreocupadamente. Se estivessem procurando por mim, estariam procurando por um loiro de bigode. Eu sabia disso, mas minha pele formigava de pensar que eu estava prestes a ser capturado. Falei a mim mesmo para ter *muito* cuidado. Tomei um lugar no bonde e levantei um jornal na minha cara. Fiquei sondando as páginas atrás de alguma matéria sobre mim. Graças a Deus, não havia nada. A última coisa que eu precisava era que o país inteiro fosse avisado de que um fugitivo perigoso estava à solta entre eles.

O terminal de ônibus estava puro tumulto.

O que estava acontecendo? As pessoas aglomeravam-se naquele estacionamento imenso e poeirento, corriam para entrar em ônibus barulhentos. Mas era tão cedo!

Comprei uma maçã numa venda e sentei sob uma árvore próxima à rodoviária. Tinha que ter um plano. Conferi o jornal de novo. Aí me dei conta. Era o primeiro dia do *Sugar Bayram*, comemoração de quatro dias que se seguia ao jejum muçulmano de trinta dias. O dia mais santo do ano. Todo mundo se visitava. Era como viajar na véspera de Natal.

Abrindo caminho entre as multidões, atravessei a rodoviária. Me vi no final de uma longa fila de gente esperando para comprar passagem. Quando finalmente cheguei na janela, o

vendedor me disse que o ônibus para Uzun Kopru estava cheio.

– Eu pago a mais – falei. – Só me coloque no ônibus.

Ele me deu um olhar afiado.

– Está lotado! – ele rosnou.

Cuidado. Sem chamar atenção.

– Tudo bem. Passagem para Edirne, por favor.

Paguei. Ele carimbou a passagem e apontou. O ônibus estava prestes a sair. Entrei e achei um assento ao lado de uma camponesa gorda que fedia a alho. O que eu faria agora? Não podia me arriscar a atravessar em Edirne. Enquanto o ônibus saía da rodoviária, conferi o mapa. Edirne ficava sessenta quilômetros ao norte de Uzun Kopru. A zona parecia acidentada. Talvez eu pudesse cruzar em algum ponto no meio. Conferi a ferrovia, que ia e vinha entre Turquia e Grécia. Era um relevo complicado. O mapa pequeno era ruim. Na maioria dos lugares o Rio Maritas parecia compor a fronteira, mas em outros parecia que a Turquia ia muito além da água.

Embora a manhã de outubro estivesse fria, o ônibus logo ficou quente e fedorento. Ele se balançava pela estrada de terra como uma diligência chocalhante. Tentei relaxar. Era inútil. Meus nervos estavam tensos demais. A cada vez que o ônibus diminuía eu temia que tivéssemos sido detidos por soldados. Eu teria que esperar até chegar à Grécia para relaxar. Fechei meus olhos e imaginei um banho quente. Seria tão bom deixar a água escorrer cinco anos de sujeira em uma banheira cheia de água fervendo...

Acordei de repente. Havia algo errado. O ônibus parou muito depressa. Me inclinei para ver. Meu Deus! Era um policial parado na estrada, de braço estendido, obrigando o motorista a parar. Olhei ao redor, depressa. Havia só uma porta. Eu estava encurralado. Pense! Pense!

A porta se abriu e o policial pulou para dentro. Deu uma olhada rápida entre os passageiros. Eu lia meu jornal e observava com cuidado com o canto do olho. Seu corpo grande bloqueava totalmente a porta. Não havia saída a não ser passando por ele.

O policial pediu os documentos ao motorista. Revisou-os atentamente. Mais uma olhada nos passageiros. Foi embora.

Soltei um suspiro baixinho. Imaginei que estariam procurando por mim. Estão na minha cola. Mas não contaram aos jornais. De repente a polícia não quer passar vergonha.

Grandes nuvens cinzentas pairavam à beira do horizonte. Desejei que viessem. Não sabia o que esperar na fronteira, mas imaginei que a proteção de uma tempestade me ajudaria. Já tinha funcionado uma vez.

O ônibus chegou a Edirne por volta do meio-dia. Era um vilarejo coberto de vegetação, lotado, sujo. Decidi esperar até a tarde para ir para o sul. Tentaria passar na fronteira à noite. Enquanto isso, eu me perderia entre o tropel se acotovelando no feriado.

Caminhei pelas ruas tomadas de polícia alvoroçada, tagarela. Bebi chá e comprei frutas de um bazar coberto. Em outras circunstâncias, teria gostado de andar por lá. Max tinha me contado muito de Edirne. Antes a cidade se chamava Adrianópolis, quando ainda era da Grécia. Como eu gostaria que ainda fosse. De alguns pontos na cidade eu enxergava morros distantes que com certeza eram gregos. Eu *enxergava* a liberdade. Só precisava chegar lá.

Soldados e polícia estavam por toda parte. Eu só podia seguir em frente, torcendo para que meu cabelo preto e a sorte me protegessem.

Ao fim de tarde, estava pronto. Andei cautelosamente pelo bazar, procurando um taxista que parecesse confiável. Achei um jovem de cabelo comprido.

– Meus amigos estão acampando – falei. – Lá no sul da cidade. Era para eu ter encontrado eles hoje de manhã, mas devo ter me perdido na multidão. Pode me levar lá?

– Quarenta liras – ele disse.

Era bastante dinheiro para a viagem. Mas eu ainda tinha 100 liras e não era mais hora de regatear. – Tudo bem. – Saímos da cidade numa estrada de terra poeirenta.

– Onde você aprendeu a falar turco? – ele perguntou. Então meu disfarce não enganava.

– Passei vinte meses numa prisão em Istambul.

– Haxixe.

– Foi.

– Quer comprar um? Baratinho.

Não, não! Foi por isso que eu caí lá. Se tinha uma coisa de que eu não precisava, era haxixe.

Seguimos até um pequeno vilarejo a mais ou menos quinze quilômetros de Edirne. No meu mapa, era o último vilarejo até os arredores de Uzun Kopru. Ao sul deste vilarejo havia uma grande extensão de terra selvagem, aberta, dos dois lados do rio. Terra de fronteira.

O taxista diminuiu quando viu pessoas paradas na estrada.

– Onde fica o camping? – ele perguntou.

Olharam para ele com cara de perplexos.

– Camping? – Deram de ombros.

Seguimos até uma pequena taberna. O motorista parou e berrou para alguns homens sentados na varanda.

– Alguém viu *turists* em uma kombi?

Me choquei ao ver três policiais virem bem empolados na direção do carro. Estavam de gola da camisa aberta. Copos de cerveja na mão. Um deles se encostou na janela aberta bem ao lado da minha cabeça. Eu sentia o cheiro de cerveja em seu hálito.

Fiquei sem respirar.

– *Noldy*? – o policial disse ao taxista. – Viu algum *turist* de kombi?

O policial puxou a cabeça da janela e olhou para a estrada. Tomou um gole da cerveja e olhou na outra direção.

Finalmente fez um não com a cabeça.

Fiz sinal para o taxista seguir adiante.

– *Turists* – ele berrou pela janela. – *Kamper. Volkswagen.*

O policial deu de ombros.

Mais uma vez cutuquei o motorista, dizendo para seguir.

Os policiais fizeram cara de desgostosos e seguiram caminhando até a varanda. Soltei a respiração. Seguimos viagem.

No lado sul da cidade, até a estrada de terra sumia.

- Não tenho como ir mais – disse o motorista.
 - Acho que os meus amigos devem estar logo à frente.
 - Vai detonar meu carro.
 - É só passar um pouquinho do vilarejo. Só mais um pouco. Eu pago a mais.
- Ele resmungou com seus botões, mas botou a marcha no carro.

Seguimos marcas de pneu morro abaixo. Logo nos vimos no meio de um campo. O motorista parou.

- Mais que isso não dá. Temos que voltar.
- Deixa eu dar uma olhada. – Saí do táxi e me coloquei em cima do capô amassado. Olhei para o oeste, o Sol se pondo. Precisava me achar na vida. O horizonte estava cheio de morros e florestas. Em algum ponto por lá havia um rio.

Pulei para descer.

- Olha, pode voltar. Eu acho os meus amigos.
- Não posso deixar você aqui. Você tem problemas? Está ficando escuro. Você nunca vai encontrar.

- Tudo bem. Eu encontro. Sei que estão aqui.
- Você é doido, cara? Você vai se perder. Vai ficar sozinho e não... – Ele parou. Uma nota de 100 liras balançando na sua cara. Deu de ombros. Pegou o dinheiro e deu meia-volta com o táxi.

– Boa sorte.

E se foi.

Rapidamente atravessei um campo arado e me escondi no meio de um milharal. Esperei a noite chegar.

A oeste eu havia visto um morro maior que os outros. Seria minha primeira meta. Em campos que se estendiam ao longe, à minha direita, eu via ovelhas e alguns pastores voltando ao vilarejo. Os sinos tinham um ritmo relaxado, suave. O som chegava longe ao crepúsculo claro de outono. Eu teria que fazer muito silêncio.

Os pernilongos me atacaram. Comecei a estapear, mas eram muitos. Picavam até por cima da roupa. Finalmente fechei os olhos e os ignorei. Era a última chance, esperava eu, que pernilongos turcos tinham de se alimentar do meu sangue. Tentei pensar em Lillian.

Escureceu. No cume de um morro grande eu via alguns holofotes que passavam devagar para lá e para cá. Guardas de fronteira! Cuidado.

Saí do meu esconderijo. O chão era rochoso e erodido. Era difícil andar rápido. Eu ia a passos de gato, uma pausa a cada um para parar e ouvir.

Depois de mais ou menos meia hora, parei. Era muito lento. Eu havia andado... não sabia quanto... mas não era muito. Achei que seria mais silencioso ir de pés descalços. Sentei na base de uma árvore retorcida e tirei tênis e meias. Fiz um buraco raso e os enterrei. Se os guardas de fronteira tivessem cães, eu não queria deixar pistas.

Andei devagar pela encosta do grande morro engatinhando de lado. Como alpinista, eu testava meu equilíbrio cautelosamente antes de soltar meu peso. Embora lento, era cansativo. Meu corpo logo ficou encharcado de suor. Eu tremia conforme o ar noturno esfriava. A cada

dois passos fazia uma pausa e escutava.

Agora eu via os holofotes mais de perto, no alto do morro. Eu os analisava, mas não via padrão no movimento. Às vezes os guardas os desligavam e caminhavam no escuro, de repente ligavam de novo. Ficava me perguntando se isso era normal ou se eles estavam tendo mais cautela que o usual.

Quando eu tinha quase chegado ao cume do morro, encontrei uma vala de escoamento de concreto. Entrei nela devagar. Meus pés grudaram na lama grossa. Era relaxante. Descansei, aconchegando-me na lama. Em poucos instantes, o ar ao meu redor estourou de coachadas. Sapos!

Aguardei vários minutos nas trevas, feliz de estar longe do morro exposto. Aos poucos, em silêncio, comecei a me puxar para sair da vala.

Um barulho! Passos! Voltei para a lama. Curvei todo meu corpo. Minha cabeça se pressionou contra os joelhos. Tentei cobrir a brancura do meu rosto. Esvaziei a mente. Estava inanimado. Uma pedra sobre o chão.

Os passos chegaram mais perto. Vozes. Cantando? Dois guardas caminhavam lentamente pela beira da vala, cantando a letra de uma música turca bem tranquila, um para o outro. As vozes eram grossas, arrastadas. Estavam no clima de *Sugar Bayram*. Foram embora descendo o cume do morro. Esperei até os sapos voltarem a coaxar.

Rapidamente me tirei do chão. Bem abaixado, corri até o cume e desci o morro. Não havia mais tempo para passos de gato. Não havia tempo para parar e ouvir. Corri talvez duzentos metros, aí me abaixei até ficar de barriga no chão. Fiquei atento a sons de perseguição. Nada. Nada fora o som do meu coração, acelerado de medo.

O ar estava parado. Meu corpo se acalmou, depois voltou a ficar tenso. Mais vozes? Vinham da esquerda? Eu não tinha certeza.

Passando por moitas de arbustos secos a pequenas sarjetas abertas pela erosão, desci o morro rapidamente. Meus pés descalços estavam machucados, mas agora isso não tinha importância. Fui para a direita, fugindo das vozes. Achei um matagal. Onde fica aquele rio? Ele tinha que estar próximo.

Então, no escuro de galhos de árvores, meus olhos captaram um reluzir refletido em metal. O que seria? Apartei os galhos com cuidado. Oh, meu Deus! Era o focinho gigante de um tanque. Parecia um animal voraz, agachado, me aguardando.

Então vi outros tanques. Mas estavam parados, em silêncio – sem ninguém por perto. Estavam camuflados com redes, parados na floresta, apontando para a Grécia. Eu não queria estar naquele lugar. Onde há tanques deve haver soldados. Mais uma vez a passos de gato, andei com cuidado pela floresta. Resolvi pegar a esquerda, fugindo dos tanques. A mata ficava mais densa. Até a luz das estrelas sumiu. Um galho se enfiou no meu rosto. Mantive uma mão esticada à frente para me proteger.

Desci a encosta do morro. Finalmente a mata se abriu. O chão ficou molhado, depois enlameado. Eu parava a cada passo, ouvindo o que vinha de trás. Vozes? Movimentos? Não sabia ao certo. Mas tinha que ser agora. Eu estava muito perto.

Então ouvi... será que... Sim! O suave borbulhar da água. Logo à frente. Entrei no brejo. De

repente os arbustos se abriram para águas que eu tinha certeza de que eram do Rio Maritas, passando com toda força à minha frente. Sentei à margem por um instante para descansar antes de nadar. A corrente parecia forte. Meus pés ardiam. Abaixei-me e arranquei espinhos, tantos quanto conseguia no escuro.

Então entrei na água congelante. O fundo enlameado chupava meus pés. A água corria ao meu redor, quase me tirava o equilíbrio. O frio era entorpecente. Eu andava bem devagar, muito concentrado em não fazer barulho. Podia haver soldados do outro lado também. Turcos ou gregos. A nacionalidade da bala não faria diferença.

A água fazia rodopios na minha cintura, e de repente ficou mais baixa. Rapidamente o fundo ergueu-se até outra margem. Eu tinha passado. Tinha chegado à Grécia. Ou não?

Árvores altas tapavam o céu. Ainda caminhando com cautela, andei mais dez metros pelas árvores e encontrei mais água. O que seria aquilo? À luz fraca, eu via que a água se estendia por centenas de metros. Então notei que eu devia ter chegado a uma ilhota apenas. Ainda não era a Grécia.

A liberdade estava muito próxima para eu descansar. Entrei de novo na água. O rio aqui era bem mais fundo, a corrente bem mais forte. Joguei-me com um nado de peito feroz. A corrente me puxou para baixo. Lutei contra ela freneticamente, cruzando em ângulo o rio escuro.

Meu corpo esqueceu a exaustão. Meus braços se puxavam contra a corrente. Meus pés batiam em fúria contra a água congelante. Agora não podia mais me preocupar com o barulho. Era questão de sobrevivência. Aos diabos com o barulho – eu chutava com toda força.

Repetidas vezes eu me impeli com os braços, depois com as pernas, forçando-me contra a corrente, sem noção do avanço que estava conseguindo. Comecei a duvidar se estava mesmo me movendo, e não indefeso, preso no rio. De repente meu joelho bateu numa rocha. O fundo. Levantei-me, segurando-me contra o empuxo da água. Olhei contra a corrente. A ilha havia sumido. O rio havia me empurrado para o sul. Eu não tinha ideia de onde ficava a fronteira.

Cruzei até a margem. Joguei meu corpo na lama gosmenta. Estava congelando e morrendo de medo. Mas havia atravessado o rio.

Fiquei deitado na margem vários minutos. Não sei por quanto tempo. Talvez tenha desmaiado. De repente me levantei, percebendo que ainda não estava livre. Talvez eu estivesse na Grécia. Talvez não. Mas esta fronteira era tensa. Não queria ser pego por um soldado. Tinha que seguir adiante. Rumo ao oeste.

Mais mata. Eu era um sonâmbulo. Havia passado três dias inteiros com uma só noite vacilante de sono num hotel de Istambul. Estava com fome, cansado, com frio, molhado, confuso. A mata ficava mais densa. Carrapichos se enfiavam nos meus pés nus. Então a mata se voltava para campos gramados. Minha mão direita latejava. Meu coração retumbava com centenas de sons – se reais ou imaginados, não sei.

Segui rumo ao oeste.

Atrás de mim, o céu do leste mostrava sinais fracos da alvorada. Caí numa estrada de terra. Vislumbrava vagamente uma fazenda, escura contra o breu das árvores atrás dela. De repente cães vieram correndo até mim, latindo. Desci pela estrada até que os cães parassem de me seguir.

Falei a mim mesmo que tinha que sair da estrada. Era perigosa. Mas aquela terra lisa fazia tão bem aos meus pés machucados! Só mais um pouco. Depois eu voltaria a campo aberto.

Minha cabeça latejava. Eu só estava me movimentando porque precisava. Não podia parar agora. Dei um jeito de fazer meus pés continuarem a se arrastar pela estrada. Minhas roupas imundas grudavam-se em mim. Eu tremia e tossia.

À minha frente, dos dois lados da estrada, havia uma fileira de árvores negras. Meus pés foram na direção delas. O que era aquilo nas sombras? Parecia um banheiro externo. Eu estaria tão exausto a ponto de alucinar?

Segui batendo pé pelo túnel de árvores.

De repente uma baioneta zuniu e parou na frente do meu rosto, a centímetros do meu nariz. Uma voz afiada resmungou:

– Huhhh!

16 de outubro de 1975
 Dr. Michael J. Griffith
 Avenida Franklin, 1.501
 Mineola, N.Y. 11501

Caro Mike,

Foi triste ironia que sua carta sobre o avanço em seus esforços para que Bill fosse transferido para uma cadeia nos EUA tenham chegado quase simultaneamente à notícia de que Bill havia fugido. Você imagina o que sentimos – logo quando finalmente começáramos a ver um lampejo ao fim do túnel.

Agora tudo que nos resta é orar e torcer que ele esteja bem. Se obtivermos alguma notícia, entraremos em contato com você e com a família Hayes imediatamente, como sei que você fará também.

Calorosos cumprimentos,

*William B. Macomber
 Embaixador dos Estados Unidos na Turquia*

A cela media quatro por quatro passos.

Tinha um teto alto e era circundada por nada menos que minhas tão amigas paredes de concreto. Na verdade, havia apenas duas diferenças. Era limpa, e era grega. Tinha que ser grega. Eu não entendia uma palavra do que os soldados diziam, então não eram turcos.

Depois de muitas horas apareceu um guarda, que me vendou e caminhou comigo até outro prédio. A venda foi retirada. Eu estava numa sala pequena. Havia uma mesa, duas cadeiras e um homem de terno.

O homem falava inglês muito bem. Apresentou-se como agente do serviço de inteligência grego. Ouviu brevemente minha história e fez anotações.

– Você precisa me deixar numa cela? – falei. – Eu vou ficar maluco lá dentro.

Ele recostou-se na cadeira. Analisou meus olhos. Então falou com toda calma:

– Podíamos fazer muitas coisas com você. Podíamos devolvê-lo aos turcos. Podíamos levá-lo até a fronteira e jogá-lo de volta. Poderíamos processá-lo por ingresso ilegal. Podíamos até levá-lo para o meio do mato e te dar um tiro. Ninguém ia ficar sabendo.

Fiquei remexendo os pés.

– Ou... se você se acalmar e aguardar quieto... podemos dar um jeito de deportá-lo. Para os

Estados Unidos.

– Vou me acalmar e aguardar quieto.

– Ótimo. Precisamos de tempo para conferir o que você nos contou. Se tiver dito a verdade, tudo vai ficar bem. E também queremos conversar. Queremos saber o que você sabe da Turquia.

Os dias se passaram. À noite eu ficava andando pela cela. Meu interrogador me deu livros em inglês. Li Heródoto. Vários livros de Nikos Kazantzakis, o autor preferido do interrogador. Li *Ardil* 22 de novo. E *Papillon*, também de novo.

O interrogador passava horas comigo, diariamente. Queria saber mais de Sigmund e de Imrali. E as bases de soldados? Qual era a cor dos uniformes? Como eram as insígnias? E dos tanques na fronteira. Descrevi várias e várias vezes. Ele gravou cada mínimo detalhe. Ele escavou minha mente para recriar o vislumbre que eu tivera na mata escura. Tirou mapas imensos e detalhados do lado turco da fronteira. Mostrei a ele onde havia feito a travessia.

– Você é um homem de muita sorte, William.

– Eu sei.

– Não, não sabe. Tem mais sorte do que pensa. Toda essa região aqui – ele apontou onde eu havia atravessado – é repleta de minas. Você podia ter explodido. Facilmente.

Deus protege os santos e os tolos.

Passaram-se duas semanas inteiras. Eu sabia que minha família estava louca de preocupação. Queria telefonar para eles e para Lillian. Mas o agente não me deixava entrar em contato com ninguém.

Eu havia fugido de Imrali na noite do dia 2 para 3 de outubro. Na noite de 4 para 5 de outubro eu havia atravessado a fronteira. Por fim, na sexta-feira, 17 de outubro, meu interrogador me deu a notícia:

– Você será deportado – ele falou sorrindo. – O motivo alegado é que você seria má influência para a juventude grega. – Então ele apertou minha mão e me desejou sorte.

No sábado, 18 de outubro, levaram-me de ônibus até Tessalônica. Os dois jovens policiais que me escoltaram nem se deram ao trabalho de me algemar.

Eles sabiam o quanto eu estava satisfeito como preso.

Olhei pela janela do ônibus para os campos gregos escarpados que passavam por mim. Livre.

Estou livre.

Agradei aos antigos deuses das montanhas e aos deuses do céu azul sem fim. Meu bom Jesus, eu serei seu amigo.

No fim daquela tarde, me largaram na delegacia de Tessalônica. Tive autorização para ligar ao consulado dos EUA. Um jovem simpático chamado Jim Murray veio me ver na hora.

Jim estava de braços cheios. Um balde de frango frito, maçãs, biscoitos de aveia e muitas latas de pudim. Também trouxe exemplares do *International Herald-Tribune*, revistas *Time* e um exemplar do *Hurriyet*, um dos jornais turcos. Na primeira página havia um desenho ridículo meu de corpo inteiro, a cores. O artista me retratou como um homem feroz, cheio de músculos, com o peito à mostra, cortando traiçoeiramente a corda do bote do pescador com

uma faca comprida. Típico do jornalismo turco.

Jim também me deu um suéter aconchegante, meias e um par de tênis velhos. Eram seus. Disse que já estivera em contato com o Departamento de Estado. Eles informariam meus pais. Graças a Deus! Eu sabia como esses cinco anos tinham sido duros para eles. As últimas duas semanas deviam ter sido as piores.

Os gregos disseram que eu podia ir assim que meu passaporte ficasse pronto. Jim achava que seria na segunda-feira. Pedi que ele mesmo ligasse para meus pais.

– Diga que eu os amo – falei.

– Claro. Você vai precisar de dinheiro. Peço a eles para mandar?

– Sim, por favor.

– Quanto?

– O que precisar para eu chegar em casa.

Fui escoltado até o andar de baixo por dois policiais e levado até uma cela. Tinha aproximadamente cinco metros quadrados, com uma pia pequena e uma latrina no canto. Não era muito limpa, julguei. A não ser que se comparasse a uma cela turca. Havia duas plataformas de madeira estreita de pé contra a parede. Os carcereiros me deram três cobertores finos e trancaram a porta.

Eu estava em êxtase. Logo estaria livre. Logo meus pais saberiam que eu estava livre. Dali a dois dias eu estaria em um avião. Me acabei no frango frito.

Os dois dias passaram voando. Eu estava sozinho na cela. Parecia não haver outros presos por perto. Alguns policiais gregos falavam turco e começamos a conversar. Depois que ouviram minha história inteira, fiquei amigo de todos eles. Inimigo dos turcos era amigo dos gregos.

Na segunda-feira, 20 de outubro, fui ao consulado dos EUA com minha escolta policial. Meu pai havia enviado 2 mil dólares. Meu passaporte estava pronto.

Jim ligou para a agência de viagens do outro lado da rua.

– Quando você quer ir? – ele perguntou.

– Qual é o primeiro voo para o ocidente?

– Frankfurt. Dezoito horas.

– Aceito.

Dei o dinheiro. Um auxiliar foi pegar a passagem enquanto Jim preparava uma ligação para mim à distante Long Island e a uma casinha com duas hipotecas.

– Pai?

– Will? Will! Como você está, garoto?

– Ótimo, pai. Eu consegui! Eu CONSEGUI!

– Conseguiu mesmo. – Ele travou de tanta alegria. – Fale com sua mãe.

Ouvi a voz da minha mãe pela primeira vez em cinco anos. Meu coração estourava.

– Mãe!

– Oh, Billy, como é bom ouvir sua voz. Ficamos tão preocupados.

– Bom, agora pode parar de se preocupar, mãe. Acabou tudo.

– Oh, Billy, estou tão feliz que não consigo conversar.

Eu ri.

– Não precisamos conversar, mãe. Eu sinto tudo pelo telefone. Senti tanta saudade.

– Quando você chega em casa?

– Assim que possível. Primeiro eu tenho que me ajeitar. E dormir. Estou muito fedido e cansado.

– Bom, tenha cuidado. Venha com segurança.

– Daqui é só seguir em frente, mãe. Diga que eu amo todo mundo, e pode ligar para a Lily e dizer que estou bem? Vejo vocês em breve.

– Tudo bem. Fale com seu pai de novo. Eu te amo.

– Will?

– Sim, Pai.

– Qual é o plano agora? Tem jornalistas e gente da TV me ligando. Querem saber quando você chega.

Fui tomado por um medo repentino. Não sabia se estava pronto para aquilo. Como estaria Nova York depois de cinco anos? Eu era outra pessoa. Seria preciso recuperar o fôlego.

– Pai, acabei de comprar uma passagem para Frankfurt. Preciso de uns dias para voltar à vida, me preparar para ver a mãe... e todo mundo.

– Claro, Will. Quando você acha que vai estar em casa?

– Não demoro muito. Provavelmente sexta-feira.

– Ok. Avise-nos. E tenha cuidado, amigão. Você ainda não está em casa.

– Vou ter, pai. E te ligo a respeito do voo.

Demos uma pausa.

– Pai?

– Sim, Will?

– Obrigado...

A polícia não ia me soltar até eu entrar no avião. Voltamos à prisão para esperar o voo. Então fui para o aeroporto. Eram 17h30. O homem da alfândega estava pronto para carimbar meu passaporte.

– William Hayes – uma voz suave chamou pelo alto-falante.

– Ligação telefônica. William Hayes. Ligação.

Um telefonema? Pra mim?

Era Jim Murray na linha.

– Billy, o Departamento de Estado acabou de me informar que a Alemanha Ocidental tem um tratado de extradição com a Turquia. A polícia pode estar aguardando você no aeroporto de Frankfurt.

– Meu Deus!... Você acha que eu devo fazer o quê?!

– Billy, fique aqui mais uma noite. Conseguimos um voo direto para você amanhã. Atenas-Nova York.

Mas uma noite a mais era uma noite a mais na cadeia. Não. Eu não ia conseguir. Não depois de cinco anos. Eu tinha ganhado impulso. Não queria perder.

– Eu tenho que ficar? – perguntei.

– Bom, imagino que se você não passar na alfândega em Frankfurt, ficará tudo bem.

– Ok. Vou me cuidar.

O avião subiu. Nunca olhei para trás.

Depois de aterrissarmos em Frankfurt, evitei a alfândega e fiquei na área de trânsito. Lá havia um balcão de passagens. Perguntei sobre o próximo voo para oeste. Amsterdã. Perfeito! Eu tinha ótimas memórias de Amsterdã. O avião saía em quarenta minutos.

Numa banca, comprei um exemplar da *Playboy*. É óbvio que imediatamente abri no pôster. Fechei-a rapidamente, temendo que alguém houvesse visto. Então olhei de novo. As coisas haviam mudado muito em cinco anos. Ia levar um tempo para eu me acostumar.

Em Amsterdã, um agente da alfândega de cabelo comprido e oleoso carimbou meu passaporte e fez sinal para eu passar. Peguei um ônibus para o centro da cidade. Como homem livre. Achei um hotel. Pequeno, perto de um canal. Fiz o check-in. Liguei para casa. Disse para minha mãe que chegaria em Nova York na sexta-feira. Meu pai me disse que haveria uma coletiva de imprensa no aeroporto.

Encontrei o bar. Todos lá riam, bebiam cerveja. O saxofone soava amalucado através da jukebox – a música também tinha mudado muito. Uma garçonete linda me trouxe uma cerveja. Ah, a vida! Tão doce. Fui para o restaurante do hotel e tomei duas vacas-pretas de morango.

Subi de novo e tomei um longo banho quente. Cinco anos de sujeira escorreram pelo ralo. Descansei o corpo exausto entre os lençóis limpíssimos daquela cama. Deitei e fiquei pensando em tudo. Parecia um sonho. Já tinha passado. Eu me sentia tão completo. Tão agradecido. Tinha a vida pela frente. Sabia que ela se estendia para sempre...

Caí num sono suntuoso.

Por volta das três da madrugada acordei de repente. Estava rindo alto.

POSFACIO

Meu avião chegou ao Aeroporto Internacional John F. Kennedy, em Nova York, na sexta-feira, 24 de outubro de 1975. Meu pai estava lá para me receber, assim como meu irmão Rob e meu advogado Mike Griffith. Minha mãe e Peg ficaram em casa. Queriam me receber em privado.

Nós quatro descemos ao lobby do terminal da Pan Am para encarar a imprensa. Mantive meu braço em volta do pai enquanto respondia às perguntas. Foi fácil sorrir para as câmeras.

Passei as várias semanas seguintes só curtindo a liberdade com minha família e meus amigos. Comi pizza, cheeseburger, milk-shake de baunilha e lagosta. Caminhei pelas ruas de Nova York de olhos arregalados. Andei na bicicleta do pai pelas ruas da nossa cidade, ladeadas por árvores. E fui ver meu primeiro filme em cinco anos: *Tubarão*.

Então tive reuniões com os vários agentes literários, editores e produtores de Hollywood que tinham me ligado. Este livro é o resultado dessas reuniões. Com o adiantamento, consegui pagar a segunda hipoteca da casa de North Babylon. Mandeï meu pai e minha mãe tirarem férias na Califórnia. Agora estou quitando o que restava do meu financiamento estudantil na Marquette e com o tempo vou devolver todo o dinheiro que meu pai gastou com advogados turcos, viagens e meu fundo de fuga. Agora que o livro está terminado, estou fazendo planos para abrir um negócio.

Lillian estava nas montanhas da Colúmbia Britânica quando eu fugi. Ela só ouviu a notícia duas semanas depois de eu chegar em casa. Pegou um avião para Nova York. Tivemos um período feliz juntos, mas logo percebemos que as imagens que formamos durante cinco anos não condiziam com a realidade. Lillian foi para a Europa. Atualmente está viajando pela Ásia.

Johann voltou de sua visita ao Afeganistão e ainda está morando em Istambul.

Arne montou uma banda. Os músicos adaptaram um ônibus britânico de dois andares e estão a caminho da Índia.

Charles voltou a Chicago, onde escreve poesia e tenta publicar seu livro.

Popeye está morando em Israel.

Max concluiu sua pena alguns meses depois que eu fugi.

Nunca mais tive notícias de Joey.

Harvey Bell, Robert Hubbard, Kathy Zenz e Jo Ann McDaniel ainda estão na prisão de Antáquia, Turquia. *Getchmis olsun* – que passe rápido.

Billy Hayes
5 de agosto de 1976

POSFÁCIO A NOVA EDIÇÃO

Expresso da Meia-Noite está esgotado em muitos lugares há algum tempo, então fico feliz de poder revivê-lo. Para quem se interessar por uma visão mais aprofundada do período que passei na prisão, compilei e comentei uma coleção de cartas que escrevi para meus entes queridos, *The Midnight Express Letters: From a Turkish Prison 1970-1975* [As cartas do Expresso da Meia-Noite: Da prisão na Turquia, 1970-1975]. Muitos me perguntam sobre os acontecimentos após minha volta para casa, sobre a produção do filme *Expresso da Meia-Noite* e sobre o efeito disso tudo na minha vida. Não há resposta simples, já que os efeitos foram fantásticos e continuam sendo até hoje. Escrevi *Midnight Return* [Retorno à Meia-Noite] para tratar dessas questões. Basta dizer aqui que há muito tempo cheguei à conclusão de que ser sentenciado à prisão perpétua foi a pior e a melhor coisa que já aconteceu comigo.

Billy Hayes
Dezembro de 2012

A vida é uma sucessão de lições que só se entende vivendo.
Helen Keller

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a meus familiares, aos amigos antigos, aos novos amigos e aos amigos que nunca conheci. Os nomes que me vêm prontamente à cabeça são: James e Rita Archambault, Barbara Belmont, Senador James Buckley, Marc Derish, Bulent Ecevit, Bob Greene, Michael Griffith, Harriet James, Howard Mace, William Macomber, Nick Mann, Robert McBee, Irene Moore, Dr. Bernard Schwartz, Norman Shaw, John Sutter, Gene Zajac e Michael Gilligan. Um agradecimento especial ao Dr. Ronald Rosen.

Copyright © 1977 (© 2013 nova edição) Billy Hayes, com William Hoffer
Copyright da tradução © 2016 Editora Nemo

Título original: Midnight Express

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Número de controle da Biblioteca do Congresso dos EUA: 76046314

As pessoas retratadas neste livro são reais. Em alguns casos, no entanto, personagens foram mesclados e nomes e outras características que os pudessem identificar foram alterados.

Publicado em inglês por Curly Brains Press.

curlybrainspress@gmail.com

GERENTE EDITORIAL	REVISÃO
<i>Arnaud Vin</i>	<i>Renata Silveira</i>

EDITOR ASSISTENTE	CAPA
<i>Eduardo Soares</i>	<i>Diogo Droschi</i>

PREPARAÇÃO	DIAGRAMAÇÃO
<i>Eduardo Soares</i>	<i>Guilherme Fagundes</i>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Hayes, Billy
Expresso da Meia-Noite / Billy Hayes, com William Hoffer ; tradução de Érico Assis. -- 1. ed. -- São Paulo : Vestígio, 2016.

Título original: The Midnight Express

ISBN 978-85-8286-293-3

1. Hayes, Billy 2. Prisioneiros - Turquia - Istambul 3. Prisioneiros - Turquia - Istambul - Biografia 4. Prisões - Turquia - Istambul 5. Tráfico de drogas - Turquia - Istambul I. Hoffer, William. II. Título.

16-02275 CDD-923.41

Índices para catálogo sistemático:
1. Prisioneiros : Memórias 923.41

A **VESTÍGIO** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA** 

São Paulo

Av. Paulista, 2.073,
Conjunto Nacional, Horsa I
23º andar . Conj. 2301 . Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

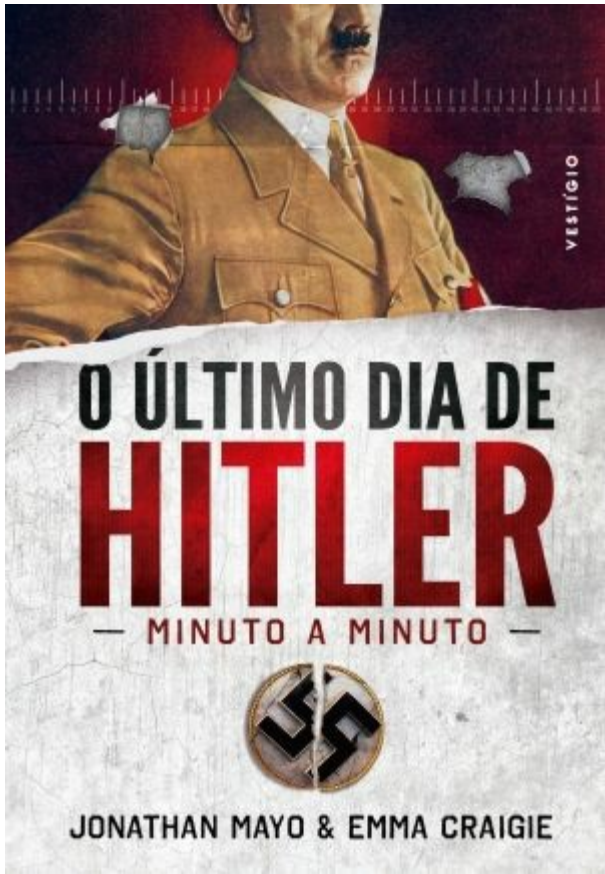
Belo Horizonte

Rua Carlos Turner, 420 Silveira . 31140-520
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro

Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ
Tel.: (55 21) 3179 1975

www.grupoautentica.com.br



O último dia de Hitler

Mayo, Jonathan

9788582863145

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

30 de abril de 1945, a Alemanha está imersa em caos...

As tropas russas marcham por Berlim. Em todo o país, as pessoas estão em polvorosa – sobreviventes de campos de concentração, prisioneiros das tropas Aliadas, nazistas fugitivos –, e a população civil está ficando sem comida numa rapidez desoladora. O homem que orquestrou esse pesadelo está em seu bunker no subsolo da capital alemã, ocupando-se de suas despedidas. Esta é a história fascinante das horas finais de Hitler, contadas pelo prisma daqueles que estavam com ele na fortificação, dos que lutaram nas ruas da Alemanha e daqueles que transitavam pelos corredores do poder em Washington, Londres e Moscou. 30 de abril de 1945 foi um dia com o qual milhões de pessoas sonharam, e pelo qual milhões de pessoas morreram.

[Compre agora e leia](#)

ANDREA H. JAPP

AMARGA VINGANÇA

Não há
trégua
para Diane
Silver...

VESTÍGIO

Amarga vingança

Japp, Andrea H.

9788582860984

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Não há trégua para Diane Silver...

A profiler do FBI Diane Silver continua sua caça aos serial killers. Ela se associou a Rupert Teelaney - também conhecido como Nathan Hunter -, um dos homens mais ricos do planeta, para eliminar esses carrascos, protegendo assim suas futuras vítimas. Mas o que ela deseja, acima de tudo, é encontrar a mulher que conduziu sua filha Leonor, de onze anos, até seu torturador. Diane sabe, no entanto, que, aliando-se a Nathan/Rupert, escolheu o caminho da ilegalidade, da extrema solidão.

Enquanto isso, em Paris, Yves Guéguen tenta proteger Sara Heurtel, cuja filha satanista foi assassinada por Nathan nos Estados Unidos. Na zona rural de Boston, uma cena digna dos piores pesadelos é descoberta em uma encantadora casa de campo, cujo porão foi transformado em um calabouço onde jazem três cadáveres. Diane tem agora uma nova presa, um novo predador a caçar.

[Compre agora e leia](#)

GUILLAUME PRÉVOST

O ASSASSINO E O PROFETA

Um thriller
bíblico no
coração da
Palestina

VESTÍGIO

O assassino e o profeta

Prévost, Guillaume

9788582860922

264 páginas

[Compre agora e leia](#)

Jerusalém, ano 6 d.C. As legiões romanas estão na Cidade Santa. Sacrilégio para os judeus... Enquanto os dirigentes religiosos divergem sobre a conduta a adotar diante do invasor, o chefe dos fariseus é assassinado a sete dias da Páscoa.

Costurado em sua boca, um estranho pergaminho anuncia uma terrível punição divina contra Israel. Os principais suspeitos são os saduceus, seus rivais por mais de um século.

Algumas horas depois, o chefe dos saduceus, o sumo sacerdote do Templo, também é assassinado. Em sua boca, a continuação da profecia: a vinda do Salvador ou o caos. Nem fariseu nem saduceu: quem é o assassino? De onde vem essa perturbadora profecia?

Fílon de Alexandria, jovem filósofo judeu, lança-se nos rastros do misterioso assassino. Ele tem apenas sete dias para impedir o impensável: um crime que poderia mudar a História.

Das suntuosas cerimônias do Templo às infames masmorras da legião romana, um thriller de tirar o fôlego no coração de uma Palestina ardente e atormentada.

Do mesmo autor de Os sete crimes de Roma.

[Compre agora e leia](#)

LOTTE & SØREN HAMMER

A FERA INTERIOR

Podemos
fazer justiça
com as
próprias
mãos?

VESTÍGIO

A fera interior

Hammer, Søren

9788582860021

448 páginas

[Compre agora e leia](#)

Podemos fazer justiça com as próprias mãos?

Cinco corpos masculinos mutilados - castrados - e um rico empreendedor que denuncia na mídia a falta de firmeza da justiça dinamarquesa para com os pedófilos. O inspetor Simonsen, que tem experiência demais para não desconfiar das coincidências, logo compreende que está diante de um plano de grandes dimensões, cujos pormenores ainda desconhece...

Neste primeiro romance, intenso e cativante, Lotte e Søren Hammer constroem uma intriga milimétrica e engenhosa sobre um assunto ainda tabu na Dinamarca, a pedofilia. Pintando o retrato de uma opinião pública que toma partido dos assassinos, os autores levam o leitor a questionar suas próprias certezas éticas.

[Compre agora e leia](#)

Kristina
Ohlsson

DA AUTORA DO BEST-SELLER
INTERNACIONAL **INDESEJADAS**



SILENCIADAS

VESTÍGIO

Silenciadas

Ohlsson, Kristina

9788582862711

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quinze anos atrás: uma adolescente é surpreendida enquanto colhia flores para a celebração do solstício de verão e brutalmente violentada. No presente, um homem é morto em um atropelamento. Ele não tem nenhuma identificação e não é reportado como desaparecido. Ao mesmo tempo, um sacerdote e sua esposa são encontrados mortos em um aparente duplo suicídio. Fredrika Bergman, juntamente com a equipe de investigação de Alex Recht, é encarregada de casos aparentemente desconexos. A investigação leva a uma rede de contrabando de pessoas: um novo agente a operar rotas de imigração ilegal a partir de Bangkok, Tailândia. À medida que a polícia desmantela o esquema, começa a se revelar uma trilha que remonta à década de 1980, a um crime não denunciado, mas cujas consequências irão muito além do que qualquer um poderia esperar.

[Compre agora e leia](#)